

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HUGO MOURA TAVARES

**SOBRE O CÉU, A TERRA, A ÁGUA E O AR: REPRESENTAÇÕES DE VIAJANTES
ILUSTRADOS SOBRE A AMAZÔNIA ENTRE 1735 E 1815**

CURITIBA

2014

HUGO MOURA TAVARES

**SOBRE O CÉU, A TERRA, A ÁGUA E O AR: REPRESENTAÇÕES DE VIAJANTES
ILUSTRADOS SOBRE A AMAZÔNIA ENTRE 1735 E 1815**

**Tese apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Doutor em História,
Programa de Pós-Graduação em História,
Setor de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Universidade Federal do Paraná.**

**Orientador: Prof. Dr. Magnus Roberto de
Mello Pereira**

CURITIBA

2014

Catálogo na publicação
Filomena N. Hammerschmidt - CRB 9/850
Fundação Cultural de Curitiba - FCC

T231 Tavares, Hugo Moura

Sobre o céu, a terra, a água e o ar: representações de viajantes
Ilustrados sobre a Amazônia entre 1735 e 1815 / Hugo Moura
Tavares. ____ Curitiba, 2014.
282 f. : il. Color. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Dr. Magnus Roberto de Mello Pereir

1. Amazônia – Descrições e Viagens – Séc. XVIII. 2. Brasil - Descrições
e Viagens – Séc. XVIII. 3. Literatura de Viagem. 4. Viajantes (Expedições
Científicas) - Amazônia. I. Universidade Federal do Paraná. II. Pereira,
Magnus Roberto de Mello. III. Título.

CDD (22ª ed.): 918.130403

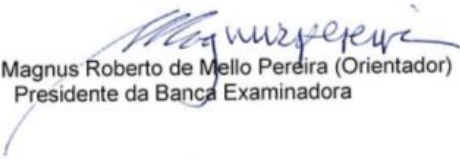


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br


PARECER DA BANCA EXAMINADORA

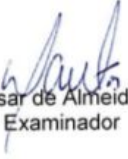
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **Hugo Moura Tavares** intitulada: **Sobre o Céu, a Terra, a Água e o Ar: representações de viajantes ilustrados sobre a Amazônia entre 1735 e 1815**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovação*, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

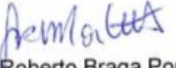
Curitiba, quinze de setembro de dois mil e quatorze.


Prof. Dr. Magnus Roberto de Mello Pereira (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. André Luiz Joaquinho (UEL)
1º Examinador


Profa Dra Mariangela Peccioli Galli Joaquinho (UEL)
2º Examinador


Prof. Dr. Antonio Cesar de Almeida Santos (UFPR)
3º Examinador


Prof. Dr. José Roberto Braga Portella (UFPR)
4º Examinador

*À Simone e aos "meninos" Bruno, Rodrigo e Leo
parceiros inseparáveis nas andanças da vida.
À minha querida irmã Tais que sempre me
apoiou na difícil trajetória intelectual de um aluno
trabalhador e ao grande amigo Lima Torrado
para quem a viagem pela História não tem fim.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a paciência e acompanhamento constantes do meu orientador, o Professor Doutor Magnus de Mello Pereira incansável apoiador dos profissionais da História em suas mais variadas áreas de atuação. Agradeço também os Professores Doutores Antonio Cesar de Almeida Santos e José Roberto Braga Portella, da UFPR, por suas valiosas contribuições na banca de qualificação. Também agradeço ao apoio recebido pelo CEDOPE, Programa de Pós-Graduação em História da UFPR, Arquivo Público Municipal de Curitiba e Instituto Municipal de Administração Pública de Curitiba. Por fim, agradeço a todas as pessoas e instituições que, de alguma forma ou de outra, contribuíram para a realização desta Tese de Doutorado.

*Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro e artesanato e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar*

*Quem um dia irá dizer que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer
Que não existe razão?
(Eduardo e Monica – Renato Russo)*

RESUMO

O tema é a representação da Amazônia realizada pelos viajantes Charles Marie de La Condamine (1736), Pe. João Daniel (1751), Padre Dr. José Monteiro de Noronha (1768), Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1774), Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1783) e os cientistas Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptiste von Spix (1817). Realizadas no "longo século XVIII", estas viagens expressam um novo olhar metropolitano sobre as terras americano marcado, sobretudo, pela educação ilustrada dos seus viajantes. A literatura de viagem produzida por estes viajantes discorre sobre vários aspectos de uma região geográfica que, ainda hoje, alimenta um imaginário coletivo. Cada um, de acordo com a sua formação cultural procurou relatar o que viu e vivenciou na sua viagem que, de forma geral, seguiu o mesmo roteiro fluvial do Rio Amazonas e seus afluentes: povoações, acidentes geográficos, riquezas naturais e atividades econômicas. Mais especificamente, analisa-se a representação da paisagem amazônica presente na literatura de viagem produzida por estes viajantes entre 1735 e 1815.

Palavras-chave: Literatura de Viagem. Viajante-Naturalista. Viagens Científicas. Iluminismo.

ABSTRACT

The theme is the representation of the Amazon made by travelers Charles Marie de La Condamine (1736), Fr. John Daniel (1751), Priest Dr. José Monteiro de Noronha (1768), Ombudsman Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1774), naturalist Alexandre Rodrigues Ferreira (1783) and scientists Carl Friedrich Philipp von Martius and Johann Baptiste von Spix (1817). Performed the "long eighteenth century", these trips express a new look on American metropolitan land marked mainly by education illustrated their travelers. The travel literature produced by these travelers discusses various aspects of a geographical region that today still feeds a collective imagination. Each, according to their cultural backgrounds sought to report what he saw and experienced in his journey that, in general, followed the same script river of the Amazon River and its tributaries: settlements, landforms, natural resources and economic activities. More specifically, it looks at the representation of the Amazon landscape present in travel literature produced by these travelers between 1735 and 1815.

Keywords: Travel Literature. Naturalist Traveler. Scientific Travel. Enlightenment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - FRONTISPÍCIO DO ROTEIRO EM QUE SE CONTEM A VIAGEM QUE FIZERAM OS PORTUGUEZES NO ANNO DE 1541, PARTINDO DA NOBRE CIDADE DE GOA ATEE SOEZ, QUE HE NO FIM, E STREMIADA DO MAR ROXO. COM O SITIO, E PINTURA DE TODO O SYNO ARABICO.....	31
FIGURA 2 - RELACIÓN HISTÓRICA DEL VIAJE A LA AMÉRICA MERIDIONAL, MADRID, 1748 Y NOTICIAS SECRETAS DE AMÉRICA LONDRES, R., TAYLOR, 1826.....	35
FIGURA 3 - MORTE DO DOCTEUR SENIÈRGUES.....	40
FIGURA 4 - CARTE DU COURS DU MARAGNON OU DE LA GRANDE RIVIERE DES AMAZONES.....	47
FIGURA 5 - PROSPECTO DA FORTALEZA DO RIO NEGRO. JOÃO ANDRÉ SCHWEBEL, QUE INTREGOU A COMISSAO DEMARCADOURA JUNTO COM O LANDI. 1756. BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL.....	71
FIGURA 6 - FRONTISPÍCIO DO DIÁRIO DO OUVIDOR SAMPAIO.....	82
FIGURA 7 - PROSPECTO DA CIDADE DE SANTA MARIA DE BELÉM DO GRAÕ PARÁ DE 20 DE MAYO DE 1784.....	100
FIGURA 8 - FRONSTPÍCIO DA OBRA REISEN IN BRASILIEN.....	126
FIGURA 9 - ROTEIRO DA VIAGEM PELO BRASIL DE SPIX E MARTIUS.....	128
FIGURA 10 - AMBROGIO LORENZETTI: UN CASTELLO IN RIVA AD UN LAGO. SÉCULO XIV.....	145
FIGURA 11 - JAN VAN EYCK. A VIRGEM E A CRIANÇA COM O CHANCELER ROLIN. APROXIMADAMENTE 1433.....	146
FIGURA 12 - ALBRECHT DURER. VISTA DE INNSBRUCK, 1495.....	147
FIGURA 13 - JAN VAN GOYEN. AN ESTUARY SCENE, 1652-1654.....	148
FIGURA 14 - JAN VERMEER. VISTA DE DELFT. SÉCULO XVII.....	148
FIGURA 15 - NICOLAS POUSSIN. IDEAL LANDSCAPE, 1650.....	149
FIGURA 16 - CLAUDE GELLÉE. A VIEW OF THE ROMAN CAMPAGNA FROM TIVOLI, EVENING. 1644-5.....	149
FIGURA 17 - AS AMAZONAS - CIRCA 1600.....	155
FIGURA 18 - JEAN DE LÉRY, 1578.....	156
FIGURA 19 - MANOA DEL DORADO. THOMAS HARIOT, MAPA DE "MANOA" E SEU LAGO, EXTRAÍDO DE L HULSIUS, TRAVELS, 1599.....	178
FIGURA 20 - MAPA DA EXPEDIÇÃO DE PEDRO TEIXEIRA 1637-1639.....	185
FIGURA 21 - MME. GODIN DES ODONAIS.....	201

SUMÁRIO

De Gales à Amazônia.....	12
1 Algumas considerações sobre o gênero Literatura de Viagens.....	21
1.1 Um jovem de curiosidade ardente.....	32
1.2 O padre enciclopedista.....	47
1.3 O Vigário viajante.....	62
1.4 Aclarando o confuso caos de Mr. de La Condamine.....	72
1.5 O primeiro naturalista português.....	83
1.6 Empolgados pelo arrepio da solidão selvagem.....	113
2 Sobre a Paisagem.....	142
2.1 Homens Marinhos, homens macacos e outras maravilhas.....	178
2.2 Paisagem em movimento.....	181
2.3 Paisagem sentimental.....	194
2.4 Paisagem Econômica.....	207
2.5 Paisagem humana.....	218
2.6 Autorretrato.....	244
Conclusão.....	259
Referências.....	263
Fontes Consultadas.....	280

DE GALES À AMAZÔNIA

A ideia inicial do projeto era, numa continuidade da minha dissertação de Mestrado em Letras, analisar romances históricos de Angola e Moçambique sob a perspectiva da crítica literária pós-colonial. Durante a elaboração da minha dissertação analisei um dos romances do autor galês, Raymond Williams que, apesar de ser mais conhecido por sua produção intelectual na área da sociologia da cultura, também tem um corpus ficcional de ficções históricas do País de Gales e da Inglaterra. Meu objeto de pesquisa foi o livro *People of the Black Mountains*, romance no qual o tempo se conta em séculos e milênios. Um plano narrativo do livro conta a história de Glyn em busca de seu avô Elis, que não retornou de uma caminhada através das Montanhas Negras. Quando Glyn sai em busca do avô, numa noite de lua cheia, começa a ouvir vozes do passado. Essas vozes evocam a saga dos antigos habitantes daquelas montanhas cujos vestígios ainda estão presentes: cacos de cerâmica, pontas de flechas, utensílios, antigas habitações, estátuas, círculos de pedras. Vestígios sólidos da memória, mas não vestígios soltos, fragmentos desconexos e, sim, acumulados num determinado lugar: as Montanhas Negras. Estas montanhas são tão presentes e enfáticas durante todo o romance, que funcionam como um bordão musical sustentando a narrativa. Dessa forma este bordão não permite que uma história comum seja suprimida por memórias individuais ou fragmentadas. As memórias individuais, as recordações dos personagens estão presentes em cada ponto, mas invariavelmente têm como fundo o lugar.¹

Deste modo, abrangendo um tempo cronológico que abrange cerca de 25 mil anos, Raymond Williams constrói a história de caçadores, pastores, guerreiros e sacerdotes, entre outros, e as narrativas vão se acumulando como camadas de um sítio arqueológico tomando a forma dos mitos e das lendas. Do início ao fim, o livro chama nossa atenção para a importância do lugar na vida dos personagens. A ideia

¹ O romance é dividido em dois volumes: **People of the Black Mountains: The Beginning** e **People of the Black Mountain: The Eggs of the Eagle**. Somente o primeiro volume foi traduzido e lançado no Brasil pela Companhia das Letras em 1991.

do lugar, o sentimento de pertencer a um lugar é o fio condutor da narrativa. É pelo bem do lugar que um povo vive, resiste, e afirma sua identidade.

Um lugar ocupado não apenas por reis, rainhas, príncipes e princesas, mas por pessoas simples vivendo em comunidade. Caçadores, pastores, artesãos, escravos, senhores e guerreiros tendo sua existência formada pelo lugar. Pessoas comuns, vozes esquecidas ou apagadas da história e, neste aspecto, a semelhança entre a visão de história do romance e a da "História Vista de Baixo" é evidente.

Por se tratar de um romance histórico que foge dos padrões usuais do gênero, propus a utilização da crítica literária pós-colonial como estratégia de leitura. Num primeiro momento esta estratégia pareceu no mínimo exótica, já que, comumente, a crítica pós-colonial tem como objeto obras produzidas por autores das ex-colônias europeias do Caribe, África e Ásia. Um texto ficcional sobre o País de Gales como uma narrativa pós-colonial era, então, um pouco heterodoxa. No entanto, pensando na história do autor e na composição da obra, a ideia não era tão absurda assim e o resultado final foi considerado produtivo.

Foi, seguindo esta linha de estratégia de leitura que pretendia, num trabalho futuro, analisar parte da ficção histórica africana. No entanto, sendo um Mestre em Letras graduado em História, sempre pensei na possibilidade de trabalhar com fontes históricas como os críticos literários trabalham com textos ficcionais. Qual afinal é a fronteira que separa estes dois campos do saber que tem como objeto privilegiado textos? Após a revisão pela qual passou a historiografia, desde a "virada cultural" das últimas décadas, é um tanto quanto arriscado afirmar que a linha demarcatória está no fato de que a História trabalha com a realidade, entenda-se, com a verdade, e a Literatura com o imaginado, entenda-se, com a ficção. A retomada da história-narrativa, a expansão da micro-história, entre outras tendências, buscam superar a dicotomia verdadeiro x falso e procuram ver os textos dos historiadores e a realidade narrada como representações.²

Ainda motivado por estas indagações segui em direção às chamadas "literaturas de viagem" e, durante a pesquisa bibliográfica tomei contato com o trabalho do Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses – CEDOPE, do Departamento de História da UFPR. A farta documentação e as pesquisas orientadas sobre viajantes – ilustrados me levaram a elaborar o projeto de

2 Extensa já é a bibliografia sobre o tema, mas cito as obras de Hayden White, Ginzburg e La Capra, por exemplo.

tese com o objetivo de analisar um número determinado de relatos oriundos de viagens filosóficas.

O espaço agora é outro: a Amazônia do século XVIII e início do XIX. Um lugar continuamente descoberto, destino de inúmeras expedições desde o século XVI, um repositório de discursos que formam um palimpsesto, "palimpsesto amazônico". Ainda hoje, espaço do futuro, reserva de alguma riqueza, atualmente, sustentável, mas que parece, indefinidamente, prometer algo e nunca se render totalmente ao nosso conhecimento. Personagem, sujeito antropofísico o qual se define pela especificidade do fluvial. O rio, como afirma o Padre João Daniel, gigante, pois "ainda que, se ha bichas de sete cabeças, não é muito que este mar natante seja bicha de duas cabeças e gigante de dous braços"³.

Um espaço, ou melhor, um lugar construído de várias maneiras, dentre elas, a discursiva. Também uma forma de se explorá-lo e conhecê-lo. São muitos os discursos que, ao longo do tempo, vem sendo construídos sobre a Amazônia. Discursos que alimentam o imaginário sobre uma região e foram formulados em condições particulares e de um lugar específico de enunciação. Mas há um traço comum, ainda predominante, o de que este discurso, ao longo da história, sempre tem sido construído a partir de um pensamento externo à Amazônia. Ela tem sido pensada, majoritariamente, através do ideário ocidental, diga-se, europeu, sobre o que ele entende por sua natureza, sobre o lugar que esta região ocupa na sua experiência de conhecimento e que foi legitimada por vários textos: crônicas, relatos de viajantes, relatórios de cientistas, informes de missionários, documentários, ficções, etc. Uma pluralidade de discursos e vozes que vem sendo tecida e sobreposta desde o século XVI.

Esta tese é mais uma contribuição de análise desta construção discursiva, mais uma contribuição na tentativa de se captar sua imagem. Para tanto escolhemos alguns viajantes que percorreram a região no decorrer do século XVIII até o início do XIX.

Entre 1743 e 1820, sete viajantes percorreram os rios da Amazônia em busca de conhecimentos mais aprofundados sobre a região e seus habitantes: Cientista e

3 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.28.

Matemático Charles Marie de La Condamine, Padre João Daniel, Vigário Dr. José Monteiro de Noronha, Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e os Cientistas Johann Baptiste von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius. Num arco temporal de 77 anos, sete viajantes, de origens e formações diferentes, percorreram um amplo território, de rica variedade mineral, hídrica, biológica e humana.

Sua trajetória ocorreu principalmente por via fluvial pelos motivos óbvios de que, no século XVIII, era a maneira mais segura e rápida de percorrer o território amazônico. Percorrer, conhecer e mapear estes caminhos fluviais também era uma forma de estabelecer e garantir o controle metropolitano sobre a Amazônia. Deste modo, sob o mesmo céu amazônico sete viajantes planejaram, executaram e registraram textualmente e iconograficamente suas viagens.

No entanto, não eram somente por razões geopolíticas ou de Estado que estes sete viajantes percorreram centenas e milhares de quilômetros em regiões pouco habitadas, muitas vezes desconhecidas, enfrentando toda uma série de dificuldades. Havia também o interesse pessoal, o gosto pela aventura e a curiosidade inerente a todo viajante. Mas estes não foram, como vários outros, viajantes anônimos. Pela rede de relações a qual pertenciam, sua origem social ou, talvez, pela qualidade literária, seus relatos foram publicados, preservados e tornaram-se fontes históricas para os historiadores atuais.

No seu dia-a-dia, em terras distantes, estes sete personagens viveram a complexidade e a pressão da sua época. Viveram no século que viu a decadência do Antigo Regime e as transformações decorrentes da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. No Brasil, eles percorreram parte de um Império às voltas com suas tentativas de manter seu poder ultramarino. Também viveram o apogeu e consolidação do pensamento científico sobre as crenças e superstições do mundo não ilustrado.

Os vestígios que nos deixaram, produzidos nesta complexa teia de relações, nos permitem apenas construções precárias de suas viagens e das condições de produção dos seus relatos sobre a América Portuguesa. Mas são estes vestígios que contribuem, de uma forma ou de outra, para a consolidação de certas percepções acerca do Novo Mundo, as quais, foram sendo construídas e reproduzidas tanto na América como no continente Europeu. A ideia de uma Amazônia exuberante,

misteriosa, exótica e depositária de riquezas a serem exploradas ainda está presente em grande parte do nosso imaginário sobre a região.

As fontes encontram-se disponíveis no CEDOPE - Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses, Departamento de História – UFPR, Rua General Carneiro, 460, 6.º andar - Edifício D. Pedro I, 80060-150 Curitiba, PR, Brasil, telefone 55 (41) 3360-5101, site: <http://www.cedope.ufpr.br/index.htm>. A seguir uma breve descrição de cada uma.

LA CONDAMINE, Charles-Marie. Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas. Brasília: Senado Federal, 2000. Na primeira metade do século XVIII, ainda não havia uma resposta definitiva sobre se Newton estava correto ao afirmar o achatamento da Terra em direção aos polos. A fim de resolver definitivamente a questão o ministro francês, Conde de Maurepas, organizou três expedições científicas, as quais, em conformidade com o parecer dos sábios mais reputados, deveriam dirigir-se ao Equador, à Lapônia e até mesmo ao extremo sul da África, a fim de realizarem simultaneamente experimentos e confirmarem as previsões de Newton.

A primeira, da qual La Condamine participou, partiu da França em 1735 e chegou às costas do atual Peru, em 1736. A La Condamine, coube a tarefa de relatar os trabalhos e sucessos da expedição o que resultou em três publicações em dentre elas, a primeira que foi editada em 28 de abril de 1745 intitulada *Relation abrégée d'un voyage dans l'interieur de l'Amerique méridionale, depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux côtes du Brésil e de la Guiane, em descendant la rivière des Amazones – Lue à l'assemblée publique de l'Académie des Sciences, le 28 avril 1745 (Paris, chez la Veuve Pissot, 1745), in-8o, XVI-216 págs., "avec une carte du Maragnon ou de la rivière des Amazones, levée para le même"*.

Realizados os trabalhos de medição, La Condamine, desceu o rio Amazonas, entre meados de 1743 a meados de 1744, partindo de Jaén de Bracamoros e concluindo a viagem em Belém do Pará. Além de levantar a carta do curso do Amazonas, desde as nascentes até à foz, fez várias observações sobre o ecossistema amazônico e seus habitantes.

DANIEL, João. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976. João Daniel foi um jesuíta, cronista da Companhia de Jesus, que viveu na região amazônica entre 1741 e 1757, quando foi preso por ordem do Marquês de Pombal. Nos 18 anos em que viveu na prisão – seus últimos anos de vida – escreveu seus manuscritos de 766 páginas nos quais descreve as regiões por

onde esteve. A obra mescla informações sobre a história da região amazônica com lendas e tradições culturais locais.

NORONHA, José Monteiro de. Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e do S. José do Rio Negro. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. José Monteiro de Noronha nasceu em Belém do Pará em 1723 e estudou no Colégio de Santo Alexandre, sede da Companhia de Jesus, na cidade de Belém do Pará. Foi advogado, vereador, e ocupou cargos no judiciário. Tornou-se religioso do clero secular em 1754 e chegou a Vigário Geral do Rio Negro. Em 1768 escreveu o *Roteiro da Cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da Província*, que, segundo Domingues, é um grande guia para os viajantes do "labirinto hidrográfico amazônico". Seu roteiro é uma síntese geográfica e etnográfica no qual descreve os tipos de ocupação, locais de povoamento, línguas e riquezas da região.⁴

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São José do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. Francisco Xavier Ribeiro Sampaio foi Ouvidor e Intendente-geral que percorreu a capitania de São José do Rio Negro, entre 1774 e 1775. Seu diário, narra os costumes das populações locais e fauna e flora da região. Deu principal atenção às comunidades indígenas destacando que a navegação nos rios da Capitania só seria possível pela eliminação das tribos rebeldes.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias de zoologia e botânica. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1972. _____. Viagem Filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias de antropologia. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1972. Alexandre R. Ferreira é o mais conhecido e

4 DOMINGUES, A. Reedição de fontes para quê? Algumas reflexões em torno de um roteiro de viagem pela Amazônia luso-brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas**, Belém, v.4, n.1, p.193-194, jan./abr. 2009.

estudado viajante ilustrado brasileiro. Foi um dos alunos prediletos de Domingos Vandelli e membro efetivo das viagens filosóficas. As obras em análise são o resultado de uma obstinada verificação das condições materiais das vilas, fortaleza chegando ao requinte de arrolar as roupas dos padres, os paramentos para missa, as condições dos cemitérios, enfim, reproduz a preocupação de um inventariante rigoroso.

VON SPIX, J. B.; VON MARTIUS, C. F. P. Viagem pelo Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1981. Martius e Spix, cientistas alemães, percorreram a região da Amazônia no início do século XIX. Em 1817, Spix e Martius foram convidados pela grã-duquesa austríaca Leopoldina que viajava para o Brasil para casar-se com Dom Pedro I. Convidados a realizar uma expedição com o objetivo de descrever a fauna e flora deste país, numa viagem de três anos na qual Spix voltou para a Europa com cerca de 9.000 espécimes de plantas e animais, incluindo mamíferos, aves e anfíbios. O conjunto foi a base da coleção do Museu de História Natural de Munique e a expedição foi narrada no livro *Viagem pelo Brasil*.

É claro que estes relatos não permitem referendar generalizações sobre todo o período em análise. São, como já afirmado, vestígios que permitem reconstruir algumas vozes que narraram a Amazônia entre o setecentos e o início do oitocentos. Não foi possível identificar e analisar as formas de recepção destes textos na Europa e como esta recepção contribuiu para a formação desta ou daquela imagem da Amazônia entre os europeus. Parto do pressuposto de que ao escreverem seus relatos de viagem estes viajantes-autores já construíram determinadas imagens da Amazônia que, registradas em papel, publicadas ou preservadas em algum arquivo, foram e continuam sendo recepcionadas pelos leitores das mais variadas formas possíveis a cada vez que são lidos.

O caráter híbrido destes relatos, pertencentes ao gênero da Literatura de Viagens, permitiu algumas aproximações com estratégias de leitura pertencentes ao campo dos estudos literários. Mas, de forma predominante, o trabalho é mais descritivo do que conceitual. Mais do que documentos que revelam "a verdade", os seis relatos demonstram o que um grupo de viajantes, entre meados do século XVIII e início do século XIX, escreveu sobre coisas, lugares, povos e sobre a aventura de viajar. Em alguns momentos, é possível que o leitor sinta falta de profundas análises

conceituais, críticas e interpretações. Os textos escolhidos e suas partes destacadas não dizem tudo sobre uma época apesar de sua produção ter sido contextualizada, são vozes que construíram para seus leitores paisagens literárias da Amazônia setecentista.

Vozes que lembram a passagem da personagem Pantagruel, de François Rabelais, que em alto mar ouviu diversas palavras degeladas, gritos e sons tão diversos de homens, mulheres, crianças e cavalos. Quando o medo já tomava conta da personagem, o piloto acalmou-o:

Senhor, de nada vos assusteis. Aqui é o fim do mar glacial, no qual ocorreu no começo do inverno passado grande e feroz batalha entre os arimaspianos e os nefrilibatas, e então gelaram no ar as palavras e os gritos dos homens e mulheres, o retinir das armas, o relincho dos cavalos e todos os outros rumores da batalha. A esta hora, o rigor do inverno passou; advinda a serenidade e tempérie do bom tempo, elas se derretem e são ouvidas. – Por Deus, disse Panúrgio, eu o creio. Mas não poderíamos ver alguma? Lembro-me ter lido que, na orla da montanha onde Moisés recebeu a lei dos judeus, o povo via as vozes sensivelmente. – Olhai, olhai disse Pantagruel, eis estas aqui que ainda não foram degeladas.⁵

A tese está dividida em duas grandes partes. Na primeira, inicialmente teço algumas considerações sobre o gênero Literatura de Viagens. Este gênero, híbrido por natureza, apesar de ter recebido, nos últimos anos, atenção crescente dos historiadores, ainda não foi exaustivamente debatido nos seus aspectos teóricos enquanto fonte de pesquisa. Assim, considereei pertinente apontar algumas tipologias construídas por autores europeus muito mais com o intuito de apresentar a questão para o leitor do que aprofundar e esgotar o tema. Este, então, o tema do primeiro item intitulado "algumas considerações sobre o gênero Literatura de Viagens".

Em seguida, traço um panorama da biografia dos autores, do contexto histórico das viagens e da publicação dos seus relatos de viagem. Não procurei em cada um dos seis textos explorar o mesmo tema, apesar de que isto possa ter ocorrido pelas características do conjunto, mas destacar passagens, representações e outros aspectos que me chamaram atenção e julguei interessantes ao meu olhar e dos leitores. De forma geral, esta parte faz uma grande apresentação das obras e seus autores.

5 RABELAIS, F. **Gargântua e Pantagruel**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991. p.207.

O segundo capítulo trata da construção da paisagem pelos sete viajantes. Iniciei com uma aproximação conceitual do termo paisagem, sua origem e apropriações pela sociedade europeia moderna. Destaco a forte influência que as artes plásticas exerceram sobre a formação do conceito e arrisco uma comparação entre sua trajetória e aquela de cultura. Como um conceito histórico, em construção, a construção da paisagem amazônica se deu na complexidade da zona de contato cultural entre europeus e os diversos povos que habitavam a região. A contribuição dos sete viajantes em análise na construção desta paisagem é mais uma dentro de um amplo mosaico de significados e muito próxima da noção de geografia imaginativa desenvolvida pela obra de Edward Said.

Dentro desta geografia imaginativa vários são os temas, várias são as paisagens descritas e escritas pelos viajantes. Escolhi seis temas gerais que no decorrer da leitura, ao "deixar as fontes falarem", considere relevantes. E, neste sentido, as vozes narrativas dos relatos tiveram certa homogeneidade, repetiram alguns temas comuns. Desta seleção, duas tem um caráter de ensaio bem marcante: as que eu denominei "paisagem em movimento" e "autorretrato".

Por último, faço minhas considerações finais que de forma alguma são definitivas.

1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO LITERATURA DE VIAGENS

Entre 1743 e 1820, os rios da Amazônia foram percorridos por muito viajantes que buscavam conhecimentos mais aprofundados sobre a região e seus habitantes. Dentre eles, para análise no presente estudo, foram escolhidos sete, os quais legaram 6 relatos substanciais sobre a região: o Cientista e Geógrafo Charles Marie de La Condamine (1743), o Padre João Daniel (1751), o Padre José Monteiro de Noronha (1768), o Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1774), o Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1783) e os Naturalistas Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptiste von Spix (1819). Num arco temporal de 77 anos, a escolha recaiu sobre sete viajantes, de origens e formações diferentes, que percorreram um território que, nas palavras de Simone de Souza Lima, sempre esteve "em construção simbólica", lugar de muitas geografias, de rica variedade mineral, hídrica, biológica, humana e cultural. Território marcado muito mais pelas diferenças, pela heterogeneidade do que pela homogeneidade.⁶

Uma das características comum entre os seis relatos de viagem aqui analisados, é o fato de todos serem exemplos de Literatura de Viagens. Como tal, utilizam a paisagem enquanto recurso, pictórico ou textual, de acordo com a tradição deste gênero literário, para apresentar ao leitor as terras ou locais visitados.

Gênero híbrido, a Literatura de viagens pode gerar dúvidas em relação à sua classificação, isto é, até que ponto todos os relatos aqui selecionados poderiam ser encaixados nesta categoria? Ao compararmos o relato de La Condamine e o dos alemães Spix e Martius com o elaborado pelo Vigário José Monteiro de Noronha e pelo Ouvidor Francisco Sampaio, os dois primeiros se apresentam muito mais como relatos de viagem do que os dois últimos, que se assemelham a relatórios "governamentais".

Outro argumento que poderia ser utilizado é o de que, excluindo as obras do naturalista francês e a dos cientistas alemães e, talvez, incluindo neste conjunto o manuscrito do naturalista luso-brasileiro, Alexandre Rodrigues Ferreira, os outros textos foram elaborados para um público "interno". Deste modo, foi o resultado escrito de um trabalho de "fiscalização" de funcionários da coroa, sem atributos literários.

⁶ LIMA, S. de S. Amazônia Babel: literatura, corpos & meio ambiente. **Revista Eletrônica CELPCYRO**, v.2, 2.º semestre 2011. Disponível em: <<http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?view=article&catid=84%3Aartigos&id=909%3Aamazonia-b%E2%80%A6>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

Creio que no decorrer da apresentação dos autores e suas obras, nas páginas seguintes, será demonstrado, o quanto os seis relatos remetem ao gênero *literatura de viagens*. Todavia, é pertinente colocar que, talvez, a dúvida em relação à validade da classificação de todos os seis relatos dentro deste gênero literário exista porque a própria conceituação deste gênero ainda seja polêmica.

Não há, entre os estudiosos, unanimidade sobre as características e o estatuto literário deste gênero. Assim, relatos de viagem, literatura de viagens, narrativas, crônicas, memórias, entre outras, são expressões que procuram delimitar um fenômeno, até o momento, mais fugidio do que estanque. Por outro lado, também é importante lembrar que nenhum gênero literário é estanque, isto é, possui uma estrutura rígida e imutável. Pelo contrário, o que consideramos por gênero literário é uma configuração instável, marcada pela constante relação entre a estabilidade e instabilidade. Tampouco é considerado um fenômeno puro, mas permanentemente invadido, cruzado por outros gêneros e que mantém, apesar destas "invasões", suas características peculiares.

Para Fernando Cristóvão, especialista em Literatura de Viagens, uma das características marcantes deste tipo de literatura é o fato de formar um conjunto autônomo de textos. Deste modo, formam um gênero, com individualidade semelhante à de outros de estatuto reconhecido, como o pastoril, o histórico, o policial, etc. A viagem é um tema comum dentro da literatura ocidental e aparece em vários gêneros ficcionais, mas o que diferencia a Literatura de Viagens são suas características narrativas, históricas, de edição e de recepção.⁷

Em termos de narrativa, os relatos de viagens são um tipo especial de texto no qual se destacam duas funções literárias: a representativa e a poética. Se, por um lado, são livros de caráter documental cujas referências geográficas, históricas e culturais envolvem de tal maneira o texto que determinam e condicionam sua interpretação, por outro lado, possuem uma carga literária, maior ou menor, que os separam de um discurso meramente informativo. Sendo assim, os relatos de viagens, são ambíguos por natureza, isto é, mantém um frágil equilíbrio entre suas funções poética e representativa. Quanto mais peso tem a primeira, mais visível sua condição literária. Quanto mais próximo da segunda, mais se acentua seu caráter histórico documental.

⁷ CRISTÓVÃO, F. Para uma teoria da literatura de viagens. In: _____ (Coord.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002.

Mesmo a biografia ou a crônica, nas quais as funções representativa e poética também estão presentes, diferenciam-se dos relatos de viagens por apresentarem estilo literário marcadamente próprio. Mas, efetivamente, qual a diferença entre relatos de viagem e outros exemplos de gêneros informativo-literários como as crônicas e as biografias?

Na crônica o valor literário não se discute. Nela há um predomínio do relato dos fatos, dos sucessos e acontecimentos – que é o que se quer contar – e a descrição se subordina à informação. No caso das biografias os processos de evolução narrativa concentram-se na caminhada de um indivíduo. É a vida do personagem biografado que domina e ordena todo o processo discursivo. Pode até ser que a biografia tenha descrições dos lugares por onde o biografado passou, mas é a experiência do viajante que predomina sobre as circunstâncias da viagem.

Já os relatos de viagens, além de possuírem as duas funções literárias, a representativa e a poética, diferenciam-se de outros gêneros literários por ter no tema da viagem o elemento constitutivo básico da narrativa. Este tema básico, estruturante, domina a narrativa de forma quase exclusiva fazendo com que todos os demais assuntos se subordinem ao tema articulador.⁸

Outra característica do gênero é a posição do narrador em relação ao fato narrado. No relato de viagens o foco narrativo comumente é interno, na primeira pessoa. No geral, o viajante é o protagonista, ao mesmo tempo, viajante e escritor, autor e escritor, a voz é de carne e osso, sem mediação de nenhum outro tipo de voz imaginária: "eu vi bois estremecer e tombarem em transes de morte ao cabo de quatro minutos, ao passo que, em outros casos, um macaco ou um caititu, menos mortalmente feridos, resistiram três vezes mais tempo à ação do veneno"⁹.

Inexiste uma verdadeira trama: o fio narrativo é a própria viagem e o protagonista o viajante. Estes últimos são o único motor de encadeamento narrativo entre os capítulos. O protagonista de um relato de viagens percorre um espaço real, não imaginário. É comum que a divisão da obra em capítulos siga esta trajetória que vem marcada, por razões óbvias, pela verossimilhança geográfica.

8 ALBUQUERQUE, G. L. Los libros de viaje como género literário. In: GIRALDO, M. L.; PIMENTEL, J. **Diez estudios sobre literatura de viajes**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Instituto de La Lengua Espanhola, 2006.

9 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.174.

Há primazia da ordem espacial. O que realmente cria a estrutura narrativa com referências e descrições é o espaço. Em consequência, a narração encontra-se subordinada à descrição que, em muitos casos, fixa-se nos detalhes. O relato de viagens tem uma consistência avalizada por seu caráter documental e de experiência autobiográfica narrada em primeira pessoa. Neste sentido, a verossimilitude da narração se sustenta na veracidade dos dados e o pacto entre o leitor e autor se dá mediante a presunção de veracidade. De forma semelhante às exigências feitas ao romance realista, a licença poética do autor é aceita dentro de certo limite que é o risco do leitor interpretar esta liberdade literária como falta de seriedade e rigor. Vejamos o trecho a seguir de *A Viagem pelo Brasil*, de Spix e Martius, onde eles discutem com o leitor a existência ou não das guerreiras Amazonas:

Espera, portanto, o leitor, com razão, que, por minha vez, eu me manifeste a respeito das Amazonas; para não interromper muito o curso da narração, basta declarar que não acredito na existência delas, quer no passado, quer no presente. Pelo geral interesse que o assunto desperta, confie o leitor na declaração de que nós, o Dr. Spix e eu, não poupamos esforço para obter alguma luz ou certeza sobre o caso. Entretanto não avistamos em parte alguma qualquer amazona, nem soubemos de pessoa fidedigna, de origem europeia, fato algum que de longe se referisse a essa tradição fabulosa.¹⁰

Há, também, o predomínio da descrição sobre a narração. Nos livros de viagem, o descritivo atua como configurador especial do discurso, de tal forma, que o leitor possa ver mentalmente a realidade descrita. O relato de viagens é um caso paradigmático no qual o descritivo adquire um sublinhado especial e no qual as situações de tensão narrativa típicas do romance não encontram seu desenlace ou sua explicação no final do discurso. O relato de viagens tem a intenção da descrição, diferencia-se tanto dos livros de viagem didáticos ou educativos, como os guias, por exemplo, como dos textos eruditos e/ou acadêmicos na área de história. Ou seja, nem o dado cru e nem a erudição esmagadora. Como exemplo, um trecho de Alexandre Rodrigues Ferreira:

O que vi e experimentei desde a entrada do Uaupés até à primeira cachoeira grande é que, com efeito, deságua por duas bocas, que lhe forma a interposição de uma ilha triangular. Os ares que nele assopram são mais agudos, a sua água é clara e mais fria que a do rio Negro, a largura ordinária é de até um quarto de légua. Tem muitas e vistosas praias e coroa que se

10 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.111.

descobrem na vazante, e delas se escavam infinitos ovos de tracajás. Não deixam de embarçar seu curso as ilhas e ilhotes que tem pelo meio cercados de rochedos. Observei, por uma e outra margem, diversos outeiros; contei, na do sul, até 15, e 3 na do norte. Dos que houverem de mais não dei fé. São uns outeiros, pela maior parte, modicamente elevados; alguns deles compostos de saibreiras. Ordinariamente aparecem aos pares, em distância pouco sensível um de outro outeiro, porém, cada par sensivelmente distante entre si. Informam os índios e os soldados que o subiram que a maior serra, da margem austral, é a que fica entre a penúltima e a última cachoeira grande.¹¹

A cena é o movimento narrativo predominante. O diálogo é um recurso utilizado pelo autor dos relatos de viagem desde que sirva para apresentar ao leitor as coisas como foram vistas pelo narrador/viajante no momento preciso de sua ocorrência. Por isso a importância do seu testemunho direto que transmite a ideia de que o fato ocorreu no exato instante da sua narração.

Há um paralelismo entre o tempo da história e o tempo do relato. Pode-se afirmar que a ordem temporal permanece inalterada já que a sucessão cronológica linear dos fatos segue a da narrativa. Não há nenhuma anacronia narrativa e seus artifícios. Pelo contrário, há uma perfeita coincidência entre a ordem da história e a do relato dando ao discurso uma marca única. Em relação ao ritmo do relato, os relatos de viagem são estranhos à elipse e ao sumário, mas são afetos à cena e a pausa.

Assim, a descrição pode diminuir a velocidade do relato, pausá-la, mas não interromper o fio narrativo. Na verdade ela tem a função de criar um ambiente, um entorno, mas não afeta a trama em geral até porque, no relato de viagem, esta trama é linear e contínua. Isto é, a estrutura narrativa é o percurso do narrador-autor. O relato do Vigário José de Noronha possui esta característica de forma acentuada:

18. Para continuar a viagem, se ha de entrar com a enchente da maré pelo largo canal do Limoeiro, seguindo sempre o do meio, por haverem muitos formados de varias ilhas. E passando o estreito, ou sècco, a que os índios chamaõ Pagê na preamar se vai com a vazante até a costa fronteira aõ engenho do mestre de campo Pedro Furtado de Mendonça denominado Marauaru, e situado na costa, que corre do Nordeste e sudueste da ilha do Marajó junto a barra do rio Canaticü, que lhe é mui pouco inferior, distante 14 legoas da entrada do canal do Limoeiro.¹²

11 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.160. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

12 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônicas dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitánias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.9.

A utilização de histórias intercaladas se sobressai como uma característica do gênero. Os relatos de viagens se nutrem destas histórias porque, sem elas, careceriam de verdadeira substância narrativa. Tem uma função importante, pois é quase impossível eliminá-las sem que o relato perca sua razão de ser. Algumas vezes são personagens que contam sua história ou a dos outros. Outras vezes, é o protagonista que relata algum sucesso, fatos históricos ou referências eruditas que destaquem sua vasta cultura literária. Mesmo que desapareçam com o progresso narrativo, estas histórias intercaladas enriquecem um fio narrativo que no gênero é muito frágil. Em suma, a intertextualidade ocorre a partir de inserções de temas da geografia, história, história natural, entre outras, para, principalmente, reforçar o caráter objetivo da narrativa. Em todos os relatos aqui analisados este aspecto está presente, com maior ou menor intensidade, com algumas inserções repetindo-se do texto de um autor para a de outro.

Porém, não é por não ser didática ou erudita que a descrição não deva ser detalhista. Nos relatos de viagem, descrever é retratar e os retratos assumem uma característica singular que é sua vinculação inextricável com a paisagem. São, então, personagens de paisagem ou paisagens como personagens. Há uma união inextricável entre pessoa e meio e a paisagem aparece como limitação e destino do homem. O entorno determina a vida das criaturas, por isso, é descrito com tantos detalhes. Cito, mais uma vez, Spix e Martius que nesse quesito são insuperáveis:

A 25 de novembro, alcançávamos afinal a foz do rio Tefé. Abre-se limitada a leste por uma barranca de argila escarpada, a oeste por uma ilha baixa para ostentar o soberbo espetáculo da vasta bacia, na qual o rio Tefé se espraia. O majestoso lago tranquilo, com suas praias de areia alva, limpa, e mais para o interior, cercado de pujante mata, cujo fronde se arqueia imóvel em cúpula no azul do céu, dava impressão extremamente aprazível. Apenas ali entramos, atraíu-nos um espetáculo de gênero inteiramente diverso. As águas pretas sossegadas do lago eram habitadas por numerosos jacarés, que pareciam viver juntos, pacíficos como numa família.¹³

A última característica diz respeito ao tema das maravilhas. Não é incomum, principalmente nos relatos medievais e do início da era moderna, as digressões que se referem a fatos e coisas extraordinárias, fabulosas e de caráter maravilhoso. A inclusão de bestiários, cosmografias, tesouros, enfim, do exótico natural ou

¹³ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.176.

cultural são quase que elementos obrigatórios em grande parte da bibliografia do gênero. No caso dos relatos que se referem ao território amazônico é obrigatório o tema do eldorado e das Amazonas. Eles estão presentes em todo o período analisado e mesmo os cientistas do século XIX, Spix e Martius sentem-se na obrigação de, ao menos, refutar o mito.

Por fim, Cristóvão põe em evidência as qualidades históricas, de edição e de recepção da Literatura de Viagens. Em relação às históricas, vale afirmar que o gênero tem uma tradição que remonta à antiguidade e ainda mais além no tempo. O primeiro registro escrito foi encontrado no antigo Egito, durante a 6.^a dinastia do Império Antigo, entre 2345 e 2173 a. C. no reinado de Pepi I. Harkhuf, príncipe de Elefantina, realizou três expedições em direção ao sul em direção à região da Núbia. Por ordem do rei, Harkhuf deveria estabelecer contatos comerciais e, se possível, ampliar a área de influência do Império Egípcio num processo de submissão da Núbia.

A tradição do gênero, portanto, tem uma longa duração e mesmo os livros, considerados por muitos como fundadores da literatura ocidental, *A Epopéia de Gilgamesh*, *A Odisséia*, de Homero e *a Eneida* de Virgílio, são exemplos de Literatura de Viagens. Porém, a não ser que nos debruçássemos num estudo de longa ou longuíssima duração sobre o gênero, e mesmo assim correndo o risco de sermos não históricos ou anacrônicos, é extremamente arriscado estabelecer uma relação plausível ou direta entre os textos dos antigos egípcios e os dos nossos viajantes. Todavia, é importante indicar que o gênero não foi "inventado" no século XVIII e que, com maior ou menor intensidade, nossos autores e suas composições literárias dialogaram com uma tradição já existente.

Por último, a questão referente à edição e recepção da Literatura de Viagens. Mais produtivo do que debate sobre o estatuto literário das obras produzidas em decorrência de viagens seria analisar como a sociedade na qual eles circularam e foram lidos os considerou.

Se para a crítica e historiadores literários sempre foi difícil definir e classificar que tipo de texto que poderia ser considerado Literatura de Viagens ou, ainda, quais dos textos produzidos pelos viajantes poderiam ser considerados "literatura", para os editores e para o público leitor este caminho foi diferente.

Desde a invenção da imprensa por Gutenberg e Fust, a indústria editorial, no seu movimento de expansão, incluiu narrativas que atendessem os anseios de um público leitor ávido por novidades, aventuras e imagens de exóticos cenários. Neste

amplo movimento cultural, de forte investimento editorial, forjou-se um sistema literário no qual a Literatura de Viagens transforma-se de um *corpus* predominantemente historiográfico e antropológico para um *corpus* literário *sui generis*.

Para Fernando Cristóvão, é neste processo amplo, que obras datadas do século XIII, tornam-se clássicos da literatura ocidental e "criam" o gênero Literatura de Viagens que teve uma sequência ininterrupta de publicações desde o século XVI. O autor cita como exemplos as obras de Marco Polo, Plano Carpino, Ruybrock e Odorico Pordenone seguidas das obras de John Mandeville e autores anônimos como o do *Libro Del Conoscimiento de todos los Reinos* ou do *Libro Del Infante de Portugal*, dentre vários outros.¹⁴

Foi com a adoção, por parte dos editores, da publicação de coleções de viagens que o gosto por este gênero literário o consolidou como um verdadeiro "best seller" para os padrões editoriais da época. A fim de agradar seus leitores, os editores adaptaram os textos originais e os ilustraram com gravuras, mapas e desenhos.

Entre os séculos XVI e o XVIII, dezenas de coleções foram publicadas seja em latim, seja nas principais línguas europeias, num *boom* editorial que atingiu principalmente os leitores europeus, mas, também, das colônias dos impérios ultramarinos. Esta trajetória de sucesso e consolidação do gênero Literatura de viagens se estende até o final do século XIX e início do XX, quando o turismo de massas alterou substancialmente a relação entre viagem, leitura e narração.¹⁵

Martius, ao relatar sua viagem, cita Robinson Crusoé, uma das suas leituras preferidas e inspiradoras:

Esses príncipes das matas, tombados aos milhares, uns sobre os outros, abandonados ao embate furioso das águas ou à lenta podridão, como que chorados pelos sobreviventes, cuja fronde geme incessante na tempestade, é um espetáculo espantoso da inexorável força dos elementos. "Que pavoroso lugar de estadia seria esta deserta ilha para um pobre náufrago europeu!" – dizia eu a mim mesmo, recordando-me da sorte de Robinson Crusoé, com me ficara impressa na imaginação juvenil. E, contudo, esta palmeira, que se assenhoreou exclusivamente da ilha, é para muitas tribos indígenas da América a árvore da vida; nela pendura o anfíbio garaúno a sua rede, durante o tempo das chuvas, na inundação geral; dela recebe teto, alimento, roupa, tão diversas são as necessidades do homem.¹⁶

14 CRISTÓVÃO, F. Para uma teoria da literatura de viagens. In: _____ (Coord.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002.

15 Mesmo assim, acredito que até dos dias de hoje, continua a ser um nicho importante da indústria editorial como da mídia em geral.

Deste modo, a definição de Literatura de Viagens deve ser construída a partir da análise da evolução histórica do gênero tendo como foco o sistema autor-editor-público. Foram as transformações deste sistema que possibilitaram não só a criação do gênero, mas, também, a absorção e incorporação de textos da História, História Natural, Astronomia, Geografia, Cartografia, Arquitetura, Medalhística, Artes Plásticas e a Museologia, dentre outras. Textos estes que, talvez, não atingissem um público mais amplo se publicados separadamente.

É a partir desta análise que Cristóvão elabora sua definição de Literatura de Viagens:

Por Literatura de Viagens entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV a final do século XIX, cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas

16 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.73.

de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.¹⁷

Deste modo, apesar de aceitável, a dúvida em relação ao fato dos seis relatos de viagem que são objeto de nosso estudo serem ou não pertencentes ao gênero Literatura de Viagens, opta-se por considera-los todos pertencentes a este gênero e como tais passíveis de análise.

A viagem, o deslocamento não prescinde do olhar. Um olhar que pode ser desprezioso, mas também interessado e comprometido. Em alguns momentos, obedece as instruções previamente recebidas, em outros, deixa-se levar pelo devaneio. No amplo conjunto formado pela tríade partida-trânsito-chegada o que de fato é registrado no diário de viagem e chega até o leitor? Mas estamos falando de um gênero literário que deve muito ao realismo, aliás, se quer mais realista do que tudo e é este caráter de veracidade ou verossimilhança que o torna tão atraente aos leitores. Neste sentido, descrever a paisagem, narrá-la, transformá-la em texto ou imagem é um dos recursos mais comuns utilizados pelos autores da Literatura de Viagens.

Porém, se concordarmos com Simone de Souza Lima de que o território amazônico sempre foi marcado pelas diferenças, mais pela heterogeneidade do que pela homogeneidade, a construção simbólica que dele se fez, a partir dos relatos selecionados, aponta para outro caminho, o caminho da homogeneidade discursivamente construída. O que prevalece em todos os relatos, por mais que os contextos específicos nos quais cada um deles foi escrito (história, biografia, edição) influenciem, e muito, o resultado final, é a visão da história cultural do Império Português.

Assim, o que também une os seis relatos é o fato de todos serem, mesmo com suas especificidades, a voz do império sobre a Amazônia. Uma voz que se repete e constrói simbolicamente a homogeneidade num território, na verdade, tanto pela amplitude espacial como pela antiguidade, marcado pela diferença. A paisagem que se constrói, neste sentido, é a construída sob o olhar europeu, porém formulada na "zona de contato" e em alguns momentos ambíguo, híbrido e sujeito as tensões decorrentes do encontro entre colonizadores e colonizados.

17 CRISTÓVÃO, F. Para uma teoria da literatura de viagens. In: _____ (Coord.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002. p.35.



ROTEIRO

DE

Dom Joam de Castro,

DA VIAGEM QUE FIZERAM OS PORTUGUEZES

AO MAR ROXO

No Anno de 1541.

FIGURA 1 - FRONTISPÍCIO DO ROTEIRO EM QUE SE CONTEM A VIAGEM QUE FIZERAM OS PORTUGUEZES NO ANNO DE 1541, PARTINDO DA NOBRE CIDADE DE GOA ATEE SOEZ, QUE HE NO FIM, E STREMIÐADE DO MAR ROXO. COM O SITIO, E PINTURA DE TODO O SYNO ARABICO

1.1 UM JOVEM DE CURIOSIDADE ARDENTE

No início da década de 1730, os ânimos na *Académie des Sciences* de Paris estavam exaltados. Já há um bom tempo que o "partido newtoniano" se digladiava com o "partido cassinista" sobre a verdadeira teoria a respeito da esfericidade da Terra. O debate ocorria entre os que aceitavam as determinações do abade Picard, adepto das ideias de Newton, e os que preferiam as conclusões dos irmãos Cassinis (Jacques e César-François, chamado "o Cassini-de-Thury"), filhos e dignos continuadores do notável cientista Jean-Dominique Cassini que pertenceu à Academia das Ciências e organizou o Observatório Astronômico de Paris.¹⁸

Para os newtonianos, o planeta deveria ser achatado nos polos em consequência da força da rotação terrestre que faria com que a massa na região do equador se afastasse do centro. Deste modo, de acordo com os cálculos de Newton, a Terra teria um diâmetro maior na direção do Equador e um menor na dos polos e, conseqüentemente, a força da gravidade seria mais fraca nos últimos. O partido dos cassinistas, adepto da teoria dos turbilhões de René Descartes, acreditava que a Terra seria alongada em direção aos polos e sustentava seus argumentos com base nas medições realizadas pela família Cassini em 1718, 1733, 1734 e 1736.¹⁹

Finalmente, em dezembro de 1734, a discussão, que tinha tomado meses dos sessenta membros da Academia, chegou ao fim. Com o apoio do Rei Luis XV e a permissão do Rei Felipe V, da Espanha, a *Académie Royale des Sisciences* da França financiou duas expedições científicas para medir a longitude de um grau meridiano no equador e outra nos polos. A primeira se dirigiria ao Vice-Reino do Peru e a segunda à Lapônia.²⁰

18 De acordo com Ana Lúcia Barbalho da Cruz, "Na Europa do século XVIII, a natureza tornou-se objeto de empreendimentos múltiplos, ponto de partida e de chegada de reflexões sobre economia, política, filosofia, moral e teologia. "Em nome do pressuposto ideológico de uma primazia das ciências físicas para o desenvolvimento da ciência moderna, da matematização do universo e das certezas matemáticas aplicadas com sucesso ao mundo dos fenômenos físicos, o século XVIII foi considerado como o século de Newton." Suas obras eram comentadas por seus discípulos nas academias e universidades e, superadas as primeiras incompreensões, explicavam-nas aos últimos incrédulos. Mesmo em estruturas de pensamento rígidas de universidades como a Sorbonne, a filosofia de Newton gradualmente se firmava. Por outro lado, Voltaire, em francês, e Algarotti, em italiano, encarregavam-se de divulgar as idéias newtonianas colocando-as ao alcance do grande público."

19 BRAGA, M. **Breve história da ciência moderna**: das máquinas do mundo ao universo – máquina (séc. XV a XVII). Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p.142.

Como líder da expedição à Lapônia foi escolhido Pierre-Louis Moreau de Maupertuis, filósofo, matemático, físico, astrônomo e naturalista e um dos principais defensores das teorias de Newton acerca da esfericidade da Terra. A expedição partiu da França em maio de 1736, e, segundo a historiadora Maria Cristina Bohn Martins "na defesa de um novo paradigma científico, ele enfrentou conterrâneos que defendiam as idéias cartesianas. A viagem de dois anos comprovou que a Terra era uma esfera achatada nos pólos"²¹.

A segunda expedição enviada à América do Sul foi liderada pelo matemático e membro sênior da *Académie* Louis Godin. Nomeado como membro da Academia desde 1725, Godin ocupava-se, desde 1733, com a questão da verdadeira figura da Terra e desenvolveu vários métodos científicos com o objetivo de defender o "partido newtoniano". Seus estudos e publicações ficaram conhecidos nos principais centros de produção científica europeus dentre eles, a Royal Society de Londres onde proferiu palestras e estabeleceu sólido relacionamento com o famoso astrônomo Edmond Halley. Em função da sua participação na expedição geodésica e, possivelmente, por suas relações com os membros espanhóis da missão, Godin assumiu a cadeira de matemática da Universidade de Lima e também escreveu suas próprias memórias da expedição rumo ao Vice-Reino do Peru. Encerrou sua vida em 1760 como Diretor da Academia de Guardas-marinhas de Cádiz. Escreveu várias monografias sobre seus estudos em solo americano que foram publicadas pela Academia Francesa.²²

20 MEIRELHES FILHO, J. **Grandes expedições à Amazônia brasileira: 1500-1930**. São Paulo: Metalivros, 2009. p.58-59.

21 MARTINS, M. C. B. Uma jornada pela América Meridional e de volta à Europa: Charles Marie de La Condamine e o relato de sua expedição pelo Amazonas. **Estudos Ibero-Americanos**, v.38, n.2, p.305, jul./dez. 2012.

22 Ver o verbete: GODIN, LUIS (1704-1768). In: **El granero común**. Disponível em: <<http://elgranerocomun.net/Godin-Luis-1704-1768.html>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

Os demais membros da equipe eram o naturalista La Condamine e

dois outros membros da Academia das Ciências, Louis Godin e Pierre Bourguer (nascido em Croisic, a 16 de fevereiro de 1698, e falecido em Paris, a 15 de agosto de 1758), a quem se deve a invenção do heliômetro (por ele, primeiramente, denominado "astrômetro"), assim como os seguintes auxiliares: Joseph de Jussieu (1704-1779), da Faculdade de Paris e irmão dos célebres botânicos (Antoine e Bernard) do mesmo apelido; Jean Seniergues, cirurgião, vítima do motim popular de Cuenca (Peru), a 29 de agosto de 1739; Verguin, engenheiro naval; De Morainville, desenhista de história natural; Couplet, sobrinho do tesoureiro da Academia das Ciências; Hugo, especialista em instrumentos de matemática; e Godin des Odonais (1713-1792), viajante e naturalista, que veio a tornar-se, pela lóbrega odisseia de sua esposa, uma das figuras notáveis da importante missão.²³

A participação espanhola foi solicitada pelo Rei Luis XV ao seu primo Filipe V que também era francês e o primeiro rei da dinastia Bourbon na Espanha. Desde que assumiu o trono, Filipe participou da aliança dinástica dos Bourbons que, além da França e da Espanha contava com alguns pequenos estados na Itália. Assim, Filipe V não só deu seu consentimento e apoio à expedição como convidou para fazer parte dela dois jovens cientistas, Jorge Juan e Antonio de Ulloa, com 21 e 19 anos, respectivamente.

Os espanhóis partiram no dia 26 de maio de 1735, do porto de Cadix, nos navios de guerra *Conquistador* e *Incendio* e desembarcaram em Cartagena no dia 9 de junho. Enquanto aguardavam a chegada dos franceses, lançaram-se a campo realizando suas primeiras observações e registros que seriam depois compiladas no relato *Relación histórica del viaje hecho de orden de su Majestad a la América Meridional* que contém mapas, descrições das regiões visitadas, notícias do Vice-Reino do Peru e observações naturalistas. Esta obra foi traduzida para quase todas as línguas europeias e divulgou o trabalho da parte espanhola da missão geodésica hispano-francesa. As publicações oriundas da viagem pela América do Sul proporcionaram prestígio aos jovens viajantes que se apresentam, na edição de 1748, como "Don Jorge Juan, Comendador de Aliaga, em el Orden de San Juan, Socio correspondiente de la Real Academia de las Ciencias de Paris" e "Don Antonio de Ulloa, de la Real Sociedad de Londres" ambos "Capitanes de Fragata de la Real Armada".²⁴

²³ MAGALHÃES, B. de. Apresentação. In: LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.15.

²⁴ JUAN, J.; ULLOA, A. de. **Relación histórica del viaje a la América Meridional**. Madrid, 1748.



FIGURA 2 - RELACIÓN HISTÓRICA DEL VIAJE A LA AMÉRICA MERIDIONAL, MADRID, 1748 Y NOTICIAS SECRETAS DE AMÉRICA LONDRES, R., TAYLOR, 1826

Coube a Charles de La Condamine, jovem cientista e reconhecido como bom escritor, a tarefa de relator dos sucessos (e insucessos) da parte francesa da expedição. Tarefa que desempenhou tão bem que legou à posteridade três publicações e fizeram da sua obra, provavelmente, a mais conhecida.

La Condamine, o jovem de "curiosidade ardente", como Voltaire o chamava, segundo o biógrafo Victor Von Hagen, nasceu em Paris no ano de 1701. Aos 29 anos, já era um matemático, cientista e explorador conhecido nos círculos aristocráticos parisienses. Filho de Charles de La Condamine, recebedor de finanças em Moulins, e de Louise Marguerite de Chourses, teve sua infância marcada pela Guerra de Sucessão Espanhola e na adolescência viveu a ascensão social de sua família, que lhe possibilitou estudar no Lycée Louis-Le-Grand, de Paris, colégio tradicional de origem jesuíta e frequentado pela elite francesa. Após formar-se no Liceu em humanidades e matemática, ingressou na carreira militar e participou da guerra contra a Espanha em 1719. Desiludido com a carreira militar retornou no mesmo ano e, a partir de

então, aprofundou seus conhecimentos em História Natural, Física e Química. Em 1730, foi nomeado assistente de Química nos laboratórios da Academia de Ciências da França, considerada, então, uma das principais instituições científicas da Europa.²⁵

O jovem e prestigiado *savant* do século das luzes, já tinha no seu currículo diversas viagens de exploração pelo Norte da África e pelo Oriente Médio, as quais lhe renderam numerosas memórias (comunicações, monografias e artigos científicos) dentre as quais uma obteve bom acolhimento nos círculos ilustrados: *Observations mathématiques et physiques faites dans un voyage du Levant en 1731 et 1732*. Não era, portanto, um novato e inexperiente cientista que fazia parte da expedição ao Vice-reino do Peru. Conta Von Hagen, na biografia romanceada que fez do naturalista, que ao ser chamado por M. de Fontenelle para se pronunciar perante a assembleia da Academia de Ciências de Paris sobre a expedição que planejara disse:

Senhores, está tudo pronto. Nossos instrumentos foram enviados para o pôrto de La Rochelle, ponto do qual é nossa intenção embarcar. Conforme é do conhecimento da Academia, o nosso grupo oficial se comporá de dez membros: M. Pierre Bouguer, astrônomo; M. Louis Godin, matemático, e seu primo Jean des Odonais; também farão parte do grupo o capitão Verguin, da Armada Real, M. de Moranville, desenhista, Joseph de Jussieu, botânico, Dr. Jean Senièrgues, médico, M. Hugot, relojoeiro e técnico, M. Mabilion, e o jovem M. Couplet, sobrinho do membro da Academia. Partiremos de La Rochelle em maio de 1735. Depois de visitar a ilha de Santo Domingo no Mar das Antilhas, prosseguiremos no comboio de navios de Sua Majestade Católica até o pôrto de entrada, Cartagena. Aí deverão encontrar-se conosco dois oficiais da Armada Espanhola, Capitão Jorge Juan y Santacilla e Capitão Antonio de Ulloa, designados para fazer parte do nosso grupo. Daí faremos nossa viagem com os recursos de que dispusermos até a Província de Quito no Vice-reino do Peru. Aí daremos início ao nosso trabalho.²⁶

Mary Louise Pratt, em sua obra *Os olhos do império*, considera esta missão como "a primeira expedição científica internacional da Europa"²⁷. Porém, Ana Lucia Rocha B. da Cruz, em sua tese de doutorado, alerta para o fato de que Pratt referenda no seu estudo uma determinada visão que privilegia somente as expedições científicas e relatos ingleses e franceses do século XVIII. Neste sentido, a argumentação de Pratt em relação à "novidade" da missão científica franco-espanhola deve ser relativizada já que, desde o século XVI, portugueses e espanhóis navegavam pelo "além mar"

25 VOVELLE, M. **O homem do iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p.158.

26 HAGEN, V. W. Von. **A América do Sul os chamava**: explorações dos grandes naturalistas La Condamine, Humboldt, Darwin e Spruce. São Paulo: Melhoramentos, 1956. p.22.

27 PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999. p.42.

não só estabelecendo contatos comerciais, mas, também, aprofundando seus conhecimentos sobre regiões desconhecidas.²⁸ É preciso lembrar, por exemplo, que já no século XVI Felipe II patrocinou uma importante expedição de estudo da fauna e da flora da Nova Espanha. A coroa espanhola enviou ao continente americano o médico e naturalista Francisco Hernandez e seu filho, que percorreram a América Central e México, entre 1772 e 1775, à frente de uma equipe, composta inclusive por indígenas. Da expedição resultaram 38 volumes de ilustrações e de notas, mais tarde publicadas parcialmente na Itália e na Espanha.

Do mesmo modo, a liderança francesa da expedição também deve ser questionada se for levada em consideração os papéis representados por Antonio Ulloa, Jorge Juan e, no caso da viagem de La Condamine pela Amazônia, pelo cartógrafo equatoriano Pedro Vicente Maldonado.

O que o planejamento realizado pela Academia não podia prever eram as dificuldades logísticas, as disputas com as autoridades locais e a desconfiança generalizada em relação aos estrangeiros e seus estranhos instrumentos. Além destes imprevistos, a animosidade crescente entre La Condamine e seu companheiro de viagem, Bouguer, não só comprometeu o andamento da expedição como se estendeu para o resto da vida de ambos os cientistas. Bouguer, que retornou antes para Paris, apresentou seu próprio relato de viagem e sempre que tinha oportunidade fazia questão de desqualificar as opiniões de La Condamine. Na verdade é difícil determinar se o que fez o relato de La Condamine tão famoso foram os sucessos ou os insucessos da viagem. As medidas geodésicas foram feitas, mas a outra expedição, em direção à Lapônia, já tinha alcançado os resultados esperados e comprovado as teorias de Newton antes que equipe de La Condamine concluísse a sua. Rixas, invejas, desencontros, desconfiança, dentro do próprio grupo de cientistas e fora dele, foram alguns dos ingredientes que fizeram da expedição ao equador uma verdadeira novela de aventuras.

O clímax desta novela talvez tenha sido o conjunto de fatos que resultaram no assassinato do cirurgião do grupo *M. Le docteur Jean Senièrgues*. Este episódio, posteriormente divulgado no relato de La Condamine, foi alvo de grande curiosidade

28 CRUZ, A. L. R. B. da. **Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas:** cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2004. p.21-22.

tanto do seu círculo de amigos como dos leitores de sua saga. Pelo menos assim nosso viajante relata numa carta que enviou a uma das suas leitoras:

As questões que me fizestes, Madame, no tocante à morte trágica de nosso cirurgião, e à revolta popular em que todos pensamos perecer, foram-me renovadas por quase cada pessoa que encontrei desde meu regresso a Paris. Prometi-vos responder a elas por escrito, para satisfazer mais cabalmente a vossa curiosidade, e disso me desobrigo com tanto maior prazer quanto ao vos satisfazer, poupo-me o trabalho de repetir a mesma história a todos os que me crivarem das mesmas perguntas. Por isso consinto em que seja aberta a minha carta. É um ensaio que apresento ao leitor: é, por assim dizer, um capítulo antecipado duma "Relação histórica de nossa viagem", para o qual um "Diário", escrito com assiduidade durante dez anos, me forneceria um número bastante grande de assuntos, se eu tivesse jamais a coragem e o lazer de os pôr em fôrma.²⁹

Em resumo, enquanto os integrantes do grupo de La Condamine descansavam nos arredores de Cuenca, o médico prestava assistência gratuita à população local. Entre os que ele atendia encontravam-se, também, pessoas mais abastadas como os da família Quesada, uma das mandatárias da região. Dentre elas, Manuela, jovem e bela americana de 20 anos, noiva de Diego de León, também membro da elite local. No entanto, Manuela acabou sendo trocada pela filha do alcaide com a qual o jovem nobre se casou. Tal situação constrangedora exigia um reparo por parte de Dom Diego e a família Quesada pediu ao Doutor Jean Senièrgues que intermediasse a negociação e pedisse ao ex-noivo uma quantia em dinheiro como reparação. O envolvimento do *docteur* com a jovem Manuela e, principalmente, com questões locais levou a tensão entre o grupo de estrangeiros e o dos locais ao limite. Havia rumores, inclusive um depoimento de uma escrava, de que a relação entre Senièrgues e a jovem Manuela ia além das habituais entre um médico e sua paciente. Várias foram as provocações entre as famílias e entre o Docteur e os "procuradores" do ex-noivo.

De forma semelhante ao famoso conto *Crônica de uma morte anunciada*, do escritor Gabriel García Márquez, em 29 de agosto de 1739, quando a cidade ocupava a praça central para assistir uma tourada patrocinada por Dom Neyra, amigo de Dom Diego de León, o palco para o assassinato do médico da expedição estava montado. Assim dá a entender La Condamine ao afirmar no seu relato que "esta omissão, acrescida pelo concurso de diversas outras circunstâncias, deram depois motivo de crer que já então a perda de Seniergues estava tramada". Antes da tourada ocorreram

²⁹ LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.131-2.

vários desentendimentos entre a família Quesada e Dom Neyra. Após gracejos e ofensas dirigidas à família Quesada, mas, principalmente, ao *Docteur Senièrgues*, este último levantou-se e desafiou Dom Neyra que, ofendido em sua honra e, segundo ele, ameaçado de morte, decidiu, publicamente, cancelar a tourada. As consequências não foram nada favoráveis ao *Docteur*:

Não era preciso mais para enfiar o povo, que cerca o capitão gritando: "Viva o rei; abaixo o mau governo; morram os franceses! etc." Lançaram mil outros gritos sediciosos. Reúnem-se em torno de Neyra duzentos ou trezentos homens; e alguns calculam em mais de quinhentos. E, o que é digno de notar, toda essa tropa está armada como por encanto de lanças, espadas e fundas, e alguns até com armas de fogo, que não eram certamente destinadas a atacar os touros. Neyra os encabeça, com uma pistola numa das mãos, e uma espada chamada *verduguillo* na outra, arma proibida pelas leis, por produzir ferimentos quase sempre incuráveis. O batalhão marcha firme sobre o camarote de Senièrgues.³⁰

O tumulto tomou tal proporção que os expedicionários tiveram que pedir abrigo num dos mosteiros de Cuenca. Dentre as perdas, Joseph Jussieu, o botânico, teve sua coleção de plantas, coletada durante anos, destruída. O caso teve, ainda, desdobramentos diplomáticos e durou meses e meses de processos judiciais que exigiu de La Condamine muito tempo e deslocamentos na colônia espanhola. Não

³⁰ LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.140.

foi à toa, portanto, que ao deixar Cuenca, em 1743, La Condamine tenha escolhido um dos considerados piores caminhos, pois foi informado, posteriormente,

que pessoas encarregadas pelos autores ou cúmplices do assassinio de Seniergues, nosso cirurgião, me esperavam no grande caminho de Cuenca a Loja. Elas sabiam que eu trazia comigo para a Espanha uma cópia autêntica do processo-crime que eu tinha acompanhado como executor testamentário, e temiam com razão que a sentença da audiência de Quito, dada contra todas as regras, e cheia de nulidades, fosse cassada pelo Conselho de Espanha.³¹



FIGURA 3 - MORTE DO DOCTEUR SENIÈRGUES

31 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.47.

A morte do médico do grupo, além das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos viajantes, colaboraram para o desmonte da equipe e cada um seguiu seu próprio caminho. Alguns retornaram para a Europa, outros decidiram ficar e La Condamine pode realizar a tão sonhada descida pelo rio Amazonas até o oceano Atlântico. Assim, em maio de 1743, após anos de dificuldades e desafios, transportando instrumentos e equipamentos no lombo de mula e sob constante desconfiança da população local, ele partiu de Quito e dirigiu-se às cabeceiras do rio Amazonas o qual desejava conhecer e mapear.

Aguardava-o para a aventura, Pedro Maldonado, cartógrafo e amigo do naturalista:

No dia 19 chegamos a Laguna, onde me aguardava há seis semanas D. Pedro Maldonado, governador da província de Esmeraldas, a quem devo o testemunho público de sua distinção (assim como aos seus irmãos e a todos os seus) entre quantos, em todos os tempos, prestaram bons ofícios a nosso destacamento acadêmico, durante a longa estada na província de Quito. Eu o tinha achado disposto a enveredar, como eu, pela rota do rio das Amazonas, para voltar à Europa. Ele tinha seguido o segundo dos três caminhos de que falei descendo o Pastaça, e chegara depois de muitas fadigas e perigos, muito antes de mim, ao nosso encontro de Laguna, apesar de que partimos pouco mais ou menos ao mesmo tempo, um de Quito, e o outro de Cuenca; de caminho, fizera, com a bússola e um gnônone portátil, as observações necessárias para descrever o curso do Pastaça, como lhe eu exortara que fizesse, facilitando-lhe os meios.³²

Os dois amigos percorreram um longo trajeto navegando os rios Marañon, Huallaga, Solimões, Amazonas, Madeira, Nhamundá e Xingu. Separaram-se em Belém, quando Maldonado embarcou para a Europa e Condamine se dirigiu à Caiena aonde chegou em 1744 e retornou à Paris.³³

Em 26 de abril de 1745, La Condamine leu, em sessão aberta, seu relato de viagem para a Academia de Ciências de Paris. Este relato foi logo publicado sob o título *Breve Narrativa das Viagens através do Interior na América do Sul*.³⁴ Assim ele se referiu à sua breve narrativa no prefácio da obra:

32 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.64.

33 Maldonado, natural do Equador, nasceu em 1709 e faleceu em Londres no ano de 1748. Antes de partir para a Europa, havia levantado uma carta da província de Quito, à qual não faltaram os elogios de Humboldt. Deixou um trabalho concernente à região que administrou: *Relación del camino de Esmeraldas*. Ver a apresentação de Basílio de Magalhães da obra de La Condamine.

Para não iludir aqueles que num relato de viagem só procuram acontecimentos extraordinários, e pinturas agradáveis dos costumes estrangeiros e hábitos desconhecidos, devo advertir que esses aqui encontrarão pouco de que se satisfaçam. Não tive a liberdade de fazer passear o leitor indiferentemente por todos os objetos apropriados a adular a sua curiosidade. Um diário histórico que escrevi assiduamente durante dez anos, talvez me forneceria os materiais necessários a essa empresa: mas não se me deparou nem o lugar nem a ocasião de o fazer. Aqui o que interessa é o levantamento da carta de curso de um rio que atravessa vastas regiões, quase desconhecidas de nossos geógrafos. Tratava-se de dar idéia disso numa memória destinada a ler-se na Academia das Ciências. Numa semelhante exposição, mais me preocupando instruir do que divertir, aquilo que não toca à geografia, à astronomia, ou à física começa a parecer digressão que afasta do meu objetivo; mas por outro lado não era justo que eu abusasse da paciência daqueles que, em maior número, compunham a assembléia pública, lendo uma lista de nomes bárbaros de nações e rios, e um jornal de alturas do Sol e das estrelas, latitudes e longitudes, medidas, rotas, distâncias, sondagens, variações de bússola, experiências de barômetro, etc. Esse era entretanto o fundo mais rico, e o que fazia o maior mérito de minha relação: era a única coisa que a podia distinguir de uma viagem ordinária. Tratei de achar um equilíbrio entre esses dois extremos. Destinei toda a minúcia da parte

astronômica e geométrica às memórias da Academia, ou à coleção de nossas observações, que lhe deve ser como uma continuação. Não registro aqui senão os fatos capitais, e a posição dos lugares mais notáveis, seguindo a ordem da narração.³⁵

34 No original: Relation abrégée d'un voyage dans l'interieur de l'Amerique méridionale, depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux côtes du Brésil e de la Guiane, em descendant la rivière des Amazonas – Lue à l'assemblée publique de l'Académie des Sciences, le 28 avril 1745 (Paris, chez la Veuve Pissot, 1745), in-8^o, XVI-216 p., "avec une carte du Maragnon ou de la rivière des Amazonas, levée para le même". A obra seria reeditada no ano seguinte e ainda em 1778. Também foi impressa uma tradução em inglês da primeira edição com o título *A succinct abridgement of a voyage made within the inland parts of South America, from the coasts of the South Sea to the coasts of Brazil and Guiana, down the river of Amazonas; and it was read in the public Assembly of the Academy of Sciences at Paris, April, 28, 1745 – By Mons. de la Condamine, of Academy – To which is annexed a map of the Maragnon or river of Amazonas, drawn by the same* (London, E. Withers, 1747), in-4o, XII-108 págs. e 1 mapa. O relato também fez parte da coleção de viagens, editada por Penkerton. Afora a edição da Calpe, houve ainda a da Labor, o que patenteia quanto interessou à Espanha a expedição científica do século excepcional, realizada nesta porção do Novo Mundo e precisamente nas altiplanícies andinas do então domínio castelhano. A segunda veio a lume com a denominação seguinte: *Journal du voyage fait, par ordere du Roi, à l'Equateur, servant d'introduction historique à la mesure des trois degrés du méridien* (Paris, Imprimerie Royale, 1751), in 4o, XXXVI-280-XV págs., 2 gravuras, 2 mapas, 2 plantas e 1 diagrama. A terceira compôs-se de duas cartas, uma dele (cujo nome figura apenas com as iniciais) e a outra de um dos auxiliares da sua expedição, Jean Godin des Odonais. Viu a luz da publicidade com a denominação seguinte: *Lettre de M. D. L. C. à M. sur le sort des astronomes qui ont eu part aux dernières mesures de la Terre, depuis 1735 – Lettre de M. Godin des Odonais et l'aventure tragique de Madame Godin dans son voyage de la province de Quito à Cayenne, par le fleuve des Amazonas* (Étouilly, près Ham, em Picardie, 20 octobre 1773), in-8o, 30 págs. Ver a apresentação da obra feita por Basílio de Magalhães In: LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.15-17.

35 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**.

Após esta primeira apresentação, compareceu a outra reunião, para membros seletos da Academia, na Biblioteca do Rei, no Louvre. Na plateia estavam o conde de Buffon, o botânico Jussieu, o astrônomo Pierre Bouguer, o naturalista Louis-Jean-Marie Daubenton e o enciclopedista e matemático Jean Le Rond D'Alembert. Mais uma vez, sabendo que o colega Bouguer já havia apresentado, em 1744, sua *Narrativa Abreviada de uma Viagem ao Peru*, La Condamine ocupou a maior parte da sua palestra com informações sobre a sua jornada pelo rio Amazonas.

O relato de La Condamine, mesmo não sendo, segundo o autor, o resultado de uma "viagem ordinária" e recheado de "acontecimentos extraordinários, e pinturas agradáveis dos costumes estrangeiros e hábitos desconhecidos" também não foi um típico relatório científico que tivesse por objetivo apenas a descrição da natureza amazônica. O viajante sabia para quem escrevia e a possível recepção que seu relato teria na Europa. Talvez, por isso, tenha incluído as histórias de Cuenca e da Sra. Godin. De fato, tanto nos circuitos escritos como nos orais, a viagem do ilustrado francês obteve mais sucesso do que a própria expedição como um todo.³⁶

Luis Albuquerque, ao discutir os livros de viagem como gênero literário, destaca que no relato de viagens a posição do narrador, o foco narrativo é comumente interno, isto é, na primeira pessoa. No geral, o viajante é o protagonista, ao mesmo tempo, viajante e escritor, autor e narrador. A voz narrativa é de "carne e osso", sem mediação de nenhum outro tipo de voz imaginária.³⁷

36 PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999. p.47.

37 ALBUQUERQUE, G. L. Los libros de viaje como gênero literário. In: GIRALDO, M. L.; PIMENTEL, J. **Diez estudios sobre literatura de viajes**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Instituto de La Lengua Espanhola, 2006.

Narrado principalmente em primeira pessoa, o *Viagem na América Meridional* apresenta um narrador-personagem, o próprio La Condamine, naturalista-herói, que enfrenta uma série de dificuldades para sobreviver à selva amazônica, como neste trecho quando relata o caminho escolhido para sua aventura:

O terceiro caminho é por Jaén de Bracamoros, cinco graus e meio de latitude austral onde o Maranhão começa a ser navegável; e este é o único por onde se possam conduzir bestas de carga ou de montaria de marcha a pé, e é preciso tudo levar às costas dos índios; entretanto este é o menos concorrido dos três, tanto por causa das longas voltas e das chuvas contínuas, que tornam as rotas quase impraticáveis durante a mais bela estação do ano, quanto pela dificuldade e perigo dum desfiladeiro, chamado o Pongo, que se topa ao deixar a cordilheira. Foi principalmente para conhecer por mim mesmo tal passo, de que não se falava em Quito senão com uma admiração entremisturada de medo, e para abranger na minha carta toda a extensão navegável do rio, que escolhi esta última rota.³⁸

Assim, La Condamine, cientista-herói que pelo bem da ciência arrisca a própria vida, escolhe os caminhos mais perigosos e enfrenta com audácia, mas, principalmente, planejamento, as adversidades vai sendo construído no relato:

No dia 8 prossegui caminho, e passei pelo estreito de Cumbinama, perigoso pelas pedras de que está cheio. Não tem mais de 20 toesas de largura. Ao dia seguinte encontrei o de Escurrebragas, que é de outro tipo. O rio, detido por uma encosta de rocha muito escarpada em que esbarra perpendicularmente, é obrigado a se desviar subitamente, fazendo um ângulo reto na primeira direção. O choque das águas, com toda a velocidade adquirida pelo estreitamento do canal, cavou na rocha uma enseada profunda, onde as águas da margem do rio são retidas, apartadas pela rapidez das do centro. Minha jangada, sobre a que eu então estava, carreada pelo fio da corrente para essa cavidade, não fez outra coisa senão girar durante uma hora e alguns minutos. As águas, girando, me arrastavam para o meio do leito do rio, onde o choque da grande correnteza fazia vagas que teriam infalivelmente feito submergir uma canoa. O tamanho e a solidez da jangada punham-na em segurança neste particular; mas eu era sempre repellido pela violência da corrente para o fundo da enseada, donde só consegui sair pela perícia de quatro índios que eu havia conservado com uma pequena canoa, para uma eventualidade. Estes, tendo seguido ao longo da margem juntinho à terra, escalaram o rochedo, donde me atiraram não sem trabalho algumas lianas, que são as cordas do país, com as quais me rebocaram a balsa, até que a repuseram no fio da água.³⁹

38 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.46.

39 *Ibid.*, p.54.

Previendo o perigo, La Condamine conservou em uma pequena canoa quatro índios, "para uma eventualidade", pois mesmo com todas as dificuldades, este herói nunca esquece do seu dever como cientista, sempre com seus instrumentos à mão, medindo, calculando, exercendo o ofício para o qual foi chamado.

Ao passar pelo estreito do Pongo, o herói-cientista que já tinha escapado de uma suposta emboscada, de uma revolta, sobrevivera aos Andes, demonstra ao leitor sua coragem e predestinação onde outros não conseguiram:

O canal do Pongo, cavado por obra da natureza, começa menos de meia légua abaixo de Santiago, e vai apertando-se mais e mais, de sorte que de 250 toesas (487,25m) pelo menos que ele apresenta abaixo da confluência de dois rios, chega a não ter senão 25 (48,725m), onde é mais apertado. Sei que se deram até agora ao Pongo 25 varas espanholas, que não passam de 10 das nossas toesas; sei que dizem comumente que se vai de Santiago a Borja num quarto d'hora. Quanto a mim, observei, no passo mais estreito, que eu estava a três distâncias da minha jangada, pelo menos, de cada lado. Conteí no meu relógio 57 minutos, desde a entrada do estreito até Borja; e combinando tudo, acho as medidas tais como acabo de anunciar, e por mais esforço que eu faça para me aproximar da opinião consagrada, lamento ver duas léguas marinhas (11,112m) na passagem de Santiago a Borja, em lugar de três que se contam de ordinário.

Eu abalroei duas ou três vezes rudemente contra os rochedos, nos rodeios que fiz; haveria de que assustar-se a gente, se não estivera prevenida. Uma canoa despedaçar-se-ia aí mil vezes sem salvação, e de passagem me mostraram o lugar em que pereceu certo governador de Mainas; mas como as peças de uma jangada não são nem pregadas nem embutidas, a flexibilidade dos cipós que as reúnem faz o papel de molas que amortecem os golpes, e não se tomam precaução alguma contra os choques dela. O maior perigo é ser arrastado para um torvelinho fora da corrente, como me havia acontecido mais acima. Não havia um ano que um missionário fora arrebatado por um deles, e lá ficou dois dias sem provisões, e teria morrido de fome se uma enchente súbita do rio não o tivesse repostado enfim no fio da água. Ninguém desce de canoa o Pongo, a não ser quando as águas estão suficientemente baixas, e pode ela governar-se sem ser dominada pela corrente. Quando elas estão baixas ao extremo, as canoas podem também subir a contracorrente, com muita dificuldade; as balsas, jamais.⁴⁰

Neste tom, pessoal, quase onisciente, o narrador, em quinze capítulos, discorre sobre aspectos históricos, geográficos, antropológicos da Amazônia encontrados ao longo das margens do "mar d'água doce". Seleciona para o leitor tudo aquilo que parece digno de registro: a terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização das comunidades indígenas, maravilhas e mitos amazônicos. Corrige os relatos dos seus antecessores, estabelece a "verdadeira" trajetória do rio

40 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.57.

Amazonas, ilumina o mito das índias guerreiras e identifica "a personalidade" das populações indígenas.

La Condamine, o personagem-viajante-ilustrado, descreve a natureza, não tão preocupado com as questões econômicas da região, pois, na verdade, ele era muito mais um convidado em terras estrangeiras do que um funcionário colonial a serviço das coroas espanhola ou portuguesa. No entanto, engana-se quem pensa que sua viagem foi apenas a do turista desavisado ou aventureiro errante.

Bruno Latour, em sua obra *Ciência em Ação* estabelece a hipótese de que o conhecimento científico que os europeus construíram sobre as demais partes do globo demandou inúmeras viagens, inúmeros contatos entre povos de culturas diferentes, mas, principalmente, inúmeros ciclos de acumulação de conhecimento nos quais os que partiam sempre traziam de volta novas informações sobre as terras descobertas pelos europeus. Latour afirma:

Como vemos, o que se chama de "conhecimento" não pode ser definido sem que se entenda o que significa a aquisição do conhecimento. Em outras palavras, "conhecimento" não é algo que possa ser descrito por si mesmo ou por oposição a "ignorância" ou "crença", mas apenas por meio do exame de todo o ciclo de acumulação: como trazer as coisas de volta a um lugar para que alguém as veja pela primeira vez e outros possam ser enviados para trazer mais outras coisas de volta.⁴¹

Assim, a expedição de La Condamine também fez parte do "ciclo de acumulação" investigado por Latour fornecendo à Europa um mapa detalhado da principal via de comunicação fluvial entre as riquezas do Peru e o Atlântico e, no caso francês, entre os Andes e a atual Guiana Francesa. Além disso, contribuiu significativamente para os estudos sobre a seringueira, o uso do curare, a medicina indígena e riquezas minerais, que seriam utilizados pelas potências europeias nas décadas posteriores.

Durante aproximadamente duzentas páginas, a narrativa apresenta uma nova imagem da geografia sul-americana tanto para a Academia de Ciências de Paris como para inúmeros leitores da Europa e das regiões por ela influenciadas, imagem esta que constituiria uma versão própria da Amazônia no século das Luzes. Quais as

41 LATOUR, B. *Ciência em ação*: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p.357-358.

paisagens a narrativa constrói e de que forma se relacionam com as representadas pelos outros sete viajantes aqui analisados se pretende verificar mais adiante.

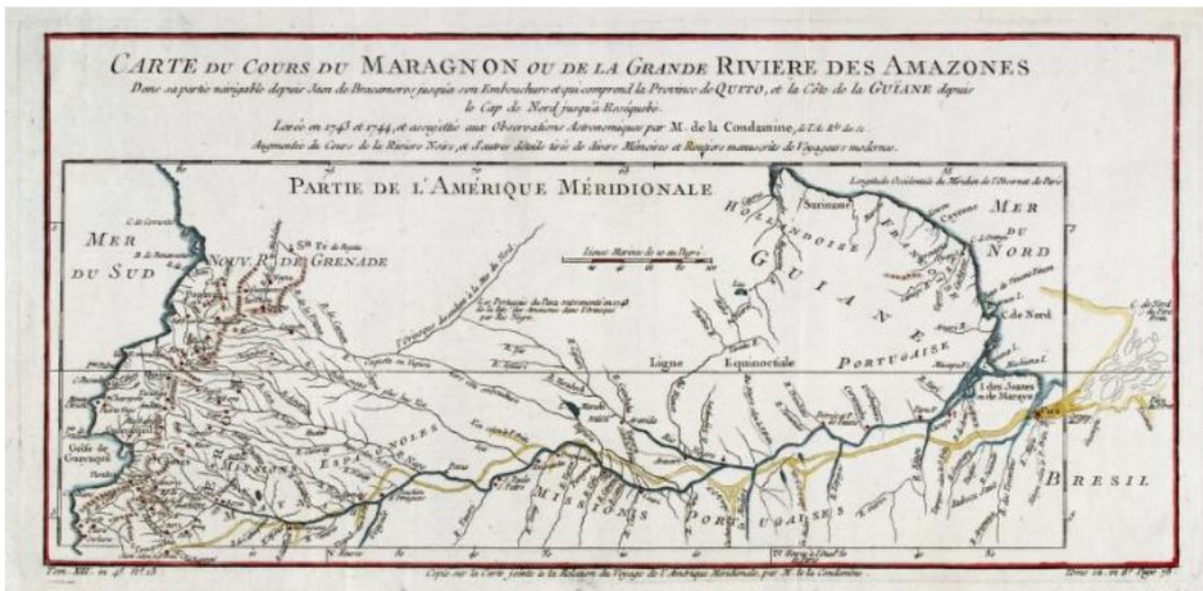


FIGURA 4 - CARTE DU COURS DU MARAGNON OU DE LA GRANDE RIVIERE DES AMAZONES

1.2 O PADRE ENCICLOPEDISTA

Numa das sexta-feiras da quaresma, do ano de 1757, o padre jesuíta João Daniel pregou seu sermão na Igreja do Colégio do Pará, no então Estado do Grão-Pará e Maranhão. Alguns dias depois, no primeiro domingo após o Corpus Christi, realizou outra homilia. Ambos os sermões, considerados inflamados, motivaram o Governador do Pará a proferir, em 19 de setembro do mesmo ano, sentença de desterro contra o jesuíta que, em conjunto com mais outros cinco padres,

tem conspirado por diversos modos contra a devida execução das Reais Leis de Sua Majestade [...] passando o a ser não só desobedientes, mas sediciosos, quando como Religiosos se deviam conter nos limites do seu Sagrado Instituto; lembrando-se, de que eram filhos de uma Religião, na qual sempre foi exemplar a obediência aos seus Legítimos Monarcas. Na conformidade das Reais Ordens que o dito Senhor foi servido participar-me, ordeno [...] faça logo embarcar para o Reino na presente Frota os referidos.

[...] Cuidando um [João Daniel], e outro em aplicar todos os meios por introduzir uma sublevação nestes Povos contra a Real Lei de Sua Majestade, e a Bulla do Sumo Pontífice, respectiva à liberdade dos Índios, e contra as pessoas que concorreram para a publicação de ambas [...] valendo-se dos púlpitos para este iníquo fim.⁴²

Tais acusações foram refutadas pelo Reitor do Colégio do Pará, Padre Domingos Antonio que afirmou:

67. Os Padres Joaõ Daniel, e Joaquim de Barros, foraõ exterminados pelo titulo de sediciosos, como se pode ver no Decreto, que deixo copiado no princípio deste Capitulo. A esta impostura taõ grave, respondo, que eu por esse tempo naõ somente assistia na Cidade do Pará, mas também era Superior dos ditos Padres, e nunca me chegou aos ouvidos, nem ainda o mínimo rumor, de que pretendessem a tal sublevaçãõ.

68. E descendo mais em particular a cada hum dos Padres, digo, que o Padre Joaõ Daniel, depois de se recolher ao Collegio da Missaõ de Cumarú, somente prégou dois Sermoens, e sei de sciencia certa, que naõ continham período, ou palavra alguma, que podesse indusir, ou mover aquelles Povos à sublevaçãõ contra a Ley de Sua Magestade, e Bulla do Sũmo Pontífice, respectivas à liberdade dos Indios; nem taõ pouco contra as Pessoas de Suas Ex.^{as}, que concorreraõ para a publicaçaõ de ambas; por quanto ouvi o primeiro Sermaõ, ou Pratica, que foi pregada na Igreja do Collegio do Pará em huma das primeiras Sextas feiras da Quaresma de 1757., nem o dito Padre podia dizer nella cousa alguma contra a Ley das Liberdades que por esse tempo estava oculta, nem soube dela athe ao dia, em que se publicou; que no Pará foi a 28. de Mayo do mesmo anno: nem também tinha motivo para falar contra a Bulla, de cuja publicaçaõ futura naõ tinha noticia, que foi feita na Sé do Pará a 29. do dito mez de Mayo. Quanto mais, que a dita Bulla de Benedicto 14. Passada a 20. de Dezembro de 1741., assim antes, como depois desta sua publicaçaõ, em nada ofendia os moradores daquele Estado: por que os naõ privava, nem mandava privar dos seus legítimos escravos; e somente condemnava, e prohibia os injustos captiveiros, e outras injurias que se faziaõ aos ditos Escravos, donde naõ era matéria, em que se ateasse o fogo da Sediçaõ, e Sublevaçãõ.

69. O segundo Sermão foi pregado na Sé do Pará depois de feitas, e recebidas pacificamente as referidas publicaçoens, na Dominga infra Oitava do Corpo de Deos do mesmo anno; e eu o li primeira, e segunda vez, e naõ achei nelle o veneno, que se lhe átribue; e tambem o mandei rever pelo Padre Francisco Wolf da mesma Companhia, deputado para Revizor de semelhantes papeis, e tambem naõ descobriu nelle o crime que se lhe imputa, nem coisa alguma contra os bons costumes.⁴³

42 ANTONIO, Pe. Domingos S. J. "**Colleção dos Crimes e Decretos pelos quaes vinte e hum jesuítas forão mandados sahir do Estado do Gram-Pará, e Maranhão antes do extermínio geral de toda a Companhia de Jesus daquelle Estado**". Coimbra: M. Lopes de Almeida, 1947. p.40-41.

43 *Ibid.*, p.48-49.

Os dois trechos acima revelam, além do caso do padre João Daniel, um dos fatos marcantes da segunda metade do setecentos que é o do conflito entre a Coroa portuguesa e a Companhia de Jesus.

Não foi possível ter acesso ao conteúdo dos dois sermões do Padre João Daniel e confirmar sua sedição, ou não, mas mesmo com a defesa realizada pelo Padre Domingos Antonio, o jesuíta foi extraditado para Lisboa, partindo de Belém no dia 28 de novembro de 1757, encarcerado no Forte de Almeida, entre os anos de 1758 e 1762 para, finalmente, ser enviado para a Torre de São Julião onde morreu a 19 de janeiro de 1776, aos 54 anos.

Cinco décadas e meia de vida das quais quase quatro foram dedicadas ao trabalho missionário da Companhia de Jesus na qual entrou em 17 de dezembro de 1739, aos 17 anos. Nascido a 24 de julho de 1722, em Travaços, diocese de Viseu, sede de bispado, em 1741, chegou

[...] ao Estado do Maranhão do Grão-Pará com menos de vinte anos. Estudou Humanidades e Filosofia no Colégio Máximo de S. Luís. Esclarece o Padre Serafim Leite: "Em 1747 era aluno distinto de Física, estudante ao mesmo tempo de Teologia, porque em 1750, andava já no 4.º ano desta última faculdade, ainda irmão. Ordenou-se sacerdote este ano ou principio do seguinte, dado que no de 1751 se apresenta já como padre, entregue a ministérios sobretudo o Pará, percorrendo aldeias e fazendas. Na mais importante de todas, a Fazenda de Ibirajuba, Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, já em plena batalha, e enquanto esperava o exílio fez a profissão solene de quatro votos, a 20 de novembro de 1757".⁴⁴

Terminou seus dias, da mesma forma que vários outros irmãos, mas com um tratamento "especial" dedicado aos missionários que atuavam nas possessões ultramarinas. Após ter sido decretada a expulsão dos jesuítas, em 1759, de todo o Império Português, 1480 irmãos que viviam nas sete províncias (Lusitana, Brasil, Maranhão, Goa, Malabar, Japão e China) foram sistematicamente expulsos, extraditados e encarcerados. Os considerados mais influentes foram imediatamente presos nas fortalezas de São Julião da Barra, Azeitão, Junqueira e Almeida. Aqueles vistos como mais perniciosos foram os provinciais, reitores, confessores régios e todos os missionários estrangeiros, sem exceção, que se encontravam nas colônias portuguesas.

Dos presos, de duzentos e vinte e dois, cerca de oitenta tiveram o mesmo destino que João Daniel e morreram na prisão. Em 1767, foram libertados trinta e

44 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.13.

nove, que se juntaram aos seus companheiros de Itália, mas nenhum missionário do Grão-Pará e Maranhão ganhou o indulto.⁴⁵

A vida de João Daniel se confunde com a história de conflitos entre a coroa portuguesa e a Companhia de Jesus no século XVIII, cujo ápice foi a expulsão da Companhia de Portugal em 1759 e a extinção da mesma em 1773, pelo Papa Clemente XIV. Seu apostolado na Amazônia ocorreu durante o período no qual reinou D. José I, também conhecido como período pombalino.

Com a coroação de D. José I, Rei de Portugal, em 7 de setembro de 1750, foi nomeado para ser seu Secretário de Estado da Guerra e dos Negócios Estrangeiros Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Conde de Oeiras e Marquês de Pombal. O futuro Marquês adquiriu prestígio pelos trabalhos realizados como embaixador do Rei Dom João V em Londres e, posteriormente, em Viena, na Áustria. Reconhecendo o seu valor, Dom José o nomeou para que, dentre outras atribuições, realizasse as tão urgentes reformas em vários setores do reino, dentre os quais os relacionados à política ultramarina. Segundo Falcon,

Desde o seu início, a partir das primeiras providências então tomadas, evidenciaram-se as "disposições" do novo governo: a reorganização e reforço do aparelho do Estado; a pronta recuperação dos créditos coloniais pela desobstrução dos canais burocráticos que tolhiam a circulação comercial e a arrecadação fiscal.

O primeiro decênio do governo pombalino caracterizar-se-ia assim pela política então posta em prática, votada de maneira firme e inabalável à eliminação sistemática de todas as formas de oposição ao poder do Estado absolutista. Tal determinação, que logo iria despertar nos seus contemporâneos a imagem do despotismo pessoal mais violento, veio a ser o traço distintivo desse período, acompanhado, como de fato ele o foi, pela correção dos abusos e modernização da estrutura administrativa efetuadas a partir de uma centralização de decisões em escala crescente.⁴⁶

45 TRIGUEIROS, A. J. L. "O negócio jesuítico" e o papel da política regalista portuguesa. **Brotéria**, v.169, p.149-169, 2009.

46 FALCON, F. J. C. **A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada**. São Paulo: Ática, 1982. p.374.

Em relação à Amazônia, criou um novo modelo de colonização baseado nos seguintes aspectos: a redefinição da estrutura político-administrativa; o problema da liberdade, civilidade e dignificação social dos índios; a questão religiosa e o conflito com os jesuítas; o repovoamento com colonos, índios e negros africanos; o fomento da atividade econômica; a afirmação episcopal; a reorganização da defesa, associada à questão da demarcação dos limites do Brasil Setentrional; a fundação de novos povoados e a aceleração do processo de municipalização.⁴⁷

Em praticamente todos os aspectos citados e relativos ao norte da América portuguesa, o sucesso das reformas dependia da capacidade de anular a presença constante da Igreja, representada de forma majoritária pela Companhia de Jesus. O Estado absolutista, de filiação iluminista e regalista que Pombal pretendia consolidar no Império Português, não tinha muito espaço para outro poder além do pertencente ao monarca. A Igreja Católica e, principalmente, a Companhia de Jesus, presente em todo o império colonial, tinha a hegemonia na formação intelectual e cultural dos súditos portugueses e representava um poderoso obstáculo às pretensões pombalinas. Em outras palavras, caberia ao diretamente responsável pela execução destas reformas na Amazônia combater o "negócio jesuítico". Era dessa maneira que Pombal e seguidores denominavam as atividades jesuíticas nas colônias.

Assim, o principal secretário do Rei, autêntico "primeiro-ministro", agiu firmemente para que a implantação e execução de suas reformas atingissem os resultados esperados e, no caso da Amazônia, nomeou como governador alguém que, além de experiência militar na colônia fosse da sua mais estrita confiança, seu irmão Francisco Xavier Mendonça Furtado:

D. José, por graça de Deus, Rei de Portugal, etc.
Faço saber aos que esta minha carta-patente virem que, tendo consideração aos merecimentos e serviços que concorrem na pessoa de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e esperar dele que, em tudo o de que fôr encarregado do meu serviço, se haverá com satisfação, hei por bem de o nomear (como por esta nomeio) no cargo de Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão, para que o sirva por tempo de três anos e o mais enquanto lhe não mandar sucessor, [...] sendo pago na forma da Provisão de 27 de março de 1721 que mandei passar sobre este particular, e gozará de todas as honras, privilégios, liberdades, isenções e franquezas, e proeminências que em razão do dito cargo lhe pertencerem pelo que mando ao meu Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão ou a pessoa que o

⁴⁷ Ver SANTOS, A. C. de A. **Para viverem juntos em povoações bem estabelecidas**. Tese (Doutorado Policopiada) - UFPR, Curitiba, 1999. e SILVA, J. M. A. e. **O modelo pombalino de colonização da Amazônia**. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/iheu/artigos/modelopombalino>>. Acesso em: 21 out. 2013.

estiver governando, dê ao dito Francisco Xavier de Mendonça Furtado posse do dito governo, e aos oficiais de Guerra, Justiça e Fazenda de todo aquêlê Estado, ordeno também que em tudo lhe obedeam e cumpram suas ordens e mandados.⁴⁸

A reforma político-administrativa empreendida por Mendonça Furtado começou pela mudança da capital do estado de São Luís do Maranhão para Belém do Pará e pela inversão do nome, passando a designar-se Estado do Grão-Pará e Maranhão. Seu território equivalia a atual Amazônia brasileira mais os Estados do Tocantins, Maranhão e Piauí. Imenso território que

pricipiando no mar oceano e correndo contra o sul pela serra da Ibiapaba, voltando contra oeste pelas minas de São Felix e Natividade (Rio Tocantins), continuando pelas largas terras ate Mato Grosso, e vindo pelo que hoje possuimos, continuando a buscar outra vez o norte, compreendendo parte dos rios Sararé, Madeira, Negro, Solimões, Amazonas, e as campinas e matas que ficam até o rio de Vicente Pinzón, no Cabo do Norte, compreendem mais de 1.500 léguas de sertões cheios de preciosíssimos terrenos.⁴⁹

Outra missão do novo governador era a de dar continuidade à aplicação do Tratado de Madrid que estabelecia as novas fronteiras entre os territórios espanhóis e portugueses na América do Sul. Pelos termos do tratado, Portugal perderia a colônia de Sacramento em troca de uma área na Amazônia e outra onde hoje estaria localizada a parte oeste do Rio Grande do Sul. No entanto, nesta área estavam localizadas as *Sete Missões Guaranis* com cerca de cem mil índios vivendo em reduções jesuítas. Embora vivendo formalmente sob as leis espanholas os missionários divergiam em relação à coroa sobre a escravização dos chamados *naturaes*. Ao longo dos séculos XVI e XVII a posição da Companhia de Jesus era de que os índios não deviam ser escravizados, mas, sim, convertidos e civilizados dentro dos padrões culturais europeus e católicos.

Pelo Tratado de Madri, os jesuítas espanhóis foram obrigados a transferir suas missões para a região que hoje pertenceria ao Uruguai, onde iniciaram uma resistência feroz. No ano de 1754, eles deflagaram a Guerra Guaranítica, conflito em que indígenas e religiosos jesuítas foram derrotados, após dois anos de disputas.

48 MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **A Amazônia na Era Pombalina**: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-1759. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963. p.39.

49 *Ibid.*, p.63-78.

Esta posição de resistência e, se necessária, armada, contaminou todas as missões jesuítas espalhadas de norte a sul da colônia brasileira.

Ao assumir o Estado do Grão-Pará e Maranhão, Xavier de Mendonça Furtado foi encarregado de chefiar a Comissão de Demarcação do Norte, tarefa esta que também encontrou uma posição nada favorável por parte dos missionários da Companhia de Jesus. De acordo com a interpretação de Jorge Couto,

Aos focos de atrito já existentes entre o capitão-general e os inacianos a propósito dos poderes temporais vieram adicionar-se os problemas suscitados pela criação e funcionamento da Comissão de Demarcação de Limites do Norte. Os preparativos para a expedição ao rio Negro, o ponto de encontro dos comissários portugueses e espanhóis, tornavam imprescindível o recurso aos indígenas que eram controlados pelas ordens religiosas, sobretudo pela Companhia de Jesus. Esta resistiu denodadamente à cedência de índios para o serviço régio, provocando graves dificuldades à organização da missão. Entre os finais de 1752 e Outubro de 1754, Mendonça Furtado enviou repetidos relatórios para Lisboa em que sublinhava a falta de colaboração daqueles regulares, os obstáculos que colocavam à cedência de homens e de canoas e o monopólio que exerciam sobre a mão-de-obra e o comércio no Estado do Grão-Pará e Maranhão. Quando o comissário régio chegou, a 9 de Outubro de 1754, à aldeia jesuíta de Guaricurú (Melgaço), uma das mais populosas do sertão, encontrou-a quase deserta, verificando-se idêntica situação em Aracurá (Portel). No entanto, a expedição encontrou bom acolhimento nas aldeias administradas pelos carmelitas. Os jesuítas, receosos de que a atividade da comissão demarcadora das fronteiras provocasse interferências estatais nas missões, consentiram ou promoveram as deserções dos índios e, desobedecendo às instruções régias, sonegaram os braços e os víveres requeridos pelas autoridades. Mendonça Furtado queixou-se vivamente aos três secretários de Estado da falta de cooperação e da desobediência dos religiosos (os jesuítas) às ordens do governo de Sua Majestade e do seu mais categorizado representante.⁵⁰

A este e outros focos de atrito podemos acrescentar os que envolviam a disputa pelo poder e pela riqueza da região habilmente explorada pelos missionários. Os inacianos controlavam extensas propriedades, numerosas missões onde exerciam o poder espiritual e temporal. Utilizavam a mão de obra indígena, possuíam capitais e poder invejáveis. Na ilha de Marajó, por exemplo, pastoreavam mais de cem mil cabeças de gado, produziam cana-de-açúcar e controlavam o comércio das chamadas *drogas do sertão* como o cravo, o cacau e a canela, dentre outros produtos, que faziam circular por uma frota de canoas até as margens do Atlântico onde eram armazenados em depósitos próprios. Em Belém, os jesuítas comerciavam diretamente com capitães dos navios e comissários portugueses. Possuíam isenções alfandegárias,

50 COUTO, J. O Brasil Pombalino. **Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas**, Lisboa, n.15-16, p.59, 2003.

privilégios e administravam com racionalidade um sistema mercantil complexo e bem capitalizado.⁵¹

Havia por parte de Pombal o interesse e a necessidade de melhorar a produção, a produtividade e a arrecadação econômica na colônia e principalmente nas capitanias do Norte da América Portuguesa. Este movimento de modernização e racionalização econômica inevitavelmente chocou-se contra os interesses dos jesuítas em manter seus privilégios.

Em sete de junho de 1755, foi criada a Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão que, dentre outras mudanças, retirou dos jesuítas o predomínio das atividades comerciais na foz do rio Amazonas. Em abril de 1755, foram concedidos privilégios especiais aos portugueses que constituíssem famílias com as nativas. Em 6 de junho, outro instrumento legal concedeu aos índios o direito de possuir bens e praticar o comércio. Além destas medidas, no mesmo dia em que a Companhia Geral de Comércio foi criada, D. José baixou a lei que proibia as ordens religiosas de administrar justiça e governo temporal nos povoados indígenas.

Sobre a criação da Companhia Geral de Comércio assim se refere Couto:

A 7 de Junho de 1755, D. José I assinou o Alvará que confirmava a instituição da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, a quem foi concedido, pelo prazo de vinte anos, passível de prorrogação, o monopólio das rotas comerciais de São Luís do Maranhão e de Belém do Pará. Até à data da sua extinção, ocorrida a 5 de Janeiro de 1778, a Companhia desempenhou um importante papel no desenvolvimento da economia nortenha. A sua actividade contribuiu para intensificar a exportação de madeiras e drogas do sertão (cacau, canela, cravo, salsaparrilha, baunilha, canafístula, quina, etc.), incrementar a criação de gado e fomentar a agricultura comercial (plantações de algodão, arroz, tabaco e café). A concessão de crédito aos lavradores permitiu estimular significativamente a produção desses bens. Assim, decorridos cerca de quatro anos, o Maranhão exportou as primeiras 651 arrobas de algodão. A preocupação com a competitividade das mercadorias que exportava levou a Companhia a introduzir no Pará, em 1773, o arroz branco, oriundo da Carolina, em substituição do arroz nativo (de película vermelha), devido à maior aceitação que a primeira espécie encontrava no mercado europeu. A atividade da Companhia contribuiu, em suma, para aumentar o volume global das exportações do estado do Grão-Pará e Maranhão, para promover a melhoria da qualidade dos seus produtos e, ainda, para diversificar o leque das suas culturas.⁵²

51 MAXWELL, K. **O Marquês de Pombal**. Lisboa: Presença, 2001. p.76-77.

52 COUTO, J. O Brasil Pombalino. **Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas**, Lisboa, n.15-16, p.65, 2003.

As medidas tomadas contribuíram para o desenvolvimento econômico da região, mas, ao mesmo tempo, desagradaram os interesses dos jesuítas que, quase um semestre antes do Terremoto de Lisboa, revoltaram-se na região norte do Brasil. Notícias vindas do ultramar relatavam sobre padres armados de canhões portáteis, escondidos nas profundezas da selva amazônica e capitaneando índios hostis e prontos a darem suas vidas pela Ordem. A estas notícias mais drásticas somaram-se aquelas que comunicavam a confiscação de todos os objetos de culto das Igrejas controladas pelos inicianos e manifestações de desagravo em São Luís e Belém do Pará. Em Lisboa, o padre Manuel Ballester ameaçava com o fogo do inferno os acionistas da Companhia Comercial, além do que o procurador dos jesuítas, padre Bento da Fonseca, em conjunto com comerciantes descontentes, apresentou uma petição ao monarca solicitando a imediata anulação da criação da mesma companhia.⁵³

A reação de Pombal foi pronta e enérgica. Ballester e Bento da Fonseca foram desterrados da capital portuguesa. Quatro jesuítas revoltados vieram desterrados da América para Portugal e chegaram no dia seguinte ao terremoto de Lisboa. A crescente animosidade entre o secretário do Rei e os inicianos teve uma pequena interrupção com a tragédia que assolou o reino em 1755, mas, dois anos depois, foram promulgadas leis que concediam total liberdade e independência dos índios que habitavam as missões dos jesuítas. O caminho estava dado e duzentos anos após a chegada de Manoel Nóbrega à Bahia, na frota de Tomé de Souza, a missionação jesuítica no Brasil, nos moldes em que tinha sido criada no século XVI, chegava ao fim.

⁵³ REAL, M. Padre Gabriel Malagrida e o Marquês de Pombal. **Brotéria: Cristianismo e Cultura**, Lisboa, v.169, p.175, ago./set. 2009.

João Daniel viveu o auge e o fim do empreendimento missionário na Amazônia e sua vida confunde-se com este processo histórico. Eduardo Gusmão de Quadros⁵⁴, ao analisar a obra deixada pelo jesuíta, a considera uma resposta a este contexto histórico, mais especificamente, às mudanças provocadas pelo Diretório pombalino. Segundo este historiador,

Padre Daniel discordava das leis implementadas por Mendonça Furtado, apesar de muitos desses princípios estarem presentes em sua obra. Acabou por ser preso e extraditado, em 1757 antes da Carta Régia que expulsou todos os jesuítas da América Portuguesa. Ficou aprisionado até sua morte, ocorrida em 1776, na Fortaleza de São Julião. A obra redigida durante este período de cadeia, além de uma reação às acusações contra a Companhia de Jesus, trás um projeto de exploração da Amazônia alternativo àquele articulado pela Coroa.⁵⁴

Não há porque discordar de Quadros. A política pombalina afetou diretamente a vida de João Daniel e de milhares de jesuítas e o fato do *Tesouro Descoberto* ter sido escrito no cárcere pode qualificá-lo como uma peça de resistência com toda a carga dramática inerente à estas situações. Existe um trecho no qual, ao relatar as dificuldades de elaboração do material, João Daniel lamenta:

faltam-me as notícias por me faltarem os livros, onde os curiosos as poderão ler, enquanto eu gemendo e chorando opresso com o peso da minha cruz, submergido, e enterrado vivo no funesto sepulcro e subterrânea cova da minha prisão vou pedindo a Deus piedade, e misericórdia; e que com a sua se digne santificar a minha cruz.⁵⁵

Mas engana-se quem pensa que o tom de toda a obra é o de uma espécie de literatura hagiográfica. Muito pelo contrário, este lamento em 1.^a pessoa, citado acima, é raro em toda a obra e, concordando com Quadros, de forma geral, o tom é muito mais o de uma literatura empenhada, isto é, uma produção literária na qual o autor deseja assumir posição em face dos problemas e que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas para expressar suas

54 QUADROS, E. G. de. **Luzes e sombras sobre a alma nativa**: dois jesuítas expulsos da Amazônia. [s.n.t.]. p.2.

55 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.37.

convicções ou sua visão da realidade. Porém, antes de discorrer sobre a composição da obra é importante resgatar um pouco da sua trajetória peculiar.⁵⁶

João Daniel escreveu o *Tesouro Descoberto no Rio Amazonas* com 766 páginas manuscritas em dois volumes e seis partes. Por obra do acaso ou, talvez, pela qualidade do conteúdo, os manuscritos acabaram fazendo parte do acervo da Real Biblioteca Pública da Corte em Portugal. No entanto, das seis partes, as cinco primeiras vieram com a família real para o Brasil em 1808 e compuseram o acervo da futura Biblioteca Nacional. A sexta parte ficou na biblioteca do Arcebispado de Évora.

Em 1821, com o retorno da família real a Portugal, as cinco primeiras partes dos manuscritos poderiam ter sido levadas de volta, assim como vários outros manuscritos, por D. João VI. Mas isto não ocorreu e pelo zelo do Bispo José Joaquim de Azeredo Coutinho, a quinta parte dos manuscritos foi editada em 1820. A sexta parte, descoberta posteriormente, ficou depositada em Évora e só foi microfilmada tempos depois.

Em 1840/41, Francisco Adolfo Vanhagen, apaixonado pela obra, patrocinou a publicação da segunda parte e, em 1878, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) publicou a sexta parte, tornando acessíveis os originais de Évora ao público brasileiro. Na verdade existem duas versões da 5.^a parte, uma no Brasil, pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional e outra em Évora. A versão brasileira difere totalmente da versão localizada em Portugal, mas não existem dúvidas de que foram escritas pelo mesmo autor. Ambas foram publicadas na edição de 1975 pela Biblioteca Nacional. Em 2004, foi realizada uma reedição, revista, pela Editora Contraponto, do Rio de Janeiro.

Não se sabe se João Daniel escreveu todos os manuscritos durante o cárcere ou se trouxe alguns rascunhos ou anotações na sua bagagem do Brasil. Esta dúvida foi gerada pelo tamanho do trabalho e pela riqueza e detalhes das informações que são apresentadas ao leitor. Se forem fruto apenas da memória, indicam um autor prodigioso, mas, o provável é que se trata de um projeto de vida iniciado no Brasil – se não escrito, pelo menos pesquisado na colônia – e que contou com a ajuda de outros irmãos presos com ele em Portugal como dá a entender o seguinte trecho onde o jesuíta escreve sobre o plantio do algodão:

⁵⁶ O conceito de literatura empenhada é desenvolvido por Antonio Candido. Ver: CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.249-50.

E tem o algodão da América, e a sua planta tanta ventaja sobre o algodão da Índia e da China, e da maior parte, ou de toda a Ásia, como tem quase o dia à noite assim o confessou um religioso chinês, que também para aqui veio preso, e o con[fir]maram outros missionários europeus, que lá trabalhavam na vinha do Senhor e o viram com seus olhos.⁵⁷

São muitas as referências a autores, livros, mapas, literatura clássica e também contemporânea como, por exemplo, as de La Condamine: "tão bem do fenômeno pereroca, que tem na sua foz o Rio Amazonas e Vicente Pinçón, digno por certo de ser contado nas Histórias, como cousa rara e portento da natureza, daremos adiante alguma notícia, posto que já nos livros ande, especialmente no Diário de Monsieur Condamine" ou,

só o Rio Tocantins tem povoações nas suas cabeceiras; e por isso dele já ha mais notícias, sendo que na maior *longitud* do seu curso, ainda também está despovoado, como acima dissemos. Mas do Tocantins podem ver, e inferir os leitores, quanto se poderia dizer dos mais, se deles tivéramos as notícias necessárias. Algumas, que já andam pelos livros, podem vê-las os curiosos nos autores que já escreveram, e descreveram o Amazonas, como são os Padres Acosta, Rodrigues, Iris, Bentendorf, todos jesuítas. Berredo, Condamine, e muitos outros seculares.⁵⁸

O resultado final deste "projeto de vida" é um amplo retrato da Amazônia onde se mesclam os discursos do cronista da Ordem, do historiador, do etnógrafo, do geógrafo, do naturalista que formam, como afirmam alguns estudiosos, um saber enciclopédico sobre o norte da América portuguesa do setecentos. Sobre esta "enciclopédia de "saberes regionais", Neto afirma:

As informações que aparecem nas obras de João Daniel podem ser correlacionadas a um ideário Iluminista que saía em defesa dos "pais fundadores" da Moderna Ciência, mesmo que não exposta de forma clara e objetiva. Em suas reflexões ou afirmações – sobre a natureza terreal – estão presentes o misto de magia e erudição clássica, este último, dado pelo excesso de rigor na aplicação do conhecimento dos textos antigos, ao mesmo tempo em que nas indagações e dúvidas aparecem os resultados de informações que estavam colocando em xeque certezas seculares. Como a afirmação de Daniel ao se referir as pragas como bernes e bicheiras e não por conta de ares pútridos ou humores desequilibrados. Resultante das observações e preocupações do período que, como padre missionário, andou pelas Fazendas e Aldeias do Grão-Pará (1751-1757), a obra do Jesuíta padre João Daniel tem preparação e continuidade no cárcere

57 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.386.

58 *Ibid.*, p.37 e p.49.

contando com sua memória. Pode-se considerá-la, uma extensa monografia sobre a Amazônia. Acrescida de vários aconselhamentos, contempla a Amazônia sob vários aspectos, com detalhe informa a geografia do rio Amazonas e seus afluentes, a história, a população incluindo o desenvolvimento da ocupação econômica da Amazônia, sua flora, sua fauna, costumes e usos dos moradores.⁵⁹

Mas a visão de conjunto fica em segundo plano em relação às descrições e comentários que são feitos em relação ao Rio Amazonas. Seus inúmeros afluentes que formam a imensa bacia hidrográfica fazem dele, na narrativa do Padre Daniel, um gigante comparável ao grande Briareo da antiguidade clássica. Diz o Padre:

Se do grande Briareo diziam os poetas ser gigante de cem braços, porque a tantos equivalia nas agigantadas forças, com mais verdade podemos chamar gigante de cem braços ao Amazonas, porque tantos, e mais estende pelo centro da terra dentro nos muitos rios, que recebe. E porquanto seria cousa dificultosa descreve-los todos, e tio bem escusada, por serem quase todos semelhantes, só diremos de alguns mais principaes.⁶⁰

Gigante de cem braços, ou bicho de duas cabeças, dois braços e uma cintura, o Amazonas, ser antropomórfico, é prenhe de lendas, mistérios, seres fantásticos, mas, é também, pacato e pacífico:

Disputam alguns autores qual seja a sua própria fonte, e nascimento: porque lhe assignam dous braços: um vem de Norte, e nasce perto da cidade de Loxa no Reino de Quito. Outro braço sae do Sul, e tem as suas cabeceiras na grande Lagoa Laurixoca, que está em dez graos austraes, a leste de Cusco, e a nordeste de Lima, uma, e outra cidade do Peru. É maior este braço, e tem na Lagoa Laurixoca maior fonte: por isso merece em tudo as primazias para ser fonte do Amazonas, e primeiro berço deste grande gigante, o que é hoje e indisputável nos historiadores e geógrafos. Ainda que, se há bichas de sete cabeças, não é muito que este mar natante seja bicha de duas cabeças e gigante de dous braços.

[...] Tem uma singularidade o Rio Amazonas, que não será fácil descobrir-se segunda em algum outro rio, ainda dos mais famosos do mundo, e é que contando tanto mundo no seu dilatado curso, não tem em tanto espaço alguma cachoeira, que tão bem nisto se mostra singular a todos, e para nos intimar que quem nasce para ser grande no mundo, não deve ser arrebatado em catadupas, mas muito pacato, e pacifico, como é o grande Amazonas. Só na altura de [ilegível] tem um estreito, ou aperto, a que os naturaes chamam Pongo, que quer dizer porta, onde o Amazonas com ser

59 NETO, J. P. As sevandijas da Amazônia: o jesuíta João Daniel e a descrição de parasitas na América Portuguesa do século XVIII. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4., 2009, Maringá-PR. **Anais...** Maringá, PR: UEM/PPH/DHI, 2009. p.4461. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais-on-line.html>>. Acesso em: 15 out. 2013.

60 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.34.

gigante se vê em taes apertos que não podendo desfazer em pedaços as suas colateraes constantes rochas, como envergonhado, foge de si mesmo, e pela sua muita velocidade neste Pongo, que propriamente se pode chamar garganta do Amazonas, é dificultosa a sua navegação para cima por espaço de três légoas, que para baixo se navegam em poucos minutos sem mais mestria, que segurar bem o leme.⁶¹

Este rio que às vezes, com vergonha, foge a si mesmo, ao encontrar as águas do Atlântico, se transforma num exército medieval, capaz de com suas fileiras consumir o mundo. O pacato e pacífico Amazonas vocifera roncões, urros e bramidos numa construção literária na qual o descritivo se sobrepõe ao narrativo criando uma tensão especial, artifício este que também está presente em várias outras partes dos dois volumes:

Vi, e observei no Estado do Pará, o célebre e medonho fenômeno da peroroca, bem que no seguro da terra, e no alto palanque de uma ribanceira: e não acho melhor semelhança para dela se formar algum conceito, do que um exército de cavaleiros em bravos, e indômitos cavalos vomitando cóleras em espumas, e vociferando roncões, correndo à desfilada pelo mar: mas tão iguais, uniformes, e bem formados como, ou melhor, que os mesmos militares; com tal braveza que se apanham qualquer embarcação, ainda que seja o mais potente navio, o fazem ir imediatamente em hastilhas, e pedaços. Os seus grandes urros, e bramidos fazem aturdir os ouvidos e arrepiar os cabelos, a quem nas praias, digo ribanceiras da terra a esta vendo: e ainda nas mesmas bordas, praias e ribanceiras dão tais açoites, como se as quisesse desfazer, e consumir. Ordinariamente vão estas alteradas ondas, ou espumantes cavalos em duas, ou três fileiras; mas ordinariamente tem diferença umas das outras: no Rio Guama são três. Quanto menos profundos são os rios, tanto mais se exasperam: umas vezes dão volta atrás por algum bom espaço, e depois tornam a prosseguir a sua marcha: outras vezes se aparta uma fileira para uma banda, e outra para a outra banda a combater os baixos, e bordas, e depois fazendo novo quarto de conversão correm a reunir-se com a primeira, que tem ido prosseguindo a sua carreira. E nestas voltas, revoltas, ou viravoltas vão correndo e assombrando tudo, até pouco a pouco fenecerem.⁶²

A obra é fonte riquíssima de informações para a elaboração de várias histórias da Amazônia setecentista, história da saúde e da medicina, da alimentação, da agricultura, militar, da arquitetura, da navegação, da geografia, da fauna, da flora, dos jesuítas e, em pleno século XVIII, daquilo que hoje chamamos ecologia:

Até agora disse algumas providências necessárias para haver abundância de pescado nas cidades, e povoações; agora apontarei outras providências necessárias para haver abundância de peixe nos rios. Faz admirar a brevidade

61 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.28-29.

62 *Ibid.*, p.50.

com que se fazem estéreis de peixe muitos rios nos estados do Amazonas, que poucos anos antes eram abundantíssimos!

Basta fundar-se alguma povoação sobre a margem de algum rio abundantíssimo de pescado, para brevemente ficar estéril. Que digo eu, povoação? Bastam cultivar-se com alguns sítios as suas margens, para brevemente haver neles carestia de peixes; sendo na Europa, e muitas outras regiões, onde os rios e mares são totalmente povoados, e têm nas suas margens cidades populosíssimas, e tão antigas como o Dilúvio, ou pouco menos que o tempo do patriarca Noé, e cujos mares todos os dias andam povoados de inumeráveis pescadores e, contudo ainda o pescado é com a mesma abundância, e nas praças há a mesma fartura que nos seus princípios. E se buscarmos a causa original desta diferença acharemos, e assim o confessam os mesmos moradores, que é o uso e abuso dos timbós, e mais venenos de que costumam usar na pescaria; há também o bagaço das canas-de-açúcar que os senhores de engenho costumam deitar nos rios. A experiência o tem mostrado, porque os rios povoados logo ficam estéreis, e não há outra causa a que atribuir esta esterilidade senão aos venenos, e ao bagaço da cana. Quando aos venenos do timbó, sabem todos que basta trosquiçar em algum lago, ou riacho, uma vez, para já o peixe não entrar nele por alguns dias, além de morrer todo o peixe, que na ocasião do timbó há dentro, ou seja o peixe grande, ou miúdo, e continuando por alguns outros dias a bater o timbó se faz estéril por muito tempo, e assim sucede aos mais rios.⁶³

A obra, no seu conjunto, aproxima-se do "espírito enciclopédico" da época e discorre sobre vários aspectos da Amazônia, no entanto, em nenhum momento, separa-se do combate missionário e do objetivo de salvar as almas dos povos indígenas seja pela conversão, seja pela educação.

O missionário torna-se assim, depositário de conhecimentos, práticas culturais, estabelecidas em uma região que pode ser entendida como "zona de contato", tal como teoriza Mary Louis Pratt⁶⁴, os quais reforçam um determinado imaginário sobre a região que, para o bem ou para o mal, ainda persiste atualmente. Suas viagens, seus registros e sua divulgação, contribuíram, de uma forma ou de outra, para a consolidação de

certas percepções acerca do Novo Mundo, as quais, como bem sabemos, tiveram vida longuíssima na cultura ocidental, desempenhando, inclusive, um papel sobremodo importante na maneira como nós, habitantes da América Austral, construímo-nos a nós próprios.⁶⁵

63 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.2. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.206.

64 Ver , M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

65 FRANÇA, J. M. C. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**: antologia de textos (1591-1808). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: UNESP, 2012. p.12.

1.3 O VIGÁRIO VIAJANTE

Vinte e dois anos após o nascimento do francês La Condamine e um ano e quatro meses após o nascimento do português João Daniel, nasceu o brasileiro José Monteiro de Noronha, batizado no dia 23 de novembro de 1724, na cidade de "Belém do Gram-Pará". Filho de Domingos Monteiro de Noronha, capitão de infantaria de ordenança da Companhia da Nobreza da Capitania do Pará e senhor de um engenho real no rio Moju, José Monteiro de Noronha frequentou o Colégio Jesuíta de Santo Alexandre, sede da Companhia de Jesus na cidade de Belém e, após a expulsão dos jesuítas em 1759, o palácio dos bispos da cidade.

No Colégio Santo Alexandre,

Depois de completar os cursos de Latinidade, Philosophia Racional, Physica, Theologia Especulativa e Moral, Elementos de Geometria, etc., chegou a tão grande credito litterario, que os Padres, com quem estudára, fizeram todos os possíveis esforços para o attrahirem a seu grêmio vestido na roupeta de Sancto Ignacio; porém Monteiro, resistindo a tantos convites, regressou á casa paterna; e passado algum tempo casou-se com D. Joanna Maria da Veiga Tenorio, irmã do Padre Mestre Fr. João da Veiga, benemérito Religioso da Ordem de N. S. das Mercês do Gram-Pará.⁶⁶

Após casar, atuou como advogado, Vereador do Senado da Câmara e Juiz de Fora e "exerceu as funções do poder judicial no Cível Crime e Orphãos"⁶⁷. Com a morte da esposa, em 1754, tornou-se padre e assumiu as funções de presbítero para, seis anos depois, em 1760, ser nomeado pelo bispo Dom Frei Miguel de Bulhões, Vigário Geral da Capitania de São José do Rio Negro.

Do mesmo modo que o Padre João Daniel, José Monteiro de Noronha teve sua vida afetada diretamente pelas reformas da chamada "era pombalina", ocorridas na Amazônia na segunda metade do século XVIII. A Capitania de São José do Rio Negro, criada em 11 de junho de 1757, tinha o objetivo de racionalizar a administração e controlar melhor o imenso território amazônico. Como sede da nova capitania foi escolhida a antiga aldeia Mariuá, rebatizada de Barcelos, localizada no

⁶⁶ BARBOSA, J. da C. Biografia: José Monteiro de Noronha. **Revista Trimestral de História e Geografia**, Rio de Janeiro, v.2, p.259, 1840.

⁶⁷ BARBOSA, J. da C. Biografia: José Monteiro de Noronha. **Revista Trimestral de História e Geografia**, Rio de Janeiro, v.2, p.259, 1840.

médio rio Negro. A capital Barcelos recebeu cuidados especiais e teve como urbanista responsável o mesmo arquiteto que embelezou a Belém do Pará setecentista, o italiano Antonio Landi. Antônio Landi participou ativamente do plano de expansão da soberania política da coroa, equipando as vilas e cidades fundadas com marcos do poder local que conferiam aos lugares personalidade política semelhante aos seus equivalentes do Reino. Tais marcos eram os pelourinhos e as casas da câmara e cadeia. Também foi responsável por palácios e sedes de governo, marcos simbólicos do poder metropolitano. Em Barcelos expandiu seu projeto civilizatório de inspiração iluminista construindo a estrutura necessária para acomodar as autoridades portuguesas e causar boa impressão nos integrantes da expedição responsável pelo trabalho de demarcação das fronteiras definidas pelo Tratado de Madri.⁶⁸

Em 16 de abril de 1783, José Monteiro de Noronha tomou posse da cadeira de Arcipreste da Catedral do Pará e em outubro de mesmo ano assumiu o posto de Vigário Capitular do seu bispado. Em 19 de julho de 1790, tornou-se governador do bispado pela retirada para Lisboa do bispo Dom Frei Caetano Brandão. Faleceu no dia 15 de abril de 1794 e foi enterrado na igreja dos Padres Mercedários.⁶⁹

Foi como Vigário Geral que, segundo João Manuel Pereira da Silva Silva, no seu *Dicionário biográfico de brasileiros ilustres* "escreveu um importante roteiro, ou taboada itineraria sobre a navegação dos rios do Pará"⁷⁰. O termo "taboada" utilizado por Silva é bem apropriado para a caracterização geral da obra, pois se por taboada se entendia aquilo que os matemáticos chamavam "huns cálculos necessários para as operações Geometricas, & Astronomicas"⁷¹ este é o sentido geral do roteiro escrito por José de Noronha, isto é, um guia de viagem pelo sertão amazônico com o objetivo claro de auxiliar os viajantes em suas andanças pela região e, ao mesmo tempo, trazer informações matemáticas, quantificadas, de localização geográfica.

68 SOUZA, M. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

69 SILVA, M. F. D. da. **Dicionário biográfico de brasileiros célebres**: nas letras, artes, política, filantropia, guerra, diplomacia, indústria, ciências e caridade, desde o ano 1500 até os nossos dias. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1871. p.136.

70 *Ibid.*, p.135.

71 BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v. p.9. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

Como afirma Domingues, o *Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da província*,

[...] foi elaborado pelo autor com o propósito de guiar os viajantes pelos rios do sertão amazônico, as capitanias do Pará e Rio Negro compreendidas, e assim fornecer-lhes informações gerais, úteis e concisas, mas importantes, práticas e precisas sobre a constituição do labirinto hidrográfico amazônico, tipos de ocupação e locais de povoamento, ligações entre rios, furos e igarapés, comunicações com outras regiões e países, rotas a seguir para uma melhor brevidade e segurança de viagem, dificuldades e perigos de navegação e formas de os contornar.⁷²

Se La Condamine é, ao mesmo tempo, cientista e herói do seu relato e o Padre João Daniel um enciclopedista da Amazônia e seus tesouros, José Monteiro de Noronha é um representante mais sóbrio e reservado. Sua escrita, marcada pela objetividade, é muito mais informativa, quantificada, precisa, do que poética. Resultado das inúmeras viagens que realizou pela capitania do Rio Negro, no final da década de 1760, o roteiro é síntese que atenderia tanto a necessidade imediata dos viajantes como a de relatar aos seus superiores "o estado das coisas" na região da nova capitania.

Assim, lugares, povoados, vilas e freguesias são citados, num total de 91 referências, sempre com sua localização e acidentes geográficos que funcionam como marcos a guiar o viajante:

A villa de Collares está situada em uma ilha contígua á costa, que vai do Pará para a ponta da Tigioca, distante da nomeada cidade pela mesma costa 9 legoas. O lugar de Porto Salvo está dentro de um canal de pouca largura, e distante da villa de Collares duas legoas e meia pelo rumo de Leste. O lugar de Penha Longa está acima do lugar de Porto Salvo duas legoas. A villa da Vigia está sobre a costa detrás de umas ilhas, e longe do lugar de Porto Salvo duas legoas no rumo de Norte 4.a de Nordeste. A villa nova d'El-Rei, está dentro do rio Cruçá, distante da villa da Vigia pela costa, oito legoas no rumo de Leste. Pelo mesmo dista a villa de Cintra da villa nova d'El-Rei seis legoas, e está fundada no rio Maracaná á parte direita por elle acima longe da sua barra que é no oceano trez legoas.⁷³

72 DOMINGUES, A. Reedição de fontes para quê? Algumas reflexões em torno de um roteiro de viagem pela Amazônia luso-brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas**, Belém, v.4, n.1, p.193, jan./abr. 2009.

73 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônicas dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862.

Antonio Porro propõe uma periodização dos relatos de viajantes setecentistas na Amazônia portuguesa: uma primeira fase que se estenderia do final do século XVII até meados do XVIII onde predominam os escritos do clero regular com a hegemonia dos jesuítas, como João Felipe Bettendorff, Bento da Fonseca, José de Moraes, Anselm Eckart, o bispo frei João de São José Queiroz e o Padre Samuel Fritz na Amazônia espanhola. A segunda fase iniciaria já sob o Diretório⁷⁴, estendendo-se até 1798, caracterizada pela produção de textos, na sua maioria, seculares, escritos por funcionários administrativos, magistrados, militares, colonos, exploradores e alguns poucos clérigos. Dentre estes escritores cita José Gonçalves da Fonseca, Francisco Xavier Sampaio, Manuel da Gama Lobo d'Almada, Ricardo Franco de Almeida Serra, João Vasco Manoel de Braum, Teodósio Constantino de Chermont e José Monteiro de Noronha.⁷⁵

Deste modo, o texto do Vigário Geral Capitania de São José do Rio Negro está localizado dentro deste grande conjunto de autores que se não eram mais religiosos jesuítas, como Samuel Fritz, e ainda não eram naturalistas, como Alexandre Rodrigues Ferreira.

A "taboada geográfica" para os viajantes da imensa bacia hidrográfica do Rio Negro apareceu ao público em 1768, mas só teve sua primeira impressão tipográfica em 1820, pelo Jornal de Coimbra, vol. 87 (I), p. 87-145, preparada por Felipe Patroni Maciel Parente. Em 1856, integrou a *Collecção de Noticias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos Domínios Portugueses ou lhes são vizinhas*, publicada, vol. 6 (I), p.1-85. Em 1862, foi impresso em forma de livro, pela primeira vez no Brasil, e recebeu o título original *Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província*. No ano de 1989, José Pereira da Silva revisou e atualizou o material que foi publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Por fim, a última edição, de 2006, faz parte da Coleção *Documenta Uspiana I*. Possui introdução e notas do estudioso Antônio Porro e tem como parte complementar ilustrações selecionadas de João André Schwebel, engenheiro militar alemão, técnico contratado pela coroa portuguesa para acompanhar as missões diplomáticas, científicas e militares na América Portuguesa.

74

75 PORRO, A. Introdução e notas. In: NORONHA, José Monteiro de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da província (1768)**. São Paulo: EDUSP, 2006. (Coleção Documenta Uspiana). p.8.

A edição de 1862, aqui utilizada, possui 83 páginas divididas em 193 itens que correspondem, com algumas exceções, aos parágrafos do texto. Dessa forma, não há divisão por títulos ou subtítulos, mas uma sequência ininterrupta de descrições e informações dos locais, acidentes geográficos, povos, etc. A estrutura da obra parece obedecer a *Instrução para os Astrônomos e Geógrafos que hão de ir daqui para o Rio Negro*, escrita por Mendonça Furtado em 1754. Partindo do Pará, os viajantes deveriam fazer

[...] todo o possível por irem configurando os rios por onde navegarem, os rumos a que correm, os que acharem que neles se metem, explicando todos pelos seus nomes, para cujo efeito levarão práticos nas canoas, e na hora do descanso conferirão as observações que tiverem feito, para soltarem alguma dúvida que haja, e formarão um mapa exato debaixo da escapa ou petipé que no espaço de uma polegada de pé de El-Rei de Paris compreenda a vigésima parte de um grau de círculo do Equador, sem que, de alguma forma, se possa alterar o método acima.

[...] Também nesta viagem observarão as qualidades naturais dos países e habitantes que neles vivem, e os seus costumes; os animais, aves, plantas, rios, lagoas, montes e outras semelhantes coisas dignas de se saber; fazendo todo o possível por que as suas observações e diligências sejam exatas e para que possam também servir para o adiantamento das ciências e progresso que fizerem na história e observações físicas e astronômicas.⁷⁶

Instrução esta semelhante à recebida pelo Bispo de Pernambuco de Diogo Mendonça Corte Real, secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarino (1750-1756), em 1756, a qual deveria orientar cada pároco de sua diocese para que fizesse

[...] uma relação dos lugares e povoações da sua freguesia, as distâncias que há de umas a outras, e os seus nomes, declarando também os rios que pelas ditas povoações passam, os nomes com que se denominam, se são navegáveis, e os seus nascimentos. As léguas e dias de jornada que há de um rio a outro, declarando-se também as pessoas que já de comunhão nas suas freguesias e capelas anexas a elas, cuja diligência manda o dito Senhor recomendar muito a V. Excia.⁷⁷

É provável que José Monteiro tivesse conhecimento, senão destas instruções em particular, ao menos alguma outra do tipo, que atendesse às necessidades da Coroa. Seu texto, extremamente metódico, conciso e disciplinado, pouco espaço reserva para o estranho, anormal, maravilhoso. As maravilhas, presentes nos textos de La Condamine e do Padre João Daniel, cedem lugar para uma modalidade de descrição mais atenta e detalhada, que teve nos Século das Luzes sua maturidade. A obra de Monteiro de Noronha, deste modo, é mais um exemplar do esforço lusitano

76 MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **A Amazônia na Era Pombalina**: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-1759. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963. p.599.

77 AHU. Códice 582. Carta de Diogo Mendonça Real ao Bispo de Pernambuco, 13 de junho de 1756 *apud* SANTOS, A. C. de A. Aritmética política e a administração do estado português na segunda metade do século XVIII. In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas**: governos e populações no Império Português. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.145.

e, mais especificamente, pombalino, de, segundo o historiador Antonio César de Almeida Santos,

[...] conhecer os territórios submetidos à sua autoridade por intermédio de cartas geográficas, descrições e números. Paralelamente a essa mudança de atitude, tornou-se necessário contar com um corpo de funcionários especializados que promovesse, por um lado, a presença simbólica do soberano e, por outro, uma administração mais eficaz no que se refere à produção de riquezas e exação das rendas devidas ao tesouro régio.⁷⁸

Nesta aritmética política adotada como partido teórico de gestão pelo governo pombalino, a taboada de José Monteiro adquire caráter documental, cujas referências geográficas, históricas e culturais envolvem de tal maneira o texto que entre a carga literária de um João Daniel e o discurso meramente informativo, não há dúvida de que José Monteiro de Noronha se aproxima deste último. Mais do que uma viagem e seu relato, o livro de José de Noronha é um grande relato-resumo de várias viagens realizadas durante anos. Pela maneira que a obra está estruturada é visível a rígida articulação entre o trajeto apresentado e o efetivamente percorrido. Mais do que paisagens literárias, o que se visualiza é um mapa que descreve um lugar após o outro, com maior ou menor detalhe, construindo um itinerário que pretende se apresentar "aos olhos do leitor". É este trajeto que cria a verdadeira ordem narrativa, isto é, a descrição dos lugares que foram percorridos e visitados. Os lugares, as cidades, os acidentes geográficos, convertem-se num autêntico núcleo narrativo e sua descrição faz com que "falem por si":

Em distancia de vinte legoas da ponta da Tigioica, ultimo termo da foz do Rio Amazonas pela parte do Oriente, subindo a costa occidental do largo continente, que medêa entre a ilha do Maranhão a Leste, e a grande ilha de Joanes, ou Marajó a Oeste está situada a cidade do Pará em uma ponta de terra visinha á boca do rio, a que chamão os naturaes do paiz Guajará, por onde os dous rios Guamá, é Capim; depois de se unirem, desaguão por um ramo de maior largura, a cuja producção concorrem os rios Uacará, Mojü, Tocantins, Jacundá, Pacajáz, Guanapú, e outros muitos, de que opportunamente se fará menção neste Roteiro. A confluência do rio Amazonas pelo canal de Tagipurú, também dá algum socorro de águas á grande bahia do Pará; mas tão tênue, que provavelmente nem as águas d'aquelle Monarca dos rios chegaõ ao Pará, nem cauzariaõ sencivel diminuição no seu golfo, se se atalhasse a communição do Tagipurú, bastando a conjunção dos mais rios já nomeados. A cidade do Pára é a capital, e residencia do governador e capitão general do estado, que comprehende quatro distinctas capitancias, e

78 SANTOS, A. C. de A. Aritmética política e a administração do estado português na segunda metade do século XVIII. In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas: governos e populações no Império Português**. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.144.

governos particulares, a saber; As capitanias do Pará, rio Negro, Maranhão, e Piauí. Também é episcopal suffagânea ao Patriarca do de Lisboa, desde o anno de 1720, em que o Papa Clemente XI a dividio do bispado do Maranhão á instância do Senhor Rei D. João 5.º, que nomeou para seu primeiro bispo D. Fr. Bartholomeu do Pillar, religioso da sagrada ordem de Nossa Senhora de Monte do Carmo.⁷⁹

No *Roteiro* de José Noronha não há algum tipo de tensão entre o protagonista da viagem e os desafios da natureza amazônica, como presente no texto de La Condamine, digressões autobiográficas ou longos trechos para que outras vozes, seja de missionários, seja dos povos da região, se manifestem, como na obra do Padre João Daniel. Pelo contrário, ele praticamente não usa a primeira pessoa, sendo que no texto inteiro há apenas uma ou duas utilizações do pronome pessoal *eu*. O Vigário-geral, mais do que um protagonista, é um relator, ao mesmo tempo, viajante e escritor, autor e escritor, voz de carne e osso, sem mediação de nenhum outro tipo de voz imaginária.

Leitor de La Condamine, João de Noronha não se limita a copiá-lo, mas preocupa-se em corrigi-lo assim como o faz com outros autores que registraram suas viagens antes dele. As citações ou referências ao naturalista francês, na versão aqui utilizada, chegam a trinta e uma, compondo a média de uma a cada três páginas. Elas ensaiam, além do argumento de autoridade necessário para garantir a objetividade e veracidade do texto, um debate científico sobre a Amazônia.

Quando discute um tema muito presente nos textos sobre a Amazônia desde sua descoberta, o da existência das Amazonas, José de Noronha não admite abertamente a existência destas guerreiras, mas busca dentro da racionalidade dos testemunhos históricos e nas observações da tradição sobre o tema a sustentação do seu ponto de vista.

⁷⁹ NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônicas dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.1.

As referências a La Condamine e outros escritores tem, também, o objetivo de dar um caráter de veracidade ao relato, destacando a cultura literária do autor.⁸⁰ A intertextualidade também aparece com a inserção de histórias intercaladas.

Mesmo que desapareçam com o progresso narrativo majoritariamente linear, estas histórias intercaladas enriquecem o fio narrativo que no todo da obra é muito frágil, pois na "taboada" ou "mapa literário" do Vigário-Geral do Rio Negro, o único motor de encadeamento narrativo entre os "capítulos" (que na verdade são itens sequenciais) é a viagem enquanto deslocamento de um ponto a outro. É o espaço que cria a estrutura narrativa com referências e descrições acentuadamente geográficas. Trata-se, como bem define Ana Pizarro, à respeito dos discursos construídos sobre a Amazônia, de um discurso extremamente preso à geografia e aos rios. Como se fosse conduzido por uma embarcação sua textualidade repousa sobre o decurso e se desdobra numa infinidade de furos, igarapés, lagoas, afluentes, enfim, num "mundo das águas" que em tudo se fazem presentes e estabelecem o ritmo da vida do homem amazônico⁸¹:

8. Havendo pois de fazer viagem da cidade do Pará, para o sertão do Amazonas, e rio Negro, se podem seguir duas diferentes derrotas, uma por dentro, e outra por fóra das ilhas, que separaõ a fóz do rio Tocantins do continente do Pará. Querendo seguirse a primeira, que é a mais freqüentada, se deve buscar o rio Mojú, e em duas enchentes da maré com favor d'algum vento, se chega ao estreito canal chamado vulgarmente –Igarapé-mirim –; e vale o mesmo que – caminho apertado de canoas –, distante da cidade desenove legoas. Na preamar se passa o canal; e esperando maré abaixo da freguesia de S. Anna se vai a espera da bahia do Marapatá, distante do Igarapémirim onze legoas.

9. A bahia se atravessa pouco antes da preamar, para se alcançar o furo da ilha Uararay, que separa a bahia do Marapatá dado Limoeiro, as quaes tem a largura de 5 legoas seguidas obliquamente da espera do Marapatá até a entrada do canal do Limoeiro. Alcançado o furo, e estando ainda alta a maré, de modo que possam salvar-se os baixos, e não havendo alteração maior na bahia do Limoeiro, se continua a travessia sem dilação, depois de costear a ilha um pouco para baixo, para se não descahir sobre o banco de arêa, que fica na entrada do canal do Limoeiro á parte de cima. Havendo bom pratico, vento, e maré favoráveis se podem atravessar sem risco as

80 Sobre isso afirma Angela Domingues: "Homem do seu tempo, o funcionário judicial tornado vigário-geral em 1760 (cf. "Introdução", p.12-13) revela interesse pela produção científica e intelectual que se escreveu sobre ou que, de algum modo, pudesse estar relacionada com o seu "espaço de pertença": leu atentamente Charles Marie de La Condamine (que desceu o rio Amazonas em 1743), o conde de Buffon, Vicente Maria Coronelli e o naturalista João da Silva Feijó, cujos escritos utiliza no "Roteiro...". Ver DOMINGUES, A. Reedição de fontes para quê? Algumas reflexões em torno de um roteiro de viagem pela Amazônia luso-brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas**, Belém, v.4, n.1, p.193-194, jan./abr. 2009. p.194.

81 PIZARRO, A. **Amazônia, as vozes do rio**: imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. p.18.

duas bahias por fóra da ilha Uararay, sem tomar o furo della. No verão se faz a travessia em qualquer hora do dia: porem no inverno convem aproveitar as marés matinaes; por que de tarde são freqüentes, e ordinárias as tempestades.⁸²

O *Roteiro* de João Monteiro de Noronha, como afirmado anteriormente, é marcado pela descrição geográfica. É muito mais um mapa do que uma paisagem literária. Sem dúvida, sendo fiel ao seu objetivo inicial seu roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses nos rios Amazonas e Rio Negro é um guia para o viajante que pretenda percorrer o labirinto fluvial amazônica com "algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e de S. José do Rio Negro".

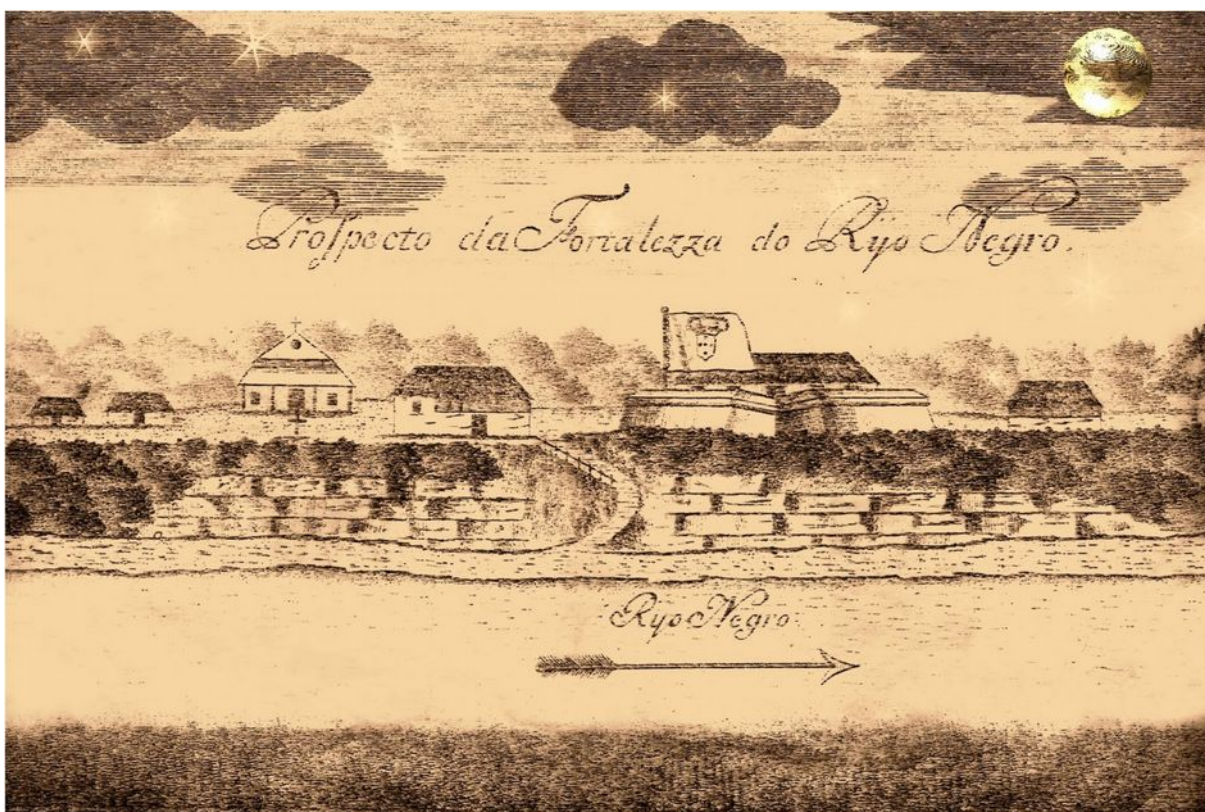


FIGURA 5 - PROSPECTO DA FORTALEZA DO RIO NEGRO. JOÃO ANDRÉ SCHWEBEL, QUE INTREGOU A COMISSAO DEMARCADOURA JUNTO COM O LANDI. 1756. BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

⁸² NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e do S. José do Rio Negro.** Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.4-5.

1.4 ACLARANDO O CONFUSO CAOS DE MR. DE LA CONDAMINE

Entre 1774 e 1775, seis anos após a viagem de José Monteiro de Noronha e ainda sob forte influência do Diretório Pombalino, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Ouvidor e Intendente Geral da Agricultura da Capitania do Rio Negro, realizou uma viagem de "visita e correição das povoações da capitania de S. Joze do Rio Negro"⁸³.

Filho da pequena nobreza portuguesa, nasceu em 13 de agosto de 1741, na Vila de Miranda, Comarca da Torre de Moncorvo. Seu pai, Luiz Ribeiro de Sampaio foi Capitão de Ordenança, cargo de relativa importância cuja responsabilidade era o comando de uma Companhia local de ordenanças. Os oficiais das ordenanças eram designados pelas câmaras municipais, exceto nas terras onde existisse alcaide-mor, caso em que este assumia por inerência o cargo de capitão-mor nomeado pela Câmara Municipal.

Francisco de Sampaio formou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1762. Após se formar, apresentou-se à Mesa do Desembargo do Paço, em 23 de agosto de 1764, para, perante os Desembargadores, explicar a doutrina da legislação e cancelar seu título de Bacharel.⁸⁴

83 SAMPAIO, F. X. Ribeiro de. **Diário da viagem que em visita, e correição das povoações da capitania de S. Jose do Rio Negro fez o Ouvidor e intendente geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio no anno de 1774 e 1775**. Lisboa. Typografia da Academia, 1825.

84 Segundo Cabral, "Em Portugal, a Mesa do Desembargo do Paço foi estabelecida durante o reinado de d. João II (1481-1495), cabendo-lhe as "matérias de graça que tocassem à justiça" e "a generalidade dos assuntos relativos à administração civil do reino" Constituído como o tribunal supremo da Monarquia portuguesa, a Mesa do Desembargo do Paço foi presidida pelo próprio monarca até o reinado de d. Sebastião, entre os anos de 1544 e 1578. Tornando-se autônoma em relação à Casa de Suplicação, a Mesa do Desembargo do Paço recebeu regimento especial na segunda edição das Ordenações Manuelinas, em 1521. Ao longo de sua existência, este tribunal teve suas funções revistas e ampliadas por sucessivas alterações de regimento, competindo-lhe, de modo geral, matérias que incluíam, por exemplo, concessão de perdões, cartas de fiança para réus, concessão de recursos de revista, autorização para sub-rogação dos bens dos morgados foreiros ou dotais, levantamento de degredo, provisões "restituindo a fama a pessoas condenadas por crime infamante", dispensa de idade mínima para servir nos cargos, autorização de recursos fora do prazo, concessão de autorização para não se executar alguma provisão régia, passagem de cartas de legitimação e perfilhação, nomeadamente para os efeitos da sucessão nos bens da Coroa, gestão da magistratura letrada, confirmação da eleição dos juizes ordinários, conflito de jurisdição entre os demais tribunais da Coroa e censura prévia das obras literárias." Ver: CABRAL, D. Mesa do Desembargo do Paço. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA/ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário da administração pública brasileira on-line**. Rio de Janeiro: Coordenação-Geral de Gestão de Documentos –

Em 8 de março de 1767, foi enviado ao Pará para assumir o cargo de juiz de fora e provedor da fazenda real. Cinco anos depois, em 1772, Ribeiro de Sampaio foi nomeado Ouvidor e intendente geral do Comércio, Agricultura e Manufactura da capitania do Rio Negro, cargo em que tomou posse em 27 de outubro de 1773. Retornou ao Reino em 25 de janeiro de 1780, onde exerceu as funções de provedor da comarca de Miranda do Douro, posteriormente, desembargador da Relação do Porto e da Casa da Suplicação de Lisboa. Como provedor de Miranda, criou e administrou a Fábrica de Sedas de Bragança. Membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, escreveu diversas obras, com destaque para o Diário aqui analisado e a *Relação Geographico-Historica do Rio Branco da America Portuguesa*. Foi casado com Dona Antonia Thereza Teixeira Galvão e faleceu em 1814.⁸⁵

Sua viagem, assim como a de outros letrados portugueses na mesma época, atendia não apenas aos interesses do Império, mas também aos seus próprios interesses. Assumir um cargo na colônia representava a possibilidade de ganhar prestígio e favores do rei, dentre eles, o hábito da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, uma das honrarias mais procuradas na monarquia lusitana. Fazer parte do seletto grupo que compunha as nobiliárquicas Ordens Militares (Ordem de Cristo, Ordem de Avis e Ordem de Santiago) valia o esforço de ocupar uma função no ultramar e percorrer o vasto território amazônico, em situações, muitas vezes, "mortificadoras":

Perseguio-nos no dia de hoje a praga do pium, insecto de corpo minútissimo, mas cuja mordedura faz huma chaga, tamanha da cabeça de hum alfinete, precedendo cruelíssima dor. As minhas mãos e cara só em hum dia, estavam já cheias de chagas. A diferença deste mosquito ao carapanã consiste, em que o pium he mais pequeno, e somente morde de dia; e qualquer roupa o defende. O carapanã porem morde de dia, e de noite, e passa três dobras de qualquer roupa excepto a seda bem tapada. [...] Há também a mutúca, mosca grande, que somente persegue de dia, e faz com a sua mordedura huma chaga. A muroçóca he outra especie de carapanã. O mariuim, he hum insecto quase invisível por pequeno, que aflige com as picadas, e a sua hora mais ordinária he ao pôr do Sol. Estes são os hospedes, que todos os dias e noites nos vinhão cumprimentar, sendo o

Coged. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2773>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

85 CERQUEIRA E SILVA, I. A. de. Biografia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc. Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. **Revista Trimestral de História e Geografia**, Rio de Janeiro, p.404, 1866.

carapanã o mais importuno, por inquietar na hora do sono, e o piúm o mais terrível, porque as suas venenosas picadas tem cauzado a morte a muitas pessoas, principalmente aos Índios, que andão nús no mato.⁸⁶

Por certo as dificuldades do cargo de Ouvidor eram bem mais sérias do que as picadas das mais variadas espécies de mosquitos, mas, no caso da viagem realizada, várias são as referências a esta "mortificação" como chama o autor. Todavia, para atender os interesses régios, com ou sem mosquitos, Ribeiro de Sampaio deveria percorrer o território da recém-criada capitania de São José do Rio Negro e alimentar a rede de conhecimentos do império. Para a Coroa portuguesa, a inserção e consolidação do poder central dependia da utilização do oficialato régio e dentre os vários oficiais estavam os Ouvidores. Com esta política,

[...] a administração central procurava um controle mais efetivo sobre os territórios sob seu domínio, sendo que, para a América portuguesa, é possível observar a intensificação do processo centralizador no decorrer do século XVIII. Por intermédio desses oficiais, especialmente os agentes da justiça e da fazenda, o Estado português procurava garantir suas prerrogativas e promover sua legislação em seus diversos territórios (essas ações em torno da centralização administrativa não se deram apenas na América, mas também nos demais domínios ultramarinos).⁸⁷

Cabia ao Ouvidor, entre outras atribuições, receber as culpas enviadas pelos tabeliães; conhecer as inquirições e devassas proferidas pelos tabeliães e juízes; saber se os oficiais de justiça cumpriam seus ofícios; promover ação contra o acoitamento de criminosos e clientela de poderosos; informar ao rei das demandas dos concelhos; informar-se sobre o estado das cadeias, sobre o valor das rendas dos concelhos e sobre posturas prejudiciais ao povo e ao bem comum; existentes

86 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775.** Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.15.

87 PEGORARO, J. W. Ouvidores régios em Paranaguá: uma discussão sobre a centralização jurídico-administrativa na América Portuguesa (1723-1812) In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas: governos e populações no Império Português.** Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.181.

nas câmaras; notificar aos prelados os clérigos revoltosos; informar-se sobre os médicos, cirurgiões e sangradores e verificar se possuíam cartas de exercício de medicina; passar cartas de seguro; promover a povoação dos lugares despovoados; mandar fazer benfeitorias públicas; mandar plantar árvores frutíferas segundo a qualidade das terras.

No período pombalino (1750-1777), o papel dos Ouvidores foi acentuado e criaram-se nas capitanias Juntas de Justiça e Fazenda nas quais o Ouvidor deveria atuar. Extinguiu-se a nomeação de Ouvidores pelos donatários e fixaram-se os estipêndios dos magistrados e oficiais de justiça das comarcas e dos magistrados.

Dentre outras modificações trazidas pelo governo do Marquês de Pombal, destacam-se a promulgação do regimento que estabelecia os salários dos ministros e oficiais de justiça da América, na Beira-mar e sertão, exceto Minas. Além disso, foram delegadas novas competências do Ouvidor de comarca: ter alçada nos bens de raiz até a quantia de dezesseis mil réis, nos móveis até vinte mil e nas penas pecuniárias até seis mil; receber ações da alma; mandados de preceito; dar cartas precatórias, citatórias, executórias, de inquirição e posse; dar cartas de seguro; passar instrumentos de justificações para embargo ou segurança; ter o selo da Chancelaria em seu poder; realizar a inquirição de testemunhas; **vistoriar as cidades, vilas, termos ou comarcas; realizar diligências; proceder às devassas; realizar as correições**; participar na eleição de oficiais de justiça, e; revistar as balanças, pesos e medidas nas comarcas onde houvesse rendeiros da Chancelaria. Também tinham a obrigação de examinar as contas dos concelhos e de prover os inventários dos órfãos, tomando as contas de seus rendimentos ou revendo-as, se fossem anteriormente tomadas pelos juizes dos órfãos. Por fim, deveriam cuidar das matérias pertinentes às confrarias, capelas, hospitais, e ao domínio dos resíduos, ou seja, os Ouvidores deveriam controlar o cumprimento das deixas testamentárias no que respeitava a legados pios.⁸⁸

Assim, atendendo aos deveres do seu ofício e aos interesses do Estado, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio iniciou sua viagem em 31 de agosto de 1774, justificando-a na primeira página do seu *Diário*:

88 Ver: CAMARGO, A. R. Ouvidor de Capitania/Comarca. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA/ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário da administração pública brasileira on-line**. Rio de Janeiro: Coordenação-Geral de Gestão de Documentos – Coged. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2773>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

No ano passado de 1773 nos fins de Outubro entrei a servir este lugar, e além das recomendações, que trazia do Illustrissimo, e Excellentissimo General do Estado João Pereira Caldas, para visitar; assim me persuadião as urgentes razões da minha obrigação. Em 1768 tinha sido a ultima correição, que se havia feito, e instava a necessidade das povoações, que novamente se visitassem. Deixei passar as cheias dos rios para sahir no principio da vazante, de sorte que a demora nas povoações do Rio Negro me fizesse alcançar a vazante inteira no rio Solimões; e entrando por ele nos princípios de Outubro, sahi por esta cauza neste dia. Huma segura e decente canoa de oito remeiros por banda, foi preparada para o meu transporte, e mais huma pequena para o serviço da viagem, caça, e pesca. Dois soldados, o escrivão, o piloto, a minha família, sendo por tudo vinte e seis pessoas, era o que compunha a equipagem.⁸⁹

Durante quase seis meses, o Ouvidor Sampaio percorreu 21 localidades, entre vilas, povoações e lugares, navegando pelos rios Negro, Solimões, Amazonas e Madeira, assim como pelos seus afluentes, canais e passagens fluviais. Em março de 1775, começou a escrever o relato da sua viagem, que, na versão impressa de 1825, possuía 120 páginas. Era dividido em 288 parágrafos consecutivos e organizado em ordem cronológica.

Em termos de formato se aproxima do texto do Vigário José Monteiro. Há também na escrita do Ouvidor Sampaio uma rígida articulação entre o trajeto planejado e o efetivamente percorrido. O narrador, em primeira pessoa, segue seu trajeto descrevendo um lugar após o outro, com maior ou menor detalhe, construindo um itinerário que coincide com o da viagem. Dia após dia, às vezes dividido em períodos ou horas, a ordem narrativa descreve os lugares, a natureza, os acidentes geográficos, numa sequência que amarra a história, como nos trechos citados abaixo:

11. Setembro 13. Até o dia de hoje gastei na viagem, e demora nas povoações acima referidas. Na noite deste entramos a navegar por hum dos canaes, que dá communicação ao lago, em que está situada a villa de Silves.⁹⁰

Ou, então:

89 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775.** Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.1.

90 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775.** Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.2.

VIII. 20. De manhã sahi desta villa, e embocando hum dos seus canaes, não aquelle por onde entrei, pelas duas horas da tarde estava no Amazonas, cuja margem do norte costeei toda a tarde. Foi ella divertida; porque as praias, que principiavão a descobrir, estavam cheias de marrecões, patos, gaivotas, tijjus, ave formosa, cuja grandeza passa de cinco palmos do bico aos pés, magoaris, cararás, e outras que tudo me causou agradável diversão.⁹¹

Diferente do texto do vigário José Monteiro de Noronha, acentuadamente objetivo e, como já afirmado, quase um "guia de viagem" ou da "enciclopédia amazônica" do Padre João Daniel, o texto do Ouvidor Sampaio flerta, em forma e conteúdo, com o *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*, do francês La Condamine.

Assim, o autor abre espaço para digressões históricas, observações naturalistas e, tema recorrente entre os viajantes analisados, discussões acerca da existência ou não do "eldorado americano".

Como La Condamine, a viagem de Sampaio também apresenta seus "momentos de perigo e desafios" a serem superados pelo protagonista:

XXXVII. 4. Entramos pois neste dia a navegar o famoso *Solimões*, nome que daqui e por diante daremos ao algumas vezes ao nosso Amazonas. Seguimos a sua margem septentrional, passando em toda esta manhã impetuosas correntes, que a remo custavão a vencer. Foi pouco agradável o dia de hoje; porque alem das continuas correntezas, toda a margem, que era necessario seguir em pouca distancia da terra, estava embaraçada de grossíssimos troncos, e ramos de arvores, ou arrojadas ao rio, ou cahidas da terra da mesma margem. Esta estava continuamente desabando em largas porções. Passavamos por baixo de arvores altissimas, que já ameaçavão momentânea cahida; porque o terreno pouco solido, as raizes já á superficie,

e a agua sucessivamente minando, assim, indicavão, e a cada passo se vião terras precipitadas de fresco. Este he hum dos grandes perigos desta viagem, e que tem sido a cauza de muitos naufragios com perda de innumeraveis vidas.⁹²

91 *Ibid.*, p.4.

92 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.14.

A natureza representa, em alguns casos, como já citado, a terrível "mortificação" das pragas, que para Sampaio são os insetos voadores ou, em outras palavras, os mosquitos. No trecho a seguir, além da praga do carapaná há também o desafio impostos pela topografia, como o "anzol do diabo", que somente à custa da valentia dos remadores é ultrapassado:

XLVII. Desesperada situação até o meio dia! Porque o carapanã, que ficou da noite antecedente, continuou a fazer-nos guerra, juntamente com o inumerável pium. A meio dia chegámos ao Guajarativa, onde antecedentemente estava a povoação de Arvellos; situação muito fertil em cacáo. Adiante fica huma enseada cheia de voltas, e ressacas, que dão origem a varias correntezas, por causa dos combates das forças centrifugas, e centrípetas das aguas. A huma destas correntezas chamão-lhe na língua dos Indios *juríparí-pindá*, que quer dizer *anzol do diabo*, em alusão á sua impetuosidade, como que ao passa-la puxasse o diabo pelas embarcações para traz, e as não deixe surgir. Com incrível valentia dos Indios a passamos a remo.⁹³

Questões administrativas e burocráticas nunca estão separadas do mapeamento das potencialidades econômicas e estas últimas dependem da posse efetiva dos territórios coloniais. Desta forma, há em todo o texto a preocupação com questões de demarcações de fronteiras e limites que demonstram claramente a intenção da coroa portuguesa em assegurar os domínios do império naquele espaço. De forma semelhante aos outros viajantes da época, não são poucos os elogios às possibilidades econômicas da região, sempre rica em recursos naturais que se bem explorados assegurariam a riqueza imperial. Para o Ouvidor, possuir o "país do Amazonas" já seria suficiente para a riqueza do Reino devido à sua grandeza, riqueza e "por mil outras circunstâncias"⁹⁴.

Se, em última instância, bastaria ao Rei de Portugal possuir o "paiz do Amazonas" para garantir a riqueza e glória do Reino, é compreensível a preocupação de Sampaio em garantir legalmente as fronteiras e protegê-las das invasões estrangeiras. Neste sentido, seu Diário procura corrigir o que o autor considera erros do viajante francês La Condamine inserindo no texto uma refutação à "opinião de Mr. de la Condamine sobre os limites das colônias portuguesas no rio Amazonas, e se estabelece o incontrastável direito dos mesmos contra as pertencções de Hespanha"⁹⁵.

⁹³ *Ibid.*, p.17.

⁹⁴ *Ibid.*, p.71.

Toda a discussão com La Condamine gira em torno do local exato da colocação do marco de posse das terras portuguesas, delimitadas pelo Tratado de Tordesilhas, pela expedição de Pedro Teixeira no século XVII e, mais além, até onde iria o direito de Portugal na fronteira amazônica. No contexto da viagem do Ouvidor Sampaio, as questões relativas aos Tratados de Limite ainda estavam "à flor da pele" e na defesa dos direitos da Coroa Portuguesa o Ouvidor não economiza adjetivos ao viajante francês, chamando-o de "metafísico", "desilustrado", "caótico", "equivocado", enfim, autor de "imperdoáveis erros". No século das luzes, por certo, Sampaio sabia o quanto os adjetivos utilizados visavam diminuir e desabonar o famoso geógrafo francês que, ainda na década de setenta do século XVIII, era referência obrigatória para os estudiosos do espaço amazônico.

Vários são os trechos interessantíssimos desta refutação de um funcionário do Império Lusitano contra um ilustrado francês, mas na citação a seguir, além de resumir os argumentos de Sampaio, faz interessante análise com base no vocabulário indígena para apontar os erros de La Condamine. Apesar de um pouco longa, vale a pena a citação:

CXX. Afirma em fim, que Paraguarí quer dizer rio dos Guariz: em razão da palavra = Pará = significar rio. Hum homem que sustenta hum absurdo, precisamente se hade servir de provas absurdas. Condamine enganado da palavra = Guariz =, que não sei aonde foi achar, vio na de = Paraguarí = feliz conformidade com as suas idéas, e foi quanto lhe bastou para a sua asseveração. Porem que imperdoáveis erros não cometeo Condamine? Primeiro erro. Não se escreve (conforme a genuína orthografia e pronuncia da lingoa geral dos índios do Brasil) Paraguarí, mas sim Pararaní sem a letra = g =, o que bastaria para desfazer pelo fundamento todo o custoso edificio de Condamine. Segundo erro: a palavra, que significa rio he = Paraná = e não = Pará. = Terceiro erro: conforme o genio próprio da língoa sobredita, e seu inalterável uso, para dizer rio dos Guariz, formarião assim a fraze = Guaríparaná =; pois juntando-se dous substantivos, hum dos quaes haja de ser regido como o genitivo da lingoa latina, se antepõe sempre o genitivo ao nominativo, e por isso se havia de dizer = Guariparaná, e não Paraguarí. = No que tem esta língoa igual genio ao da inglesa, por qual se diz = Sauff Box = para significar caixa de tabaco, antepondo-se a palavra tabaco á de caixa; como dizendo, de tabaco caixa. Quarto erro: da nação Guariz nã há noticia alguma, nem naquelle lugar, nem em todo o Amazonas.⁹⁶

95 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775.** Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.37.

96 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775.** Lisboa: Tipografia da Academia Real das

A língua geral, proibida e desestimulada pelo Diretório Pombalino, torna-se a ferramenta principal na argumentação do Ouvidor Sampaio para legitimar as reivindicações territoriais lusitanas na Amazônia no embate com Mr. La Condamine. São as ambiguidades e complexidades na construção do império colonial.

Para Sampaio, é uma pena que a bem estabelecida reputação de Mr. La Condamine pudesse "iludir aos que sem maiores notícias lerem os seus escritos". Porém, além dos erros e imprecisões do ilustrado francês, pesaria sobre La Condamine a pecha de "colaboracionista" dos espanhóis. Não só dos espanhóis, mas dos jesuítas espanhóis, que teriam manipulado o naturalista.⁹⁷ Em época pombalina, isto era uma acusação séria de um ato gravíssimo.

Contudo, além de críticas e referências às "opiniões e pertenções" dos espanhóis em relação às fronteiras entre os dois impérios há também no texto algum espaço para o "Ouvidor-naturalista". Tímido é verdade, sem a formação específica que um Alexandre Rodrigues Ferreira terá alguns anos depois, mas com a segurança e desenvoltura de um letrado. Discute com o Vigário José Monteiro de Noronha e com "Mr. Laurencini" sobre as tremelgas, descreve o peixe-boi ou "vacamarinha" e classifica a flor da árvore sumaumeira: "a sua flor he multipétale. A corola dela he composta de cinco laminas, ou pétalos de côr amarella, e com huma finíssima felpa, que parece pellucia"⁹⁸.

O longo e denso texto do Ouvidor Sampaio encerra-se no dia 23 de fevereiro de 1775. Traz em si marcas que contribuem com a construção do gênero da Literatura de Viagens como a utilização do narrador em primeira pessoa, o tempo da narrativa amarrado ao percurso, a intertextualidade e as referências ao maravilhoso. Traz também as preocupações do funcionário da coroa que defende os interesses do império ao mesmo tempo em que arrisca algumas considerações naturalistas. No entanto, o que também chama nossa atenção no texto do Ouvidor Sampaio são algumas referências ao divertimento da viagem. Nosso autor-viajante sofre com as dificuldades, pragueja contra os mosquitos, defende energicamente as fronteiras portuguesas, mapeia as riquezas da região, discorre sobre as populações indígenas

Ciências, 1825. p.42.

⁹⁷ *Ibid.*, p.43.

⁹⁸ *Ibid.*, p.66.

porém, tem seus momentos de diversão onde a riqueza da mata amazônica oferece seus encantos:

VIII. 20. De manhã sahi desta villa, e embocando hum dos seus canaes, não aquelle por onde entrei, pelas duas horas da tarde estava no Amazonas, cuja margem do norte costeei toda a tarde. Foi ella divertida; porque as praias, que principiavão a descobrir, estavam cheias de marrecões, patos, gaivotas, tijjus, ave formosa, cuja grandeza passa de cinco palmos do bico aos pés, magoaris, cararás, e outras que tudo me causou agradável diversão.⁹⁹

É com este olhar de uma natureza que além de sua utilidade econômica também oferece momentos de alegria e diversão que seguimos em frente rumo a outro olhar, mais científico, naturalista, do famoso viajante Alexandre Rodrigues Ferreira.

⁹⁹ SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775.** Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.4.

DIÁRIO

DA

VIAGEM

QUE EM VISITA, E CORREIÇÃO DAS POVOAÇÕES DA CAPITANIA DE S. JOZE DO RIO NEGRO FEZ O OUVIDOR, E INTENDENTE GERAL DA MESMA —

FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO.

NO ANNO DE 1774 e 1775 ;

Exornado com algumas noticias geograficas, e hydrograficas da dita capitania, com outras concernentes á historia civil, politica, e natural della, aos uzos, e costumes; e diversidade de nações de indios seus habitadores, e á sua população, agricultura, e commercio.

Vindica-se occasionalmente o direito dos seus verdadeiros limites pela parte do Perú, nova Granada, e Guyana. E trata-se a questão da existencia das Amazonas Americanas, e do famoso lago dourado

*Nullaque non cetas voluit conferre futuris
Notitiam; sed vincit adhuc natura latendi.
Lucan. Pharsal. l. X. v. 270.*



LISBOA:
NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA.

1825.

Com licença de S. Magestade.

1.5 O PRIMEIRO NATURALISTA PORTUGUÊS

Durante o século XVIII, Paris, Edimburgo, Nápoles, Halle, Amsterdã, Genebra, Berlim, Milão, Londres, Filadélfia, entre outras cidades, conviveram com "philosophes" defensores e propagadores do movimento iluminista. Madri e Lisboa, também. O iluminismo foi um movimento intelectual, presente em vários países europeus do século XVIII, mas nem por isso, homogêneo. Deste modo, ao se falar em "iluminismos" o caso português tem suas especificidades e merece ser analisado com um pouco mais de cuidado.¹⁰⁰

Flávio Carvalho defende a ideia de que os estigmas de isolamento, obscurantismo e ignorância imputados à cultura portuguesa após o Concílio de Trento não se justificam historicamente. Não existem dúvidas de que a intolerância religiosa presente em Portugal do setecentos criou obstáculos à circulação de ideias. Porém, as "sombras" não foram exclusividade do reino português e, assim como em

¹⁰⁰A bibliografia sobre o "iluminismo" é tão vasta que o historiador Robert Darnton denominou "inflação historiográfica" a quantidade de estudos sobre o tema. Segundo ele, "nós acadêmicos, contribuimos para a confusão porque criamos uma imensa indústria, os estudos do Iluminismo, com suas próprias associações, jornais, séries de monografias, congressos e fundações. Como todos os profissionais, continuamos expandindo nosso território. Segundo o último levantamento, havia trinta associações profissionais em seis dos sete continentes (a Antártica ainda resiste), e nos últimos congressos mundiais ouvimos trabalhos sobre o Iluminismo russo, o iluminismo romeno, o Iluminismo brasileiro, o Iluminismo Josefiano, o Iluminismo pietista, o Iluminismo judeu, o Iluminismo musical, o Iluminismo conservador e o Iluminismo confucionista. O Iluminismo está começando a ser tudo e, portanto, a não ser nada". Ver: DARNTON, R. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Não quero com esta observação desqualificar qualquer pesquisa sobre o tema, mas alertar o leitor que as pesquisas sobre o movimento iluminista e seus desdobramentos ainda não esgotaram suas possibilidades. O fato é que o Iluminismo emergiu como uma causa, com militantes e um programa, na Paris das primeiras décadas do século XVIII. Teve sua "pré-história", é claro, sofreu forte influência da chamada revolução científica moderna, do racionalismo e materialismo desenvolvidos no século XVII, mas ganhou força, se expandiu, adaptou-se e incorporou outras ideias. Circulou na estrutura social do Antigo Regime, foi divulgado por uma indústria livreira crescente, mas também alimentou um rede de gráficas clandestinas e livreiros "piratas". Foi o assunto principal nos salões aristocráticos europeus, nas sociedades literárias do novo mundo, porém, não abrangeu todo o pensamento ocidental do setecentos. Mas fosse em âmbito local ou em circuitos de intercâmbio intelectual mais amplos sempre houve um acervo comum de conceitos, "ideias-forças", acessíveis às classes letradas de todos os lugares sob influência europeia. *Philosophes* dos mais variados lugares e línguas as desenvolviam, muitas vezes, sem o menor alinhamento com o iluminismo original. Na verdade, não era um programa rígido, uma matéria original e intocável que os "pais fundadores" do iluminismo forneciam, "mas sim um novo espírito, o sentido de participação numa cruzada secular. Começou com escárnio, como uma tentativa de expulsar os obscurantistas da sociedade civilizada por meio do riso, e terminou com a ocupação do mais alto território moral, como uma campanha pela libertação da humanidade, incluindo os subjulgados e escravizados, protestantes, judeus, negros e (no caso de Condorcet) mulheres.

outros países, o espírito crítico de muitos intelectuais lusitanos, e sua luta a favor da adoção dos princípios racionalistas frente ao aristotelismo escolástico vigente, possibilitou a existência de um movimento iluminista. Um iluminismo mais próximo da religião do que seus pares não ibéricos, mas nem por isso menos arrojado e menos comprometido com as "Luzes".

Um iluminismo com forte presença da tradição católica, mas, de forma semelhante às outras cortes europeias, apegado à crença na ciência, nas capacidades humanas de transformar o mundo, na ação pluridisciplinar. Ele motivou o investimento na pesquisa científica e sua preocupação com a verificação dos fatos, com a classificação da natureza, com o conhecimento racional e rigoroso da sociedade, da economia e do meio ambiente.¹⁰¹

Para a historiadora Ana Lucia Barbalho da Cruz, se o movimento cultural iluminista não se deu de forma homogênea entre os países europeus, na península ibérica se desenvolveu mais lentamente:

Aquém Pirineus, Portugal e Espanha que, nos séculos XV e XVI haviam protagonizado a fantástica epopéia dos descobrimentos alargando as fronteiras do mundo conhecido numa aventura sem precedentes, encontravam-se, no século XVIII, numa situação de grande defasagem em relação aos demais países europeus. Uma série de fatores estruturais contribuíam para que a posição de vanguarda ocupada pelos povos ibéricos no início dos tempos modernos fosse rapidamente suplantada por elementos conservadores social e culturalmente dominantes naquelas sociedades. A assinalar, a impermeabilidade das estruturas sociais às idéias de renovação sopradas pela Europa continental, especialmente dos setores eclesiásticos e da aristocracia de estado, passando pelos círculos dominantes da intelectualidade católica universitária, com desdobramentos na Inquisição e seu Tribunal do Santo Ofício. Assim, depois "do grande salto da Era dos Descobrimientos", Portugal chegava ao século das Luzes como o "cadaveroso Reino".¹⁰²

Potência de primeira grandeza nos séculos XV e XVI, o Império Português chega ao setecentos com graves problemas econômicos e culturalmente defasado em relação às principais monarquias europeias. O reinado joanino viveu a fundo as contradições entre adaptar-se às mudanças dos novos tempos e manter o difícil

101 CARVALHO, F. R. **Um iluminismo português?: a reforma da Universidade de Coimbra de 1772.** 145f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

102 CRUZ, A. L. R. B. da. **Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas:** cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2004. p.45.

equilíbrio do poder sustentado, em grande parte, por uma "nobreza rústica e um clero retrógrado"¹⁰³.

Isto não quer dizer que o período no qual reinou D. João V tenha sido marcado pela completa estagnação. Pelo contrário, apesar das resistências internas, o monarca conseguiu estabelecer, a partir de círculos restritos e convidados estrangeiros, alguns focos propagadores das "novas ideias" e da mentalidade ilustrada no reino português. Também é importante lembrar que foi D. João V quem valorizou a introdução dos princípios do cientificismo entre intelectuais jesuítas e preparou o terreno para as reformas que seu sucessor, Dom José I, realizaria na segunda metade do setecentos.¹⁰⁴

Durante o reinado de Dom José I, realizaram-se uma série de reformas comandadas pelo ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, futuro Marquês de Pombal. Estas reformas econômicas, políticas, sociais e científicas realizadas por todo o Império Português, tiveram como pressuposto o estudo da natureza e das populações dos seus territórios coloniais. Havia a necessidade de inventariar suas potencialidades, delimitar seus limites geográficos, racionalizar a exploração das suas riquezas. Natureza e ciência deveriam instrumentalizar a recuperação econômica, num binômio fonte de conhecimento = geração de riquezas.

Uma das medidas adotadas pelo monarca português foi a de reformar a Universidade de Coimbra, em 1772. Por meio de uma política sistemática de exclusão da presença jesuíta na direção da universidade, Pombal procurou colocar esta instituição a serviço do projeto iluminista de modernização da monarquia portuguesa.

A secular universidade deveria tornar-se um dos centros propagadores e incentivadores do ensino científico e formadora de profissionais habilitados a colaborar com o projeto pombalino. Para tanto, professores estrangeiros foram convidados e um destes professores foi o naturalista italiano Domingos Vandelli. Formado em Pádua, em História Natural e Medicina, publicava textos sobre fisiologia, química e geologia. Em Portugal, desde o final da década de 1760, publicou diversos opúsculos sobre História Natural chamando à atenção da intelectualidade local. Deste modo, acabou sendo contratado para lecionar a Cadeira de Química e a de História Natural

¹⁰³ CRUZ, A. L. R. B. da. **Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica.** Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2004. p.46.

¹⁰⁴ *Id.*

em Coimbra, colaborando ativamente com a reforma da universidade e com a criação de instituições científicas.

Várias instituições de cunho científico foram criadas neste período. Além da Academia Real de Ciências vale citar o Hospital Escolar, o Teatro Anatômico, o Dispensário Farmacêutico, o Jardim Botânico, o Observatório Astronômico, o Gabinete de História Natural, o Gabinete de Física Experimental e o Laboratório Químico, dentre outros. Estas e outras instituições colaboraram com o projeto maior de modernização do Estado português equiparando-o às outras monarquias ilustradas europeias. Sobre estes fatos comenta Regina Porto Francisco:

Em 1768 Vandelli foi incumbido de estabelecer um jardim botânico junto ao Palácio Real da Ajuda, em Portugal, com o objetivo de proporcionar educação científica para o príncipe e também auxiliar o desenvolvimento da agricultura.

A criação do "Complexo Museológico da Ajuda", como é atualmente chamado o conjunto de instituições, centralizou o projeto que envolveu um amplo levantamento dos produtos naturais dos reinos vegetal, animal e mineral, com a finalidade de descobrir novas espécies, contribuir para o desenvolvimento científico, avaliar as potencialidades econômicas e fazer observações sobre a Terra, o ar e a água, para trazer elementos explicativos sobre o funcionamento terrestre.¹⁰⁵

Quando, nas últimas décadas do setecentos, os filhos das famílias abastadas, das colônias ou da metrópole, se dirigiram à Coimbra para completar seus estudos, encontraram uma Universidade bem diferente daquela encontrada por seus pais ou avós. Houve um grande esforço no sentido de modernizá-la e um dos primeiros passos foi a realização de uma revisão criteriosa do regimento e do estatuto da Universidade. A pedagogia, baseada na escolástica aristotélica, deu lugar às modernas humanidades e ciências presentes em outras instituições de ensino superior europeias. O curso de Teologia foi redefinido separando-se dele a Filosofia Moral; o curso de Direito foi reformulado nas Jurisprudências Civil e Canônica e a Medicina tornou-se mais pragmática e menos especulativa. A grande novidade foi a criação de dois novos cursos: a Matemática e a Filosofia.

O curso de Filosofia, dividido em Filosofia Moral, Racional e Natural era o destaque da Coimbra reformada. Considerada a "Ciência Magna" englobava todos os conhecimentos da época: a Ética, a Jurisprudência, a Política, a Medicina, a

105 FRANCISCO, R. H. P. Viagens filosóficas. **Revista Eletrônica de Ciências**, São Carlos, n.35, p.2, fev. 2007.

Matemática, a Física, a Química, a História Natural e a Teologia Natural, entre outros. Bem diferente dos atuais cursos, a filosofia setecentista era abrangente e pressupunha a ausência de fronteiras entre as áreas do conhecimento. Caio Boschi assim se refere ao cotidiano dos estudantes brasileiros que estudaram na Coimbra reformada:

[...] pode-se afirmar que, enquanto os estudantes anteriores a 1772, em suas incontáveis horas de lazer, se entregavam muito mais a discussões literárias e exercícios poéticos, os que são posteriores à reforma, já agora também sob outro regime disciplinar, dedicavam-se a estudos mais utilitários e imediatistas. Aos poetas Cláudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão e Inácio José de Alvarenga, na primeira fase, se contrapõem os cientistas José Vieira Couto e José Álvares Maciel, nos anos 70 e 80. Se a primeira geração, ao regressar à terra natal, continuou a cultivar saudosamente os hábitos conimbricenses, mais pragmáticos, os da geração posterior procuraram estudar geografia e o potencial de melhor conhecimento e exploração de seu território de origem. Se aqueles viviam intelectualmente abafados pela cultura jesuítica que lhes era incutida, estes se supunham mais aptos aos debates e se abriam a uma ampla discussão sobre as novas ideias que ganhavam corpo na Europa.¹⁰⁶

Alguns destes estudantes formaram-se "filósofos da natureza", aptos e ávidos para olhar o mundo natural como fonte de conhecimento humano. Nos laboratórios, nos "estudos de campo", onde a natureza era o grande laboratório, a observação sistemática dos fenômenos naturais garantia a descoberta da verdade pelo uso metódico da razão. Observar a natureza em seu estado puro, coletar, colecionar, classificar, experimentar e deduzir o conhecimento a partir de estudos comparativos, enfim, adotar o método experimental como norma, era o que guiava estes jovens cientistas impregnados dos ideais iluministas.¹⁰⁷

Um destes estudantes foi o luso-brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, matriculado no curso de Direito de Coimbra, em 1770. Como tantos outros jovens colegas, sentiu-se atraído pela Filosofia graduando-se e doutorando-se como filósofo e habilitando-se na recém-criada profissão de naturalista.

¹⁰⁶ BOSCHI, C. P. A Universidade de Coimbra e a formação das elites mineiras coloniais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.4, n.7, p.7, 1991.

¹⁰⁷ Na verdade, no século XVIII, as ciências modernas, como as conhecemos atualmente, como a zoologia, a botânica, a geologia, entre outras, compunham a História Natural, sendo que esta, por sua vez, fazia parte do curso de Filosofia. Não havia distinção hierárquica entre filosofia natural e História Natural, sendo que à História Natural caberia exclusivamente a descrição do mundo natural, enquanto que a filosofia natural estaria encarregada de não só descrever, mas também explicar as informações apresentadas. Ver: MORAES, E. M. A. de; SANTOS, C. F. M. dos; CAMPOS, R. D. da S. Filosofia natural lusa: a viagem philosophica e a política iluminista na América Portuguesa Setecentista. **Confluente**, v.4, n.1, p.75-91, 2011.

Ferreira nasceu na Cidade da Bahia aos 27 de abril de 1756. Seu pai, Manuel Rodrigues Ferreira, era comerciante relativamente abastado e como tal pode encaminhar o filho Alexandre, como era comum com os rebentos que demonstrassem alguma facilidade com as letras, ao seminário. Com 12 anos de idade, Alexandre recebeu as primeiras Ordens Clericais, mas, por motivos ainda não esclarecidos, não seguiu a carreira eclesiástica e foi enviado à Coimbra.

Ferreira chegou a Lisboa no dia 20 de julho de 1770. Em outubro do mesmo ano, matriculou-se na Cadeira de Instituta, isto é, no Curso de Direito num momento em que Coimbra estava passando pela reforma pombalina. As mudanças em curso obrigaram-no a aguardar dois anos para voltar a frequentar as aulas da Universidade. É bem possível que durante esta pausa forçada dos estudos de Direito, Alexandre tenha tomado contato ou aprofundado seus conhecimentos em História Natural o que o motivou a seguir o curso de Filosofia.

Não só entrou no curso de Filosofia como, no último ano da faculdade, tornou-se um aluno destacado e reconhecido. Graças aos seus méritos, foi nomeado Demonstrador de História Natural na Universidade e, aos 17 anos, tornou-se professor-auxiliar de Domingos Vandelli nas aulas da mesma matéria. Estavam abertas as portas para uma carreira de sucesso e, possivelmente, um cargo público no Império.

Em 1778, Vandelli selecionou, entre os seus melhores ex-alunos de Coimbra, uma equipe que organizaria o acervo do Museu de História Natural da Ajuda, em Lisboa. A partir de 1779, Vandelli, com o apoio do secretário Martinho de Mello e Castro, idealizou e executou um projeto audacioso conhecido como *viagens filosóficas*. A ideia inicial era organizar um único grupo de pesquisadores, chefiado por Alexandre Rodrigues Ferreira, que realizaria uma grande expedição científica ao Brasil. Para formar a equipe foram escolhidos seus melhores alunos de História Natural: Manoel Galvão da Silva, João da Silva Feijó e Joaquim José da Silva. No entanto, talvez por falta de recursos materiais, talvez por motivos políticos, o projeto inicial não pode ser realizado. A saída encontrada foi dividir a equipe e enviar cada um dos jovens naturalistas para um dos "cantos do império". Em 1783, Alexandre Rodrigues Ferreira seguiu para a Amazônia, José Joaquim da Silva para Angola, João da Silva Feijó para o arquipélago de Cabo Verde e Manoel Galvão da Silva para Moçambique.

Iniciavam-se, na prática, as viagens filosóficas sobre as quais comenta o historiador Ronald Raminelli:

No século XVIII, os sábios do Velho Mundo planejavam realizar um grande inventário da natureza e dos povos, para tanto, percorreram os mares e as terras com equipes de jardineiros e artistas. Se a coleta das espécies e uma rápida descrição realizavam-se durante as viagens, a análise e a classificação dependiam de recursos disponíveis nos museus europeus, onde encontravam-se instrumentos e bibliotecas especializados. Ao executar essas tarefas, eles deveriam dominar os vários ramos da ciência setecentista, sabedoria que os diferenciava dos leigos. Procuravam ainda encontrar na natureza leis e, portanto, não se contentavam com a mera descrição. Para ser filosófica, uma viagem deveria promover o avanço da ciência, descobrir leis, a lógica do criador, que estavam escondidas no mundo vivo. Mas a história natural não reunia apenas estudo das espécies, mas incluía conhecimento para manipular minerais, domesticar plantas e animais. Os naturalistas atuavam, portanto, como economistas e etnógrafos, coletando as técnicas nativas de transformação da natureza.¹⁰⁸

As viagens filosóficas transformam-se no decorrer do século XVIII "laboratórios em movimento" estabelecendo uma relação direta entre viagem e experimento. Toda boa relação de viagem constituía um pequeno tratado experimental e, em outras palavras, a viagem filosófica, a viagem enquanto experimento não se completava, ou melhor, não se legitimava sem o seu registro escrito e, melhor ainda, publicado e recebido pelo mundo letrado.

A partir de então, o cientista, o viajante e o viajante cientista exerciam suas funções de forma articulada com os interesses políticos, estratégicos das metrópoles europeias. As Luzes orientavam as reformas estatais e os letrados, recém-saídos das Universidades reformadas, desempenhavam suas atividades, na maioria das vezes, como burocratas do Estado. A manutenção do império estava intimamente ligada ao progresso e ao controle do conhecimento e, deste modo, os intelectuais eram obrigados a negociar dentro de uma intrincada rede de poder em busca de seu sustento e reconhecimento. Ilustrados, mas por necessidade dependentes do Estado que por diversos motivos os mandava para longas temporadas em mares e terras distantes, em missões científicas ou administrativas. Como afirma Raminelli, iluministas, mas ao mesmo tempo, funcionários do império. Porém, mais ou menos autônomos, os filósofos eram indispensáveis aos empreendimentos estatais que necessitavam de profissionais naturalistas e seus conhecimentos sobre a fauna, a flora e a geologia das terras do reino.

No Império Lusitano, da mesma forma da que outros impérios europeus, a produção do conhecimento era, predominantemente, financiada pelo Estado. Se a

108 RAMINELLI, R. **Viagens ultramarinas**: monarcas, vassalos e governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008. p.97.

reforma do sistema de ensino e, mais especificamente, da Universidade de Coimbra, possibilitou a formação de novos quadros, novos profissionais, os caminhos dos recém-doutores era, na maioria das vezes, a administração colonial e, se tudo corresse bem, no retorno, a nomeação para um cargo na metrópole. É claro que esta colocação inicial dependia de uma série de fatores como a origem familiar do naturalista, sua rede de relações e sua nacionalidade. Em suma, a trajetória profissional de um jovem letrado e/ou naturalista não era muito diferente daquelas outras carreiras que dependiam da rede de relações e de favores típicas do Antigo Regime. Do amparo estatal, da benevolência das autoridades, sobretudo do monarca, dependia o maior ou menor sucesso dos naturalistas e letrados, dentro do enorme Império Ultramarino Lusitano.¹⁰⁹

No entanto, além do grupo de naturalistas formados em Coimbra, existia um número relativamente grande de autodidatas que contribuía, de uma forma ou de outra, com a rede de informações e conhecimento setecentista. Oriundos das mais variadas regiões do império, estes curiosos, apaixonados pela botânica, correspondiam-se com o mestre Vandelli e também, muitas vezes, davam suporte as expedições científicas. Governadores, vice-reis, juizes, catedráticos, religiosos, médicos, militares, coletavam espécies, redigiam memórias e enviavam-nas para as instituições metropolitanas responsáveis pela guarda e catalogação do enorme e variado acervo de história natural do Império Lusitano.

Na verdade, ao coletar espécies, produzir memórias, enviar correspondências, estes súditos, muitos residentes nas colônias, atendiam os interesses da coroa e ao

109 RAMINELLI, R. **Viagens ultramarinas**: monarcas, vassalos e governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008. p.137.

mesmo tempo requisitavam para si prestígio e, quem sabe, uma futura mercê. Deste modo, além da paixão pelo estudo da fauna, havia nesta rede de relações a possibilidade de ascensão social. Juízes de fora, médicos, secretários do governador, dentre outros, colaboravam com esta extensa rede de informações.

Assim, de forma amadora ou profissional, filósofos viajantes lançaram-se rumo às terras de além-mar, na América, na África, na Ásia, nos "mares do sul" iniciando a "corrida científica" ao redor do planeta. Um dos resultados deste movimento foi a produção de vasta Literatura de Viagens composta por memórias, diários, mapas e reprodução das paisagens vistas e visitadas. A natureza redescoberta pelo olhar de Lineu e seus discípulos, renomeada a partir de uma nomenclatura científica, seria, mais uma vez, apresentada ao mundo europeu.

O grupo formado pelos ex-alunos do Professor Vandelli participariam desta "aventura científica" ao redor do planeta. Este é o caso, por exemplo, do colega de Ferreira, o naturalista João da Silva Feijó, luso-brasileiro, um dos poucos que conseguiu viver regularmente da ciência. Enviado ainda jovem para estudar ciências naturais em Coimbra, depois de formado foi enviado ao Cabo Verde e, durante uma década, exerceu nestas ilhas a função de naturalista da coroa. Quando retornou a Lisboa, trabalhou na organização do herbário cabo-verdiano e em pesquisas sobre o salitre (abundante na região do arquipélago). Encarregado de viabilizar a produção de salitre na colônia brasileira se dirigiu ao Ceará, mas não obteve o sucesso desejado. Terminou seus dias no Rio de Janeiro como professor de Zoologia e Botânica da Academia Militar. Publicou vários escritos, artigos ou monografias científicas, denominados, na época, memórias. Pesquisou e escreveu sobre vários temas como vulcões, líquens, ouro, criação de carneiros, além de elaborar obras mais volumosas sobre a economia e a botânica de Cabo Verde e do Ceará. João da Silva Feijó, "um homem de ciência português do Antigo Regime" enfrentou vários desafios para tornar-se um "naturalista da coroa". Esta trajetória não é muito diferente daquela percorrida por seus colegas, dentre eles, Alexandre Rodrigues Ferreira. Sobre a trajetória de Feijó, afirma Magnus Pereira:

O que se depreende dessa trajetória de vida é que João da Silva Feijó foi um homem de ciência português do Antigo Regime. No universo luso da época, essa era uma condição pouco frequente. O simples fato de ter tirado o sustento, para si e para a família, dos poucos ganhos obtidos em atividades de cunho científico, transforma-o em personagem exemplar, ainda que pela excepcionalidade. Feijó, no entanto, esteve longe de ser um homem

autônomo de ciências. No restrito espaço científico português em que viveu, para quem não era um diletante das ciências, capaz de viver de suas próprias rendas, restava o serviço à Coroa, com todas as implicações daí advindas. Sua obra, naquilo que tem de limitada e naquilo que tem de interessante, traz as marcas de sua posição de "naturalista da coroa".¹¹⁰

Assim como Feijó, Alexandre Rodrigues Ferreira, "naturalista da coroa", percorreu milhares de quilômetros pelos chamados sertões da Amazônia em busca de conhecimento científico e do reconhecimento profissional por parte dos seus superiores. Tornou-se um dos mais importantes e mais conhecidos viajantes do século XVIII que percorreram o território da América Portuguesa. Se comparado aos outros quatro viajantes analisados, isto é, Mr. La Condamine, Pe. João Daniel, Vigário José Monteiro de Noronha, Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, Ferreira é, sem dúvida, o mais conhecido e pesquisado por estudiosos de várias áreas do conhecimento. Sua trajetória e suas viagens podem ser consideradas paradigmáticas das chamadas viagens filosóficas do setecentos.

Em 1777, aos 22 anos, Rodrigues Ferreira foi o nomeado naturalista pela Rainha D. Maria I e encarregado da "Viagem Filosófica" à Amazônia, considerada por Silva o maior empreendimento científico realizado no Brasil pela Coroa Portuguesa em todo nosso período colonial.¹¹¹

Em 15 de julho de 1778, partiu para Lisboa a fim de aguardar os preparativos finais da viagem que tinha como supervisor principal o próprio Ministro Martinho de Mello e Castro. No entanto, ainda teria que esperar alguns anos para realizar a tão esperada viagem pela América Portuguesa. Enquanto aguardava, participou de pequenas expedições científicas locais, dentre elas, uma realizada com o colega João da Silva Feijó à Mina de Carvão de pedra de Buarcos. Também trabalhou no Real Museu d'Ajuda onde descreveu produtos naturais e realizou experiências científicas sob o patrocínio do Ministro. Durante o período em que aguardou a

110 PEREIRA, M. R. de M. João da Silva [Feijó ?]: a trajetória de um homem de ciências luso-brasileiro. In: PEREIRA, M. R. de M.; SANTOS, R. M. F. dos. **João da Silva Feijó: um homem de ciência no Antigo Regime português**. Curitiba: Editora da UFPR, 2012. p.20.

111 SILVA, J. P. da. Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira. **SOLETRAS**, São Gonçalo, Ano VI, n.11, p.131, jan./jun.2006.

definição da sua partida, retornou à Coimbra para concluir seu Doutorado e recebeu o título de "Doutor em Filosofia", no dia 10 de janeiro de 1779.

Na verdade, entre a indicação do naturalista para chefiar a expedição e a partida passaram-se cinco anos. Um quinquênio dedicado a preparar a viagem e capacitar a equipe para a realização de uma missão de grande envergadura. Ao iniciarem suas expedições científicas os viajantes filósofos eram orientados sobre o que olhar, registrar, o que e como enviar, enfim, suas viagens eram, dentro das possibilidades de cada uma, planejadas minuciosamente.

Cada viagem, mesmo que para o público geral fosse um exemplo do espírito aventureiro dos seus protagonistas, tinha no seu planejamento a adequação necessária aos objetivos da expedição que, naturalmente, variavam de acordo com os interesses dos patrocinadores – comumente o Estado – e da comunidade científica. Também influía na organização prévia da viagem o destino, a distância, o conhecimento, ou não, da região a ser percorrida, os meios de transporte disponíveis, dentre outros. Não é difícil imaginar a difícil logística de um empreendimento deste tipo dentro das limitações tecnológicas e de transporte no mundo do século XVIII. E se pensarmos na realidade vivida pelos habitantes do Norte da América Portuguesa, onde as distâncias e o tempo de percurso adquiriam outra dimensão se comparadas às viagens europeias, todo planejamento nunca era suficiente.

Para viabilizar a missão também eram necessários recursos financeiros vultosos, a aquisição de materiais e equipamentos e o apoio das autoridades locais ou aliados políticos. Na bagagem do naturalista iam os livros, manuais e instrumentos que serviam para a identificação e classificação dos objetos naturais. Medir, coletar, catalogar, embalar e enviar as peças encontradas em terras distantes – e muitas vezes inóspitas – exigia um número grande de equipamentos e suprimentos. Martelos, de diferentes pesos e tamanhos, facas, vidros, caixas, tesouras, papel, papelão, cordas, pás, enxadas, alfinetes, puças, instrumental para a taxidermia, além de todos os utensílios, mão de obra e objetos necessários para a alimentação, transporte e o mínimo de conforto nos acampamentos realizados durante o trajeto, deveriam ser transportados por via terrestre ou fluvial em condições nem sempre favoráveis.

Sobre os livros transportados para a viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira comenta Raminelli:

Além dos indispensáveis instrumentos de trabalho, Ferreira contava com uma biblioteca para se lançar sobre os sertões do Brasil. Trouxe consigo obras sobre plantas e animais escritas por Jean Baptiste Aublet, Margrave e Piso, Carl Lineu, Valerio, Antoine Baumé e Giovanni Antonio Scopoli, estudos nem sempre adequados à realidade amazônica. Somente em Barcelos, na capitania do Rio Negro, ele tomaria conhecimento dos escritos de Charles La Condamine e do diário do padre Samuel Fritz, citado pelo naturalista francês. Em Belém, logo no início da jornada, recebera instruções de José Pereira Caldas. Correspondente assíduo de Ferreira, Caldas dar-lhe-ia preciosas informações sobre agricultura e povoamento nativo. Mais tarde, em Vila Bela – Mato Grosso –, consultaria também a *Histoire naturelle* de Buffon, editada em Paris, a partir de 1749. O exemplar constava da biblioteca do colega da Universidade de Coimbra, o secretário do governo de Mato Grosso, Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque Lins, radicado nessa paragem perdida no sertão. Inicialmente estava prevista a inclusão na bagagem dos livros de Jean de Léry e obras sobre agricultura prática de Duhamel de Monceau. Por intermédio das poucas informações disponíveis sobre a bagagem da expedição, o naturalista luso-brasileiro dispunha, substancialmente, de relatos de viagem de origem administrativa, dedicados a conhecer as potencialidades econômicas da região e mapear as fronteiras entre a colônia portuguesa e as áreas de domínio espanhol. Ferreira recorreu aos relatórios de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1774-1775), Teodósio Constantino de Chermont (1720), José António Landi (1755) e informações transmitidas por Manuel Gama Lobo d'Almada (1787), todos citados e, muitas vezes, transcritos no *Diário da Viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro*.¹¹²

Também era importante o registro visual dos objetos naturais e paisagens. Para tanto, além de um ou mais desenhistas eram necessários cavaletes, pigmentos, pincéis, lápis, papel que auxiliavam o desenhista a registrar, ou, ao menos, fazer um esboço, a ser mais bem acabado posteriormente, das paisagens, das pessoas, dos animais, da vegetação e das construções. Na expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira, foram desenhistas José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, formados na Casa Real do Risco do Gabinete de História Natural. José Joaquim Freire e Joaquim José Codina faziam parte do seletto grupo que passou pela Casa do Risco, em Lisboa, destinada a preparar "riscadores" para elaborar as pranchas de ilustrações botânicas, zoológicas e antropológicas das expedições científicas portuguesas.

O planejamento incluía um treinamento prévio dos membros da expedição que realizavam aulas práticas em regiões próximas, comumente em território europeu, a fim de aprimorarem a observação, identificação e coleta dos materiais assim como

112 RAMINELLI, R. **Ciência e colonização**: viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. p.4. Disponível em: <www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2009.

a reprodução imagética das espécies coletadas. É claro que entre o treinamento realizado em locais e culturas conhecidas e o destino havia, não só geograficamente, uma grande distância. Procurando garantir o sucesso da viagem e disciplinar a prática naturalista foram elaborados manuais de viagem, mais propriamente, *instruções de viagem* que, teoricamente, deveriam guiar os passos do viajante na sua aventura naturalista.

Estas instruções continham explicações que abordavam todo o instrumental teórico e prático das viagens. O resultado final da viagem, materializado nos diários, memórias, relatórios, desenhos, mapas, coleções, dentre outros, contribuíam com o esforço do Império Português em desenvolver a história natural e, de forma mais ampla, da ciência.¹¹³

Assim, o objetivo das instruções era garantir que o processo de produção da ciência setecentista fosse completado com sucesso. O naturalista viajante coletava os dados, as espécies, as amostras dos mais variados tipos pertencentes aos reinos animal, vegetal e mineral e os enviava aos "centros de cálculo" metropolitanos. Na Europa, técnicos que dispunham de laboratórios, equipamentos e bibliotecas especializadas, transformavam estes dados em conhecimento. Para manter esta "linha de produção" minimamente produtiva é que foram estabelecidos padrões de coleta e envio que também dependiam de um saber técnico do naturalista viajante. Dominar os procedimentos de coleta, preparo, empacotamento e, principalmente, de classificação exigiam estudo e experiência e, nas décadas finais do século XVIII, este trabalho começou a ser realizado, com cada vez mais frequência, por profissionais.

Se as instruções Linneanas foram as que mais impacto e divulgação tiveram sobre as inúmeras expedições científicas a partir de meados do século XVIII, isto não significa que outros autores não fossem conhecidos e respeitados. No contexto português, uma destas instruções foi a elaborada pelo o clérigo regular teatino D. Manuel Caetano de Souza, no primeiro quartel do século XVIII, que tinha como objetivo orientar a viagem que o jovem rei português D. João V pretendia realizar pela Europa. O monarca desejava realizar, de acordo com o espírito ilustrado da época, seu *Grand-Tour* tendo como percurso a Espanha, a França, a Itália, a Alemanha, a Holanda e a Inglaterra. Mas, diferente de muitos aristocratas que preferiam viajar com seus tutores ou uma pequena comitiva, o rei português tinha

113 Sobre "centrais de cálculo" ver: LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

planos de levar consigo cerca de duzentos acompanhantes e uma guarda pessoal de oitenta homens. Com uma duração estimada de doze meses e um valor financeiro provavelmente alto a viagem acabou não acontecendo, mas algumas cópias manuscritas da instrução foram preservadas e orientavam os leitores e futuros viajantes. Estes viajantes deveriam conhecer

o estado natural tomando notícia da qualidade do clima, do terreno, dos campos, dos montes, dos rios, das fontes, dos frutos, dos gados, dos minerais, das aves e dos peixes. Conhecerão o estado moral de cada lugar tomando notícia do número de fogos, dos habitantes dos edifícios públicos, e particulares, do estado eclesiástico, político, militar e econômico.¹¹⁴

Domingos Vandelli também escreveu as suas instruções em 1779, denominada *Viagens filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar*. Dentro das regras de composição do gênero, esta instrução também era detalhada e pormenorizada sobre o que observar e como registrar, tanto textualmente como iconograficamente, o estado "físico e moral dos povos", os rios, fontes minerais, lagoas e os reinos animal e vegetal da abundante natureza das terras de além-mar. Seus discípulos, filósofos viajantes, deveriam, dentro do espírito ilustrado, descobrir e, ao mesmo tempo, averiguar os gêneros dignos de exploração como a cochonilha, o anil, a quina, o cacau etc.

Alexandre Rodrigues Ferreira e o grupo de seletos colegas que participavam das aulas de campo com o padovano Domenico Vandelli também participaram da elaboração de um manual intitulado *Breves Instrukçoens aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos e noticias pertencentes a historia da Natureza para formar um Museo Nacional*. Este manual, editado pela Academia de Ciências de Lisboa em 1781, se tornou

uma verdadeira cartilha do naturalista coletor, instruindo como observar, coletar e catalogar espécimes dos três reinos da natureza, foi enviado aos quatro cantos do império e foi o primeiro de uma série que se seguiu, contendo, mais ou menos, os mesmos ensinamentos.¹¹⁵

114 SOUZA, M. C. *apud* ABDALLA, F. T. de M. **O peregrino instruído**: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do iluminismo. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2012. p.9.

115 CRUZ, A. L. R. B. da. **Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas**: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2004. p.121.

Nesta publicação, além das detalhadas observações sobre o "saber e o fazer" na viagem filosófica, o viajante é orientado sobre as anotações relativas à geografia física do território que poderiam ser divididas em terra, ar e água:

Além destas relações particulares, que devem enviar-se dentro dos mesmos caixões das remessas, será conveniente que se mande à parte huma relação geral, que as comprehenda todas pela ordem dos tres reinos da Natureza. Desta deixará o Correspondente huma copia fiel na sua mão, para não remetter segunda vez exemplares da mesma especie, ou para remetter novamente os que lhe pedirem.

Estas noticias particulares, de que acabo de fallar, só servem para dar a conhecer os exemplares que se remettem; e como não interessa menos conhecer o paiz que os produz, recomenda-se aos Correspondentes, que mandem tambem huma descripção Geografica delle, que comprehenda com a exacção possível tudo o que tiverem observado, e lhes parecer mais digno da attenção de hum Filosofo. E para procederem sem confusão, podem ajuntar debaixo de diferentes titulos as suas observações; separando v. g. as que pertencem á terra, as que pertencem ao ar, e as que pertencem á goa.¹¹⁶

Como aponta Frederico Abdalla, a divisão dos objetos observáveis a partir dos seus lugares naturais, terra, ar e água já era presente nas primeiras instruções científicas do final do século XVII, como, por exemplo, as *Heads for natural history*, de Robert Boyle. Domenico Vandelli, na sua obra *Do Conhecimento Fisico, e Moral dos Povos, Do Ar e Do que se deve observar principalmente o Naturalista nos Lugares Beira Mar*, também utiliza esta divisão. Aliás, no que diz respeito às *Breves instrucções*, as orientações obedecem à mesma ordem do trabalho de Vandelli e os "itens que seguem são a medição da latitude/longitude, a situação do céu e do clima, os montes, a natureza dos terrenos, os homens, a estrutura interna da terra; depois o ar, sua qualidade, meteoros e epidemias; em seguida, a água, rios, a profundidade dos mares e suas costas. Em suma, trata-se de três seções extraídas da dissertação do mestre italiano, porém condensadas em quatro largos parágrafos".¹¹⁷

Devidamente "instruído" e afinado com o discurso vigente, Alexandre Rodrigues Ferreira percorreu o mesmo caminho rumo ao reconhecimento científico por parte dos seus pares. Não é muito difícil imaginar que deveria haver certa tensão entre as "regras do método" e as escolhas do filósofo. Seu olhar, educado e treinado pelo

116 ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA. **Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e noticias pertencentes a historia da natureza para formar um Museo Nacional**. Lisboa: Tipografia da Academia, 1781. p.40.

117 ABDALLA, F. T. de M. **O peregrino instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do iluminismo**. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2012. p.83.

saber universitário europeu deveria estar atento a tudo aquilo que engrandecesse o império, seus patrocinadores e a ciência. Deste modo, registrar o que fosse digno de um Filósofo exigia do viajante, cientista, naturalista da coroa ou mesmo religioso (e em muitos casos os três papéis ao mesmo tempo) um exercício cotidiano de adequações aos seus papéis. Os viajantes filósofos, por "amor à arte" ou por "dever de ofício", ou por ambos, procuravam atender às demandas imperiais, mas, na maioria das vezes, estavam em terras estranhas, distantes e muitas vezes inóspitas. Em algumas ocasiões contavam com o apoio das autoridades locais, em outras, tinham que sobreviver num verdadeiro "ninho de cobras"¹¹⁸.

Em determinados locais eram admirados e bem recebidos, em outros, eram alvo de manifesta desconfiança ou desprezo. O olhar educado, a condição de letrado fazia com que, por várias ocasiões, fossem vistos como os "olhos do rei" dentro do sistema mais amplo do "governo à distância" como muito bem definiu Ronald Raminelli.¹¹⁹ Se oriundo da colônia, retornava à "pátria chica" e tinha que se haver com a tensão de sua própria identidade cultural híbrida como representante metropolitano. Se estrangeiro, como foi o caso de La Condamine, além de incompreendido nas suas funções científicas podia até ser visto como "inimigo do rei" e, como tal, perseguido. Todos, com raras exceções, viveram na pele o processo do choque cultural decorrente das relações entre a metrópole e as áreas coloniais, entre o saber europeu e o saber nativo, entre visitantes e visitados, entre viajantes e viajados, entre pessoas em trânsito e estabelecidos na "zona de contato" analisada por Mary Louis Pratt.¹²⁰

Com "um olho no padre e outro na missa", Rodrigues Ferreira procurou atender aos interesses da Coroa e da comunidade científica. Um pouco mais de um ano após se pós-graduar doutor, foi convidado a fazer parte da Real Academia de Ciências sendo nomeado como Correspondente no dia 22 de maio de 1780. Enquanto esperava a partida para a América, produziu memórias, textos literários, pesquisas

118 PEREIRA, M. R. de M. Um jovem naturalista num ninho de cobras: a trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde, em finais do século XVIII. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.36, p.29-60, 2002.

119 RAMINELLI, R. **Viagens ultramarinas**: monarcas, vassallos e governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008.

120 Ver PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

científicas, com os quais obteve o reconhecimento dos seus pares e da Coroa como "Doutor Naturalista".

No dia 31 de agosto de 1783, para alguns, ou 1.º de setembro, para outros, partiu de Lisboa a bordo do veleiro *Águia Real e Coração de Jesus*. Junto com ele, o novo governador e capitão-general das capitanias do Grão-Pará e São José do Rio Negro, Martinho de Souza e Albuquerque, além dos Riscadores e um Jardineiro Botânico que deveriam ajudá-lo na longa e difícil jornada, Joaquim José do Cabo e José Joaquim Freire eram os Riscadores (ou Desenhadores) e Agostinho Joaquim do Cabo, o Jardineiro Botânico.

Iniciava-se, então, a maior empresa naturalista realizada na América portuguesa pela Coroa em todo o período colonial. Tinha como objetivo descrever e catalogar a natureza amazônica e parte da bacia do Rio Amazonas, além de um trabalho de reconhecimento *in loco* das possessões da Coroa, bem como a delimitação das fronteiras geopolíticas de forma que não houvesse conflitos com os vizinhos coloniais, os espanhóis.¹²¹

Além do naturalista a equipe era formada pelos, já citados, riscadores (desenhistas) José Codina, José Joaquim Freire, segundo-tenente e cartógrafo do Museu Real de Lisboa e o preparador (jardineiro, naturalista e botânico) Agostinho Joaquim do Cabo, pertencente ao quadro de funcionários do Real Gabinete de História Natural de Lisboa, que morreu no Rio Negro em 1791.

Suas instruções eram bem claras:

Pela real ordem, por que a Rainha Nossa Senhora me mandou instruir sobre o objeto da expedição filosófica a Vossa Mercê cometida, é Sua Majestade servida determinar-me que, a Vossa Mercê e aos dous desenhadores e jardineiro botânico, que o acompanham e trabalham debaixo da sua inspeção, os empregue no exame do Rio Negro, e dos outros que nele deságuam, para que das produções e das observações que se continuarem a adquirir e fazer, se efetuem as correspondentes remessas, na forma pela mesma Senhora disposta e ordenada. Assim, pois, o executará Vossa Mercê, com o mesmo zelo e desempenho que até agora lhe tem merecido o real serviço; ficando na inteligência que, além do Rio Negro, são os mais importantes que se devem examinar, o Branco e seus principais confluente, conforme o *Diário* do ano de 1781, que a Vossa Mercê tenho confiado; o Aracá, pouco superior a esta vila, da parte setentrional; o Paduari e o Cauaburis, da mesma parte; e o Uaupés, Içana e Ixié, da parte meridional, e dela os dous últimos já vizinhos à nossa fronteira e fortaleza de Marabitanas, que é até onde, por ali, se deve estender o exame.

121 MORAES, E. M. A.; SANTOS, C. F. M. dos; CAMPOS, R. D. da S. Filosofia natural lusa: a viagem philosophica e a política iluminista na América Portuguesa Setecentista. **Confluenze**, v.4, n.1, p.75-91, 2011.

Nem o rio Solimões, ou parte do Amazonas assim chamado, e nem os outros nele confluente, e o Japurá, me são para o mesmo exame indicados na sobredita ordem real; e por isso Vossa Mercê se regulará, quanto àquela parte do distrito, pelas que recebesse imediatamente do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Martinho de Melo Castro, e pelas que também lhe tiver distribuído o Excelentíssimo Senhor general deste Estado.¹²²

A expedição pode ser dividida em três grandes fases. A primeira envolve a partida de Portugal, o estabelecimento da primeira base de operações em Belém do Pará e a exploração da Ilha de Marajó, redondezas da capital paraense, o estuário e parte do rio Tocantins. A segunda compreende a viagem pelos rios Negro e Branco onde chegou até as fronteiras com os territórios da Espanha e da Holanda. Na última etapa a expedição percorreu os rios Madeira e Mamoré, a Capitania do Mato Grosso, o sertão de Goiás e o Rio Paraguai. Em suma, Ferreira, após nove anos, viajou a região correspondente à atual Amazônia Legal.

Após partir de Lisboa, Rodrigues Ferreira e equipe enfrentaram cinquenta e um dias de viagem a bordo do *Águia Real* e *Coração de Jesus* e desembarcaram na cidade de Belém do Pará em 21 de outubro de 1783. Estabelecida a primeira base de operações da "viagem-philosophica", a equipe lançou-se na aventura de explorar, catalogar e "riscar" a diversidade biológica da capital paraense, suas redondezas e a Ilha de Marajó. Durante um ano visitou várias vilas, rios e dentre os inúmeros resultados deste trabalho, não há como não citar a vista panorâmica da cidade de Belém elaborada pelos desenhistas Codina e Freire.

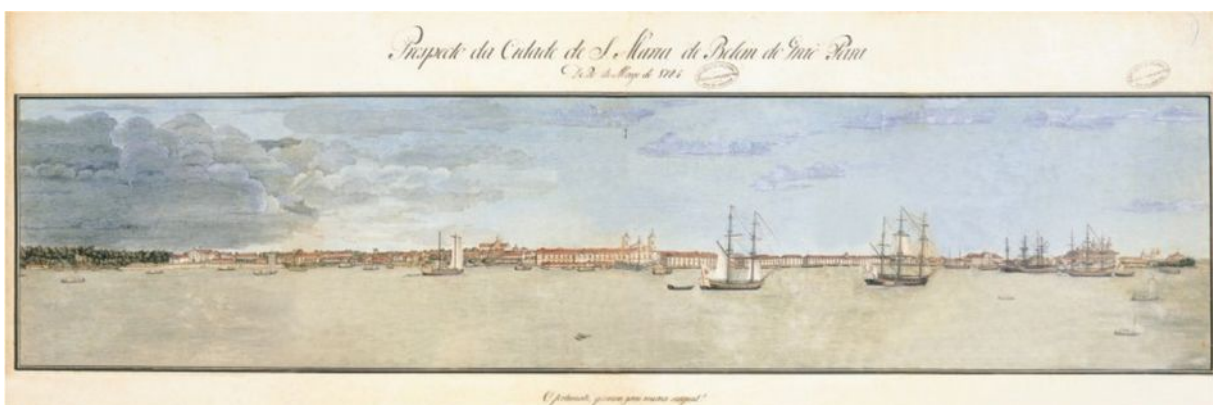


FIGURA 7 - PROSPECTO DA CIDADE DE SANTA MARIA DE BELÉM DO GRAO PARÁ DE 20 DE MAYO DE 1784

122 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.80. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

FONTE: Disponível em: <<http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-para/679/>>.
Acesso em: 17 fev. 2014

Em 20 de setembro de 1784, a expedição zarpou em direção à nova capitania de São José do Rio Negro, região estratégica para a consolidação do território e poder portugueses na Amazônia. Deveria, de acordo com as instruções recebidas, navegar o Solimões, o alto rio Negro e o rio Branco e afluentes. Alcançou a boca do rio Negro a 13 de fevereiro de 1785 e prosseguiu até a Vila de Barcelos aonde chegou a 2 de março do mesmo ano.

Por mais dois longos anos, Alexandre Rodrigues Ferreira permaneceu em Barcelos, onde organizou o que seria a sua segunda base de operações. Prontos os preparativos, seguiu viagem no dia 20 de agosto de 1785 e continuou a subir o Rio Negro até alcançar, três meses depois, a fronteira portuguesa cujo marco final era a Fortaleza de São José de Marabitanas no dia 14 de novembro do mesmo ano.

Do mesmo modo do que na primeira fase da sua viagem, visitou várias vilas, povoações e sítios dos moradores. Tanto quanto pode, explorou os rios principais e seus afluentes recolhendo, catalogando e desenhando farto material de estudo que, numa complicada logística, foi enviado em remessas para Portugal.

Em janeiro de 1786, a expedição retornou da fronteira norte, mas, em abril, já partiu rumo ao Rio Branco subindo-o até a Fortaleza de São Joaquim. Só estava de volta à Barcelos em agosto do mesmo ano, onde aproveitou o tempo para realizar novas explorações na região da capital até receber novas instruções dos patrocinadores da sua expedição. Estas instruções chegaram em 1788 e em agosto do mesmo ano o naturalista partiu rumo ao Rio Madeira em direção à confluência dos rios Mamoré com o Guaporé com o objetivo de alcançar Vila Bela, capital do Mato Grosso, onde chegou a três de outubro de 1789.

Não foi uma viagem tranquila. Dificuldades de navegação e ataques dos Mundurucus causaram a deserção de muitos tripulantes índios, mão de obra indispensável para o sucesso da empreitada. Com o número de ajudantes reduzido pela metade, enfrentando as grandes cachoeiras do Rio Madeira, que exigia o transporte das embarcações por terra, a terceira fase da expedição esteve ameaçada. Além disso, Alexandre Rodrigues Ferreira e os desenhistas José Joaquim Freire e Joaquim José do Cabo adoeceram de impaludismo. Os dois primeiros conseguiram sobreviver, mas o terceiro faleceu poucos dias após a expedição chegar a Vila Bela.

Em 25 de fevereiro de 1790, iniciaram a última etapa da grande jornada em direção à Vila Bela, capital do Mato Grosso. Visitam os arraiais onde se minerava ouro, desceram o Rio Cuiabá, a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, encontraram o rio São Lourenço e em seguida os rios Paraguai e Jauru. Em 27 de junho de 1791, a expedição regressou a Vila Bela onde Ferreira aproveitou para realizar explorações geológicas nas grutas das Onças e do Inferno.

De Vila Bela regressou à Belém do Pará pelo mesmo caminho de ida e onde chegou no dia 12 de janeiro de 1792. Permaneceu na capital paraense até 1793, período no qual casou-se com a filha do seu correspondente e dedicado colaborador, Capitão Luiz Pereira da Cunha.

Em janeiro de 1793, aportou novamente em Lisboa, após ter percorrido 39.372 km, pelos "sertões da Amazônia". O reconhecimento por tal feito não foi tardio, pelo menos por parte da Coroa portuguesa. Segundo Costa e Sá,

Na sua chegada a Lisboa, em Janeiro de 1793, seguiu-se ser nomeado Official da Secretaria d'Estado dos Negocias da Marinha e Domínios Ultramarinos. Porém logo no anno seguinte foi dispensado do exercido deste emprego, por ter sido encarregado da administração e direcção interina do Real Gabinete de Historia Natural e Jardim Botânico, e suas annexas (b), incumbindo-se-lhe também inventariar todos os productos, instrumentos, livros, e utensílios allí existentes. Foi tão boa a ordem e economia a que o Snr. Dr. Alexandre trouxe este estabelecimento, reduzindo consideravelmente suas despesas, que mereceu que Sua Magestade, por seu Real Decreto de 11 de Setembro de 1795, o nomeasse Vice-Director do mesmo Estabelecimento; removendo a bem do seu honrado Vassallo o que havia desgostado a sua extrema delicadeza nos outros Decretos de 29 de Junho, e 3 de Julho do mesmo anno, em que, dando huma nova fórma a todo aquelle Estabelecimento, o nomeára para seu Administrador.¹²³

Recebeu ainda a condecoração do Hábito da Ordem de Christo, em 1794, o cargo de Administrador da Reais Quintas, em 1795, o de Deputado da Real Junta do Comércio, em 1807. Alexandre Rodrigues Ferreira faleceu em Lisboa no dia 23 de abril de 1815.

Durante os dez anos da viagem-philosophica, Alexandre Ferreira foi enviando o material colhido e seus escritos para Lisboa. Em junho de 1785, já enviara 19 volumes de material, 230 desenhos e sete memórias. Após explorar o Rio Branco enviou

¹²³ COSTA E SÁ, M. J. M. da. Elogio do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. In: **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1972. p.25.

para Lisboa 142 volumes de material recolhido e quase seis centenas de desenhos. Martinho de Melo e Castro pedira-lhe, com particular interesse, o envio de jacarés, jiboias, tartarugas, macacos, e Alexandre Ferreira tudo ia remetendo, animais, vegetais e minerais, com presteza e bom acondicionamento.¹²⁴

A trajetória deste acervo, suas idas e vindas, merece um estudo à parte. O fato é que quando retornou à Lisboa, Alexandre Ferreira encontrou o material enviado em condições precárias de armazenamento e classificação. Carvalho, na sua obra *História Natural em Portugal do Século*, indica que "há mesmo quem atribua este acto indecoroso a Vandelli", isto é, que não houve por parte do Naturalista italiano muito interesse em receber e acolher os textos e peças da maneira adequada.¹²⁵

124 CARVALHO, R. **A história natural em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1987. p.102.

125 *Id.*

Quando, em 1808, a família real se transfere para o Brasil e instala a sede do Reino no Rio de Janeiro, Ferreira decide permanecer em Lisboa. O acervo por ele recolhido durante tantos anos de viagem e pesquisa fez parte do butim de guerra francês e foi levado para Paris. Só os manuscritos foram devolvidos após a derrota de Napoleão em Waterloo e a conclusão do tratado de paz entre Portugal e França.

Com o falecimento do naturalista, o acervo decorrente da sua produção científica foi recolhido ao Real Museu da Ajuda onde permaneceu até 1838, ano em que foi mais uma vez transferido para a Academia de Ciências de Lisboa com vistas a uma possível publicação. Em 1842, duzentos e cinquenta manuscritos relacionados à viagem filosófica foram emprestados ao representante diplomático do Brasil em Portugal, o Ministro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond. O Ministro passou anos com ele sem fazer absolutamente nada e, por fim morreu. A família, apesar dos protestos portugueses, colocou o material à venda, como se fosse propriedade privada do diplomata. A história terminou com a recompra dos documentos em hasta pública pelo governo português. Quase vinte anos depois, em 1861, o zoólogo Barbosa de Bocage encontrou dois volumes contendo aquarelas originais da expedição numa coleção particular em Lisboa. Mais uma vez, o material de Alexandre Rodrigues Ferreira seguiu por caminhos inusitados e, desmembrado, foi parar nas mãos de particulares.

No início da década de setenta do século XIX, em 1873, Alfredo do Valle Cabral, funcionário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, estabeleceu como projeto recuperar e catalogar a obra restante do naturalista baiano. Três anos depois, graças ao trabalho deste servidor da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, foi possível a publicação, nos *Anais da Biblioteca*, do título "ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (*Notícia das obras manuscriptas e inéditas relativas a Viagem Philosophica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, pelas Capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Matto Grosso e Cuyabá. (1783-92)*". O projeto editorial original previa a publicação de sete partes, o que não ocorreu, pois só foram publicadas as três primeiras partes. No entanto, a impressão e divulgação de parte das pesquisas de Alexandre Ferreira possibilitou o surgimento de um movimento de recuperação, organização e publicação do seu acervo que se estende até os dias atuais.¹²⁶

¹²⁶ Por curiosidade, consultando o texto de Costa e Sá, já citado, encontrei um total de aproximadamente 5571 páginas produzidas por Alexandre Ferreira em decorrência da sua viagem pela América.

Dentre a vasta produção textual produzida por Ferreira, a que mais nos interessa e que será objeto de estudo é o seu *Diário da Viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro, com a Informação do Estado Presente*. Originalmente escrita em 544 páginas manuscritas, ela foi publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* nos anos de 1885, 1886, 1887 e 1888.¹²⁷

A obra está dividida em quatro grandes partes, a primeira e a segunda relativas à viagem propriamente dita. A terceira e a quarta partes, formadas por suplementos e anexos, respectivamente. A primeira e a segunda parte estão divididas em sete "participações" que era o formato pelo qual o naturalista enviava seus relatos ao Governador João Pereira Caldas:

Deverei, portanto, nesta e nas outras participações que se seguem, coangustar-me somente a uma breve, se bem que circunstanciada informação do estado presente de cada vila ou lugar, esperando que seja fruto de mais maduros exames o meu juízo geral sobre a capitania. Eis aqui o que tanto mais fácil me ficou sendo de executar, quanto mais terminantes foram as ordens que a este respeito expediu Vossa Excelência aos comandantes e diretores das povoações. O que delas pretendo informar é o que já dá a entender a participação que se segue.¹²⁸

Este pequeno trecho transcrito apresenta a primeira participação da primeira parte. Ele já dá o tom no qual todo o Diário seria elaborado. Durante toda a viagem Ferreira produziu três obras neste formato, o aqui citado *Diário da Viagem Filosófica pela Capitania do Rio Negro*, o *Diário do Rio Branco* e o *Extrato do Diário da Viagem Filosófica pelo Estado do Grão-Pará*. Os diários de Alexandre Ferreira assemelham-se aos relatos do Vigário José Monteiro de Noronha e do Ouvidor Sampaio pela rigidez cronológica e espacial que amarram a narrativa e possibilitam ao leitor acompanhar "passo a passo" a viagem do autor narrador.

Raminelli aponta que este tipo de literatura seria um material de referência para a elaboração das memórias escritas posteriormente.¹²⁹ Não tenho dúvidas de

127 RGHIB: 1885, n. 48 (1): 1-234 (1.^a Parte, 7 participações); 1886, n. 49 (1): 123-288 (2.^a Parte, primeira participação); 1887, n. 50 (2) 11-141 (segunda a sétima participação); 1888, n. 51 (1): 5-166 (restante da sétima participação).

128 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.84. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

129 RAMINELLI, R. **Ciência e colonização: viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Disponível em: <www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2009.

que este material tinha esta função, mas não seria errado afirmar que ele reproduz um formato presente nos relatos de viagem produzidos por outros viajantes tanto antes como depois do naturalista baiano. O que chama à atenção do leitor do Diário de Ferreira é a minúcia, o cuidado de assinalar não somente os dias, mas, também as horas de chegada e partida:

Pelas três horas da madrugada de 25 do referido mês de agosto, prossegui em costear a margem meridional. Eram seis da manhã quando cheguei ao sítio da Tapera, pouco superior ao lugar que havia deixado. Vi que por ela continuavam as roças dos moradores José Cristóvão, Antônio Rodrigues Colombo, Pedro José de Oliveira, Gregório Rodrigues e José Pereira dos Santos. Em nenhuma achei novidade, ou de gênero, ou de aumento de lavoura. Conjetura o último morador, que no tal sítio da Tapera, é que foi algum dia fundada a vila, que é hoje de Moura, quando com os índios dela estavam incorporados os de Moreira. Não insiste contudo em que fosse a vila de Moura, mas sempre sustenta que ou foi ela ou outra povoação. O certo é que, visitando eu o seu cacocal, nele me mostrou um lugar onde me disse que suspeitava ter sido fundada a igreja, ou pelo menos o cemitério da povoação, por ter achado nele não poucos ossos de esqueleto humano. Eram duas horas da tarde, quando entrei pelo Paraná Mirim e, pelas seis horas da mesma atravessei a boca do rio Uarir: quatro léguas. Até a dita boca exclusive se estendeu o termo da vila capital de Barcelos na carta que aos oficiais do senado dirigiu o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 28 de novembro de 1758.¹³⁰

A viagem é marcada por referências espaciais e cronológicas e não se trata de apenas apontar os horários de chegada e partida, mas também de assinalar em qual horário a expedição passou por este ou aquele rio, barreira, ruínas, etc. Neste aspecto se assemelha ao de Mr. La Condamine, que em várias passagens preocupa-se em medir a profundidade do rio, a largura entre as margens, a velocidade da embarcação e os graus de longitude e latitude. São marcas que materializam e ordenam para o leitor o labirinto fluvial no qual a viagem se desenrola. São marcas que enquadram e dão certa inteligibilidade a um ambiente que deve ser retratado.

Esta maneira de narrar atendia às instruções de viagem, mas também, dentro da liberdade possível do escritor, tinha o objetivo de tornar inteligível ao leitor o deslocamento da expedição. Em outros termos, dar condições para que o leitor imaginasse o espaço e o tempo da viagem. Também se trata de fixar, inscrever o que está em constante movimento, isto é, o viajante e sua equipe, dentro de um

130 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.92. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

arcabouço compreensível para si e para os outros. Para isso a utilização do recurso do cronotopo.

Todavia, Ferreira amplia sua preocupação constante em marcar o tempo e o espaço. As horas e os minutos assinalados para marcar uma posição, mesmo que no meio de uma imensidão de águas e matas, ampliam-se para um tempo maior, o tempo da história, pois nesta viagem onde as estradas são os rios há uma insistente preocupação em destacar a localização original das povoações, suas ruínas e suas relações com a história regional:

Não há, desde esta vila de Barcelos até o lugar de Moreira, pela costa meridional, outros rios mais do que o Baruri e o Guinni e os riachos Arataí e Quermeucuvi. Tendo nesta viagem consumido os dias 20, 21 e 22 por ter sido feita em uma canoa grande e ronqueira, com as demoras que da minha obrigação exigiam os exames das produções naturais e os reconhecimentos das margens deste rio, pelas seis horas da manhã de 23 cheguei ao lugar de Moreira, em outro tempo aldeia do Camará e, por outro nome Caboquena (dezesseis léguas e um terço).

Este era o nome que tinha o principal seu fundador, o qual pela muita afeição com que olhava para os brancos e para os seus costumes, não merecia ter um fim tão desgraçado como o que lhe deram os índios das aldeias vizinhas na sublevação de 24 de setembro de 1757. [...]Escreveu circunstanciadamente a história deste sucesso o doutor Ouvidor e intendente geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no seu *Diário da viagem e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro*. Manuscrito dos anos de 1774 e 1775.¹³¹

A história está presente nas mais variadas argumentações de Ferreira, o qual também se utiliza, em várias passagens, da intertextualidade. Ao discutir a mortandade dos índios em decorrência da varíola recorre às memórias existentes:

¹³¹ FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.85. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Que as bexigas têm sido fatais ao Estado, exuberantemente o prova a memória que a este respeito escreveu o tenente-coronel Teodósio Constantino de Chermont debaixo do título de *Memória dos mais terríveis contágios de bexigas e sarampo deste Estado desde o ano de 1720 por diante, posteriores às que manifestam os **Anais Históricos do Maranhão**, pelo Exmo. Sr. Bernardo Pereira de Berredo, nos anos de 1621 (§ 487) e de 1663 (§ 1109)*. E escreveu-a a instâncias que lhe fiz da parte do bem público, a quem são consagrados os trabalhos desta expedição.

O Alexandre Ferreira historiador convive com o naturalista. Se o Diário não é um compêndio científico, repleto de argumentos científicos e discussões teóricas acerca da espécies naturais encontradas, isto não quer dizer que o naturalista não esteja presente:

Pouco abaixo do lugar, tornam a elevar-se as terras da costa meridional. Destas elevações, as que são escalvadas para a parte do rio tomam o nome de barreiras; constam do chamado tijuco, que é a argila vitriolácea de Lineu, mais e menos entremeada do chamado tauá, que é a ocra de ferro amarela; a outra porção de argila avermelhada toma o nome de curi. Em sendo queimada a ocra que a tingem, muda de amarela para avermelhada, donde procede que, nesta parte a diversidade da cor não argúi diversidade de substância. Aos bancos da sobredita argila, ora são superiores, ora inferiores, outros bancos de cor, que vêm a ser esta pedra areenta que, por ter sido recentemente coagmentada, com tanta facilidade se esboroa e se esfarela à menor impressão. Assim continua uma barreira seguida até à situação do lugar, onde ela tinha de altura três braças, quando a medi, em agosto.¹³²

Se La Condamine discute a existência ou não do El Dorado e das Amazonas; se o Padre João Daniel faz referência à passagem de São Tomé pela Amazônia e discorre sobre a descendência judaica dos índios da região; se o Vigário Noronha afirma existirem índios com rabos de macaco e, por fim, o Ouvidor Sampaio reserva algum espaço para a existência dos índios anões e gigantes, Alexandre Rodrigues destoa deste grupo. Pouco espaço dedica à qualquer maravilha ou lenda, pelo contrário, constantemente o autor critica a credulidade e o conhecimento baseado na prática não científica, como, por exemplo, nas recomendações que faz aos moradores das roças da vila de Thomar, situadas no rio Padauri, onde se tentava cultivar, sem muito sucesso, o anil. Após recomendar a seleção das sementes, a

¹³² FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.85. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

escolha das terras mais férteis, utilização da irrigação ou da drenagem no plantio, alerta os agricultores:

6.º) Que nos termos de se ter precipitado a fécula ou tapioca, a seu modo de falar, pela torneira superior do segundo tanque fizesse sair a água para sair a fécula pela segunda, cuja saída total se facilitaria muito, se o fundo do tanque fosse proporcionalmente declive; **renunciando de boa vontade e sobre as palavras dos físicos a todas as ilusões, em que cria, de lhe adicionar a urina, o ácido do limão etc., porque de assim o ter feito, ainda não tinha tirado mais do que decisivos desenganos da sua vã credulidade.** [...]

9.º) E ultimamente que, com seu exemplo e trabalho, aliciasse os outros moradores, para todos se interessarem na cultura e manufatura deste gênero, comunicando-se reciprocamente a história das suas observações, para assim merecerem o agrado e a proteção de V. Excia., que a todos havia de ajudar à proporção do trabalho de cada um e no que coubesse na possibilidade do tempo e do país. Visto que em V. Excia. acabavam de reconhecer as bem raras qualidades de padroeiro das artes e manufaturas do estado, fidalgo sem pontinhos, governador sem prvança, e general sem despotismo.¹³³ [grifo meu]

Quanta diferença de um Padre João Daniel que discorre sobre as propriedades medicinais das pedras encontradas nas vísceras das mais variadas espécies de animais da Amazônia, mas, com destaque, sobre o dente do jacaré:

Com serem os jacarés os maiores inimigos, que tem em si o Rio Amazonas, contudo ha tambem alguns bons préstimos, como são os seus celebrados dentes, especialmente as dentes de uma espécie, de que logo diremos. Tern estes brutos os dentes grandes, e metidos uns para dentro dos outros, par se compor cada dente de 3, ou 4 de sorte, que tirado um, ficam os outros como cascos de cebola muito inteiros, sendo uns bainha dos outros. São os seus dentes ótimo contraveneno para todos os venenos. Descubrio o seu grande préstimo na América um preto ministrando a outro, que no disfarce de seu amigo, e grande camarada, mas inimigo refinado no animo, o queria matar, para cujo fim o brindou por várias vezes com muitos e refinados venenos disfarçados em bebidas, e admirado, de que nenhum sortisse efeito, desejoso de saber a causa, lhe meteo pratica accomodada ao caso, na qual lhe perguntou, se sabia algum remédio, com que andassem seguros das venenosas potagens dos inimigos? Ao que o outro, que não suspeitava malicia respondeo sincero, que o remédio universal era um dente de *caimiln* trazido consigo, como ele o trazia no sovaco do braço. Deste caso, que logo se foi publicando, se principiou a estimar como causa preciosa o dente do jacaré, como excelente contraveneno; e cada vez se foi mais confirmando a sua vertude, por experimentada em muitos casos...¹³⁴

133 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.85. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

134 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.89.

Conta Carvalho, em seu *História Natural em Portugal do Século XVIII*, que em maio de 1786, após mais de dois anos de viagens e exploração, Ferreira chegou ao rio Branco onde deveria atender as instruções dos seus superiores e investigar o "livro da natureza". Durante o percurso, Alexandre Ferreira se encontrou com um soldado que trazia consigo um caixote abarrotado de cristais verdes, bonitos, que acreditava serem esmeraldas. Curioso sobre a origem das pedras, Ferreira perguntou-lhe aonde as tinha achado recebendo como resposta que os cristais provinham de serras distantes, de difícil acesso, além do rio Tacutú, afluente do Branco.

Os compromissos do funcionário real cederam à curiosidade do naturalista que, imediatamente, desviou-se da rota planejada e depois de onze horas de viagem desembarcou em terra para achar a "Serra dos Cristais". Durante três dias atravessou campinas, pantanais, sob sol e chuva. À sua frente estendia-se uma pequena cordilheira com sete serras, as quais venceu não sem dificuldade, já que não conhecia a região. Ao chegar à segunda serra, o naturalista, finalmente, encontrou os ditos cristais. Constatou que por ali já tinham estado os holandeses, já que existiam marcas de que alguém havia levado grande quantidade das pedras, talvez, por ter julgado tratarem-se de esmeraldas. Após criterioso exame, o naturalista concluiu: "produção verdadeiramente estimável pela sua substância, figura e disposição, mas de nenhum valor na ordem das gemas preciosas"¹³⁵.

Cabe perguntar se o interesse de Ferreira era só econômico e que por isso se desviou da rota original e embrenhou-se mata adentro em busca de esmeraldas. Não seria possível examinar a amostra trazida pelo soldado? É possível discutir até que ponto o relato e a viagem de Alexandre Rodrigues é mais ou menos naturalista, ou predominantemente utilitarista, um grande relatório das potencialidades econômicas da região e sua melhor ou pior adequação ao projeto português de ocupação. Se ele é um grande relatório, pouco ou nada deveria aos relatos do Vigário José de Noronha ou o do Ouvidor Sampaio. Ambos também foram os "ouvidos e olhos" do monarca português, mas o *Diário da Viagem Filosófica à Capitania do Rio Negro*, assim como a volumosa produção de Ferreira, vão muito além dos relatos do prelado e do Ouvidor. Principalmente no que diz respeito ao tempo de duração da viagem, na distância percorrida e na quantidade de material enviado. De acordo com Lima, citado por Aparecida de Moraes, o Real Museu de História Natural recebeu um

135 CARVALHO, R. **A história natural em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1987. p.101.

total de dezenove remessas oriundas da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Em cada uma delas eram enviados vários caixões, frascas, barris e caixas de flandres. Os mais variados produtos do reino animal, vegetal e mineral assim como produtos elaborados pela indústria humana estavam presentes nestas remessas. Para a autora,

O que resultou dos nove anos de pesquisa e coleta da equipe que formava a *Viagem Filosófica* é uma farta documentação que, ainda hoje, não foi completamente publicada e analisada. Contudo, trata-se de fontes documentais que são do interesse das mais diversas áreas do conhecimento humano. Podemos refletir que a partir da segunda metade do século XVIII, expedições semelhantes à comandada por Alexandre Rodrigues Ferreira, *redescobriram* colônias, territórios e possessões das nações européias. Estas viagens exploratórias impulsionaram áreas do conhecimento que apenas se esboçavam enquanto unidades temáticas dentro do amplo campo de saber denominado Ciências Naturais que seria, conseqüentemente, legitimado pela Ciência Moderna.¹³⁶

Mesmo nos poucos momentos de perigo, de desafios, dificuldades ou "inopinado sucesso", isto é, quando surge a oportunidade de se revelar o viajante herói, destemido, corajoso, o narrador sóbrio, racional e lógico continua a se sobressair. Ao iniciar o retorno da fronteira norte do Rio Negro, Alexandre presencia uma tempestade acompanhada de fortes descargas elétricas. Não são muitas as passagens que relatam este tipo de fenômeno meteorológico ou de outro tipo na narrativa, o que nos leva à conclusão de que o susto realmente foi grande:

Passo a concluir nesta participação a história da minha viagem desde a fortaleza de São Gabriel até ao rio Uaupés, pois se termina nele o distrito da sua imediata comandância. Fazia tenção de partir na manhã de 17 de outubro, segundo eu tinha avisado a V. Excia. em carta de 16 do mesmo; mas não sucedeu como cuidava, pelo inopinado sucesso que sobreveio. Estávamos todos juntos na casa de fora do quartel do coronel, quando entrou a toldar-se o céu e principiaram a cair suas gotas d'água. Conversávamos em matérias diversas, enquanto elas passavam, quando vimos claramente descer o fogo elétrico na distância de 10 passos e, ao entrar pela superfície da saibreira em que estava a casa, estourar com tão grande estrondo, como faria uma bomba. Levantaram-se pelo ar e voaram em redemoinho as palhas que cobriam a casa fronteira da cozinha e difundiu-se um cheiro de enxofre. Tão perto estivemos todos de fazer a última viagem! Dos que estávamos mais perto do lugar onde caiu o raio, só eu e o porta-bandeira Leonardo José Ferreira sentimos pelo dia inteiro o lado direito adormecido. Todos os mais experimentaram somente o susto. Uma arara que não distava 2 passos, nem se moveu ou deu sinal algum de o ter sentido. Uma perua

¹³⁶ MORAES, E. M. A. de; SANTOS, C. F. M. dos; CAMPOS, R. D. da S. Filosofia natural lusa: a viagem philosophica e a política iluminista na América Portuguesa Setecentista. **Confluente**, v.4, n.1, p.83, 2011.

que ainda estava mais perto, sim, caiu assombrada, mas, pouco depois se levantou; e os que estavam mais longe dela foram os que experimentaram maior efeito. O preto cozinheiro, que estava tirando o pão do forno, foi levado de encontro a uma das paredes da cozinha. A índia Perpétua, que estava na varanda posterior, e o criado particular, que se achava dentro de uma casa interior, caíram por terra. Um dos esteios fronteiros à dita cozinha foi rachado de alto a baixo. E, do outro esteio, não se pôde achar a lasca que o raio abriu. Tão perigosas são as habitações que ficam no cume das colinas mui vizinhas às nuvens, quando elas, com relação à terra, se acham, por excesso, prenhes do fogo elétrico! Até a 1 hora da tarde não cessou a chuva, e reservei a viagem para o seguinte dia.¹³⁷

Tão perto estiveram todos de fazer a última viagem, é uma das poucas expressões mais sentimentais do naturalista e, ainda assim, na primeira pessoa do plural. Nada de atos heroicos e explicações metafísicas. Com certa precisão matemática, o autor descreve os efeitos do raio cômodo a cômodo, personagem a personagem como a descrever a eletricidade a percorrer um circuito elétrico. Por fim, naturalmente, faz o alerta, cientificamente embasado: "tão perigosas são as habitações que ficam no cume das colinas mui vizinhas às nuvens, quando elas, com relação à terra, se acham por excesso, prenhes de fogo elétrico!"

A obra geral de Alexandre Rodrigues Ferreira é ampla e apesar de ser a mais referenciada pelos pesquisadores brasileiros ainda contém muitas possibilidades de pesquisa em coleções e documentos ainda pouco explorados. Sua *Viagem Philosophica* representa um grande esforço do Império Português e do próprio naturalista para inaugurar, em terras brasileiras, um campo de pesquisas em história natural. Se ele não foi o naturalista desejado por seus críticos posteriores também não foi unicamente um inspetor colonial. Foi, com o acerto da expressão, um "naturalista da coroa" e sua obra representa um novo olhar sobre a Amazônia, um olhar que possibilita ao historiador identificar o filósofo natural presente em cada observação renovadora, na busca das causas dos fenômenos ou quando investiga a razão de ser de um acontecimento na sociedade ou na natureza; quando, enfim, toma sobre si a responsabilidade da investigação.¹³⁸

137 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.158. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

138 MORAES, E. M. A. de; SANTOS, C. F. M. dos; CAMPOS, R. D. da S. Filosofia natural lusa: a viagem philosophica e a política iluminista na América Portuguesa Setecentista. **Confluente**, v.4, n.1, p.75-91, 2011.

1.6 EMPOLGADOS PELO ARREPIO DA SOLIDÃO SELVAGEM

Quando Alexandre Rodrigues, após uma década de viagens pela região norte da América portuguesa, desembarcou em Lisboa, em janeiro de 1793, a Europa, ou pelo menos o mundo considerado civilizado pelo naturalista baiano, vivia o "tsunami" revolucionário que punha em xeque o Antigo Regime. Neste mesmo mês, na França, o Rei Luís XVI foi decapitado, na Praça da Concórdia, em Paris, assustando e colocando em alarme a nobreza europeia e dos territórios por ela colonizados.

A queda da Bastilha e outros fatos de um processo revolucionário denso e complexo afetariam de uma forma ou de outra, o cotidiano de milhões de pessoas. Os desdobramentos deste movimento, a partir de 1792, com as guerras revolucionárias e contra revolucionárias transformaram a "história da Revolução Francesa na história da Europa"¹³⁹.

A partir de então, a Revolução Francesa, ou pelo menos grande parte dos seus ideais, se expandiu além das suas fronteiras, tanto por movimentos insurrecionais, quanto pelas tropas de Napoleão. Algumas monarquias resistiam a estas transformações, outras, como a Polônia, via na aliança com o Império Napoleônico a única possibilidade de sobrevivência. Neste complexo jogo geopolítico, no qual a Inglaterra e a França davam as cartas, ou jogavam os dados, Portugal e Espanha, muito outrora potências hegemônicas na Europa, procuravam manter-se a partir de uma política de alianças nem sempre favorável às suas monarquias.

139 HOBBSAWN, E. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.47.

Segundo Schwarcz,

Se cada um, à sua maneira, procurava guardar uma estratégia própria, que lhe garantiria a vitória final, Portugal assumiu uma posição bastante particular. Por trás de movimentos tímidos e táticas pouco aguerridas se escondia esse império que tentou, enquanto pôde, sustentar a imagem de neutralidade, manifestada em atitudes contraditórias que visavam agradar a todos sem agradar de fato a ninguém. D. Maria I, e a seguir seu filho, o príncipe regente d. João – João Maria Francisco Xavier de Paula Luís Antônio Domingos Rafael de Bragança –, optaram por uma diplomacia dúbia, que oscilava entre as duas potências, mesmo porque agora a conjuntura era diferente, e mostrar favoritismos em nome de uma dessas nações implicava, obrigatoriamente, colocar-se contra a outra.¹⁴⁰

Esta política de "agradar a todos e a nenhum" e, ao mesmo tempo, preservar a independência do Império Lusitano e o domínio das suas ricas colônias funcionou durante algum tempo. No entanto, com o desenrolar dos acontecimentos a posição de neutralidade de Portugal apresentou, cada vez mais, seus limites. A política agressiva de Napoleão e, principalmente, o bloqueio marítimo que pretendia impor à Inglaterra colocava Portugal e a Península Ibérica numa situação delicada.

Portugal e Espanha, como "portas de entrada" da Europa, representavam um papel importante no sucesso, ou não, do bloqueio continental. Quando a monarquia espanhola decidiu se aliar com a França, a monarquia portuguesa ficou, irremediavelmente, isolada. Ou aceitava um acordo com as monarquias francesa e espanhola e fechava seus portos aos navios ingleses ou corria o risco de ser invadida pelas tropas franco-espanholas. Por outro lado, romper com a Inglaterra e seu poderio naval e econômico significava, além de perder um poderoso aliado, correr o risco de perder seus domínios ultramarinos.

Neste jogo onde a dissimulação se sobrepunha à decisão, em outubro de 1807, as tropas do General Junot, ex-embaixador francês em Lisboa, dirigiu-se à fronteira portuguesa e, em 18 de novembro, adentraram a região da Beira Baixa, rumo ao Vale do Tejo. Dois dias antes, Sir Sidney Smith, *admiral*, oficial da mais alta patente

140 SCHWARCZ, L. M. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.185.

da marinha britânica, posicionava uma frota, com sete mil homens, a algumas milhas do porto de Lisboa. As ordens dadas ao oficial britânico eram bem claras, afundar os navios portugueses aportados na capital portuguesa para que não caíssem nas mãos das tropas franco-espanholas, ou, caso a monarquia portuguesa se decidisse acompanhá-la até a colônia brasileira, garantir a segurança do comboio imperial.

A estratégia de neutralidade de Portugal chegava ao fim. Não havia mais espaço para dissimulações e, alguns dias antes de Junot invadir o reino, no dia 11 de novembro de 1807, o periódico *Moniteur*, órgão oficial dos atos do governo francês, publicava:

[...] O príncipe Regente deste reino perde o seu trono, e perde-o influenciado pelas intrigas dos ingleses; perde-o por não ter querido apreender as mercadorias inglesas que estão em Lisboa. Que faz, portanto, a Inglaterra, esta sua aliada tão poderosa? Ela olha com indiferença para o que se passa em Portugal. Que fará ela, quando for tomado este reino? Ir-se-á assenhorear do Brasil? Não: se os ingleses fizerem esta tentativa, os católicos os expulsarão. A queda da Casa de Bragança ficará portanto sendo uma nova prova de que é inevitável a perda de qualquer que se ligar aos ingleses.¹⁴¹

"Entre a cruz e a espada", o Príncipe Regente, D. João, convocou o Conselho de Estado que se reuniu, na manhã do dia 24 de novembro, no Palácio da Ajuda, e tomou sua decisão. D. João nomeou uma Junta de Governo do Reino para reger Portugal enquanto o Príncipe estivesse ausente, preparou uma declaração sobre sua viagem ao Brasil para ser lida a aos seus súditos. No dia 27 de novembro de 1807, embarcou com toda a sua família, ministros, conselheiros, oficiais, servidores, fidalgos, enfim, com toda a corte, pelo menos a que coubesse nos navios disponíveis, rumo ao Rio de Janeiro. De forma talvez inusitada, Portugal ao mesmo tempo evitava a dissolução e humilhação completa da dinastia de Bragança e "escapava" do jugo napoleônico.¹⁴²

Em 22 de janeiro de 1808, após 54 dias de viagem, a nau *Príncipe Real* atracou em Salvador, antiga capital e principal cidade do Vice-Reino do Brasil.

141 JACA, C. **A Corte Portuguesa no Brasil (1808-1821)**: 1.ª Parte-A. Minho: Portugal, 2008. Disponível em: <<http://www.esas.pt/jaca/docs/lda%20da%20Corte%20Para%20o%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

142 Este episódio da história portuguesa já foi amplamente discutido e deu margem à interpretações divergentes dentre as quais se o que ocorreu foi uma fuga ou uma transferência estratégica da sede da corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro. Se foi fruto de um plano bem concebido pela monarquia lusitana ou o resultado da inação de um Príncipe fraco e despreparado. Enfim, também alimentou o imaginário popular e rendeu ampla ficcionalização do tema seja na literatura, cinema e até histórias em quadrinhos.

D. João permaneceu 34 dias na capital baiana e entre cerimônias litúrgicas, visitas à nobreza da terra, passeios tropicais, festas e homenagens assinou a Carta Régia de Abertura dos Portos às Nações Amigas. Três séculos de pacto colonial e monopólio metropolitano eram encerrados atendendo, por um lado, os interesses comerciais britânicos limitados pelo bloqueio continental francês e, por outro lado, além dos interesses do próprio Estado português, aqueles de parte dos colonos brasileiros que se sentiam prejudicados pelo exclusivo colonial.

Apesar de todos os esforços, convencimentos, rezas e mandingas para que D. João permanecesse em Salvador e fizesse dela a nova capital do reino português, no dia 26 de fevereiro a esquadra real deixou a Baía de Todos os Santos rumo à acanhada e ainda pacata Rio de Janeiro.

Em sete de março de 1808, a esquadra real se reuniu no porto da capital fluminense sob os olhares atentos de uma população que na sua maioria jamais tinha visto um rei de tão perto. Conta-se que a festa foi geral e tão logo a esquadra foi avistada no horizonte iniciou-se um foguetório tão intenso que qualquer pessoa desavisada, se é que havia, pensaria se tratar do início de uma invasão.

O Rio de Janeiro, como não podia deixar de ser, era uma cidade tipicamente colonial, pequena para os padrões europeus, sem as comodidades das capitais europeias e a infraestrutura mínima em serviços públicos. No entanto, no início do século XIX, rivalizava com Recife e Salvador a condição de porto mais importante do Vice-Reino. Sua posição estratégica lhe possibilitava articular o comércio atlântico entre o norte e o sul com um adendo não menos importante que era a ligação comercial com as colônias espanholas da região do Prata.

Com a chegada da Corte, a cidade teve que ser adaptada para ser a sede do poder imperial português. O edifício do Paço foi reformado para abrigar a sede do governo; os prédios da Câmara e da Cadeia e do Convento do Carmo foram modificados para receberem a família real. Enfim, para tentar resolver a acomodação repentina para uma nova população de aproximadamente 15 mil pessoas, foi utilizado o instrumento legal da *aposentadoria ativa* pelo qual os nobres da corte poderiam requisitar o imóvel que lhes agradasse para sua moradia. Como o imóvel requisitado era marcado com as iniciais P.R. , a população carioca traduziu a sigla por *ponha-se na rua* ou *prédio roubado*.

Com a corte transmigrada e alojada, com prejuízo para uns e lucro para outros, o primeiro desafio para D. João era o de montar o aparelho de Estado ou, no

limite, fundar um novo império. O primeiro ministério nomeado foi o de Negócios Estrangeiros e da Guerra que ficou sob a responsabilidade de D. Rodrigo de Sousa Coutinho. A seguir, foi entregue ao Visconde de Anadia, João Rodrigues de Sá e Meneses os Negócios da Marinha. Para as questões internas da colônia foi nomeado Fernando José de Portugal, futuro marquês de Aguiar, que já havia sido vice-rei no Rio de Janeiro entre 1801 e 1806. Na prática coube a estas pessoas mais próximas e de confiança do Príncipe a implantação do modelo português de governar ou, em outros termos, o transplante das instituições que já existiam em Portugal para a nova capital do reino. Transplante este que não se deu de forma absolutamente harmônica, mas sim, num processo complexo de acomodação de interesses entre uma nobreza da terra e uma nobreza, por assim dizer, metropolitana, inseridas, por força das circunstâncias, numa nova dinâmica do Antigo Regime nos trópicos.

O ano de 1808 foi, então, marcado pela instalação de todas as organizações necessárias para o funcionamento do Estado português nas principais áreas como segurança, justiça, finanças e militar. Neste processo de sobreposição, fusão e adequação das estruturas administrativas existentes com aquelas "trazidas" de Portugal foram sendo criadas instituições, como a do Banco do Brasil, por exemplo, ou simplesmente foram alterados os nomes como a da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação que foi modificado para Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação do Brasil. Deste modo, o Rio de Janeiro começou a ver, com o passar dos anos, o surgimento da Imprensa Régia, da Biblioteca Nacional, da Gazeta do Rio de Janeiro, Arquivo Militar, Fábrica de Pólvora, Academia da Marinha, Academia Militar, dentre outros.

Os Tratados de Aliança, Comércio e Navegação, assinados com a Grã-Bretanha, em 1810, apesar de amplamente vantajoso para a Inglaterra, não impedia a entrada de produtos de outras nações. A primeira e evidente consequência dos acordos firmados desde 1808 foi um incremento, nunca antes visto, das atividades comerciais de importação e exportação.

Em 1811, o projeto de transformar o Rio de Janeiro na sede da corte portuguesa com todos os ícones necessários de grandeza e civilização começa a tomar corpo. É importante, para que não se cometa nenhuma injustiça, lembrar que antes da chegada da família real os vice-reis que administrava todo o Estado do Brasil ergueram e construíram, dentro das suas possibilidades, obras importantes para a nova capital da colônia como, por exemplo, o Convento de Santa Teresa, as Academias

Literárias e Científicas, a antiga Casa da Moeda, o Palácio dos Vice-Reis, o Paço Real, o Aqueduto da Carioca, dentre outras. No entanto, com D. João e sua corte houve um aceleração destas mudanças.

Com a derrota de Napoleão, a Santa Aliança formada por Rússia, Áustria e Prússia, reunida em Viena, consolidou a restauração das dinastias monárquicas do Antigo Regime. Neste novo rearranjo europeu era interessante às monarquias europeias e, principalmente à portuguesa, a manutenção do seu poder na América convulsionada por revoluções republicanas. Foi neste contexto que o Brasil foi elevado à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves pelo decreto de 16 de dezembro de 1815. A partir desta data, D. João tornou-se Príncipe Regente do Reino Unido de Portugal, e do Brasil e Algarves Daquém e Dalém-mar, em África, de Guiné, e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, e da Índia.

Alguns meses mais tarde, no dia 20 de março de 1816, faleceu a Rainha-mãe, D. Maria I há muito tempo adoentada e D. João seria aclamado Rei, em terras americanas, no dia 6 de fevereiro de 1818.

O Brasil, com a abertura inicialmente provisória e depois definitiva dos portos, oferecia ao mundo a oportunidade de um "redescobrimento". As nações amigas que em 1808 eram poucas, com o fim do Império Napoleônico e o Congresso de Viena, em 1815, já eram mais numerosas e lançavam seus olhares curiosos à sede do Império Português. Talvez, por ser uma cidade de contrastes e contradições é que a capital do Vice-Reino e Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a partir de 1815, atraiu tantos viajantes estrangeiros das mais diversas nacionalidades: britânicos, alemães, franceses, russos, italianos, dentre outros. Viajantes que vinham por interesses comerciais, científicos, artísticos ou simplesmente atraídos pelo exotismo de um país tropical.

Se Humboldt, em 1800, teve sua entrada negada no Brasil, sob a justificativa de que poderia se tratar de um espião, alguns anos mais tarde esta situação mudaria sensivelmente. Assim, vários foram os viajantes que vieram "redescobrir" o Brasil como John Mawe, John Luccock, Alexander Caldleugh, Henry Koster, Wilhelm C. Feldner, Eschwege, Chamberlian, Von Langsdorf, Charles Othon Frédéric Jean Baside, conde de Clarac, Auguste Saint-Hilaire, dentre outros. Mais do que uma república igualitária, a "República das Letras" e sua vertente a "República das Ciências" europeia era estruturada de forma hierárquica e competitiva. À frente desta corrida

científica estavam as mais importantes academias científicas do continente: França, Inglaterra, Prússia, Rússia e Suécia.

Durante o século XVIII, principalmente, foi construída a ideia de uma comunidade científica internacional e, de fato, ela existia, mas não de uma forma homogênea e com o mesmo nível de desenvolvimento. Espanha, Portugal, Itália, Principados alemães, Holanda, regiões da própria França, Itália, e mesmo os Estados Unidos da América, representado pela Filadélfia formavam um grupo intermediário que aspirava ascender ao grupo principal. Ainda neste grupo intermediário destacavam-se o principado da Baviera e o Império Austríaco.¹⁴³

Em 1815, o rei Maximiliano José I da Baviera solicitou à Real Academia de Ciências de Munique o planejamento e organização de uma viagem científica pela América do Sul. Tratava-se de empreender à "moda bávara" viagem semelhante à realizada pelo geógrafo, naturalista e explorador alemão Alexander von Humboldt. De forma semelhante ao roteiro realizado por Humboldt, a expedição bávara deveria iniciar suas explorações por Buenos Aires, rumar para os atuais Chile, Equador, Venezuela, México e retornar para a Europa. Todavia, em decorrência de várias dificuldades, a viagem teve que ser adiada. Quando do casamento entre a arquiduquesa Leopoldina e o Príncipe Dom Pedro abriu-se outra "janela de oportunidade". Francisco I, da Áustria, pai da noiva solicitou ao Museu de História Natural de Viena que também planejasse uma viagem para a América do Sul, só que tendo como foco principal as terras brasileiras. Como Maximiliano José I era sogro de Francisco I aproveitou-se das relações de parentesco e diplomáticas entre as duas monarquias e enviou sua expedição científica junto com a missão austríaca.

143 VOVELLE, M. **O homem do iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p.164.

Assim, enquanto os preparativos para a aclamação do novo rei português estavam em andamento, no dia 14 de agosto de 1817, zarpava do porto de Livorno, na Itália, a nau *D. João VI* com destino ao Rio de Janeiro. A bordo estava Maria Carolina Josefa Leopoldina, filha de Francisco I, imperador da Áustria e recém-casada com o príncipe real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e duque de Bragança, D. Pedro de Alcântara. Este casamento era o resultado de uma acertada política de aliança entre a Áustria e Portugal, orquestrada pelo chanceler austríaco Metternich e pelo Marquês de Marialva.

Junto com a princesa, vieram da Áustria 42 caixas contendo o seu enxoval, seus livros, suas coleções e presentes para a família real brasileira. Na comitiva particular, além da criadagem, o secretário particular, bibliotecário e mineralogista Roque Schuch; o médico e naturalista João Kammerlacher; o professor de pintura, "flores, plantas e paisagens", Fric e o pintor e auxiliar do Dr. Schuch, Franz J. Frubeck. A comitiva privada da princesa já indicava sua predileção pela História Natural.

Além destas pessoas, vieram o botânico João Cristiano Mikan; o médico, botânico e mineralogista, Dr. João Emanuel Pohl; o zoólogo do Museu de História Natural, João Natterer; o pintor de paisagens Thomas Ender; o pintor de plantas e flores, João Buchberger; o jardineiro Henrique Guilherme Schott e o caçador imperial Domingos Sochor. Como responsáveis pela parte bávara da "missão científica no Brasil" foram escolhidos o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius. A escolha de Spix e Martius não foi casual. Ambos tinham a formação e o perfil adequados para a realização e sucesso da expedição.¹⁴⁴

Von Spix nasceu em 9 de fevereiro de 1781, em Höchststadt an der Aisch, no sul da atual Alemanha. Formou-se em filosofia no Aufseesschen Studienseminar, na cidade milenar de Bamberg, situada a 65 Km de Nuremberg. Após concluir o doutorado, em 1801, mudou-se para Würzburg para cursar teologia no seminário episcopal da cidade. Nesta época, um dos professores da Universidade local era o filósofo Schelling, que exerceu sobre o jovem aluno forte influência. Expulso do seminário em 1804, por desobediência, transfere-se para o curso de Medicina.

Dois anos depois, o filósofo Schelling foi convidado a participar de uma ampla reforma institucional patrocinada pelo rei Maximiliano José I, assumindo uma

144 Ver o artigo de Arilda Ines Miranda Ribeiro: A Contribuição da Imperatriz Leopoldina à formação cultural brasileira (1817-1826). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, PR: UEL, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0144.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

cadeira na Real Academia de Ciências de Munique e a direção da Academia de Artes. Por influência do filósofo, Spix consegue uma bolsa de estudos para a França, Itália e Suíça, a fim de aprofundar seus conhecimentos em anatomia e zoologia. Em Paris, que no início do século XIX continuava a ser senão o principal pelo menos um dos mais importantes centros de pesquisas científicas do mundo, Spix teve a oportunidade de conhecer renomados professores e ampliar seus conhecimentos em anatomia comparada e paleontologia. Também, por aconselhamento de Schelling, realizou diversas viagens filosóficas na Bretanha, no sul da França e na Itália chegando inclusive a escalar o Vesúvio.

Quando retornou de sua viagem de estudos, em 1810, Spix assumiu imediatamente a cadeira de adjunto na seção de matemática e ciências da natureza da Real Academia de Ciências de Munique. Levou algum tempo para ser reconhecido por seus pares, principalmente devido às suas ideias "avançadas" para o contexto local. No entanto, após a publicação de um estudo de história dos sistemas de zoologia, dos gregos até a contemporaneidade, e de outro sobre a evolução craniana no reino animal, finalmente foi reconhecido pelos colegas da Academia. É desse período da sua vida o contato epistolar com Humboldt que talvez tenha motivado Spix a se "aventurar" em terras tropicais. Foi numa viagem a Erlangen, cidade universitária da Baviera, em 1812, que Spix conheceu Martius, um jovem formando em medicina, então com 18 anos.

Martius nasceu na cidade-universitária de Erlangen no dia 17 de abril de 1794. Seu pai, Ernesto Guilherme Martius, era professor universitário e farmacêutico da corte. Desde cedo teve contato com o mundo acadêmico e quando chegou à idade de decidir sua profissão recebeu de presente do seu padrinho a matrícula no curso de medicina da própria cidade natal. No entanto, quando estava se formando, o encontro com Spix e o professor Franz de Paula von Schrank mudou seus planos. Optou por aprofundar seus conhecimentos na área da botânica e, em 1814, defendeu sua tese de doutorado que tinha como objeto a catalogação científica das plantas pertencentes ao acervo do Jardim Botânico de Munique. Apoiado por Spix, o recém-doutor concorre a um curso de aperfeiçoamento da Real Academia de Ciências de Munique e, obtendo sucesso na seleção, torna-se assistente do renomado professor Franz P. Von Scharank.

Martius passou os anos que antecederam a sua viagem pela América do Sul catalogando as plantas do Jardim Botânico de Munique, realizando excursões

botânicas pelos arredores de Viena. Muitas vezes seu trabalho de catalogação era acompanhado pelo próprio rei Maximiliano José I, com quem estabeleceu uma "amizade científica".

Deste modo, como já assinalado, não foi casual a escolha de Spix e Martius para comandarem a missão bávara em terras brasileiras. Esta viagem iria mudar definitivamente a vida dos dois naturalistas:

Em dezembro de 1820, de volta da longa expedição pelo Brasil que significou quatro anos de ausência, Spix e Martius são recebidos pelo monarca bávaro. O constante envio das coleções naturais e das anotações em "trânsito" à Academia de Munique anunciava o êxito da missão que lhes renderia rápida ascensão social e profissional. Assim que retornaram a Munique, Martius foi promovido a membro ordinário da Academia e segundo-conservador do Jardim Botânico. Spix foi nomeado conselheiro da corte. A ambos se oferecia a qualidade de membros de várias academias e sociedades científicas. Além de receberem uma renda vitalícia, Maximiliano José I concede-lhes a Cruz de Cavaleiro da Ordem do Mérito Civil (*Ritter des Civil-Verdienstordens der Bayerischen Krone*), elevando-os à nobreza. Daí o "von" que acompanha seus nomes e de seus descendentes. Mais tarde, Spix é presenteado pelo sucessor de Maximiliano, Ludwig I, com um castelo no lago de Constança, que, no entanto, pouco aproveitou em razão de seu estado enfermo e ao falecimento prematuro.¹⁴⁵

No início do oitocentos, as viagens filosóficas, agora com um conteúdo mais científico, continuavam a representar uma possibilidade de ascensão social e reconhecimento para aqueles que se arriscavam a penetrar o interior de regiões ainda pouco conhecidas pela comunidade científica ou pelos Estados europeus. Favores e regalias ainda eram um tipo de recompensa que premiava todo o esforço despendido num trajeto pleno de dificuldades como chuvas, insetos, seca, sede, febre, calor, noites mal dormidas e o desconforto diário. Contudo, se o resultado fosse o sucesso da expedição, os anos de ausência podiam proporcionar um retorno lucrativo. Por ironia do destino, coube ao discípulo Martius colher os louros da grande expedição científica empreendida em conjunto com o seu "mestre" e amigo Spix, uma vez que, em março de 1826, poucos anos após o retorno do Brasil, Spix faleceria.

Martius viveu até os 74 anos e faleceu no dia 13 de dezembro de 1868. Sua vida ficou marcada pela viagem que realizou com o companheiro e mentor Spix, pois além da principal obra de divulgação da aventura científica, a *Viagem pelo Brasil*, também publicou vários estudos sobre a flora brasileira. Em 1824, paralelamente ao

145 LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1997. p.54.

projeto do *Reise in Brasilien*, iniciou a edição dos volumes da *Nova Genera et Species Plantarum* que levou várias décadas para ser concluída. Não se limitou, porém, a discorrer sobre a botânica do Novo Mundo. Também elaborou monografias sobre estudos etnográficos, linguísticos, médicos e musicais. Em 1832, lançou a obra *O Estado do Direito Entre os Autóctones do Brasil* e, seis anos depois, publicou *O Passado e o Futuro da Raça Americana*. Também escreveu sobre as doenças e a medicina dos índios brasileiros, uma relação descritiva das plantas brasileiras pelos seus nomes tupis e um glossário de vários termos indígenas. Usando o pseudônimo Suitram, na verdade o anagrama do seu nome, enveredou pela ficção produzindo um romance autobiográfico, *Frei Apollonio, um romance no Brasil*, só publicado em 1992, e vários poemas cuja inspiração foi a viagem pelos trópicos.

Em 1826, mesmo ano da morte de Spix, a Universidade na qual trabalhava Martius foi transferida para Munique, que no decorrer do século XIX, assim como Berlim, Bonn e Breslau adquiriu grande prestígio internacional. O naturalista assumiu a cadeira de botânica e suas palestras sobre a expedição científica pelo Brasil eram extremamente concorridas. Sua fama transcendeu as fronteiras bávaras, a ponto de fazer parte de dez academias científicas e tornar-se correspondente de vinte e duas academias e sociedades além de ser sócio honorário de cinquenta e duas.

No Brasil, Martius tornou-se membro emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838. No IGHB encontrou acolhida para divulgação das suas pesquisas, mas foi no campo da história que ele se destacou, ao ganhar um concurso para aquele que apresentasse a melhor proposta para um livro sobre a História do Brasil "antigo" e "moderno". Concorrendo com apenas um candidato, Martius levou o prêmio e sua obra, que influenciaria outros historiadores como Varnhagen e Capistrano de Abreu, foi publicada na revista do instituto em 1845.

Para concluir esta pequena biografia de Spix e Martius vale citar as palavras de Karen Macknow Lisboa:

A viagem pelo Brasil foi um episódio que muito marcou as suas vidas. Para ambos os viajantes, o sucesso da peregrinação científica pelo Brasil significou ascensão social, reconhecimento institucional e científico e vários tipos de recompensas. Além disso, viram o que muitos olhos jamais iriam ver, aprenderam e perceberam coisas que as viagens podem ensinar e conheceram uma região, para eles, "na outra metade do mundo", rica em "fenômenos e descobertas". Para Spix, essa missão realizou-se num momento em que já tinha razoável aceitação no meio naturalista de Munique. Os conhecimentos e experiências adquiridos no Brasil, no entanto, não puderam ser tão bem aproveitados por causa do seu contínuo estado enfermo iniciado durante a viagem. Já Martius teve mais sorte. Viveu por muitos anos, ao longo dos quais o Brasil foi seu grande tema. Para além da narrativa da expedição, fixou as imagens do Brasil em sua obra botânica, na poesia, no romance, em vários escritos, palestras, epístolas, desenhos, partituras. Para Spix talvez também tivesse sido assim.¹⁴⁶

O relato da viagem pelo Brasil começou a ser elaborado assim que os dois cientistas retornaram à Europa. Ambos se dedicaram ao trabalho, ampliando, corrigindo e organizando o vasto material que coletaram e suas diversas anotações. A publicação do livro, intitulado *Reise in Brasilien, Viagem pelo Brasil*, ocorreu entre 1823 e 1831 e resultou em três volumes, um Atlas ilustrado e um compêndio de canções populares e melodias indígenas. O primeiro volume foi publicado pela editora M. Lindauer de Munique em 1823 e contava com 412 páginas. O segundo foi publicado pela editora Lentner, em 1828 e possuía 472 páginas. Por fim, o terceiro volume, editado em 1831 pela editora de Friedrich Fleischer, de Leipzig, fecharia todo o relato que no total teve 1388 páginas. Com a morte de Spix, em 1826, coube a Martius a continuação da obra. Em reconhecimento à parceria, ele manteve o nome de Spix como coautor em todos os volumes.¹⁴⁷

¹⁴⁶ LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1997. p.66.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p.55.

Viagem pelo Brasil, diferentemente de relatos como o de Alexandre Rodrigues Ferreira, por exemplo, foi escrito tendo, também, como objetivo alcançar o grande público. Dentre os sete viajantes analisados, o primeiro, La Condamine e os dois últimos escreveram para as comunidades científicas dos seus países, para seus patrocinadores reais, mas não é errado supor que pensavam em publicar suas obras para o grande público.

A obra foi editada dentro num período no qual a Literatura de Viagens já era um produto solidamente consolidado na indústria livreira. Seu primeiro volume foi publicado em formato quarto grande (de 27 a 30cm), encadernação imperial, real e ordinária. As publicações imperial e real traziam além do compêndio musical, um atlas contendo 41 litografias da viagem e uma série de oito mapas sobre a geografia brasileira. Foram convidados para elaborar o projeto gráfico e iconográfico do livro o artista, que também viajou pelo Brasil, Johan Moritz Rugendas e, no total, a equipe contou com a participação de doze desenhistas, quatro litógrafos e um impressor. A elaboração do frontispício, desenhado por Hermann Anton Stilke e gravado por Josef Päringer, foi coordenada por Peter Von Cornelius, diretor da Academia de Belas Artes de Munique entre 1825 e 1841. Em suma, não se tratava de um projeto amador.

Como estratégia de venda, vários trechos da viagem foram publicados, ainda antes da obra final, pela revista EOS, *Eine Zeitschrift aus Baiern zur Erheiterung*, "um jornal da Baviera para a diversão e instrução", em vários dos seus números.¹⁴⁸

Inicialmente, o livro estava, pela qualidade da publicação e o alto preço cobrado, voltado para um público seletivo formado pela nobreza, altos funcionários e burgueses com alto poder aquisitivo. Mas não demorou muito para que edições baratas e voltadas para diferentes públicos de leitores, dentre eles o infantil, comesçassem a circular pela Europa. No Brasil a obra foi traduzida e publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1938.

148 Minha tradução.



FIGURA 8 - FRONSTSPÍCIO DA OBRA REISEN IN BRASILIEN

Ao chegarem ao Rio de Janeiro em julho 1817, os dois cientistas permaneceram seis meses na capital do reino planejando o que viria a ser, considerando a viagem inicial proposta em 1815, pelo rei da Baviera, uma nova expedição. Não desejavam repetir a viagem empreendida pelo barão prussiano Alexander von Humboldt, pela América Central e do Sul entre 1799 e 1804. Aproveitando-se do fato de que Humboldt não conseguira autorização da coroa portuguesa para explorar terras brasileiras procuraram, dentro do possível, realizar uma trajetória inédita para exploradores alemães. Também levaram em consideração na execução do seu plano os trajetos que outros viajantes estavam realizando no Brasil: John Mawe (Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Diamantino), Wilhelm Ludwig von Eschwege (Vila Rica, oeste do Rio S. Francisco, Rio Abaeté), Príncipe Wied von Neuwied, G.W. Freyreiss e Friedrich Sellow (costa do Rio de Janeiro até Bahia), Auguste de Saint-Hilaire (Rio de Janeiro e Minas Gerais) e Georg Heinrich von Langsdorff (Vila Rica,

província de Minas Gerais e Salgado, no Rio S. Francisco). Fixaram como meta atingir o Pará, cruzando o interior do país e, com a demora da chegada do navio que trazia a princesa Leopoldina e a missão científica austríaca, decidiram partir sozinhos rumo à sua "peregrinação científica" pelo interior brasileiro.¹⁴⁹

Iniciaram a jornada em dezembro de 1817. Passaram por São Paulo, foram para a região de Vila Rica e do Distrito Diamantino. Em seguida dirigiram-se para o norte, transpuseram o rio São Francisco e alcançaram o vão do Paraná, na altura de Goiás. Voltaram ao litoral cruzando o interior da Bahia chegando a Salvador em novembro de 1818. Navegaram para Ilhéus e redondezas e retornaram à capital baiana para pensar a segunda etapa da expedição.

Na nova etapa da viagem rumaram para o noroeste e fizeram a travessia do "sertão" de Pernambuco, Piauí e Maranhão. A fim de se recuperarem das doenças contraídas, permaneceram na capital São Luís até se recuperarem. Em julho de 1819 se dirigiram para a cidade de Belém do Pará para planejar a viagem pela bacia do Amazonas. Durante oito meses percorreram o rio Amazonas, o Solimões, o Negro e o Japurá, chegando até os limites da fronteira ocidental. Retornaram a Belém do Pará em abril de 1820 e, logo após, partiram para a Europa. Percorreram, aproximadamente, dez mil quilômetros de território brasileiro e, apesar de muitos colegas terem considerado que a expedição seria um "vão de Ícaro", o projeto obteve sucesso e reconhecimento.

149 LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1997.



FIGURA 9 - ROTEIRO DA VIAGEM PELO BRASIL DE SPIX E MARTIUS

Dos três volumes publicados da *Viagem pelo Brasil* o que nos interessa em particular é o terceiro, composto pelos livros oitavo e nono que se referem à viagem realizada por Spix e Martius pela Amazônia.

Todos os volumes são semelhantes quanto ao objetivo geral, isto é, são relatos de uma expedição científica, naturalista e ainda dentro da herança enciclopedista, ao almejar o conhecimento universal. Mesmo que atendessem o interesse editorial também atendiam, como os cinco relatos anteriores apresentados, aos interesses de

Estado representados, no caso dos dois cientistas, pela Academia Real de Ciências da Baviera.¹⁵⁰

Deste modo, a expedição científica bávara também seguia instruções de viagem que os autores fazem questão de explicitar nas primeiras páginas do relato. A citação é longa, mas necessária para assinalar a amplitude das observações que os dois viajantes deveriam realizar:

A Real Academia de Ciências recebeu, ao mesmo tempo, ordem de encarregar-nos de problemas científicos, tanto dentro das nossas especialidades principais como em tudo aquilo que estivesse ao alcance das nossas observações e pesquisas, e de nos fornecer os instrumentos, de cujo uso se poderiam esperar interessantes resultados para a ciência.

Em consequência desse encargo, foram recomendados os dois assuntos, - zoologia e botânica -, aos viajantes, como dever principal; ao mesmo tempo, porém, deviam cuidar dos outros ramos científicos, tanto quanto o tempo e as circunstâncias permitissem. O Dr. Spix, como zoólogo, encarregou-se de todo o reino animal, objeto de suas observações e atividades. Nesse domínio, incluirá ele tudo que diz respeito ao homem, tanto indígenas como imigrados: as diversidades, conforme os climas; o seu estado físico e espiritual, etc.; a morfologia e anatomia de todas as espécies de animais, dos inferiores aos superiores, os seus hábitos e instintos, a sua distribuição geográfica e migrações; e, igualmente, fará observações sobre os restos existentes embaixo da terra, esses mais seguros documentos do passado e do sucessivo desenvolvimento da criação.

O Dr. Martius, como botânico, assumiu o encargo de pesquisar o reino da flora tropical, em toda a sua extensão. Além de estudar, de preferência, as famílias de plantas endêmicas, competia-lhe especialmente investigar aquelas formas que, pelo parentesco ou identidade com plantas de outros países, permitem concluir qual a pátria de origem e a sua sucessiva propagação sobre a terra. Pretendia ele fazer essas pesquisas, levando em conta as relações climáticas e geológicas, e por essa razão estendê-las também aos mais humildes membros do reino das plantas, tais como os musgos, líquens e cogumelos. As mudanças que tanto as plantas indígenas como as introduzidas sofrem sob certos influxos exteriores, a história do solo e do cultivo ali usado, deviam igualmente ser tomadas em consideração. Com as pesquisas da anatomia e desenvolvimento das plantas tropicais, poder-se-ia chegar a interessantes conclusões quanto às leis da vida vegetal em geral, assim também, com a observação de vestígios encontrados de vegetação anterior, agora desaparecida, obter-se-ia material para fundamentar conceitos geológicos. Finalmente, iria ele atingir um dos alvos de sua expedição com pesquisas rigorosas dos medicamentos vegetais, assim como de todas as restantes matérias vegetais, cuja utilidade para as artes e indústrias se comprovasse, cotejando-as com desvelo com as que são usadas na sua pátria.

Deveríamos sobretudo, além das observações e pesquisas científicas nas nossas especialidades, pressupondo mútuo auxílio e assistência entre ambos, completar, quanto possível, com remessas de exemplares dos produtos naturais de todos os reinos, as coleções da Academia, como melhor prova das observações feitas.

Além desses deveres que havíamos assumido, foram-nos feitos também, em relação aos restantes ramos das ciências naturais, especiais pedidos, uns por parte de físicos e outros por parte das restantes divisões da Academia.

150 LISBOA, K. M. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius: taxonomia e sentimento. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.180, jan./jun. 2009.

Com relação à mineralogia, impunha-se-nos como tarefa atenta estudo da natureza do solo em geral, assim como especialmente o quadro geológico das formações montanhosas, sua ordem, tamanho, direção e inclinação; e, também, o exame de ocorrências, em parte ainda problemáticas, de ouro, de diamantes e de outras pedras preciosas, bem como de todos os fósseis importantes.¹⁵¹

Como se pode observar, os objetivos da expedição eram ambiciosos e o próprio Martius, numa das cartas enviadas ao rei da Baviera afirmou "diante de tanta riqueza de formas, não temos mãos e olhos suficientes para realizar nosso trabalho. Cada um de nós teria que ser pintor, empalhador, caçador e herborista para poder representar e reunir toda esta riqueza"¹⁵².

É claro que ambos fizeram o "recorte metodológico" necessário e selecionaram, de tudo o que viram e ouviram, aquilo que lhes pareceu mais relevante. Mas, talvez, seja esta liberdade de realizar um "recorte metodológico", com caráter mais científico e menos administrativo seja uma das primeiras diferenças entre a *Viagem pelo Brasil* e os outros relatos.

Com exceção de La Condamine, os relatos do Padre João Daniel, do Vigário José Monteiro de Noronha, do Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de podem ser considerados textos para um "público interno", isto é, muito mais voltados para as estratégias do governo à distância da coroa portuguesa do que propriamente relatos científicos destinados à comunidade científica internacional. As expedições de Alexandre Rodrigues Ferreira, Spix e Martius possuem outra dimensão e seus relatos voltavam-se para um público mais amplo. Uma das diferenças entre Alexandre Rodrigues Ferreira e os naturalistas bávaros foi em relação aos cuidados e forma de recepção e sistematização dos materiais coletados. Também, não seria absolutamente errado supor que, em 1820, os alemães não tivessem aprendido algo com os acertos e erros das expedições dos naturalistas portugueses.

Não seria absolutamente errôneo supor que a expedição de Spix e Martius foi, em termos de objetivos gerais, tudo aquilo que Alexandre Rodrigues Ferreira teria desejado para a sua viagem, mas por estar dividido entre suas obrigações como naturalista e como inspetor da coroa não pode realizar. Spix e Martius, pelo

151 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil** (1817-1820). 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980. v.1. p.26.

152 HENRIQUES, R. P. B. A viagem que revelou a biodiversidade. **Ciência Hoje**, São Paulo, v.42, n.252, p.24-29, set. 2008.

contrário, tiveram todo o apoio e a liberdade necessária para levar a cabo uma expedição primordialmente científica e mesmo que a tarefa fosse imensa, puderam, apesar das dificuldades enfrentadas, focar sua atenção nas observações naturalistas. É importante lembrar que apesar dos portos brasileiros estarem abertos às nações amigas, nem todas as regiões do Brasil estavam acessíveis a qualquer viajante estrangeiro, como, por exemplo, o distrito diamantino do Pará. Mas os dois viajantes valeram-se de suas relações pessoais para conseguirem a livre circulação pelo território brasileiro, inclusive pela disputada Amazônia.¹⁵³

Porém, se o suposto desejo de liberdade para observar e catalogar a natureza, sem os empecilhos das obrigações administrativas poderia aproximar Alexandre Rodrigues Ferreira de Spix e Martius outros aspectos separam os dois últimos do primeiro. Quando desembarcam na cidade do Pará, vindos de São Luís do Maranhão, Spix e Martius afirmam:

Assim estávamos, pois, depois de tantos tormentos e perigos, no longamente almejado Pará. Com sereno contentamento, considerávamos o passado; uma meta longínqua estava alcançada; desde o trópico de Capricórnio até ao equador, havíamos percorrido o opulento país, e trazíamos a mente repleta de maravilhosos aspectos. Agora os encontrávamos o equador, no lugar do equilíbrio da mais bela harmonia de todas as forças terrestres; e, como a mais forte alegria do homem deriva do mundo das noções e das idéias, assim saboreamos o gozo das indizíveis sensações, que a grandiosidade do lugar em nós despertava. Quando pela primeira vez, acordados aqui, abrimos as venezianas do nosso quarto e resplandecia o sol, como em triunfo, no azul profundo do céu, o campo estendia-se, cintilante de orvalho; e o sussurro das palmeiras, agitadas pela aragem, acompanhava o hosana entoado pelo canto de bandos de pássaros. Participamos, então, da soberba festa da natureza, enlevados, fortalecidos, como que sagrados para novas empresas e mais altos gozos!¹⁵⁴

Tanto o brasileiro como os alemães eram naturalistas, mas algumas décadas depois de Alexandre Rodrigues Ferreira, a forma de textualizar o visto e o sentido haviam mudado, como afirmou José Bonifácio em 1819,

Não por certo, senhores. A alma do viajante observador dilata-se, e extasia-se, a cada passo que dá pelo Universo. Outras leis, outros costumes, outros céus, outras línguas, outra indústria e produções excitam de contínuo sua atenção, e fecundam-lhe o espírito com mil idéias novas e atrevidas.¹⁵⁵

153 FITTKAU, E. J. Johan Baptist Ritter von Spix: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.8, suppl.0, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2014.

154 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil** (1817-1820). 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980. v.2. p.293.

Ao historiador da natureza cabe olhar, catalogar, classificar, porém, igualmente sentir. Não basta mais ler o "livro da natureza", é preciso compartilhar com ele um sentimento, participar de um "momento mágico". Momento mágico que ocorre no âmbito de um espaço sagrado, de um santuário. Ao explorar o mundo natural tão importante quanto descobrir novas espécies é viver uma experiência do sentimento, o *Naturgefühl*. A obra dos dois naturalistas bávaros traduz a dimensão romântica do início do século XIX e pretende ser, além de um relatório científico, um projeto poético.

A taxonomia iluminista, o colecionismo, a observação racional do ambiente natural convivem com a experiência dos sentimentos e descrição das sensações. Digressões intimistas, "estados de ânimo", felicidade, tristeza, dão à narrativa um tom literário e até mesmo poético. Parte-se de Linneu, mas o encontro final é com Goethe.

No início do volume 3 do *Viagem pelo Brasil*, há uma passagem que expressa com exatidão este novo sentimento:

Pará. 16 de agosto de 1819. Como me sinto feliz aqui, como chego a compreender a fundo muito daquilo que até agora era inacessível. O lugar sagrado, onde todas as forças se reúnem harmoniosamente e ressoam como canto triunfal, amadurece sensações e pensamentos. Parece-me compreender melhor o que é o historiador da natureza. Diariamente lanço-me na meditação do grande e indizível quadro da natureza e, embora seja fora do meu alcance compreender sua finalidade divina, ele me enche de deliciosas emoções. – São três horas da madrugada; levanto-me da rede porque não consigo mais dormir de excitação; abro as venezianas e olho para a noite escura e solene. Magníficas brilham as estrelas, e o rio resplandece com o reflexo da lua poente. Como tudo é quieto e misterioso em torno de mim! Ando com o lampião para a fresca varanda e contemplo os meus queridos amigos, as árvores e arbustos ao redor da casa.¹⁵⁶

A narrativa segue com a descrição da madrugada, do nascer do dia até o poente com uma riqueza de detalhes que pretendem compor um "quadro da natureza" amazônica. Este objetivo denuncia a influência intelectual sofrida pelos dois viajantes: Alexander von Humboldt. Segundo Karen Lisboa,

Em sua obra sobre o Novo Continente, *Ansichten der Natur* (de 1807), em português intitulado *Quadros da natureza*, Humboldt conceitua o *Naturgemälde*, ou quadro da natureza. Humboldt elege os trópicos como lugar privilegiado para a "antiga comunhão da natureza com a vida espiritual do homem". Caberia às descrições preencher os requisitos de um "quadro da natureza", ou seja, ter o poder de reproduzir no leitor "o prazer que a mente sensível recebe da contemplação imediata da natureza", além de apresentar um

155 SILVA, J. B. de A. e. Discurso histórico. *HISTORIA E MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA*. tomo 4, parte 2, 1820. p.2 *apud* SILVA, J. B. de A. e. **Obras científicas, políticas e sociais**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1963. p.446.

156 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.18.

"panorama" do mundo natural e servir de "prova da ação conjunta das forças". Para tanto, o estilo da escrita "tende a uma prosa poética", tocando o "sentimento e a fantasia."¹⁵⁷

Para Humboldt, uma das questões centrais colocadas ao historiador da natureza era a de como tratar os objetos de pesquisa sob um enfoque estético. Em outros termos, como condensar em um "quadro" a grande quantidade empírica presente aos olhos do naturalista. Cabe ao naturalista-artista, mais do que a utilização de aparelhos na observação científica, apesar de não descartá-los, unir sua sensibilidade com sua capacidade de harmonizar aquilo que os olhos veem e a alma sente. Proposta que lembra Rousseau na obra derradeira *Os devaneios do caminhante solitário*:

As árvores, os arbustos, as plantas são o enfeite e a vestimenta da terra. Nada é tão triste como o aspecto de um campo nu e sem vegetação, que somente expõe diante dos olhos pedras, limos e areias. Mas, vivificada pela natureza e revestida com seu vestido de núpcias no meio do curso das águas e do canto dos pássaros, a terra oferece ao homem, na harmonia dos três reinos, um espetáculo cheio de vida, de interesses e de encanto, o único espetáculo do mundo de que seus olhos e seu coração não se cansam nunca.

157 LISBOA, K. M. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius: taxonomia e sentimento. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.183, jan./jun. 2009.

Quanto maior for a sensibilidade de sua alma, mais o contemplador se entregará aos êxtases que excita nele essa harmonia. Um devaneio doce e profundo apodera-se então de seus sentidos e ele se perde, com uma deliciosa embriaguez, na imensidade de belo sistema [a natureza] com o qual sente-se identificado. Então, todos os objetos individuais lhe escapam; nada vê, nada sente senão o todo. É preciso que alguma circunstância particular comprima suas idéias e circunscreva sua imaginação para que possa observar por partes esse universo que se esforçava por abarcar.¹⁵⁸

Razão e sensibilidade. União proposta por Rousseau, Schelling, Goethe, Schiller, dentre tantos outros "românticos" que revolucionam a maneira de produzir literatura no início do oitocentos e também a literatura de viagens. Estas marcas, estas referências estão presentes em todo o texto de Martius e com menos intensidade nos de Spix.¹⁵⁹ Como quem deu o acabamento final à obra foi Martius, este é o tom predominante em todo o relato. Nesse sentido, o livro *Viagem pelo Brasil* procura unir, no início do oitocentos, a missão científica do setecentos, representada pelos relatos enciclopedistas, com a viagem sentimental, ciência e poesia. O trecho a seguir procura descrever uma tempestade tropical, fenômeno diário nas regiões equatoriais, mas descritas de uma forma muito peculiar pelo naturalista bávaro:

As plantas palpitam sob os raios tórridos do sol; abandonam-se esquecidas ao forte estímulo. Besouros dourados e beija-flores zumbem alegres aproximando-se, na margem, as borboletas e libélulas exibem um jogo de cores; os caminhos pululam de formigas que em filas compridas carregam folhas para a sua casa. Também os animais preguiçosos reagem ao estímulo solar; o jacaré emerge da lama ao pé da margem e deita-se na areia quente; tartarugas e lagartos abandonam a sombra úmida; serpentes de colorido variado ou escuro deslizam-se nas sendas esquentadas pelo sol. As nuvens descem cada vez mais, aglomerando-se em camadas mais e mais pesadas, densas e ameaçadoras, envolvendo o horizonte de um cinzento azulado, formando massas mais claras perto do zênite, o quadro de enormes montanhas no ar. De repente o céu está coberto, deixando só aqui e acolá uma fenda azul; o sol está escondido, porém o calor é tanto mais sufocante sobre a paisagem. Meio-dia passou, esta hora é turva, pesada e melancólica na natureza; a tensão torna-se sempre mais aguda e a dor, que o prazer do dia originou, está aí. Fome e sede tormentam os animais; só os sossegados, preguiçosos, retirados na sombra da mata, não pressentem a crise violenta na natureza. Mas ela se aproxima; ligeira e inevitável ela irromperá: o ar já baixa de temperatura, os ventos atravessam em todos os sentidos; remexem a mata e depois o mar, que voga cada vez mais preto e os rios mais escuros e que parecem correr silenciosos, amortecidos pelo vento. A tempestade aí está! Duas ou três vezes um

158 ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Universidade de Brasília, 1986. p.95.

159 AUGUSTIN, G. **Literatura de viagem na época de Dom João VI**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

relâmpago pálido rasga as nuvens; duas ou três vezes rola o trovão, lentamente, quieto, tremendo; gotas começam a cair. As plantas respiram novamente depois do cansaço; nova trovoada e desta vez não é chuva, são torrentes de água que o céu derrama. A floresta está gemendo; o sibilar baixinho das folhas transforma em bramido, em rufar que ressoa longe. As flores balançam, folhas estão caindo, galhos quebrados e troncos podres estão tombando; com violência, o furacão priva as deprimidas gerações de plantas dos últimos atrativos virgens. E por que não seria assim?¹⁶⁰

A descrição, que continua por algumas páginas, é acentuadamente imagética, nada suscinta. Registrar a realidade, na concepção dos dois naturalistas bávaros, significa optar por outro discurso diferente daquele comumente utilizado nos relatos de viagem do século XVIII. Neste novo discurso a ênfase está na percepção de um espaço mais imaginário, metafísico, poético. Para acentuar a diferença vale a pena repetir a citada descrição de uma tempestade feita por Alexandre Rodrigues Ferreira:

Estávamos todos juntos na casa de fora do quartel do coronel, quando entrou a toldar-se o céu e principiaram a cair suas gotas d'água. Conversávamos em matérias diversas, enquanto elas passavam, quando vimos claramente descer o fogo elétrico na distância de 10 passos e, ao entrar pela superfície da saibreira em que estava a casa, estourar com tão grande estrondo, como faria uma bomba. Levantaram-se pelo ar e voaram em redemoinho as palhas que cobriam a casa fronteira da cozinha e difundiu-se um cheiro de enxofre. Tão perto estivemos todos de fazer a última viagem! Dos que estávamos mais perto do lugar onde caiu o raio, só eu e o porta-bandeira Leonardo José Ferreira sentimos pelo dia inteiro o lado direito adormecido. Todos os mais experimentaram somente o susto. Uma arara que não distava 2 passos, nem se moveu ou deu sinal algum de o ter sentido. Uma perua que ainda estava mais perto, sim, caiu assombrada, mas, pouco depois se levantou; e os que estavam mais longe dela foram os que experimentaram maior efeito. O preto cozinheiro, que estava tirando o pão do forno, foi levado de encontro a uma das paredes da cozinha. A índia Perpétua, que estava na varanda posterior, e o criado particular, que se achava dentro de uma casa interior, caíram por terra. Um dos esteios fronteiros à dita cozinha foi rachado de alto a baixo. E, do outro esteio, não se pôde achar a lasca que o raio abriu. Tão perigosas são as habitações que ficam no cume das colinas mui vizinhas às nuvens, quando elas, com relação à terra, se acham, por excesso, prenhes do fogo elétrico! Até a 1 hora da tarde não cessou a chuva, e reservei a viagem para o seguinte dia.¹⁶¹

Mas não se trata só de poesia, do mesmo modo que os outros cinco relatos apresentados, *Viagem pelo Brasil* segue uma sequência linear, cronológica onde a narrativa está presa, do início ao fim, à própria viagem. Há também preocupação em apresentar as vias de navegação, os lugares visitados, medir a pressão atmosférica,

160 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.19.

161 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.158. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

as distâncias, a temperatura, a profundidade dos rios, a largura entre as margens e a velocidade das correntezas. A anotação das datas das partidas e chegadas também são uma constante durante toda a obra.

Há espaço para digressões, inserções intertextuais e referências científicas, geográficas e históricas, dentre outras. A diferença em relação a estas digressões e observações paralelas existentes no relato de Spix e Martius e os outros relatos anteriores é que estas inserções estão, praticamente todas, nas notas de rodapé. Deste modo fica nítida a preocupação dos autores em não desviar a atenção do leitor para outros temas que não sejam o da jornada ao mesmo tempo em que não se descuidam das informações científicas. Posso afirmar que no caso do texto de *Viagem pelo Brasil*, as extensas notas de rodapé funcionam como âncoras que garantem à narrativa sua veracidade, fazem a mediação entre o mundo poético descrito, que em alguns momentos se aproxima do fantástico, com o mundo "real".

A narrativa se dá, predominantemente, na primeira pessoa e o narrador está dentro da história sendo que em determinadas passagens conversa com o leitor para justificar ou transmitir, também, suas emoções, sentimentos e pensamentos como no trecho a seguir:

Passamos a primeira noite acima do estreito de Óbidos, numa ilha baixa de areia, que o rio acabava justamente de pôr em seco. A lua saía das nuvens escuras, e, faiscando mil reflexos nas águas do rio gigante, iluminava docemente a paisagem silenciosa. Um surdo murmúrio das águas agitadas soou aos nossos ouvidos. Em breve, porém, transtornou-se esse tranquilo, alegre cenário; tímida, escondeu-se a lua; a mais profunda escuridão pairou sobre a ilha, a mata e o rio e, de longe, roncaram, como que coléricos, trovões por todos os lados. Aqui, onde podíamos, por assim dizer, com alegria, gozar de uma pausa feliz no drama de nossa viagem, sentíamos com maior sensibilidade todo o horror dessa noite de trevas, que, sem estrelas e luz alguma, nos relegou só a nós mesmos, "entre larvas, únicos peitos sensíveis". Nas mesmas condições, daí por diante, muitas noites íamos passar de vigília, e o leitor amigo pelo menos uma vez será testemunha da profunda melancolia deprimente a que, às vezes, fica exposto contra a vontade, quem viaja no Amazonas.¹⁶²

É ao leitor que o narrador afirma oferecer algo mais do que um relatório de viagem, não apenas "notícias objetivas das nossas observações", mas um espelho da vida íntima, das disposições de espírito, enfim, das suas emoções enquanto historiador da natureza e viajante. Deste modo é recorrente a tensão entre luz e escuridão, alegria e sofrimento, conhecimento e insegurança num enredo que pretende emocionar

162 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.81.

o leitor. Ao entrar no rio Amazonas, após uma longa jornada passando por furos, canais menores e afluentes do "primeiro rio do mundo" o autor relata:

Seguindo o conselho do piloto, afastamo-nos dessas ilhas, para alcançar a costa fronteira do continente, quando o sol já ia chegando ao ocaso. Até longe, tingia ele de vermelho o espelho agitado das águas; as matas do primeiro plano destacavam-se, brilhando com tons rosados, do claro-escuro do fundo de sombras suaves. A idéia de estarmos no primeiro rio do mundo, tão próximo do equador, dava a esse incomparável cenário ainda maior valor, e os nossos olhos saturavam-se, sófregos, até que o sol se escondesse e o rio e a margem se confundissem no crepúsculo indistinto. Ainda estávamos imersos no gozo dessa visão, quando de improviso, caiu forte vento leste, em pouco tempo encapelando vagas e jogando tão fortemente, de um lado para o outro, a nossa canoa, que gemia, que julgamo-nos metidos nos horrores de uma procela. [...] Foi nossa sorte amainar-se a fúria da tormenta ao cabo de uma hora; agora podíamos de novo adriçar as velas, e, na escuridão da noite, chegamos à margem, onde deitamos âncora em doze braças de fundo. Essas ventanias, em geral renunciadoras de trovoadas, são costumeiras na navegação do Amazonas, e, com a devida distância das margens e boas condições do barco, são mesmo desejáveis para os viajantes, subindo o rio, quando não sopra o vento geral; para nós novatos, foi uma dura provação. Agora, nos alegrávamos, pois tínhamos a canoa em segurança, sob a copa de altas árvores, alegres, fogueiras no mato, e a animação dos nossos índios, que após dupla ração de cachaça, se puseram a cantar; quando escureceu de repente, ainda mais o céu noturno, e de nordeste veio, com a velocidade do vento, terrível trovoadas, que, em breve, se estendeu pelo céu todo. Caía chuva em torrentes daquela noite escura; cresceram os gemidos surdos da folhagem da floresta. Incessantes, resplandeciam relâmpagos por todos os lados; ribombavam trovões; bramiam as águas encapeladas; eram as cortesias, com que nos recebia o rei dos rios. Depois da meia-noite, acalmou-se um tanto a agitação do mar, ao passo que os coriscos e estrelas fugazes continuavam particularmente do lado sul; afinal, pudemos conciliar o sono depois de um dia perigoso, cheio de tão diversas sensações.¹⁶³

"Incomparável cenário", "gozo dessa visão", "bramiam as águas encapeladas", estas e muitas outras expressões procuram textualizar a realidade vista, sentida e imaginada. A natureza, em muitas ocasiões antropomorfizada, assume a condição de centro do mundo no qual o homem, "servidor de leis universais", em muitos momentos é figurante secundário, joguete nas mãos de forças imprevisíveis.

No Equador, sob o domínio do astro superior, no local onde "o sol permanece sempre à mesma distância e dita as mesmas leis" se constrói, novamente, a Amazônia paradisíaca, porém sob um novo signo, o da harmonia das leis naturais e não divinas:

163 *id.*

Em toda parte o nosso planeta está dominado e quase sujeito à serventia do astro superior; porém só aqui, onde o sol permanece sempre a mesma distância e dita as mesmas leis, estes atos obrigatórios da vida terrestre aparecem como movimentos livres e a terra permanece aliada, não servente do corpo celeste dominante. Quão diferente é tudo isto no norte e sul, onde a terra submissa sofre os diversos estados e transições não com dedicação pacífica mas em escravidão hostil.¹⁶⁴

Numa inversão das teorias eurocêntricas detratoras do continente americano, representadas, principalmente, pelas obras do conde Buffon, do abade Cornélius de Pauw e do abade Guillaume Raynal, a América que Spix e Martius representam possui uma natureza exuberante, prolífica e campo inesgotável para a pesquisa científica.¹⁶⁵

Mas não só de elogios poéticos se constrói a narrativa dos dois naturalistas. Há momentos nos quais a natureza também se torna ameaçadora, incômoda e, em alguns aspectos, aterrorizadora. A estabilidade e harmonia procuradas cedem lugar ao medo da perda de referência em meio a um labirinto equatorial. Quando os viajantes chegam na Ilha das Onças, um lugar privilegiado, segundo os autores, para a observação da natureza já que "nenhuma espécie de terra é melhor apropriada para demonstrar ao viajante o espetáculo da primitiva criação do mundo", Martius realiza sua costumeira excursão investigativa. Passando pelo mangue, atinge um terreno mais alto e seco "sem arvoredo, revestido de risonho tapete de gramíneas".

Mais uma vez o naturalista encontra-se numa aprazível campina silvestre, onde o sol faz desabrochar "em todo o esplendor as flores do campo e atraem inúmeras borboletas, libélulas e colibris, que se perseguem brincando". Ali Martius fica apreciando por longo tempo esse "espetáculo novo" e antes que escurecesse decide ver uma várzea onde tinha visto voarem bandos de frangos-d'água e patos. Na beira de uma pequena lagoa de águas cristalinas deixa-se ficar até que o adiantado da hora o obriga a voltar e, então, novamente, o viajante se encontra em apuros:

¹⁶⁴ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.20.

¹⁶⁵ Em 1749, Buffon publicou os primeiros três volumes dos trinta e seis da sua *História Natural*. Sucesso editorial ao longo do século XVIII acabou sendo superada no XIX. Sua tese principal é que pela ausência de "seres superiores", exemplificados pelos grandes mamíferos como rinocerontes, camelos, dromedários, girafas, elefantes, dentre outros, a América apresentava uma natureza débil. Para Buffon, a natureza americana seria hostil ao desenvolvimento dos animais de grande porte e, em consequência, para o desenvolvimento da vida. Do mesmo modo o homem americano seria inferior ao existente nos climas temperados, muito mais próximo dos animais do que da espécie humana.

Quis voltar para a margem, porém perdi o caminho entre as curvas das águas, sob moitas fechadas que as orlavam, e os escuros trechos da mata virgem, que as atrevesavam em diversas direções; e, quanto mais aflito o procurava, tanto mais confuso e intrincado tornou-se tudo em torno de mim. Logo em seguida, mudou-se em terror o gozo daquele aprazível espetáculo da natureza, pois no brejo, onde eu me havia perdido, eriçavam-se em volta impenetráveis tufo da palmeira de espinho marajá (*Bactris marajá* M.), envolviam-me cercas resistentes das marantas, cada vez mais densas; as helicônias de folhas largas, sobre as quais eu procurava tomar pé, escondiam-me águas profundas, e, quando parei à espreita, julguei perceber o rastejar de jacarés, que seguros da presa, vinham traçar o extraviado. Horrorizado, compreendi haver-me metido num dos mal afamados *mondongos*, dos quais os próprios índios costumam fugir, como de paragem de animais perigosos e labirintos fatais.¹⁶⁶

Apesar da predominância da observação estética da natureza, da figuração constante entre o "claro e o escuro", "estabilidade e instabilidade" ou mesmo do debate implícito com a história natural do seu tempo, a narrativa também é marcada pelas notícias, por assim dizer, mais objetivas. É o caso das descrições das cidades, da crítica econômica e política, das opiniões sobre a saúde da população, dentre outras. O jogo poético na composição, a textualização imagética, o predomínio dos contrastes na descrição da paisagem, cedem lugar uma descrição mais seca.

Belém do Pará é descrita sem o contraste de luz e sombras, cores e exuberância. comumente utilizado pelos autores A cidade apresenta-se ao olhar do viajante e conseqüentemente ao do leitor como uma sucessão de construções que prometem ao viajante um aspecto "melhor" quando vistas de perto. Possui uma arquitetura singela, simples, mas asseada, "dando a impressão" de uma vida doméstica e feliz. Impossível não lembrar do adágio popular "pobre, mas limpinha".

Não se trata de investigar se de fato Belém do Pará era, ou não, agradável aos olhos do viajante europeu do início do oitocentos, mas de identificar que na descrição citada já não há a mistura de sentimentos existente quando se narra o mundo natural. Para o narrador, mais importante ao descrever o espaço urbano é a valorização dos aspectos civilizatórios europeus. Assim entram em cena as hortas devidamente cultivadas, as casas decoradas e, se possível, envidraçadas, a existência de edifícios com fachadas europeias, como o da Bolsa de Belém ou a existência do Jardim Botânico do Pará.¹⁶⁷

166 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.54.

167 LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1997. p.174.

Ao atingir o que considerava ser o limite ocidental de sua jornada, Martius registra o acontecimento desta forma:¹⁶⁸

Profundamente empolgado pelo arrepio desta solidão selvagem, me sentei para desenhá-la; mas não tentarei descrever ao leitor os sentimentos que durante este trabalho comoviam a minha alma. Era este o ponto mais ocidental a que eu podia estender a viagem. Enquanto me oprimia com todos os terrores de uma solidão destituída de seres humanos, sentia indizível saudade de homens da cara Europa civilizada. Pensei como toda a cultura e a salvação da humanidade tinham vindo do Oriente. Dolorosamente comparei aqueles países venturosos com este ermo pavoroso; entretanto, mesmo assim me felicitava por estar aqui, levantei mais um olhar para o céu, e volvi corajosamente o espírito e o coração para o Oriente amigo.¹⁶⁹

Sentimentos que comovem a alma, indizível saudade, terrores da solidão, volver o coração ao Oriente amigo, mais uma vez, sem a incômoda presença dos seres humanos – já que os índios que trabalham na expedição não contam – e a necessidade de classifica-los, a expressão dos sentimentos volta à tona.

Ao pé da cachoeira de Arara-Coara, as reflexões do viajante são dominadas pela saudades da Europa, o "oriente amigo". É claro que geograficamente o "oriente" é a Europa, mas não deixa de ser instigante de fato de que, ao chegar à linha divisória, no extremo ocidental da sua viagem, Martius utilize este termo.

Edward Said, renomado crítico literário e considerado por alguns estudiosos o fundador da teoria literária pós-colonial, escreveu um livro, hoje clássico, chamado *Orientalismo*. Nele o autor demonstra, de forma brilhante, o quanto o Oriente é uma representação ocidental marcada por comportamentos ideológicos e etnocêntricos:

"Orientalismo" é o termo genérico que tenho empregado para descrever a abordagem ocidental do Oriente; Orientalismo é a disciplina pela qual o Oriente era (e é) abordado de maneira sistemática, como um tópico de erudição, descoberta e prática. Mas, além disso, tenho usado a palavra para designar o conjunto de sonhos, imagens e vocabulários disponíveis para quem tenta falar sobre o que existe a leste da linha divisória.¹⁷⁰

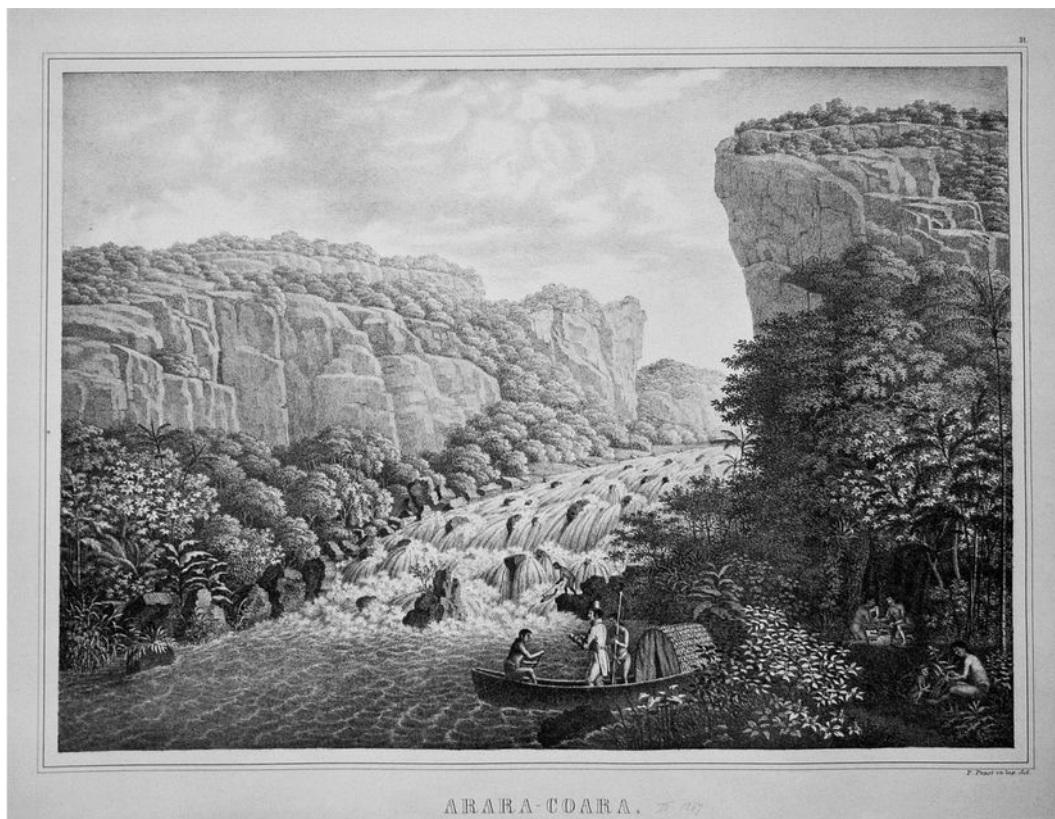
168 Num determinado ponto da viagem, considerando os recursos disponíveis e o estado de saúde de Spix, os viajantes decidiram dividir a expedição em duas: Martius seguiria pelo Alto Japurá e Spix pelo Alto Solimões.

169 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.240.

170 SAID E. W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.114.

Martius, ao chegar numa linha divisória, após uma longa viagem de erudição, descoberta e prática, busca neste ocidente-orientado imaginado a salvação, a referência para onde devia volver o espírito e construir, a partir da elaboração do seu relato de viagem, um conjunto de sonhos, imagens e vocabulários sobre o Novo Mundo.

2 SOBRE A PAISAGEM



O termo paisagem vem do latim *pagus* e significava "distrito rural", "área demarcada", também relacionada com *pangere*, "apertar, colocar no lugar", que, por sua vez, veio do Indo-Europeu *pag* "colocar no lugar, unir, tornar firme". É possível que daí venha o termo *pagão* para designar aquele que vivia na zona rural, afastado do contato direto com a Igreja Católica e como tal, uma pessoa não cristã. País, paisano, são também derivações do mesmo termo. Na língua inglesa a palavra começou a ser utilizada a partir da importação do termo holandês *herring*, arenque e *bleached linen*, linho alvejado, no final do século XVI. *Landschap*, derivado do alemão *Landdschaft*, significava tanto uma unidade territorial e, por sua vez, jurídica, como qualquer coisa que fosse objeto de admiração e reproduzida numa pintura.¹⁷¹

171 COELHO, L. C. **Revelando a paisagem através da fotografia**: construção e aplicação de um método: Porto Alegre vista do Guaíba. 313f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2011.

Paisagem tem seu parentesco com *country* no seu sentido mais antigo e não moderno de país ou terra natal. *Country* deriva do adjetivo feminino *contrata*, do latim medieval, surgido da expressão *terra contratada*, isto é, "uma terra situada a frente", "em direção oposta". Com o tempo este significado mudou adquirindo um sentido de um pedaço de terra situado à frente de um observador (não necessariamente seu proprietário ou contratante) e daí sua relação com o termo paisagem. Assim, em inglês antigo, *landscipe*, *landship* e *landscape*, referem-se a uma região mais distante, adiante de um observador. A partir do século XVI, *country* começou a ter seu significado em oposição às áreas urbanas. *Country*, campo em oposição à cidade, com toda a carga simbólica e histórica adjacentes. Talvez, neste sentido, é que o termo paisagem, também tenha seu significado e sua expressão pictórica ligada aos retratos de cidades ou áreas rurais (natureza).¹⁷²

Para Schama, não é simples coincidência o fato de que tenha sido nos Países Baixos, cenário de uma paisagem construída pelo trabalho humano, os "polders", que se forjou o termo *landschap* adaptado para o inglês coloquial como *landskip*. Como equivalente italiano, existia a palavra *parerga* que denominava o ambiente bucólico utilizado como cenário da mitologia clássica e das escrituras sagradas.¹⁷³

Donadieu e Périgord afirmam que o termo paisagem teria uma dupla origem linguística, uma do norte e outra do sul europeu. Em anglo-saxão, teria vindo do holandês *landschap*, por volta do final do século XV, em holandês (1481), *landschaft* (1508) em alemão e em inglês, *landskip* (1598) e depois *landscape* (1603). O termo *landschaft*, em alemão, remete à associação entre o lugar e seus habitantes, isto é, *land + schaffen*, "criar a terra", "produzir um lugar" o que aproximaria a palavra *landschaft* do significado da palavra *cultura*. Já o termo holandês *landschap* se refere ao ato de reproduzir um pedaço da natureza e enquadrá-lo numa pintura de cavalete. A origem latina, isto é, do sul europeu, viria do francês *paysage*, incorporada ao vocabulário em meados do século XVI e teria sua origem em *pays* que, na França medieval, significava tanto um território como seu habitante. Daí os derivados *paesaggio*, *paisaje*, em espanhol e *paisagem* em português.¹⁷⁴

172 WILLIAMS, R. **Palabras clave**: un vocabulário de la cultura y la sociedade. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003. p.315.

173 SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.20-21.

174 DONADIEU, P.; PÉRIGORD, M. **Le Paysage**: entre natures et cultures. Paris: Armand Colin, 2007.

De acordo com o *Vocabulário Portuguez & Latino* de Raphael Bluteau, de 1728, paisagem é sinônimo de país ou paiz e se refere tanto a terra, a região como, no "termo utilizado pelos pintores, painéis em que estão representados arvoredos, prados, & outros aprazíveis objectos do câpo"¹⁷⁵.

Por sua vez, o *Diccionario da língua portugueza* de Antonio de Moraes Silva, de 1789, apresenta "paisagem" como "Pintura. Vista representação de terras, campos"¹⁷⁶. Por fim, no *Diccionario da Língua Brasileira* de Luiz Maria da Silva Pinto, de 1832, "paizagem" é "vista, ou representação de terras, campos, arvoredos"¹⁷⁷.

Nas artes plásticas, a pintura de paisagem realista, como a conhecemos ainda nos dias atuais, surgiu dentro do contexto de transformações sofridas pelas artes, mais notadamente pela pintura, a partir do Renascimento. A adoção da perspectiva, dos parâmetros geométricos e matemáticos euclidianos possibilitou o início de um processo no qual a pintura de paisagem consolidou-se como gênero alguns séculos mais tarde, a partir do oitocentos.

175 BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v. p.187. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

176 SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portuguesa**: recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

177 PINTO, L. M. da S. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto**, natural da Provincia de Goyaz. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.



FIGURA 10 - AMBROGIO LORENZETTI: UN CASTELLO IN RIVA AD UN LAGO. SÉCULO XIV
FONTE: Disponível em: <<http://www.frammentiarte.it/dal%20Gotico/Lorenzetti%20opere/12%20Ocastello%20in%20riva%20a%20un%20lago.htm>> Acesso em: 09 ago. 2013

Alguns autores localizam a origem da pintura de paisagem já no século XIV, mas o passo decisivo foi dado pela utilização da janela na pintura flamenga na primeira metade do século XV. Jan Van Eyck e sua obra *A Virgem e a Criança com o Chanceler Rolin*, de 1433, ao utilizar o artifício da janela no interior do quadro, possibilitou o isolamento do exterior e o deslocamento do olhar do observador para a paisagem externa que, assim, torna-se autônoma.



FIGURA 11 - JAN VAN EYCK. A VIRGEM E A CRIANÇA COM O CHANCELER ROLIN. APROXIMADAMENTE 1433

No início da Era Moderna, com a adoção de novas técnicas de pintura advindas, dentre outros motivos, pelo uso, cada vez mais frequente, do experimentalismo, a noção de paisagem expande-se para a literatura e começa a adquirir unidade enquanto gênero artístico. Quando a paisagem, enquanto tema principal da composição, ocupa a totalidade da tela e expressa não somente este ou aquele objeto, mas a relação entre eles na composição do todo, surge a pintura da paisagem moderna. Dürer é um dos exemplos mais significativos deste momento.



FIGURA 12 - ALBRECHT DURER. VISTA DE INNSBRUCK, 1495

FONTE: Disponível em: <http://www.backtoclassics.com/gallery/albrechtdurer/view_of_innsbruck/>.
Acesso em: 13 ago. 2013

Libertando-se de um ponto de fuga central, os quadros de paisagem tornam-se, cada vez mais, panorâmicos e realistas tendo como temas cidades, rios, montanhas, enfim, temas muito próximos aos que ainda vemos hoje em dia nos mais variados suportes.

As obras de Jan Van Goyen (1596-1656), Vermeer (1632-1675) e Meindert Hobbema (1638-1709) são exemplos da pintura de paisagens holandesa. A tradição italiana, dos séculos XVII e XVIII, pode ser bem representada pelos quadros de Nicolas Poussin, (1594-1665), Claude Gellé (1600-1682) e Hubert Robert (1733-1808).



FIGURA 13 - JAN VAN GOYEN. AN ESTUARY SCENE, 1652-1654

FONTE: Disponível em: <<http://www.backtoclassics.com/gallery/janvangoyen/anestuaryscene/>>
Acesso em: 13 ago. 2013



FIGURA 14 - JAN VERMEER. VISTA DE DELFT. SÉCULO XVII

FONTE: Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jan_Vermeer_van_Delft_001.jpg>.
Acesso em: 13 ago. 2013



FIGURA 15 - NICOLAS POUSSIN. IDEAL LANDSCAPE, 1650
 FONTE: Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/nicolas-poussin/ideal-landscape-1650>>.
 Acesso em: 13 ago. 2013



FIGURA 16 - CLAUDE GELLÉE. A VIEW OF THE ROMAN CAMPAGNA FROM TIVOLI, EVENING. 1644-5
 FONTE: Disponível em: <[http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_view_of_the_Roman_Campagna_from_Tivoli_evening_\(1644-5\);_Claude_Gell%C3%A9e,_called_Le_Lorrain.jpg](http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:A_view_of_the_Roman_Campagna_from_Tivoli_evening_(1644-5);_Claude_Gell%C3%A9e,_called_Le_Lorrain.jpg)>. Acesso em: 13 ago. 2013

Para Valéria Salgueiro, a pintura de paisagem viveu, a partir de meados do século dezoito, um período de verdadeira obsessão, quase um culto religioso. O progresso da ciência e da técnica e o domínio crescente da natureza pelas sociedades capitalistas alteraram decisivamente a percepção humana do mundo físico e sua representação em imagens. O encantamento com a beleza natural expressa-se também na literatura, com poetas ingleses como Thomas Gray e William Collins, mas atinge seu ápice na recriação de ambientes naturais nos jardins europeus com destaque para os ingleses.¹⁷⁸

Raymond Williams afirma que na segunda metade do século XVIII, há uma mudança na maneira de ver a natureza:

É significativo e compreensível que, no decorrer de um século de reaproveitamento de terras, drenagens e desmatamentos, tivesse surgido, como subproduto, o gosto pela natureza intata, pela terra inculta: o gosto pelo "pitoresco", para usar o termo da época. É bem sabido que a maneira como se encaravam os Alpes mudou radicalmente: enquanto Evelyn, em meados da década de 1640, falava de "penhascos estranhos, horríveis e medonhos", e Dennis, em 1688, descrevia "ruínas e mais ruínas, em montes monstruosos, e céu e terra confundidos", vamos encontrar elogios emocionados nos típicos relatos de viajantes a partir do século XVIII, até nosso século.¹⁷⁹

O significado de paisagem começava a mudar e esta se torna, definitivamente, objeto de consumo estético. "Conhecer lugares famosos, trocar e comparar experiências de viagem e de contemplação de paisagens era comum na sociedade elegante"¹⁸⁰.

É interessante notar como que a trajetória semântica do termo se aproxima daquela ocorrida com a palavra cultura. Segundo a análise que Raymond Williams faz, o termo *cultura* entrou na língua inglesa a partir do latim *colere*, habitar, de onde derivou para colono e colônia. Também significava adorar, donde o sentido de culto religioso, e cultivar no sentido de cuidar da terra e dos animais. Esse sentido prevaleceu até o século XVI. A partir de então a palavra cultura começou a ser usada como o cultivo do espírito, das faculdades mentais, mas ainda designava uma

178 SALGUEIRO, V. A paisagem na arte – elementos para uma história e questões para pesquisas futuras. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.5, n.2, p.99-118, 1997. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/edicoes-anteriores/volume-3-n%C2%B0-2-jul-dez-1997/>>. Acesso em: 18 jul. 2012.

179 WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.178.

180 *Ibid.*, p.179.

atividade, cultivar algo. No século XVIII, ao lado da palavra civilização, cultura começou a designar um processo geral de progresso intelectual e espiritual, tanto individual como social, mas arraigado ao desenvolvimento humano da civilização europeia. Por civilização entendia-se um estado realizado, originado na ideia de *civitas* (ordenado, educado), em oposição, portanto, ao estado natural da barbárie. Mas este estado realizado também era caracterizado, pelo seu desenvolvimento, como mais ou menos civilizado, mais ou menos educado, enfim, de mais ou menos "bom gosto". Do mesmo modo que cultura enquanto ato de cultivar a terra cedeu espaço para cultura como cultivo do bom gosto europeu e civilizado opondo-se à natureza, o termo paisagem, de *landschaft*, "criar a terra", transformou-se, também, num objeto de observação e de consumo estético tanto pela literatura como pelas artes plásticas e, posteriormente, pela fotografia e pelo cinema.¹⁸¹

Presente nas discussões e práticas das artes plásticas e da literatura a paisagem enquanto conceito expandiu suas fronteiras tornando-se objeto da arquitetura, do urbanismo, da ecologia, do turismo, do cinema e da geografia na qual é um dos conceitos-chave da geografia cultural.

Como indica Teixeira da Silva, no campo dos estudos históricos, apesar de se apresentar como uma disciplina nova e com pouca densidade teórica, a história das paisagens é mais antiga do que as chamadas história social e a história demográfica. Desde o início do século XX e principalmente na década de 1930, foram produzidos muitos trabalhos de pesquisa respeitáveis e, dentre eles, os realizados por March Bloch como, por exemplo, o intitulado *L'Individualisme Agraire du XVIIIe Siècle*. Neste trabalho Bloch, dentro do espírito interdisciplinar da Escola da Annales, estabelece interfaces com a geografia humana e a história agrária.¹⁸²

181 É claro que ainda utiliza-se o termo cultura como o ato de cultivar um produto agrícola, mas, de forma geral, utiliza-se esta palavra para designar o "cultivo do espírito" ou, ainda, no sentido antropológico. Ver: WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

182 SILVA, F. C. T. da. História das paisagens. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p.193-206.

Também no livro *A Sociedade Feudal*, March Bloch dialoga com a História das Paisagens e, tratando-se de um clássico, vale a citação:

O homem das duas idades feudais, mais do que nós, estava próximo de uma natureza que, por sua vez, era muito menos ordenada e suave. A paisagem rural, onde os matos ocupavam espaços tão importantes, apresentava de um modo menos sensível a marca humana. Os animais ferozes, que apenas povoam os nossos contos para crianças, os ursos, os lobos, especialmente, vagueavam por todos os lugares desertos e por vezes até nos próprios campos cultivados. Além de ser um desporto, a caça era um meio de defesa indispensável e fornecia à alimentação um contributo quase igualmente necessário. A apanha dos frutos selvagens e a recolha do mel continuavam a praticar-se como nos primeiros tempos da humanidade. No que respeita aos utensílios, a madeira tinha um lugar preponderante. As noites, mal iluminadas, eram mais escuras, o frio, mesmo nas salas dos castelos, mais rigoroso. Numa palavra, havia por detrás de toda a vida social um fundo de primitivismo, de submissão aos elementos indisciplináveis, de contrastes físicos que não podiam ser atenuados. Não existe qualquer instrumento que permita avaliar a influência que tal meio circundante podia exercer nas almas. Como pensar, no entanto, que ele não tenha contribuído para a rudeza daquelas?¹⁸³

Não há como ler esta passagem sem imaginar a natureza, os campos cultivados, as árvores, os castelos medievais compostos neste quadro tão bem "pintado" por March Bloch. O historiador nos leva "para dentro" do cotidiano medieval, do mundo rural da Idade Média, utilizando da paisagem enquanto recurso literário para nos convencer da influência que o "meio circundante", entenda-se "natureza", exercia sobre a sociedade daquele tempo. Com maestria, Bloch trabalha com o conceito de paisagem da Geografia física, como algo exterior aos indivíduos, "elementos indisciplináveis" ao mesmo tempo em que desenvolve o conceito da paisagem enquanto construção cultural, que influencia as "almas".

Na década de 1930, Bloch já demonstrava a polissemia do termo, pois paisagem é ao mesmo tempo a natureza, o "meio circundante", a percepção deste meio e a expressão cultural desta percepção. Em ambos os casos, transforma-se no tempo e no espaço tanto pelas "forças físicas" como pelas humanas.

Se a natureza é a realidade exterior também é a representação desta realidade. E, não necessariamente esta representação é a construção falsa do real, do observado. Prefiro acreditar que ela é o resultado de uma seleção que

183 BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982. p.83.

se expressa por discursos e imagens que tomam como referente o real, mas que são capazes de negá-lo, contorná-lo, ultrapassá-lo. Assim, toda construção imaginária do mundo comporta um conteúdo de ficção, que implica em escolhas, seleção, criatividade, negação, mas que qualifica e confere significação à realidade e que se legitima pela credibilidade.¹⁸⁴

Neste sentido, a representação da paisagem não é reflexo, mimese, mas criação. Todavia, é importante assinalar, não é signo puro. Como discurso, como construção social, expressa uma determinada visão de mundo. Para Raymond Williams, "é possível e interessante levantar a história da paisagem na pintura, da paisagem na literatura, do paisagismo e da arquitetura paisagística, mas na análise final devemos relacionar estas histórias à história comum de uma terra e da sociedade nela existente"¹⁸⁵.

Em outras palavras, a história da paisagem e, mais particularmente, as representações da paisagem amazônica produzida pelos sete viajantes, fazem parte da produção cultural da natureza oriunda desse complexo universo das viagens e da literatura de viagem. Produção esta que sofre pressão e tem como limite o discurso do império sobre a parte norte da colônia brasileira.¹⁸⁶

Assim, a parte amazônica da América portuguesa foi objeto do olhar dos viajantes aqui selecionados, entre meados do século dezoito e as décadas iniciais do dezenove. Viajantes oriundos ou patrocinados por impérios europeus. Porém, também, homens de letras com desejos, curiosidades, atrações, repulsas, cobiça e sede de saber. Suas referências estéticas eram europeias, suas experiências de viagem se deram na "zona de contato cultural" e seus olhares construíram um mosaico de significados.¹⁸⁷

No entanto, poderíamos pensar, no lugar de "mosaico" num "grande painel", numa grande paisagem da Amazônia "riscada" textualmente pelos sete viajantes. Um quadro geral no qual se destacariam este ou aquele aspecto, na verdade, um padrão

184 PESAVENTO, S. J. A invenção do Brasil: o nascimento da paisagem brasileira sob o olhar do outro. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Porto Alegre, v.1, n. 1, p.1, out./nov./dez. 2004.

185 WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.167.

186 AMARAL, M. B. **Literatura de viagem e o olhar sobre a paisagem**. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/12_23_20_LITERATURA_DE_VIAGEM_E_O_OLHAR_SOBRE_A_PAISAGEM.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

187 PESAVENTO, S. J. *Op. cit.*, p.3.

imaginativo muito próximo daquilo que Edward Said, na sua obra *Orientalismo* definiu como "geografia imaginativa"¹⁸⁸.

Na argumentação formulada por este pensador a geografia imaginativa – e porque não utilizar aqui o conceito mais próximo aos historiadores de imaginário – contribuiu decididamente na maneira como a civilização "ocidental" dividiu o mundo em oriente e ocidente. Há uma passagem que ilumina as relações complexas entre o chamado pelo autor conhecimento "positivo" de uma determinada região geográfica e o imaginativo:

Mas não adianta fingir que tudo o que conhecemos sobre o tempo e o espaço, ou melhor, a história e a geografia, é, mais do que qualquer outra coisa imaginativo. Há uma história positiva e uma geografia positiva que na Europa e nos Estados Unidos têm realizações impressionantes. Os estudiosos agora sabem mais sobre o mundo, seu passado e seu presente, do que sabiam, por exemplo, nos tempos de Gibbon. Mas isso não quer dizer que eles conhecem tudo o que há para conhecer, nem quer dizer, o que é ainda mais importante, que aquilo que conhecem dissipou efetivamente o conhecimento imaginativo geográfico a que tenho me referido. Não precisamos decidir neste momento se esse tipo de conhecimento imaginativo inspira a história e a geografia, ou se de algum modo as anula. Por ora, digamos apenas que ele existe como um algo *mais* que aquilo que passa por ser conhecimento positivo.¹⁸⁹

Já é consenso, para um grande e variado número de historiadores (as), o fato de que no decorrer do século XVIII, potências europeias como Inglaterra, França, Portugal, Espanha, dentre outras, empreenderam um enorme esforço de (re) conhecimento das suas possessões, as riquezas que dispunham e os povos que as habitavam.¹⁹⁰ José Portella, citando Foucault, demonstrou o quanto este (re) conhecimento fez parte do processo mais amplo de construção de um novo tipo de governabilidade do Estado Moderno no Ocidente.¹⁹¹

188 SAID, E. W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.85 e segs.

189 *Ibid.*, p.92.

190 A pesquisa histórica sobre os filósofos da natureza dos séculos XVIII e XIX tem avançado significativamente nas últimas décadas resgatando seu papel nas transformações ocorridas no Império Lusitano no seu processo de modernização. Impulsionados pelo amplo processo de revisão historiográfica pela qual passou a tradicional História do Brasil Colônia, muitos historiadores têm descoberto novas fontes, problematizado as existentes e ampliado as possibilidades de pesquisa. O avanço da tecnologia da informação e comunicação tem permitido que documentos de difícil acesso estejam hoje disponíveis, por meio digital, a vários programas de pós-graduação. É, por exemplo, o caso do Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses do Departamento de História da UFPR.

191 PORTELLA, J. R. B. **Descrições, memórias, notícias e relações**: administração e ciência na construção de um padrão textual iluminista sobre Moçambique, na segunda metade do século XVIII.

Filósofos da natureza, ou naturalista, ou de forma mais genérica, "ilustrados", a partir de suas viagens e contatos estabelecidos enriqueceram o conhecimento que o século XVIII tinha do mundo europeu e de "além-mar". Assim, houve um deslocamento de uma visão místico-religiosa do mundo para um plano mais laicizado, ou, utilizando as palavras de Said, mais positivo de apreciação e classificação da natureza e da humanidade. E este conhecimento positivo, para o qual contribuíram os relatos dos viajantes analisados, conviveu com uma determinada geografia imaginativa que informou as paisagens, iconográficas ou textuais, construídas pelos sete relatos e, contemporaneamente ou posteriormente, divulgadas aos leitores das metrópoles.

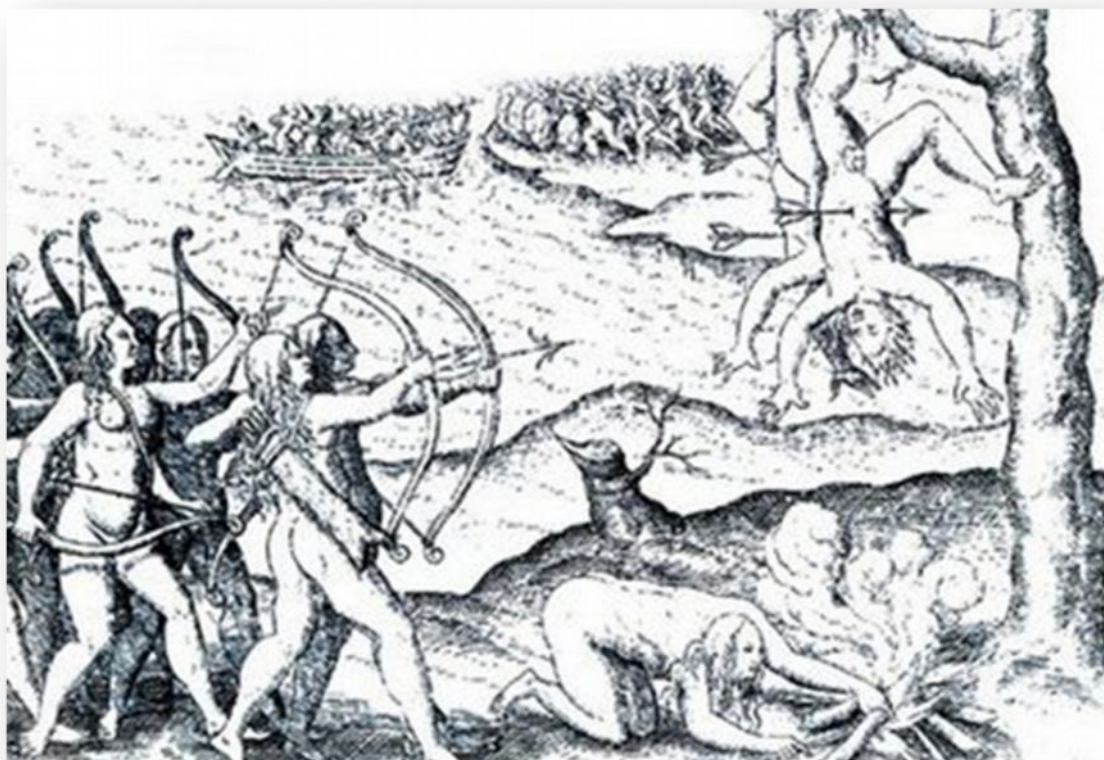


FIGURA 17 - AS AMAZONAS - CIRCA 1600



FIGURA 18 - JEAN DE LÉRY, 1578

Sérgio Buarque de Holanda, no seu estudo, hoje clássico, *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, demonstra o quanto o imaginário europeu influenciou os discursos construídos sobre o Novo Mundo e, principalmente, sobre a América Portuguesa. Ao entrar em contato com uma natureza e cultura muito diferentes daquelas encontradas na Europa, espanhóis e portugueses relataram o visto e o ouvido de acordo com as convenções literárias existentes. Desta forma, traduziram a rica herança cultural dos povos conquistados e foram por eles traduzidos num processo rico e complexo de negociação. Em relação às lendas das guerreiras Amazonas e do El Dorado não foi diferente e ao viajarem no século XVIII, pela Amazônia, os viajantes selecionados, de uma forma ou de outra, depararam-se com a permanência destas histórias e com elas dialogaram.¹⁹²

¹⁹² HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Logo ao iniciar a conquista da América do Sul, os espanhóis relatam a história contada pela população local da existência de um fabuloso e rico país situado no interior da atual Colômbia. Diego de Ordaz, conquistador espanhol e companheiro de Hernán Cortez na conquista do México, por volta de 1531, também teria sido informado sobre a existência de um "País de Meta", localizado entre os atuais Peru e Colômbia. Três anos depois, Luiz de Daza, se encontrou com um índio, cujo nome era Muequetá ou Muiziquitá, que em missão para pedir auxílio ao rei de Quito, para combater os Chibchas, relatou a existência de um cacique que se banhava com ouro numa lagoa.

Estas e provavelmente outras histórias semelhantes motivaram Sebastião de Becalcázar (ou Benalcázar), fundador da Quito espanhola, a "oficializar" a história denominando a região *Provincia Del Dorado*, em 1534.¹⁹³ A lenda deve ter tomado tal vulto que mereceu ser mencionada na obra do historiador Gonzalo de Oviedo que fez o primeiro registro escrito do El Dorado, em sua obra *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra firme del mar oceano*, publicada pela primeira vez em 1535.

Conforme Johnni Langer, aos poucos a história do Eldorado metamorfoseia-se e passa a designar toda cidade, país ou região inexplorada sobre a qual havia algum rumor de riqueza e mistério. Geograficamente a localização do Eldorado avança para oeste, rumo à selva amazônica e para o sul, em direção à Argentina e Paraguai.

Foi em função de confirmar a existência do País de La Canela e do Eldorado que, entre 1541 e 1545, sob a liderança de Gonzalo Pizarro, irmão do poderoso "conquistador do Peru", foi organizada uma expedição composta por cerca de duzentos espanhóis, quatro mil índios, dois mil porcos e a mesma quantidade de cães de caça. Quando a expedição já estava a caminho, um jovem espanhol, que havia acompanhado Pizarro na conquista do Peru, alcança-o com um grupo de vinte e três homens. Seu nome era Francisco Orellana, original da Estremadura e que recebeu do conquistador do Peru o título de comandante-geral das forças combinadas. A expedição, na verdade, foi um fracasso. As inúmeras dificuldades, o desconhecimento

193 LANGER, J. **Arqueologia do irreal**: as cidades imaginárias do Brasil. 170f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

da região, a difícil comunicação com as fontes de suprimentos fez com que, somente nas primeiras semanas, mais de uma centena de índios morressem. Chuvas constantes, pântanos, mata fechada mostraram o quanto os espanhóis estavam despreparados para enfrentar as terras equatoriais da Amazônia.

O País da Canela nunca foi encontrado e as árvores encontradas não ofereciam um custo vantajoso para sua exploração econômica e nem a qualidade da canela explorada pelos portugueses nas Índias Orientais. Mesmo assim, Pizarro seguiu e frente com um grupo menor, de oitenta homens, em busca do já famoso Eldorado. Após dez meses de caminhada e insucessos o chefe da expedição decidiu voltar para a capital Quito. Porém, o jovem Francisco Orellana se ofereceu para continuar a viagem pelo rio, com um grupo menor, a bordo de um bergantim. Pizarro concordou, mas fez o jovem explorador prometer que retornaria no máximo em quinze dias.

No grupo de sessenta homens que seguiu em frente estava o frei Gaspar de Carvajal, conterrâneo de Orellana e Pizarro e que acabou registrando esta "epopeia" no livro *Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal [...] de la Orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrió [...] el Capitán Francisco de Orellana desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres [...], y por el nombre del capitán que le descubrió se llamo el Rio de Orellana.*¹⁹⁴

Num determinado ponto da viagem quando lutavam contra índios hostis, Carvajal explica porque os indígenas resistiam com tanta tenacidade:

Quiero que sepan cuál fue la causa por que estos indios se defendían de tal manera. Han de saber que ellos son sujetos y tributarios a las Amazonas, y sabida nuestra venida, les van a pedir socorro y vinieron hasta diez o doce, que éstas vimos nosotros, que andaban peleando delante de todos los indios como capitanas y peleaban ellas tan animosamente que los indios no osaban volver las espaldas, y al que las volvía delante de nosotros le mataban a palos, y ésta es la causa por donde los indios se defendían tanto. Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entrenzado

194 MARTINS, M. C. B. "**Tanto trabalho e perdição**": a relação que escreveu Fr. Gaspar de Carvajal, da Ordem de S^{to}Domingo, do novo descobrimento do famoso Rio Grande. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo-RS. **Anais Eletrônicos**... São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <<http://www.snh2007.anpuh.org/>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

*y revuelto a la cabeza, y son muy membrudas y andan desnudas en cueros, tapadas sus vergüenzas, con sus arcos y flechas en las manos, haciendo tanta guerra como diez indios; y en verdad que hubo mujer de éstas que metió un palmo de flecha por uno de los bergantines, y otras que menos, que parecían nuestros bergantines puerco espín.*¹⁹⁵

Quando o relato de Carvajal ficou conhecido, o grande rio, também chamado *Mar Dulce*, mudaria definitivamente de nome agregando à sua existência a história das guerreiras índias, as Amazonas.

Cabe lembrar que a história das Amazonas já possuía forte tradição na literatura europeia e na de viagens. Nos escritos de Colombo há referências sobre a Ilha de Matinínó, atual Martinica, onde só viveriam mulheres. Esta história, como assinala Buarque de Holanda, era muito anterior ao descobrimento da América e já presente nos relatos de Marco Polo que, por sua vez, fez eco a tradição clássica das Amazonas.¹⁹⁶

Localizadas tanto no hemisfério oriental quanto no ocidental, a história percorreu continentes, localizando as Amazonas em ilhas mágicas, reinos maravilhosos e, por fim, no seiscentos, em algum lugar do Novo Mundo: no Novo Reino de Granada, no Quito, no sul do Chile e na extremidade da América do Sul, entre os patagões. Como afirma Buarque de Holanda,

Tamanha será a longevidade desse velho mito no novo quadro geográfico onde afinal se instalou que sábios ilustres não se cansarão, ainda em fins do Setecentos, de indagar, nas suas andanças entre as tribos comarcas, do paradeiro das animosas guerreiras. Para tão assombrosos mistérios, aquelas terras dilatadíssimas, de clima tórrido e selvas opulentas, enredadas em mil correntes de água, furos, igarapés, várzeas alagadiças, infestadas de uma fauna hostil e de índios bravios, haviam de fornecer agasalho ideal e quase inexpugnável.¹⁹⁷

Assim, as obras que vão de La Condamine aos bávaros Martius e Spix trazem um diálogo com figuras e mitos literários da América Latina, como o do

¹⁹⁵ *Relación que escribió fray Gaspar de Carvajal, fraile de la orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso río Grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres que trajo consigo y se echó a su aventura por el dicho río, y por el nombre del Capitán que le descubrió se llamo el río de Orellana* (p.472).

¹⁹⁶ HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.65.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p.68.

Eldorado e o das Amazonas. Em meados do século XVIII, La Condamine dialoga com a história das Amazonas e realiza uma investigação sobre o tema. Deste modo, dedica um capítulo inteiro para discorrer sobre as Amazonas "americanas, asiáticas e africanas":

No decurso de nossa navegação, indagamos por toda parte dos índios das diversas nações, e com grande cuidado o fizemos, se tinham algum conhecimento das mulheres belicosas que Orellana pretendia ter encontrado e combatido, e se era certo que elas se conservavam fora do comércio dos homens, não os recebendo entre si senão uma vez por ano, como nos refere o Pe. d'Acuña na sua relação, onde o assunto merece ser lido pela singularidade. Todos nos disseram que ouviram falar disso por seus pais, e juntaram mil particularidades longas demasiado para serem repetidas, e tudo tendente a confirmar que houve no continente uma república de mulheres solitárias, que se retiraram para as bandas do norte, no interior das terras, pelo rio Negro, ou por outro que pelo mesmo lado vem ter ao Maranhão.¹⁹⁸

O cientista "indaga por toda parte", "com grande cuidado", coleta tantos fatos que sua transcrição, na opinião do autor, não caberia no relato e tudo o leva a confirmar a existência das guerreiras amazônicas. Para reforçar seu argumento, cita a existência de um índio de São Joaquim d' Omáguas, que conheceria um velho na aldeia de Coari cujos pais e avós avistaram as Amazonas:

Ele nos afirmou que o seu avô vira com efeito discorrer tais mulheres pela entrada do rio Cuchivara, provindo do rio Caiame, que desemboca no Amazonas pelo lado sul, entre Tefé e o Coari; que ele chegou a falar com quatro dentre elas; e que uma trazia uma criança ao peito. Ele nos disse o nome de cada uma, e juntou que, partindo do Cuchivara, elas atravessaram o grande rio, e tomaram o rumo do rio Negro. Omito certos pormenores pouco verossímeis, mas que em nada importam para o essencial da coisa. Abaixo do Coari, os índios nos disseram sempre o mesmo, com algumas variantes nas circunstâncias: mas todos estavam de acordo no principal.¹⁹⁹

Trata-se de um testemunho oral, somado à tradição, (o viajante afirma que o relato do Pe. Acunha deve ser lido pela sua singularidade) que não só transforma a fábula em realidade, mas a localiza geograficamente. A geografia imaginativa do naturalista ilustrado tem seu mapa elaborado a partir de um método investigativo.

Alguns anos mais tarde, o Padre jesuíta João Daniel também contribui para reforçar a versão original de Orellana apesar de que faz alguma confusão ao afirmar

198 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.81.

199 *Id.*

que quem encontrou as guerreiras Amazonas foi Pizarro. O padre reproduz o relato de Orellana, que num determinado momento, ao combater uma "imensidão" de selvagens tapuias também teve de se haver contra

[...] um exército de mulheres, que pelas alturas do Rio Trombetas lhe saíram ao encontro com inumeráveis canoinhas, feitas de cascas de árvores, jogando com destreza os seus arcos, e flechas, e pelejando com ânimo varonil; e posto que cederam as bocas de fogo dos arcabuzes, as que puderam escapar com vida, contudo mereceram por guerreiras o nome de Amazonas, com que os espanhóis as apelidaram por serem em tudo semelhantes as antigas Amazonas de que fala Virgílio.²⁰⁰

A versão do jesuíta foge um pouco daquela de Carvajal. Para este último é a coragem e ferocidade das índias no combate que motivam os homens a resistirem firmemente ao ataque dos espanhóis. Para o Padre, elas navegam em "canoinhas", feitas de "cascas de árvores" e, apesar de serem mulheres em suas embarcações frágeis, tem destreza no manuseio de arcos e flechas e merecem que os homens as denominem guerreiras.

O texto do Padre João Daniel reproduz um procedimento literário comum à Literatura de Viagens quando descreve o maravilhoso. Além de relacionar o maravilhoso com o estranho, exótico e sobrenatural, tende a localizá-lo nos interiores desconhecidos, em outros continentes e lugares ainda não plenamente vislumbrados. Como afirma Langer, é comum que o lugar mítico seja relacionado com a "nostalgia de um valor simbólico perdido" ao mesmo tempo em que se afasta daquelas áreas efetivamente ocupadas pelo saber racional e científico.²⁰¹

José Monteiro de Noronha, de forma semelhante aos seus antecessores, também cita La Condamine, faz referências às suas "fontes" indígenas, e do mesmo modo recorre a Carvajal. Esta repetição lembra um palimpsesto, ou seja, na definição do crítico literário Genette, um pergaminho que tem a primeira inscrição raspada para que sobre ele se escreva outra. No entanto, permanecem no suporte original vestígios da escrita anterior e assim indefinidamente até um ponto no qual o texto original não é mais reconhecido na sua integridade, mas deixa algumas pistas.²⁰²

200 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.32.

201 LANGER, J. **Arqueologia do irreal: as cidades imaginárias do Brasil**. 170f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

O Vigário José Monteiro de Noronha, ao tentar localizar o local exato do encontro entre o explorador espanhol e as índias guerreiras, cita a boca do rio Neamundá, onde supostamente Orellana teria se encontrado com as Amazonas "das quaes se conserva uma constante tradição entre os índios, posto que confusa em algumas circunstancias". Mas, se há alguma confusão, o Vigário estabelece um pequeno debate sobre o tema, cita opiniões a favor e contra a "fabulosa" existência das guerreiras e, na dúvida, afirma:

Naõ abono de infalível a verdade da historia, e tradição d'elle. Persuado-me com tudo, que se não pôde negar sem temeridade um facto histórico, attestado por Francisco Orelhana, e por todos os soldados da sua comitiva, e armada, justificado solemnemente na Audiência Real de Quito, e na cidade de Pasto; conservado na memória dos indios por participação dos seus maiores nos domínios de Portugal, Hèspanha, e França; sendo bem inverosimil, que não tendo elles noticia das Amazonas Asiáticas, conspirassem casualmente para uma fábula revestida das mesmas circunstancias; e um facto em fim, que não encontra difficuldade maior; que prudentemente o dissuada; pois nenhuma ha, que se opponha invensivelmente a existência da dita Republica, ou presente, e actual; ainda que se não saiba della; por se não ter penetrado o interior de todos os sertões; ou passada, e já agora extincta; ou porque vencida a Republica por outra nação de indios, perdesse o seu antigo costume debaixo de um domínio estranho; ou porque redusida a menor numero de individuos, por causa de guerras, e largas peregrinações, admittio voluntariamente homens na sua sociedade, como discorre Mr. de Condamine no extracto do diário da sua viagem pag. 58.²⁰³

É contra a versão de La Condamine, que se posiciona a argumentação científica e racional do Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. Para tanto, dedica algumas páginas à história das Amazonas, intitulado-as *Breve dissertação sobre o nome do rio Amazonas, e sobre a existência das mulheres Amazonas*.²⁰⁴

Se o texto do francês cita testemunhos, como o do índio cujo avô havia avistado as guerreiras em uma das bocas do rio Purús, o Ouvidor Sampaio decide checar a existência deste testemunho "in loco". Visita o mesmo lugar no qual esteve o viajante francês, pergunta aos moradores sobre a veracidade do relato deste

202 GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. p.5.

203 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitánias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.26.

204 Como já apontado anteriormente, parece haver uma preocupação central do Ouvidor Sampaio em corrigir, e vários aspectos, o naturalista francês.

último e encontra o alferes da ordenança, chamado Joze Manoel da povoação de Cuchiúra, que confirma o que disse La Condamine: "segurando-me além disso, que era neste rio constante entre os índios a tradição da existência das mulheres Amazonas, do qual se retirarão, entranhando-se nas terras do norte delle, da boca do Rio Negro para baixo"²⁰⁵.

A seguir, cita as fontes mais conhecidas, como o texto de Orelhana e acrescenta outras: "ninguém ignora o que escreverão sobre, este material Laet, Raleigh, Cunha, Feijoo, Sarmiento, Coronell, e Condamine". Parte, em seguida, para um resumo do "estado da arte" presente nos textos dos autores que denomina "apologistas da existência das Amazonas americanas", e, dentre eles, o não menos respeitável, o português Pedro Teixeira:

Os factos, que formão a baze dos seus discursos, são os seguintes. A imposição do nome ao rio, que não he verosimil fosse arbitraria, e caprichosa; o testemunho do mesmo Francisco Orelhana, e da não pouco numeroza tropa de castelhanos, e índios, que o acompanhárão; a tradição constante entre os índios, e a transmitida até o dia de hoje, acrescentando a prova destes factos, e circumstancias, feita na Real audiência de Quito, e na cidade de Pasto, depondo nesta ultima huma índia em particular, que assegurou ter estado no paiz, onde estavam estabelecidas aquellas valerozas mulheres.²⁰⁶

²⁰⁵ SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.26.

²⁰⁶ *Ibid.*, p.27.

Procura ainda, localizar geograficamente o "país das Amazonas", e, após apresentar o panorama dos "apologistas", expressa sua opinião:

Se eu devo agora também dizer o que me parece, confesso, que não cabe no meu entendimento igual opinião. E se examinar-mos esta matéria pela regra, da verdadeira lógica, e sólida crítica, devemos assentar, que a existência das Amazonas da América he huma daquelas preocupações populares, que achando fundamento no maravilhoso, que o povo ama, se propaga com extraordinária facilidade.²⁰⁷

E o que diz a verdadeira lógica e a sólida crítica? Em primeiro lugar, a probabilidade de existirem as guerreiras Amazonas é pequena:

Que couza mais dificultosa de se conceber por qualquer entendimento são, que huma republica de mulheres, que habitem na zona tórrida, governando-se por si, sem admittirem varão, senão em certos dias do anno? Que causas Moraes podemos imaginar, que sejam tão eficazes para vencer a quasi irresistível força do clima? O animo he summamente agitado nos climas cálidos por tudo, o que he relativo á união dos dous sexos: tudo conduz a este objecto, diz um jurisconsulto filosofo. (a) O certo he, que o alvoroço, com que ellas recebem os hospedes, e que Cunha nos relata, não mostra, que lhes não era indifferente aquella união?²⁰⁸

Esta argumentação baseada no desejo sexual das índias como um dos motivos principais para que elas não pudessem viver sozinhas e constituir uma república autônoma surpreende nem tanto pela representação da mulher indígena como fonte da luxúria, da lascívia e dos pecados da carne. Afinal, como se queixava o Padre Anchieta, além de andar peladas, as indígenas não se negavam a ninguém. Entretanto, para Sampaio, resumindo seu argumento, sem a presença dos homens para aplacarem seus instintos sexuais, excitados pelo clima equatorial, como poderiam existir?²⁰⁹

Não se trata de confirmar ou não o núcleo original da lenda, isto é, a existência de mulheres livres que de acordo com sua vontade permitem que os homens a visitem, numa determinada época do ano, para fins de reprodução. Os nascidos

207 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.29.

208 *Id.*

209 DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. p.11.

homens são devolvidos aos pais (ou mortos dependendo da versão) e as meninas são criadas para se tornarem futuras guerreiras. Sampaio retira o que o núcleo tem de mais importante, a autonomia feminina e a entrega para a natureza. É o clima e sua influência sobre os instintos sexuais das índias que a impediriam de viver isoladas e, deste modo, a história fabulosa não é verossímil.

Num primeiro momento, surpreende o fato de que este trecho destoa do conjunto da obra. As índias descritas pelo Ouvidor são "de natural sinceridade", "despidas das affectações europeas", solícitas e generosas. Ao chegar a Fonte Boa, localizada num afluente do Amazonas, ele se refere desta forma às índias do lugar:

Sem forno, nem olaria fabricão vazos, panellas, potes, e talhas de extrema grandeza. O uso destas talhas he para os seus vinhos, que fazem de ananazes, de milho, de mandioca, macaxera, e outras frutas, e raízes. Eu entrava por todas as cazas, examinava tudo, perguntava os nomes, e uzos das couzas, do que as índias fazião risadas, mas com alegre satisfação.²¹⁰

Deve-se considerar que entre as Amazonas e as índias de Fonte Boa há uma diferença fundamental que é o fato das primeiras serem livres e as segundas "descidas", mas o que as diferencia é o fato das índias retratadas nas aldeias corresponderem ao estereótipo feminino da subserviência.²¹¹ E além de subservientes

210 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.57.

211 A colonização da América Portuguesa foi marcada pelo debate sobre a utilização da mão-de-obra indígena. Em muitas ocasiões – e de forma predominante na região amazônica - eram as populações indígenas que forneciam construtores, agricultores, pilotos, guias, guerreiros, dentre outros trabalhadores. Tambos índios que erigiam os povoados que se espalhavam cada vez mais pela região. Por meio deles se construía as moradias dos colonos, os conventos religiosos, a Casa dos oficiais da Câmara; conformavam envolviam-se em expedições de apresamento de outros índios como as guerras justas, resgate e o descimento. Os descimentos foram uma das políticas desenvolvidas pelos grupos lusos para garantir o acesso e o controle desses trabalhadores fosse para a missão religiosa, fosse para atender as necessidades de povoamento e exploração econômica das terras descobertas. Ao longo da colonização foi comum, com a autorização real, o estabelecimento de alianças entre os colonizadores e os grupos indígenas nas quais de forma pacífica ou, em outras ocasiões com o uso de pressão e força várias aldeias eram convencidas a descer os rios em direção às zonas de povoamento luso-brasileiras. Essas alianças, na maioria das vezes, se estabeleciam por meio de uma recorrente prática de arrematação de mão-de-obra livre na sociedade colonial, os chamados descimentos indígenas. No entanto, essa prática, até finais do século XVII conformada de baixo "de paz e amizade", cedeu lugar para a introdução paulatina do uso da força direcionada a determinados grupos indígenas que eram obrigados a se aldear, tanto por missionários quanto por colonos. Ver: BOMBARDI, F. A. Políticas indígenas e indigenistas: descimentos particulares de índios na Amazônia colonial (1680-1747). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2011.

são, na medida do possível, assexuadas como demonstra outra passagem, na qual, com base na História Natural de Buffon, Sampaio, ao se referir de forma genérica à vida dos selvagens, afirma: "foi-lhe denegada a mais preciosa scintilla do fogo da natureza; pois lhe falta o ardor para a união do sexo, e por consequência o amor do seu semelhante"²¹².

Assim, o que falta para algumas sobra para outras, mas, esta contradição tem como base a fonte utilizada pelo viajante. No caso dos "selvagens" da Amazônia, Buffon e no das Amazonas selvagens, Montesquieu. No rodapé da página de onde o trecho foi extraído, Sampaio faz referência ao *Espírito das Leis*, livro quatorze, capítulo quarto. O livro quatorze é dedicado às relações entre natureza e clima e a ideia geral, nas palavras de Montesquieu é: "Se é verdade que o caráter do espírito e as paixões do coração são extremamente diferentes nos diversos climas, as leis devem estar relacionadas à diferença destas paixões e à diferença destes caracteres"²¹³.

Após analisar as mudanças nos tecidos de uma língua de carneiro sob o frio e sob o calor, o filósofo induz a personalidade dos povos de regiões frias e quentes. Assim, nos países frios, se terá menos sensibilidade para os prazeres, nos temperados uma sensibilidade mediana e nos quentes, extrema.

Em função do clima, as reações de um inglês e de um italiano à mesma peça de uma ópera são diferentes, a dos primeiros, mais calma e a dos segundos, mais emocionada. O mesmo ocorre com a dor e por isso, para que um moscovita realmente sofra é necessário esfolá-lo!

Deste modo, compreende-se porque as Amazonas não suportariam viver sem seus pares do outro sexo. Nos países quentes, segundo Montesquieu, a delicadeza

212 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.81.

213 MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. [s.n.t.].

dos tecidos que formam os órgãos faz com que a alma torne-se "soberanamente comovida por tudo que tem relação com a união dos dois sexos: tudo conduz a este objetivo."²¹⁴ Nesta linha de raciocínio do autor do *Espírito das Leis*,

Nos climas do norte, o físico do amor mal tem força para tomar-se bem sensível; nos climas temperados, o amor, acompanhado de mil acessórios, torna-se agradável por coisas que primeiro parecem ser ele mesmo, mas ainda não são; nos climas mais quentes, ama-se o amor, por ele mesmo; ele é a única causada felicidade; é a vida. Aproximemo-nos dos países do sul e acreditaremos afastar-nos da própria moral: paixões mais vivas multiplicarão os crimes; todos tentarão ter sobre os outros todas as vantagens que podem favorecer essas mesmas paixões.

Esta é a fonte, iluminista, do Ouvidor Sampaio que propõe retirar da geografia da América Portuguesa o país das Amazonas. Porém, se os argumentos do conterrâneo de La Condamine não forem suficientes ainda há um baseado na personalidade duvidosa da principal testemunha dos "apologistas" da existência das Amazonas: o espanhol Francisco Orellana. Afirma o Ouvidor:

Não quero duvidar do facto, e dito de Orelhana. Mas quem póde ouvi-lo, sabendo a sua historia, que não discorra logo: que Orelhana, que desertou do exercito do seu general com a mais fea perfidia, necessitava de achar alguma capa, com que pudesse cobrir o seu delicto, fazendo-o ao menos esquecer com fingidas, e maravilhosas narrações de sorte, que o mundo o tivesse como hum homem prodigioso. [...] E qual outra mais própria para atrair a attenção universal, que a historia das Amazonas?²¹⁵

Assim, de La Condamine, considerado pelos seus contemporâneos, referência respeitável para justificar a existência das Amazonas à "teoria da conspiração" formulada pelo Ouvidor Sampaio, o terreno para o descaso, por parte de Alexandre Rodrigues Ferreira e do ceticismo de Martius e Spix estava pavimentado.

Martius é decisivo: "Espera, portanto, o leitor, com razão, que, por minha vez, eu me manifeste a respeito das Amazonas; para não interromper muito o curso

214 MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. [s.n.t.].

215 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.30.

da narração, basta declarar que não acredito na existência delas, quer no passado, quer no presente"²¹⁶.

Se no quadro pintado por Martius e Spix não há lugar para as guerreiras Amazonas, apesar de existir espaço para uma referência, mesmo que negativa, ao mito literário, no de Alexandre Rodrigues Ferreira há uma completa ausência. Na paisagem construída pelo naturalista luso-brasileiro Amazonas é nome de rio e ouro, com todos os problemas decorrentes da sua exploração, só existe nas minas.

Neste aspecto, Alexandre R. Ferreira, Martius e Spix destoam do restante do grupo. No entanto, a opinião dos três últimos nem sempre prevaleceram e a geografia imaginativa sobre a região continuou ocupando seus espaços, deslocando geograficamente a fábula, a ponto de, em pleno século XX, o Coronel inglês Percy Harrison desaparecer na atual região do Mato Grosso enquanto buscava o lendário *El Dorado*.

Quando o Pe. João Daniel se refere às Amazonas ele, dentro da convenção literária apontada por Buarque de Holanda, as une com o Eldorado:

Entre estes tres, ou quatro rios, dizem alguns, estava o celebre lago dourado e rica cidade Manoa: e tambem as famosas Amazonas, que deram nome ao rio, e que sobindo e fogindo por um deles acima, se foram esconder nas suas cabeceiras, ou centro dos matos.²¹⁷

Buarque de Holanda, citando Carvajal, narra que, após enfrentar as guerreiras, a expedição de Orellana seguiu viagem e que após viajar aproximadamente duas léguas, a expedição avistou, na margem sul, grandes manchas brancas que acreditaram tratar-se de cidades. Após interrogarem um índio prisioneiro, ele confirmou não somente a existência das Amazonas, mas descreveu a cidade onde moravam, a qual possuía casas de pedra, portões e "grandíssima" riqueza em ouro. Novamente, Carvajal acrescenta sua versão neste palimpsesto amazônico de longa tradição.²¹⁸

Ao percorrerem a região do Amazonas e seus afluentes, no século XVIII, os viajantes já tinham tomado contato esta tradição diretamente nos clássicos ou nos

²¹⁶ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.111.

²¹⁷ DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.36.

²¹⁸ HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.72.

relatos de exploradores como Vicente Yáñez Pinzón, Pedro de Anzures, Gonzalo Pizarro, Francisco Orellana, Pedro Teixeira, Samuel Fritz, dentre inúmeros outros. Não é de forma alguma improvável que estes escritos fossem fonte de informação e fizessem parte das suas "bibliotecas de viagem".

Mesmo Voltaire, um dos expoentes do iluminismo, não escapou ao tema. Ao escrever *Cândido* também dedicou algumas páginas à história do "país dourado". Num determinado momento do romance, após fugirem dos jesuítas do Paraguai, o herói Cândido e seu companheiro Cacambo decidem, depois de andar muito tempo sem rumo, entrar numa canoa abandonada na beira de um rio:

Navegaram algumas léguas entre as bordas às vezes floridas, às vezes áridas, às vezes planas, às vezes íngremes. O rio alargava-se sempre e por fim se perdia sob a cúpula de rochedos assustadores que se elevavam até o céu. Os dois viajantes tiveram a ousadia de se abandonar à corrente sob aquela cúpula. O rio, estreito naquele ponto, os arrastou com uma velocidade e um ruído horríveis. Só tomaram a ver o dia vinte e quatro horas depois. Foi quando sua canoa se espatifou contra os escolhos e precisaram se arrastar de rochedo em rochedo durante uma légua inteira. Por fim descobriram um horizonte imenso, costeado por montanhas inacessíveis. A região era cultivada para o prazer e para as necessidades. Em todo os lugares o útil unia-se ao agradável. Os caminhos estavam cobertos, ou ornados, com veículos de uma forma e de uma matéria brilhante, conduzindo homens e mulheres de uma beleza singular, puxados com rapidez por grandes carneiros vermelhos que ultrapassavam em velocidade os mais belos cavalos de Andaluzia, de Tetuán e de Mequínez.²¹⁹

O navegar de Cândido e Cacambo não é muito diferente daquele narrado por um La Condamine, um Alexandre Rodrigues Ferreira ou mesmo o Ouvidor Francisco Sampaio. A semelhança entre a passagem de La Condamine pelo estreito de Pongo e a dos personagens de Voltaire pelo estreito rio e suas escarpas não deve ser apenas coincidência já que é sabido que Voltaire era um apreciador da Literatura de Viagens e amigo do naturalista.²²⁰

No Eldorado do narrador de *Cândido* não há um rei índio que se banha numa lagoa de ouro, mas o principal tesouro é a racionalidade e o conhecimento. Ao dirigir-se à capital do reino dourado o que impressiona o herói de Voltaire é a realização da utopia iluminista:

219 VOLTAIRE. **Cândido, ou o otimismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009. p.63.

220 Voltaire publicou *Cândido* em 1759, La Condamine publicou seu relato em 1751, deste modo não seria despropositado supor que o primeiro tenha lido o relato do segundo.

Neste ínterim, lhes mostraram a cidade, os edifícios públicos que alcançavam as nuvens, os mercados ornados com mil colunas, as fontes de água pura, as fontes de água cor-de-rosa, aquelas de licores de cana-de-açúcar, que corriam continuamente em grandes praças, pavimentadas com uma espécie de pedraria que liberava um odor semelhante ao do cravo-da-índia e da canela. Cândido pediu para ver a corte de justiça, o parlamento. Disseram-lhe que não existia e que não era pleiteado por ninguém. Perguntou se existiam prisões e lhe foi dito que não. O que o surpreendeu ainda mais, causando-lhe o maior prazer, foi o palácio de ciências no qual viu uma galeria de dois mil passos cheia de instrumentos de matemática e de física.²²¹

"Um odor semelhante ao do cravo-da-índia e da canela", estabelece um diálogo com o *País de La Canela*, as "mil colunas" lembram as descrições do Eldorado escritas no século XVI, enfim, um lugar utópico onde mais importante que o ouro, chamado pelo narrador de "lama amarela", são os instrumentos de matemática e física.

Entre a utopia iluminista da ficção de Voltaire para as observações de La Condamine não há continuidade. Se com relação às Amazonas, o amigo de Voltaire fica em dúvida, investiga, mas não tem coragem de dar o assunto por encerrado, quando o tema é o El Dorado a indecisão cede à razão geográfica. Aliás, o grupo de viajantes, com exceção do Padre João Daniel, não dedica o mesmo espaço nos seus relatos para a história "fundada" pelos espanhóis.²²²

Em La Condamine, o tema surge no momento em que discute algo muito mais interessante, a possível descoberta de uma ligação entre os rios Amazonas e Orinoco. Esta passagem, ligando os dois rios, via rio Negro, era importantíssima nas ligações comerciais e militares entre as colônias espanholas e portuguesas na região. Ao mapear e discorrer sobre esta ligação fluvial, La Condamine entra no assunto do Eldorado:

É nesta ilha, a maior do mundo conhecida, ou antes é nesta nova Mesopotâmia, formada pelo Amazonas e pelo Orinoco, ligados entre si pelo rio Negro, que se procurou longo tempo o suposto lado dourado de Parima, e a cidade imaginária de Manoa del Dorado, procura que custou a vida a tantas pessoas, e entre outras, Walter Raleigh, famoso navegador, e um dos mais belos espíritos da Inglaterra, história trágica e assaz conhecida. Pode-se ver pelas expressões do Pe. d'Acuña, que ao seu tempo ainda vivia a gente embalada por essa bela quimera. Peço ainda permissão para um

221 VOLTAIRE. **Cândido, ou o otimismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009. p.70.

222 Coloco as aspas porque as referências a uma cidade dourada é muito mais antiga do que a contada pelos relatos dos espanhóis quando da conquista da América. Tanto em relação aos europeus quanto em relação aos povos americanos já existiam histórias semelhantes. Além da obra de Sérgio Buarque de Holanda, já citada, ver também AMORIM, M. A. Viagem e mirabilia: monstros, espantos e prodígios. In: CRISTÓVÃO, F. (Org.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002.

pequeno pormenor geográfico, que tocava muito profundamente o meu assunto para que eu o olvide, e que pode servir para descobrir a origem de um romance a que a sede do ouro pôde emprestar alguns visos de veracidade: uma cidade cujos tetos e muralhas andavam cobertos de lâminas de ouro, um lago cujas areias eram do mesmo metal.²²³

Do mesmo modo do que em relação às Amazonas, porém com mais segurança, pois trata-se de um assunto que pertence ao cientista, o viajante deve esclarecer os fatos, fixar a história dentro de coordenadas geográficas e da lógica racional. A explicação é simples e tem como base os "fatos já citados" nas relações dos padres d'Acuña e Fritz: "é muito possível que da capital dos manaus se haja forjado a cidade de Manoa." Se atendo aos fatos (sic), La Condamine argumenta que os manaus viviam numa região vizinha de grandes lagos e garimpavam o ouro do rio Iquiari (afluente do rio Negro) e dele faziam pequenas palhetas. Daí a associação imaginativa que criou o mito literário:

Se se descobre que há ainda bastante distância entre as pequeninas lâminas de ouro dos manaus e os tetos d'ouro da cidade de Manoa, e que não há distância menor entre as palhetas desse metal, carreadas das minas pelas águas do Iquiari, e as areias d'ouro do Parima, não se pode negar que por um lado a avidez e a preocupação dos europeus, que queriam por tudo achar o que buscavam, e por outro o gênio mentiroso e exagerador dos índios, interessados em afastar hóspedes incômodos, tenham podido facilmente aproximar objetos tão distantes na aparência, alterá-los e desfigurá-los, a ponto de torná-los irreconhecíveis. A história das descobertas do Novo Mundo fornece mais de um exemplo de semelhantes metáforas.²²⁴

O mito literário do Eldorado, por tantos séculos associado ao das Amazonas, é por La Condamine separado. Para a confirmação da existência ou não das guerreiras indígenas citadas por Carvajal, o testemunho dos índios é peça fundamental no arrolar das provas e contribui para a dúvida. No caso do lago dourado, "bela quimera", fruto da ganância europeia, a voz do índio é mentirosa e exageradora dos fatos.

De verossímil a metáfora, a lenda é transformada por dois artifícios discursivos: o primeiro, pela valorização de um conhecimento que pertence ao europeu, a cartografia, e o segundo, pela despersonalização do colonizado. O índio que era neto de outro índio, que viu ou ouviu a respeito das Amazonas, se não tinha nome,

223 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.91.

224 *Ibid.*, p.93.

pelo menos existia enquanto individuo. Este, que reforça o fato do Eldorado ser uma quimera, é um coletivo anônimo cujo "gênio" é, de antemão, mentiroso.

Outra representação da *Manoa del Dorado* apresenta o jesuíta João Daniel. De forma semelhante a La Condamine, procura localizar geograficamente a cidade encantada, mas seu discurso vem acompanhado da crítica moral à ganância desmesurada dos colonizadores. Segundo sua versão dos fatos, com base nos relatos dos exploradores espanhóis, o descobrimento do Amazonas se deu pela cobiça do ouro e pelo amor às riquezas. Deste modo, como este desejo nunca é satisfeito, a lenda da existência de um grande lago dourado, "cujo ouro era mais que as areias das suas praias", motivou ainda mais os espanhóis a se lançarem em busca de tal riqueza. Com o passar do tempo,

Augmentou-se a fama, e cresceu mais a cobiça, porque além do lago já afirmavam que nele estava fundada ãa cidade chamada Manoa toda fabricada de ouro, porque de ouro eram as suas casas e tectos, e de ouro toda a serventia dos seus moradores. Esta fama e a cobiça de tanto ouro incitou os ânimos de muitos ventureros espanhoes a descobrirem tão rica cidade e o tesouro do Lago dourado, em que se prometiam riquezas a montes.²²⁵

Na visão de João Daniel, a cobiça se não foi criadora da fábula foi um dos motivos que a fez mais verdadeira aos olhos dos colonizadores espanhóis. O religioso aproveita a oportunidade para fazer a crítica da ambição dos homens e lembra Las Casas e sua crítica à *codicia* ibérica.²²⁶ Deste modo, o mapeamento do Eldorado por parte de João Daniel é inseparável da moral cristã e do debate entre fé versus a *avaritia*. Se de fato existir a cidade dourada de Manoa, em nada acrescentaria ao

²²⁵ DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.30.

²²⁶ Para Las Casas, "*La causa por que han muerto y destruído tantas y tales e tan infinito número de animas los cristianos ha sido solamente por tener por su fin último el oro y henchirse de riquezas en muy breves días e subir a estados muy altos e sin proporción de sus personas (conviene a saber): por la insaciable codicia e ambición que han tenido, que ha sido mayor que en el mundo ser pudo, por ser aquellas tierras tan felices e tan ricas, e las gentes tan humildes, tan pacientes y tan fáciles a sujetarlas; a las cuales no han tenido más respecto ni dellas han hecho más cuenta ni estima (hablo con verdad por lo que sé y he visto todo el dicho tiempo), no digo que de bestias (porque pluguiera a Dios que como a bestias las hubieran tractado y estimado), pero como y menos que estiércol de las plazas*". (LAS CASAS, B. de. **Brevísima relación de la destrucción de las Indias**: colegida por el obispo don fray Bartolomé de Las Casas o Casaus, de la orden de Santo Domingo, año 1552. p.4. Disponível em: <http://www.rosa-blindada.info/b2-img/Las.casas_Destruccion.de.las.Indias.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013).

reino de Deus e ao projeto jesuíta de salvação das almas indígenas que, na visão do padre, nem "estimam o ouro". Assim expressa sua opinião:

Eu não disputo, se ha, ou não o tal lago, e se existe, ou não a rica cidade Manoa: e bem pode ser que seja algum dos muitos lagos que forma não só nas margens, mas pelo centro das matas o Amazonas, sem que ategora se tenha descoberto, pois cada vez mais se vão descobrindo rios, e a cada instante aparecem lagos, sem que haja curiosos que lhe vão experimentar as agoas e examinar as areas das suas dilatadas praias [...] Quem só poderia dar algũa noticia são os índios naturaes, e habitadores dos rios; mas como eles não estimam o ouro, nem o conhecem, ma1 podem dar rezão do lago dourado. Além disto são tão tenazes nos seus segredos, que nem por morte os revelam, e quando conhecem algum desejo ou empenho nos brancos de saber algũa cousa especial, nem [a] pao lha tirarão do bucho.²²⁷

Mais uma vez a existência desta paisagem mítica depende, afinal de contas, do índio. Aqui já não é fruto da sua índole mentirosa e imaginativa, mas do seu sadismo. Manoa talvez não exista, talvez seja um dos muitos lagos que a cada dia são descobertos na imensa hileia amazônica. Porém, se há alguém que sabe sua localização este é o "natural" da terra. No entanto, após dois séculos e meio de colonização e implantação da economia mercantil na América portuguesa os índios "não estimam o ouro e nem o conhecem". E, se por acaso conhecerem a localização do Eldorado, por pirraça, não informarão o colonizador, "nem a pao lha tirarão do bucho".

Porém, na visão do jesuíta, assim como os "naturaes" tem seus segredos e não os revelam aos brancos, Deus também tem os seus. Se até o momento em que o Padre João Daniel escreve o seu relato ainda não foi encontrado o reino em que se banha em ouro, é porque Deus, em sua infinita sabedoria, o tem escondido dos homens. A sabedoria divina sabe das maléficas consequências que a ambição e a cobiça, aumentadas pela descoberta de jazidas auríferas, causam à humanidade. Assim,

Deus não permite o descobrimento do tal lago, para evitar os inconvenientes que ordinariamente se originam das riquezas do ouro, e das minas: pois par causa das bulhas, que de algũas se tem originado, de repente tem Deus sumido o ouro, com afirmam os mineiros; e par isso o tem occulto aos homens, como tem o paraíso terreal, desde que nosso primeiro pai, Adão, foi dele expulso pelo seu peccado, sem que ninguém o tenha descoberto em tantos mil anos que há da fundação do mundo: nem ainda possa afirmar, aonde esta de certo, e contudo sabe-se de certo a sua existência e permanência.²²⁸

227 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.31.

Da mesma forma que escondeu dos homens o Paraíso e o Eldorado, escondeu também a Atlântida e a América, esta última durante "tantos mil anos". João Daniel, ao formular sua visão do Eldorado, tão próxima da do paraíso, como aponta Sérgio Buarque de Holanda, expressa também a ambiguidade do pensamento jesuíta. Em pleno século das luzes, seu discurso oscila entre o discurso predominantemente religioso e o científico moderno.²²⁹

A cidade mítica de Manoa não recebe a mesma atenção por parte de José Monteiro de Noronha e Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. Do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira o absoluto silêncio e dos alemães Martius e Spix, uma menção.

José Monteiro ao se referir à margem sul do rio Negro e seus afluentes cita o rio Yurubaxi, Uayuaná, como sendo o mesmo que La Condamine e outros geógrafos chamaram de Yurúbech ou Yurúbesh na qual, segundo Samuel Fritz, citado por La Condamine, existira a grande aldeia Yenefiti. Esta seria, segundo

228 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.31.

229 SANTOS, E. **Dos cometas do Nordeste aos tesouros da Amazônia**: os jesuítas João Daniel e João Monteiro da Rocha no contexto das Ciências Naturais do século XVIII. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2006. p.93.

Monteiro, citando Condamine, a aldeia que alguns viajantes confundiram com a lendária Manoa. Concorda com o naturalista francês quanto a impossibilidade da citada aldeia ser a lendária cidade e ainda o corrige por não concordar que os Manaus tivessem algum tipo de capital, já que se organizavam de forma confederada. Não conjectura, não debate e nem supõe a existência ou não do Eldorado. Apenas faz uma menção à lenda em função do mapeamento dos rios da região e, ainda assim, citando o viajante francês.²³⁰

O tema recebe do Ouvidor Sampaio um pouco mais de atenção e sarcasmo. Esta "quimera" é o resultado da imaginação "inflamada" dos espanhóis:

Na divisão que temos feito do rio Branco, incluímos o pequeno rio Parimá, que depois da descoberta da América tem dado corpo a decantada fabula do lago dourado, que tanto tem inflamado as imaginações hespanholas. Fingio-se que hum grande lago está situado no interior de Guyana, e que nas suas margens está edificada a soberba, e rica cidade chamada = Manóa del dorado =, e que aqui he tão vulgar o ouro, que tudo he ouro [...]. Os escriptores castelhanos dão esta historia por tão certa, que tem gasto immenso cabedal em emprezas, e viagens para descobrir este famoso lago, sem que até agora pudesse algum dos seus descobridores alcançar o premio de tão feliz descoberta. As viagens de Pissaro, Orellana, Orsua, Quesada, Utre, Berrie e outras muitas, que contão até o numero de sessenta, dirigida todas a este fim se inutilisarão. Pode-se na verdade chamar-se a esta teimosa diligencia dos hespanhoes a pedra filosofal das descobertas. [...] Os geografos na fantastica arrumação dos seus mappas descrevem este lago nas fontes do nosso rio Branco, [...] Mas não só hespanhoes, e inglezes entrarão no projecto de descobrir o lago Dourado; porque tambem os holandezes, como imaginarios vizinhos do mesmo entrarão nessa diligencia, [...]²³¹

Tão crédulos são os espanhóis que até nomearam um governador do mesmo lago e os geógrafos, "na fantástica arrumação dos seus mapas", descrevem este lago nas fontes do rio Branco. Por fim, conclui:

230 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitánias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.69.

231 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.100 e 101.

Em fim o lago Dourado, se existe me persuado, que somente nas imaginações dos hespanhoes, que tenho noticia certa ainda actualmente fazem diligencia pelo achar: mas na verdade esta matéria só deve ser tratada pelo modo allegorico, e irônico, com que dela escreveo hum author famoso.²³²

Estas duas últimas citações poderiam lembrar o comentário que Sérgio Buarque de Holanda faz em relação à atitude dos portugueses em relação ao maravilhoso encontrado na América.²³³ Entretanto, se for considerado que no relato do Ouvidor Sampaio, algumas páginas adiante, ele confirma a existência de índios com rabo e até utiliza um testemunho escrito para provar que isto não é impossível, da mesma forma que os viajantes anteriores, o Ouvidor Sampaio tem seu discurso marcado pela ambivalência quando se refere ao maravilhoso.

Ao silêncio de Alexandre Rodrigues Ferreira em relação ao tema, corresponde uma brevíssima menção de Martius e Spix. Quando discorrem sobre a produção econômica do porto de Óbidos, mencionam que deste local "se têm tentado expedições para o norte do continente, provavelmente também para descobrir o Lago Parimá, portador de ouro, cuja lenda está na boca de todos os crédulos"²³⁴. Nada mais. A fábula parece não merecer muita atenção das duas últimas expedições entre as seis selecionadas.

No quadro que o conjunto de viajantes selecionados delinea qual a posição que teriam o binômio guerreiras Amazonas-eldorado? Da suposição científica

232 O autor que ele se refere é Voltaire e a obra, *Cândido*. Mas nem Voltaire teve a ironia ou o sarcasmo de chamar o Eldorado de "pedra filosofal das descobertas espanholas". Pelo contrário, dentre todos os lugares visitados por Cândido em suas aventuras mundiais, o Eldorado é tratado muito mais de forma utópica do que irônica. Ver: SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.101.

233 Diz Sérgio Buarque de Holanda: O gosto da maravilha e do mistério, quase inseparável da literatura de viagens na era dos grandes descobrimentos marítimos, ocupa espaço singularmente reduzido nos escritos quinhentistas dos portugueses sobre o Novo Mundo. Ou porque a longa prática das navegações do Mar Oceano e o assíduo trato das terras e gentes estranhas já tivessem amortecido neles a sensibilidade para o exótico, ou porque o fascínio do Oriente ainda absorvesse em demasia os seus cuidados, sem deixar margem a maiores surpresas, a verdade e que não os inquietam, aqui, os extraordinários portentos, nem a esperança deles. E o próprio sonho de riquezas fabulosas, que no resto do hemisfério há de guiar tantas vezes os passos do conquistador europeu, e em seu caso constantemente cerceado por uma noção mais nítida, porventura, das limitações humanas e terrenas. Ver: HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.35.

234 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.283.

investigada por La Condamine, passando pela observação sarcástica do Ouvidor Sampaio até o laconismo de Alexandre Ferreira e Martius a paisagem dourada resiste. No entanto parece que resiste muito mais como miragem do que como paisagem. Com exceção de Martius e Spix, que são taxativos em classificar estas histórias como credulidade e Alexandre Rodrigues Ferreira cujas preocupações, ao que tudo indica, passaram longe dos temas relacionados ao maravilhoso, os demais viajantes hesitam no julgamento, mas fazem referências ao mito literário.

Esta hesitação remete ao que formulou o crítico literário Tzvetan Todorov em sua obra *Introdução à literatura fantástica*:

Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.²³⁵

Para este autor, o fantástico é um caso particular de "visão ambígua" e pressupõe a vacilação do leitor. Estes procedimentos estão presentes nos textos dos viajantes escolhidos. Em nenhum momento eles afirmam a existência ou não da Manoa dourada ou das Amazonas. Apresentam algumas provas, arriscam uma investigação racional, sugerem indícios e paradoxalmente transferem parte da solução da dúvida a outro personagem, muito mais mítico do que real, na fala do colonizador: o índio. É o testemunho do índio que pode confirmar ou não a veracidade do fantástico, porém, ele não é inteiramente confiável. Todos sabem, o índio é mentiroso, trapaceiro, ingênuo e, conforme as circunstâncias, sádico. Se sabe de algo, se pode confirmar a história, não o fará para aumentar o sofrimento do europeu, ou, na visão de Todorov, garantir a ambiguidade e a vacilação do narrador. Mesmo o sarcasmo presente no texto do Ouvidor Sampaio funciona de forma

²³⁵ TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Cidade do México: Premia Editora de Livros, 1981. p.14-15.

semelhante, isto é, a ironia é um dos artifícios mais comumente utilizados na geração de incertezas e ambiguidades.

É necessário, como afirma Todorov, que o relato do fantástico permaneça neste meio-termo, "tanto a incredulidade total como a fé absoluta nos levariam fora do fantástico: o que lhe dá vida é a vacilação"²³⁶.

Assim, a paisagem fantástica, o Eldorado povoado com as Amazonas, teria lugar no quadro que parte dos viajantes apresenta aos leitores dos seus relatos. Não com o destaque e centralidade que aparece na ilustração de Théodore de Bry (Figura 19), mas em algum lugar secundário da imagem ou, talvez, a partir de uma alegoria.



FIGURA 19 - MANOA DEL DORADO. THOMAS HARIOT, MAPA DE "MANOA" E SEU LAGO, EXTRAÍDO DE L HULSIUS, TRAVELS, 1599

2.1 HOMENS MARINHOS, HOMENS MACACOS E OUTRAS MARAVILHAS

²³⁶ TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Cidade do México: Premia Editora de Livros, 1981. p.18.

Nesta Amazônia de cidades douradas, guerreiras Amazonas, também há lugar para outros habitantes, como homens marinhos e homens macacos que aproximam os relatos da literatura fantástica medieval. O jesuíta João Daniel dá voz a estas histórias, sempre dando a entender que existem testemunhos de algum colega religioso, de algum morador ou mesmo das tribos indígenas. Segundo o autor,

Outra notabilidade do Amazonas são os homens marinhos, que muitos homens da terra, especialmente dos naturaes índios, afirmam haver e ter visto. Já dissemos, como no Rio Coparis, que deságua no Topajós cousa de dous, até três dias de viagem, se viram ùa vez sair da ágoa muita gente, homens, mulheres, e meninos: em outras muitas partes afirmarem o mesmo, e contam tantos casos, e com taes circunstâncias, que parecem bastantes a provar não só a sua existência, mas a assentar que no Amazonas há muitos.²³⁷

Além destes seres marinhos, tem as águas do Amazonas poderes de Medusa ao transformar em pedra os habitantes locais:

Na banda do Norte do Amazonas dizem haver um lago, em cujas praias [é] fama constante estarem vários corpos humanos petrefactos: e todos ou quase todos em pé, e que entre eles estão algumas fêmeas com seus filhinhos nos braços: não dizem a paragem, onde esta este lago, mas se é certo, parece misterioso: porque para se atribuir à qualidade da ágoa, em que entrando eles a banhar-se, como costumam, logo esta os convertesse em pedra, parece ser muito instantânea a conversão, e demasiadamente eficaz a vertude da ágoa. Bem sei, que há ágoas que tem vertude de petreficarem o pão e mais cousas que nelas metem: e na Hungria se diz haver um semelhante rio, no qual um Imperador mandou lançar uma árvore, e ao deposes a mandou tirar petrefacta: mas sempre necessita de algum tempo, e proporcionada demora para que ágoa [possa] trespassar as cousas, que lhe deitam: mas no sobredito lago mostra a postura dos corpos, que fora tão instantânea a sua petrefação, que nem tiveram tempo para sentirem a mudança, e se assentarem, ou deitarem.²³⁸

Homens marinhos, lagoas que transformam homens em pedras, diamantes expelidos da terra com tal força que nunca são encontrados. Estes, também, são alguns dos aspectos "notáveis" do máximo rio Amazonas apresentados pelo relato de João Daniel. Não o relato científico, com a precisão tecnológica e precisa, fruto de inúmeras expedições realizadas até os dias atuais. Não a descrição biológica dos discípulos de Lineu, mais presentes no final do século XVIII, mas uma descrição

237 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.62.

238 *Ibid.*, p.61.

ainda fortemente marcada pelo maravilhoso e pela oralidade vinda daqueles que vivem no interior da floresta cujas vidas são permeadas por lendas e seres místicos.

Este também é o caso quando o Vigário Jose Monteiro de Noronha se refere aos índios da Nação Cauána, que além de possuírem cinco palmos de altura possuem caudas semelhantes às existentes nos macacos da região. Não muito comum na totalidade do texto de João de Noronha, este trecho que recupera um pouco do maravilhoso tão presente nos textos sobre a Amazônia, intercala ao relato uma carta do religioso carmelita José de S. Thereza Ribeiro:

Fr. José de S. Thereza Ribeiro da Ordem de N. S. do Monte do Carmo da antiga observância &. Certefico, e juro In verbo Sacerdotis, e aos Santos evangelhos, que sendo eu missionário em a antiga aldêa de Parauari, que ao depois se mudou para o lugar, que hoje é de Nogueira, chegou á dita aldêa em o anno de 1751, ou 52, um homem chamado Manoel da Silva, natural de Pernambuco, ou da Bahia, vindo do rio lupurâ com alguns índios resgatados; entre os quaes trazia um indio bruto infiel de idade de trinta anos pouco mais, ou menos, do qual me certificou o nomeado Manoel da Silva, que tinha rabo; e por eu não dar «credito a tão extraordinária novidade, mandou chamar o indio, e o fez dispir com o pretexto de tirar algumas tartarugas de um corral, onde eu as tinha, para por este modo poder eu examinar a sua verdade. E com effeito vi, sem poder padecer engano algum, que o sobredito indio tinha um rabo da grossura de um dedo polegar, e do comprimento de meio palmo, coberto de couro lizo sem cabellos: E me affirmou o mesmo Manoel da Silva, que o indio lhe dissera, que todos os mezes cortava o rabo para não ser muito comprido (*); pois crescia bastantemente: E só não examinei a nação do indio, nem a parte certa onde habitava; nem também se tinham rabos os mais índios da sua nação: porem haverá quatro annos pouco mais ou menos, me chegou a noticia, de que em o rio lurua ha uma nação de índios com rabos. E por tudo ser verdade, passei esta de minha letra e signal. – Lugar de Castro de Avelães quinze de Outubro de mil setecentos e sessenta e oito. – Fr. José de S. Thereza Ribeiro.²³⁹

O mesmo tema é tratado pelo Ouvidor Sampaio, defensor enérgico das fronteiras portuguesas, etnógrafo, naturalista, mas que também reserva algumas linhas para a descrição do maravilhoso como a existência dos índios anões, gigantes e daqueles com rabos. Ao se referir às nações indígenas existentes no rio Juruá cita as dos índios Cauana que são "anões com não mais do que cinco palmos de altura" e a dos Uguína, que possuem rabo: "Diz-se que os índios desta nação tem rabo do comprimento de tres, e quatro palmos, ou mais. Attribute-se a origem desta

²³⁹ NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.50-51.

nação caudada ao ajuntamento das mulheres com os monos Coatás; e porisso também se chamão Coatá tapuya"²⁴⁰.

O fato do Ouvidor usar a expressão "diz-se que" joga o leitor no campo da incerteza, da ambiguidade, uma das características da literatura fantástica apontado por Todorov. Neste caso, o relato de Sampaio fiel ao gênero da Literatura de Viagens acentua a possibilidade de conter o real e o irreal, o possível e o fantástico, marcas do gênero ainda muito fortes no século XVIII.

2.2 PAISAGEM EM MOVIMENTO

Uma das características da Literatura de Viagens é que, em maior ou menor grau, o narrador está em movimento. Páginas atrás se afirmou que as viagens filosóficas eram "laboratórios em deslocamento", com suas equipes, equipagens e "esquipações"²⁴¹ percorrendo vastos territórios e registrando o previsto (no planejamento da viagem) e, muitas vezes, o imprevisto.²⁴²

240 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.55.

241 Segundo o dicionário de Antonio Moraes da Silva, de 1789, Esquipações era o nome que se dava ao conjunto formado pelas embarcação mais a tripulação. Ver: SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portuguesa**: recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

242 Pode-se supor que em muitas ocasiões o viajante fugisse rondas instruções prévias, dos manuais e das ordens reais, mas o que deve ser enfatizado é que todo registro era resultado de uma seleção.

A pé, no lombo de mulas, cavalos ou dentro de embarcações, os viajantes lançam seu olhar ao redor numa mescla de sentimentos nem sempre perceptíveis nos diários e memórias das viagens e, principalmente, nos relatos finais escritos e publicados, quase sempre, algum tempo depois de encerrada a expedição. Todavia, parte do que foi visto e vivido, a experiência da viagem, está presente nos relatos e nos fornecem pistas de como o olhar textualizado construiu paisagens, reais ou fictícias, para os leitores.

Entre florestas, lagos, rios e montanhas ao longe, o mundo é um lugar inóspito com grandes áreas desconhecidas, povoados esparsos e grupos de índios enfrentando alta mortalidade e a ameaça concreta de extinção. O estabelecimento de populações humanas num território inóspito é também a construção de uma geografia imaginativa mantida e repassada através do tempo.

A Amazônia, é apresentada pelos narradores que conhecem os nomes passados e presentes, as denominações comuns e "oficiais". Cada narrador torna-se um guia para o leitor principiante que arrisca viajar, pela leitura, no mundo equatorial. Porém, mais do que guiar o leitor, sua preocupação é a de marcar o quanto lugares são diferentes de espaços.

O lugar e o tempo estão de tal forma entrelaçados que o conhecimento de ambos é um pré-requisito para orientar o deslocamento dos viajantes e seus leitores que têm na mobilidade a principal característica de uma viagem. Por isso os marcos assinalados e o controle do tempo, em alguns mais e em outros menos rigorosos, estão presentes em todos os relatos.

Algumas viagens levavam meses, outras, vários anos. Ocorriam, obviamente, paradas para reabastecimento, manutenção, consertos. Também ocorriam as esperas, por uma nova tripulação, um companheiro de viagem, uma autorização das autoridades ou para o envio do material coletado. Mesmo assim, por maiores ou menores que sejam os dias gastos nestes intervalos, o viajante estava sempre em movimento, num constante "montar e desmontar acampamento", na ansiedade de ir frente, cumprir com as metas estabelecidas, chegar a este ou aquele lugar, percorrer um rio desconhecido, conhecer uma nação indígena ainda não classificada, alcançar os limites da cartografia estabelecida e, se possível, alterá-la.

La Condamine pretende reescrever a trajetória do rio Amazonas; João Daniel escrever uma enciclopédia; José Monteiro de Noronha construir um roteiro seguro para os viajantes; Ribeiro de Sampaio e Alexandre Rodrigues Ferrereira percorrerem o máximo possível do território ocupado e alimentarem as redes de informações científicas e administrativas; Martius e Spix chegarem ao extremo-ocidente da América portuguesa. Não há tempo a perder e tudo a registrar, catalogar, desenhar, coletar, embrulhar, encaixotar e enviar. E, enfim, escrever, textualizar a complexa experiência da viagem.

De um ponto a outro, "em trânsito", a viagem tem um dimensão irreduzível que é o movimento. Assim, ela é mutação contínua que, de um modo ou de outro, afeta a mentalidade do viajante, sua personalidade e sua relação com os outros. Como afirma o sociólogo Axel Gasquet,

En el tránsito lo esencial es el movimiento y éste deviene un medio de percepción. El medio y el traslado ya no son exteriores a la experiencia del viajero, sino que están incorporados plenamente a su sensibilidad. [...] En fin, el movimiento impone una estructura a la experiencia del viaje; las formas en que las impresiones del viaje se fijan en la percepción del viajero tiene que ver con la duración y el tipo de movilidad impuesto por el medio en que se viaja; cada medio de transporte fija su propia territorialidad y por ende una percepción espacio-temporal distinta.²⁴³

Ao ler os seis relatos é muito difícil o leitor não perceber esta dinâmica do movimento influenciando o tempo da narrativa e a percepção que o narrador tem do visto, da paisagem. E nesta percepção o "peso" do fluvial também é marcante. Os discursos escritos por estes sete viajantes, sobre a Amazônia do século XVIII, apresentam a especificidade do fluvial. Aliás, como argumenta Ana Pizarro, no que se refere a esta imensa região geográfica, os discursos são conduzidos pela navegação.²⁴⁴

Em José Monteiro de Noronha:

Para fazer a viagem ao largo por fora de todas as ilhas, e pelo meio da bahia do Marajó até o engenho sobredito se carece de canoa segura, e piloto experimentado; por ser a bahia prolongada, larga, e ter correntezas, grandes marezas, baixos, e ilhas, que fazem dividir o verdadeiro caminho. O vento será sempre favorável e a poupa; exceptuando o caso de alguma tempestade. No tempo dos ventos geraes, que reinaõ nos mezes de Setembro, Outubro e Novembro se executa esta viagem em 24 horas,

²⁴³ GASQUET, A. Bajo el cielo protector: hace una sociologia de La literatura de viajes. In: GIRALDO, M. L.; PIMENTEL, J. **Diez estudios sobre literatura de viajes**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Instituto de La Lengua Espanhola, 2006. p.53.

²⁴⁴ PIZARRO, A. **Amazônia, as vozes do rio**: imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

vencendo-se nelas 32 legoas; por que tantas dista da Cidade o allegado engenho por esta derrota.²⁴⁵

Ou, no texto do Ouvidor Sampaio,

No lago Saracá desemboca o rio Anibá, em que tambem havia huma aldeia, que se unio á villa de Silves. Pelo lago estão sementeas muitas ilhas de terra firme, e elevadas, por cuja cauza fazem elegante perspectiva. Em huma dellas á raiz de huma collina está situada a villa, olhando para o oriente. Estende-se por toda a sua elevação, e quasi rodeada de agua. Superior lhe fica outra colina mais elevada, que por estar estofada de altos, e espessos bosques lhe fórma agradavel coroa.²⁴⁶

São textualidades que repousam sobre o decurso, que se desdobram em uma infinidade de furos, igarapés, lagoas, riachos, que determinam a paisagem numa geografia de águas e, como afirma Ana Pizarro, formam, no sentido figurado, "uma nação de águas"²⁴⁷.

"Nação de águas" presente também no mapa da expedição de Pedro Teixeira. A posição do rio, na vertical, como uma árvore a sustentar o verdadeiro e conhecido Eldorado é muito significativa. Ela fortalece a ideia da centralidade do rio e seus afluentes, um rio-árvore ou "árvore de rios" como John Hemming intitulou sua história da Amazônia.²⁴⁸

245 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônicas dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitánias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.11.

246 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.3.

247 PIZARRO, A. **Amazônia, as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. p.18.

248 HEMMING, J. **Árvore de rios: a história da Amazônia**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

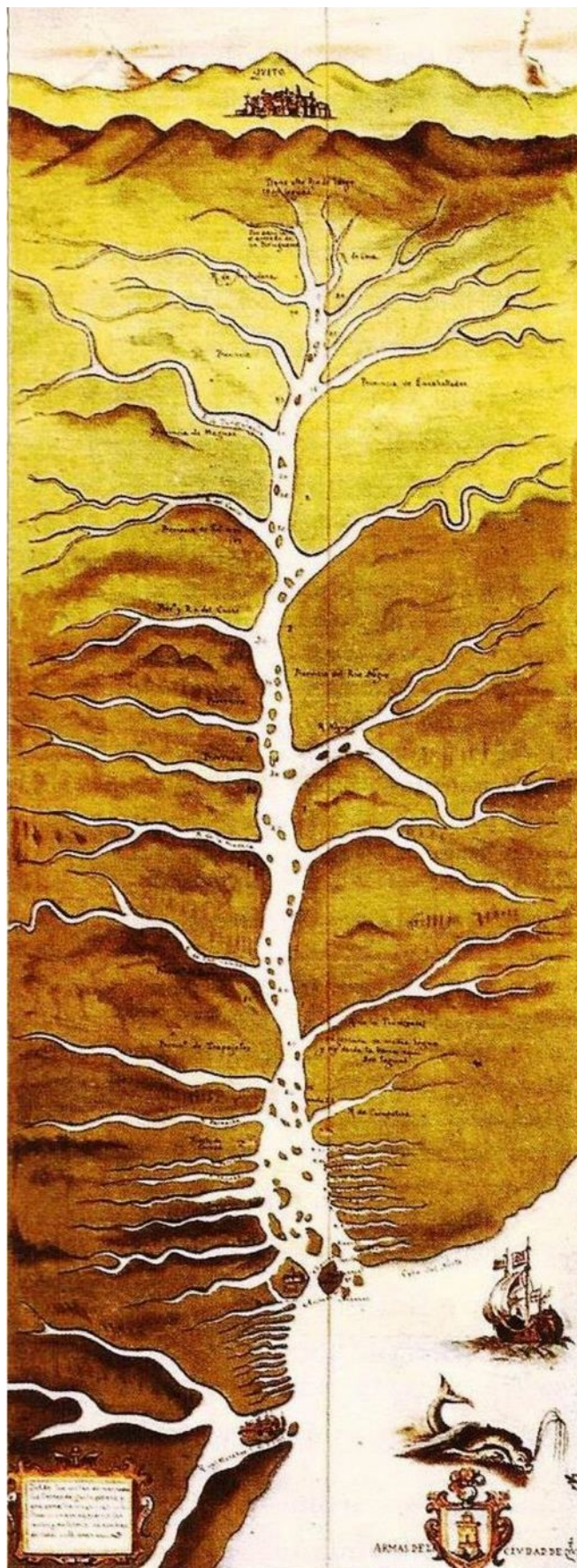


FIGURA 20 - MAPA DA EXPEDIÇÃO DE PEDRO TEIXEIRA 1637-1639

Portanto, esta "nação" é descrita pelos viajantes relacionados, de forma predominante, a partir da perspectiva de quem navega: aproximações, desembarques, embarques, correntezas, tempestades, ataques, acidentes, medos, desafios, inseguranças, enfim, as mais variadas reações sentimentais ocorrem deste lugar, um lugar em movimento. La Condamine, o experiente cartógrafo, se vê na difícil tarefa de mapear o rio e navegar ao mesmo tempo:

Preocupado em levantar a carta do curso do Amazonas [...] Era-me preciso estar em uma atenção contínua para observar a bússola, e com o relógio na mão, as mudanças de direção do curso d'água, e o tempo que gastávamos de uma sinuosidade a outra; para examinar as diferentes larguras do leito, e as das desembocaduras dos afluentes e os ângulos que estes formam ao desaguar; para observar o encontro das ilhas e seu comprimento; e sobretudo para medir a velocidade da correnteza, e a da canoa, ora em terra, ora na própria canoa, por diversos processos, cuja explicação seria aqui demais.²⁴⁹

A natureza em sua "exuberante mostra" de fauna e flora também é, muitas vezes, só acessível pelo olhar e de uma distância segura. É o caso das onças, jacarés, e outras espécies que chamam à atenção do viajante:

Tendo em toda esta viagem visto por varias vezes onças, na tarde de hoje se matou a primeira com dous tiros, que da canoa se lhe atirarão. Postoque ainda nova, tinha já hum avultado corpo. Este animal é hum dos mais ferozes, e formidaveis, que habitão as selvas do Amazonas.²⁵⁰

Os contatos, as trocas de correspondências, perseguições ao "gentio", ou o momento de descanso e anotações, também são feitos, em várias ocasiões, sem que se saia das embarcações. Existe uma passagem em particular, de Alexandre Rodrigues Ferreira, na qual esta perspectiva "de dentro da canoa" é bem explícita:

249 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.65.

250 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.60.

O que vi e experimentei desde a entrada do Uaupés até à primeira cachoeira grande é que, com efeito, deságua por duas bocas, que lhe forma a interposição de uma ilha triangular. Os ares que nele assopram são mais agudos, a sua água é clara e mais fria que a do rio Negro, a largura ordinária é de até um quarto de légua. Tem muitas e vistosas praias e coroas que se descobrem na vazante, e delas se escavam infinitos ovos de tracajás. Não deixam de embaraçar seu curso as ilhas e ilhotes que tem pelo meio cercados de rochedos. Observei, por uma e outra margem, diversos outeiros; contei, na do sul, até 15, e 3 na do norte. Dos que houverem de mais não dei fé. São uns outeiros, pela maior parte, modicamente elevados; alguns deles compostos de saibreiras. Ordinariamente aparecem aos pares, em distância pouco sensível um de outro outeiro, porém, cada par sensivelmente distante entre si. Informam os índios e os soldados que o subiram que a maior serra, da margem austral, é a que fica entre a penúltima e a última cachoeira grande.²⁵¹

A maneira como Alexandre Rodrigues Ferreira descreve os povoados ribeirinhos parece obedecer a um esquema pré-determinado e seguindo povoado após povoado. Há a aproximação do barco, seguida de uma referência à formação geológica do barranco ou elevação onde está localizado o núcleo urbano, a existência de porto, de abrigo para as canoas, rios e cachoeiras e, por fim, quando é possível, a descrição do número de ruas e da matriz.²⁵²

Quando o naturalista chega ao lugar do Carvoeiro descreve assim o povoado:

Serve de base ao lugar um curto e estreito lombo de terra, em que se eleva um ilhote da margem austral do rio Negro. A sua elevação é tão pouco sensível de vencer que nas grandes enchentes chega o rio a beijar o batente do alpendre da igreja. Ordinariamente sucede ficar a povoação alagada em roda e apenas surge acima d'água o pequeno teso que ocupa o arruamento das casas. No braço porém do rio que a cinge pela retaguarda, se abrigam as canoas que surgem no seu porto. Todo ele seca, quando o verão é grande e a maior parte dele, quando é pequeno. Em cima do ilhote estão alinhadas, com a precisão que permite o terreno, as 4 ruas de fundo, que formalizam o lugar. Contei na linha da frente até 6 casas, incluídas nelas a residência do

251 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.160. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

252 Natally Nobre Guimarães em sua monografia investigou as representações do indígena amazônico produzidas pela Expedição Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. A metodologia que foi empregada deriva da análise de *schematas* propostas por Gombrich. Seria interessante investigar se nas descrições dos núcleos urbanos também não haveria uma *schematta*. (GUIMARÃES, N. N. "**Ciência e dominação**": a imagem do indígena amazônico pelo olhar luso-brasileiro, à luz das ciências ilustradas na viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira. 62f. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009).

reverendo vigário e a do morador branco Antônio Gomes, que já ficava no chão. Na segunda linha existiam 7, e na terceira 11, e na quarta, que era a mais comprida, inclui a de um índio, a qual não estava alinhada e a da residência do diretor, para contar 16.²⁵³

La Condamine, "dá uma pincelada" no que se refere aos lugares nos quais parou para fazer observações ou trocar de tripulação, barco, etc. Alexandre Rodrigues Ferreira, ao contrário, visita cada um dos "lugares", faz anotações precisas e detalhadas, das vilas e das propriedades rurais próximas. Martius e Spix não se privam de fazer excursões "em terra firme" a fim de realizarem "herborizações" ou conhecer de perto a vida das várias sociedades indígenas com as quais tiveram contato. Mas, sem dúvida, há uma diferença entre o que é visto do "lado de fora" ou "do lado de dentro da canoa" e aquele visto do "lado de dentro" da cidade ou da floresta. Em muitas descrições da paisagem a floresta amazônica é o "pano de fundo", e o rio, ou o fluvial, forma o primeiro plano:

Chegado a Borja, achei-me num mundo novo, distanciado de qualquer comércio humano, num mar d'água doce, no meio de um labirinto de lagos, rios e canais, que em todos os sentidos invade a floresta imensa, que só as águas tornam acessível. Topei aí plantas novas, animais novos, homens novos. Os olhos, acostumados por sete anos a contemplar montanhas que se perdiam nas nuvens, não se cansavam de fazer a volta do horizonte, sem outro obstáculo que as colinas do Pongo, que iam logo desaparecer da minha vista. Àquela multidão de objetos variados, que diversificam as pradarias cultivadas dos arredores de Quito, sucedia o aspecto mais uniforme: água, verdura e nada mais.²⁵⁴

Esta passagem refere-se ao momento no qual La Condamine atinge o grande rio Amazonas após passar pelo "aperto" das corredeiras e cachoeiras. A nova paisagem transmite o estado de paz e tranquilidade de uma jornada, até então, marcada por dificuldades. Ao entrar em terras brasileiras ele comenta que nunca havia sido tão bem tratado e que as condições de navegação, incluindo o barco que os portugueses fornecem, eram muito mais seguras e confortáveis.

253 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.313. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

254 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.58.

Martius e Spix, ao descreverem a cidade de Belém do Pará, estabelecem duas paisagens: a cidade vista "do lado de dentro" e a cidade vista da perspectiva de quem está a bordo do barco. Do lado do mar:

Por ser plano o território, apresenta-se ao espectador do lado do mar a cidade sem profundidade, como constando somente de duas filas de casas e a proximidade da alta mata virgem, que lhe forma o fundo, evidencia como aqui a atividade construtora do homem, só com esforço, consegue firmar-se contra a vegetação tropical. Do lado do mar, avistam-se, perto da margem e quase no meio da fila de casas, a Praça do Comércio e a Alfândega, atrás da qual surgem as duas torres das Igreja das Mercês. Mais para dentro, eleva-se a cúpula da Igreja de Santa Ana, e na parte norte, termina a vista com o Convento dos Capuchinhos, de Santo Antonio; na parte do extremo sul, o olhar repousa no Castelo e no Hospital Militar, a que se juntam o Seminário Episcopal e a Catedral, esta com duas torres. Mais para o interior das terras destaca-se, naquele lado, o Palácio do Governo, edifício digno construído durante a administração do irmão do Marquês de Pombal.²⁵⁵

Porém, afirma o narrador, ao entrar na cidade o recém-chegado encontra "mais do que prometia o aspecto exterior". A cidade é formada por casas sólidas, arquitetura simples, mas singela e o conjunto é, no todo, "asseado, cômodo e dá a impressão de vida doméstica feliz". Assim, existem estes dois "lugares" de onde se vê a paisagem: "do lado do rio" e "a partir da "terra firme". Os núcleos urbanos, por mais simples que fossem, foram visitados e descritos, com mais ou menos detalhes, dependendo do objetivo da viagem e do viajante.

Este constante movimento tem implicações na perspectiva narrativa ou, em outros termos, nos procedimentos de focalização que estruturam o discurso narrativo. Há uma velocidade ao subir o rio e outra ao descê-lo. A sequência linear, muito presente nos relatos do Vigário José Monteiro de Noronha e do Ouvidor Francisco Sampaio, expressa pela divisão do texto em parágrafos numerados não é apenas questão de estilo, mas reflete o próprio movimento da viagem. Em decorrência desta focalização externa, a sensação criada no leitor é a de que "eles escrevem enquanto andam ou navegam".

255 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.23.

Se a construção da paisagem é influenciada pelo constante movimento do viajante, no sentido físico, de deslocamento, pelo fato de estar "em trânsito", também é influenciada pela posição cultural da sua fala. Ela é igualmente deslocada, multifacetada e está constantemente em tensão com a identidade do viajante. Pois seja qual for o estatuto discursivo deste viajante, seu nível de pertencimento à região na qual viaja é contraditório, na maior parte externo e seu ponto de vista nunca é completo. Os vários papéis representados pelos viajantes, como cientistas, naturalistas da coroa, representantes do clero, dentre outros, afetam a maneira como veem e representam textualmente o visto.

Ana Cruz e Magnus Pereira, ao analisarem os viajantes luso-brasileiros do século XVIII, em suas viagens filosóficas pelo Império Português, alertam para o fato do quanto as questões identitárias influenciaram a produção dos seus relatos de viagem. Para estes dois autores, estas questões trazem sérias consequências metodológicas e epistemológicas. Qual o estatuto de um viajante que é ao mesmo tempo colono, por ter nascido no Brasil, mas trabalha a serviço do projeto mais amplo de manutenção do império? É cientista e participa de uma "elite pensante universal", porém, ao mesmo tempo é um burocrata que defende os interesses da coroa. É o "outro" quando visto pelo "Outro" metropolitano, mas também é o "Outro" quando vê o nativo das colônias onde exerce seu papel de administrador e cientista.²⁵⁶

Em suma, ao nos indagarmos sobre o estatuto destes viajantes surgem mais dúvidas do que respostas:

Num nível superior, esse personagem se identifica com uma identidade portuguesa, que tem a ver com sua condição de vassalagem ao soberano de Portugal. Esse pertencimento, porém, desdobra-se, no caso dos nossos viajantes, numa identificação com a grande região do Império de onde são oriundos, o Brasil (ou a América) e que define sua condição de colonos. Identificam-se ainda, com sua pátria chica, seu local de nascimento, que os faz reconhecerem-se como mineiros, baianos ou paulistas, ou, mais restritamente, moradores de uma região ou cidade dessas capitânias. Para além dessas dimensões, acrescenta-se que eles são cientistas coimbrões (o que os vincula à comunidade científica internacional) e, por fim, são

²⁵⁶ CRUZ, A. L. R. B.; PEREIRA, M. R. de M. A história de uma ausência: os colonos cientista da América portuguesa na historiografia brasileira. In: FRAGOSO, J.; FLORENTINO, M. (Org.). **Nas rotas do Império**. Vitória/Lisboa: EDUFES/Instituto de Investigação Científica Tropical, 2006.

funcionários burocráticos da coroa. No imbricamento dessas ordens de significados identitários, que não exclui o espaço da ambiguidade, iremos encontrar o viajante naturalista brasileiro tal como ele se dá a conhecer através de seus textos.²⁵⁷

Esta reflexão proposta por Ana da Cruz pode contribuir com a análise do *corpus* aqui apresentado. O naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, por exemplo, é baiano, viajando pela Amazônia, que ao seu olhar é tão estrangeira como outras regiões do império português. Como demonstra a historiadora, em alguns trechos de seus diários de viagem, o naturalista se mostra imbuído de seu papel como indutor de progresso, vale dizer, de agente de transculturações vivendo num espaço "marcado por micro-fronteiras que comporta âmbitos variáveis e circunstanciais de pertencimento"²⁵⁸.

Pois o fato de estar em movimento, tanto no sentido físico como cultural, de deslocamento, possibilita, nas palavras de Stuart Hall,

configurações sincretizadas de identidade cultural que requerem a noção derridiana de *différance*, "uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim."²⁵⁹

Existem, no entanto, momentos nos quais a imobilidade do viajante é necessária e essencial para a visualização da paisagem e sua composição textual posterior. Este é o caso do fenômeno natural da pororoca. Nele, de modo diverso ao apontado como predominante na construção textual do visto, é a paisagem, de forma extrema, que está em movimento e os viajantes selecionados, não puderam deixar de relatar o "mar arrebatado". Das descrições presentes nas fontes duas são significativas: a do Padre João Daniel e a dos bávaros Spix e Martius.

Vejamos, mais uma vez, a descrição que o Padre João Daniel faz da pororoca amazônica:

257 CRUZ, A. L. R. B. da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.36, p.76, 2002.

258 *Ibid.*, p.77-78.

259 HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. p.33.

Vi, e observei no Estado do Pará, o célebre e medonho fenômeno da peroroca, bem que no seguro da terra, e no alto palanque de uma ribanceira: e não acho melhor semelhança para dela se formar algum conceito, do que um exército de cavaleiros em bravos, e indômitos cavalos vomitando cóleras em espumas, e vociferando roncos, correndo à desfilada pelo mar: mas tão iguais, uniformes, e bem formados como, ou melhor, que os mesmos militares; com tal braveza que se apanham qualquer embarcação, ainda que seja o mais potente navio, o fazem ir imediatamente em hastilhas, e pedaços. Os seus grandes urros, e bramidos fazem aturdir os ouvidos e arrepiar os cabelos, a quem nas praias, digo ribanceiras da terra a esta vendo: e ainda nas mesmas bordas, praias e ribanceiras dão tais açoites, como se as quisesse desfazer, e consumir. Ordinariamente vão estas alteradas ondas, ou espumantes cavalos em duas, ou três fileiras; mas ordinariamente tem diferença umas das outras: no Rio Guama são três. Quanto menos profundos são os rios, tanto mais se exasperam: umas vezes dão volta atrás por algum bom espaço, e depois tornam a prosseguir a sua marcha: outras vezes se aparta uma fileira para uma banda, e outra para a outra banda a combater os baixos, e bordas, e depois fazendo novo quarto de conversão correm a reunir-se com a primeira, que tem ido prosseguindo a sua carreira. E nestas voltas, revoltas, ou viravoltas vão correndo e assombrando tudo, até pouco a pouco fenecerem.²⁶⁰

Na narrativa do fenômeno é clara a separação entre observador e observado, pré-condição para a existência da paisagem enquanto objeto de admiração e reprodução, seja pictórica ou textual. Para tanto, é imprescindível que o observador esteja num ponto firme, fixo, "no seguro da terra, e no alto palanque de uma ribanceira" para que acompanhe o desenrolar dos acontecimentos. Deste modo, o autor-personagem transforma-se unicamente em espectador induzindo o leitor a vê-lo como mais um elemento da paisagem. O principal personagem é o fenômeno natural, a pororoca e o recurso à metáfora militar, ao antropomorfizar a natureza, contribui eficazmente para o sucesso do efeito desejado. Aliás, a metáfora militar recupera uma tradição literária de longa data na Europa, a crônica de batalhas nas quais, "todo combate é um turbilhão de emblemas, um alarido de provocações e praguejamentos e, na poeira do trigo pisoteado, um redemoinho de sinais emaranhados"²⁶¹.

Um detalhe geral chama nossa atenção. Spix e Martius, comumente tão líricos nas suas descrições de paisagem, adotam na descrição do fenômeno um tom muito mais científico, preciso e pouco sentimental. Já o Padre Daniel, que tem seus relatos – mesmo que com muitas referências ao maravilhoso e ao sagrado – mais objetivos, descreve a pororoca de forma acentuadamente literária.

260 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.50.

261 DUBY, G. **O domingo de Bouvines**: 27 de julho de 1214. São Paulo: Paz e Terra, 1993. p.37.

Vejamo como Spix e Martius descrevem o fenômeno:

A pororoca devia, segundo a regular periodicidade do fluxo e refluxo, ocorrer depois da meia-noite, pois a lua, nesse dia, passava no meridiano um minuto antes da meia-noite, e, por isso, não abandonei um minuto meu posto numa pequena elevação fronteira ao rio, de onde poderia assistir ao espetáculo. A uma hora e meia, ouvi um possante bramido, semelhante ao de uma grande cachoeira; volvi o olhar rio abaixo, e, ao cabo de um quarto de hora, apareceu uma grande vaga de uns quinze pés de altura, como parede que tomava toda a largura do rio, precipitando-se rápida com estrondo pavoroso rio acima, substituindo-se continuamente a massa de água caindo da crista da onda pela enchente de trás. Em alguns pontos, perto da margem, baixava a água na largura de uma ou duas braças, porém logo se elevava de novo mais alta pelo rio acima, onde a vaga geral sem cessar era impulsionada para diante. Enquanto eu estarecido de admiração contemplava essa periódica revolta das águas, de repente afundou-se duas vezes a montanha de água abaixo da confluência do Capim com o Guamá, enquanto inundavam e enchiam largas ondas rasas, pequenos redemoinhos, toda a superfície do rio. Porém, mal se extinguia o estrondo do primeiro avanço, empinavam-se novamente as águas, elevando-se em muralha viva com ronco formidável e corria sacudindo nos seus fundamentos as margens, continuamente precipitando-se do cume espumante de novo quase tão alta como havia vindo, separando-se em dois braços pelos rios acima, onde em breve desapareceu da minha vista.²⁶²

Também nesta descrição o narrador faz questão de destacar sua posição fixa em relação ao desenrolar dos acontecimentos. Mas, diferente do narrador jesuíta, expressa seus sentimentos de assombro, medo e ansiedade. A "paisagem em movimento" torna-se seu objeto de estudo, prevê seu início pelo cálculo da sua periodicidade, mede o tempo de percurso e a altura das ondas. A metáfora militar, quase medieval, do Padre João Daniel é substituída aqui por uma metáfora mecânica, o fenômeno parece obedecer um ritmo predeterminado e retroalimentado. A onda "precipitando-se rápida com estrondo pavoroso rio acima, substituindo-se continuamente a massa de água caindo da crista da onda pela enchente de trás" lembra muito mais um moinho do que cavaleiros enfurecidos numa batalha.

O padre inaciano não se detém muito em explicar ou medir o encontro das águas do Atlântico com o Amazonas, sabe, como também sabem os habitantes da região, que sua existência depende das marés e das estações da Lua. Spix e Martius procuram explicações mais científicas e até realizam um cálculo da *quantitas motus* do fenômeno que "deve chegar a massa de água montar a 100.800 quintais".

262 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.60.

No entanto, em ambos, a descrição desta "paisagem em movimento" atende às exigências do gênero, como afirma Maria Lúcia Garcia Marques:

Mas sendo o próprio da literatura de viagens o relato do acontecimento num percurso que se vai definindo, tanto nas suas características como no seu dinamismo (que faz dela matriz entrecruzada de descrições e narrações), tal relato arquiteteta-se a partir de uma intenção clara de, para além de dar notícia – fiel e verdadeira, sempre que confessada – impressionar o leitor.²⁶³

Em resumo, a viagem e a paisagem narradas, devem ser articuladas de tal forma que prendam a atenção do leitor, que instrua, mas também surpreenda, retrate, porém comova. Enfim, traduza para o leitor, mesmo que imaginário, o visto e, principalmente o sentido estabelecendo com ele uma comunidade de conhecimento.

2.3 PAISAGEM SENTIMENTAL

Como já abordado, a viagem comporta uma série de objetivos científicos, econômicos, políticos, militares, etc. e também pessoais. Para o viajante além da possibilidade de ascensão social e profissional, a jornada representa uma oportunidade de crescimento espiritual. Por certo existem diferenças significativas entre o *Grand Tour* europeu e as viagens filosóficas pelo ultramar português, mas ambas as viagens representam um forte manancial de novas experiências que despertam no *homo viator* emoções e sentimentos.

²⁶³ MARQUES, M. L. G. A natureza adversa: tormentas e tormentos nas *relações* de viagens. In: CRISTÓVÃO, F. (Dir. e Coord.). **Literatura de viagens**: da tradicional à nova e à novíssima (marcas e temas). Lisboa: Almedina, 2009. p.90.

Orientados pelo princípio – e pelo exercício – da objetividade cada um dos viajantes se preocupa em olhar a magnificência da natureza, a fauna, a flora, os acidentes geográficos, a estrutura geológica, os hábitos sociais e culturais dos povos visitados. Porém, a tradução e textualização desta experiência são inseparáveis dos sentimentos, mais ou menos presentes nos relatos, mas inexoravelmente vivenciados pelos autores. A paisagem, enquanto construção cultural, também desperta sentimentos, ora positivos, ora negativos, numa mescla nem sempre coerente.

O medo é um dos sentimentos mais presente nos seis relatos aqui selecionados. Medo do desconhecido, dos *gentios*, das tormentas, das correntezas, das doenças, da fome, enfim, por mais que fossem planejadas, as dificuldades logísticas não eram poucas e as distâncias percorridas eram enormes.

A navegação pelo Amazonas nem sempre é sinônimo de tranquilidade. Em várias ocasiões os narradores enfatizam os perigos enfrentados no "rei dos rios", ou "gigante de muitos braços", nas palavras do padre João Daniel. Há, por certo, intenção de valorizar a jornada e a coragem dos integrantes da expedição e La Condamine, como já apontado anteriormente, é o que mais se utiliza deste recurso. Todavia, independentemente da maior ou menor utilização de recursos literários – no caso do gênero da Literatura de Viagens, muito próximo do realismo – o sentimento de medo, quase sempre, acompanha o viajante. Ainda mais se forem consideradas as condições precárias de infraestrutura e comunicação presentes na região percorrida e no período abrangido pelas expedições.

Ao entrarem no Rio Negro, os tripulantes da expedição de Francisco Sampaio comemoram a chegada a uma paisagem "mais tranquila":

Apenas os indios (sendo a maior parte do Rio Negro) avistarão as alegres collinas, que rodeão a margem septentrional deste rio; que tanto aformoseão a sua soberba entrada no Amazonas, e que meterão o remo na agua preta, não se pode expressar a alegria, comque logo clamarão ao seu modo, aplaudindo esta entrada ao som do memby instrumento de folego, forte, e sonoro, mas de facil fabrica. Eu proprio senti contentamento yendo-me livre dos continuos perigos da navegação do Amazonas; postoque me restassem não poucos, contudo menos atemorizantes, que o risco dos passados.²⁶⁴

Os riscos que o Ouvidor Sampaio deve enfrentar na navegação do rio Negro não são poucos, contudo, menos atemorizantes do que aqueles do passado. Temores

²⁶⁴ SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.87.

pelos quais passam todos os viajantes e povoam a mente do escritor e sua tripulação. Alerta o Vigário-Geral Monteiro de Noronha, que as margens do Amazonas são infestadas do gentio Mura e que além deste perigo,

há também o de algumas árvores, que caem, por lhes escapar a correnteza do rio a terra em que prendem as raízes. Há sítios, aonde caem grandes porções de terra com muitas árvores, e grandíssimo risco das canoas, que precisamente navegam em pouca distância da terra para vencerem com menos dificuldade a correnteza do rio.²⁶⁵

Alexandre Rodrigues Ferreira, não muito dado às "explanções da alma", se vê obrigado a relatar:

De São Miguel para diante foi preciso navegar por entre cachopos até a cachoeira do Caldeirão. Fica na mesma margem, depois de dobrada a sua ponta, para dentro de outra pequena enseada. Chama-se Caldeirão porque é um grande vórtice ou redomoinho d'água acelerada entre rochedos. De rio cheio, é perigosíssimo de vencer. A canoa que tem a desgraça de ser arrebatada por ele, passa pela última de ser submergida.²⁶⁶

Algumas décadas mais tarde, Martius ao relatar o trecho da viagem da Barra do Rio Negro, pelo Solimões, para a Vila de Ega, constrói um tipo de paisagem onde a tranquilidade cede, pouco a pouco, lugar para o sentimento de medo. Ele inicia a descrição da vegetação da Vila de Ega comparando-a com a vista em Coari (Alvelos). Em vez de campos e vegetação rasteira, destaca-se a "densa mata virgem". Contudo, em alguns pontos, nos areais que contornam os lagos aparece uma *mirtácea*, batizada de *Eugenia egensis*, popularmente conhecida como goiabeira-brava. São estes exemplares de goiabeira-brava que tornam o ambiente mais próximo do narrador:

Esses alegres arbustos contornam longe os areais limpinhos da margem do lago e, justamente agora, todos cobertos de flores alvas e perfumosas, fazem lembrar a florescência das nossas fruteiras europeias. No planalto do Brasil, do Peru e da Jamaica, aparecem muitas espécies de mirtáceas de folha miúda e, nos rios equatoriais do novo continente, outras, com espécies de folhas grandes, formam parte predominante da vegetação das margens.

265 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitânias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.295.

266 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.158. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Nesse sentido, poder-se-ia comparar as mirtáceas da América com os salgueiros da Europa.²⁶⁷

Até este momento a natureza amazônica é alegre, lembra aquela existente na Europa e, inclusive possui algumas espécies que podem ser comparadas aos salgueiros europeus. A utilização de comparações com a vegetação europeia sempre foi um recurso utilizado para traduzir o que se via no Novo Mundo aos leitores do velho. As matas mais afastadas da margem apresentam "troncos colossais", "caules gigantescos", "raízes salientes" e "copas frondosas" e compõem o pano de fundo da paisagem que se descortina. Nesta mata frondosa, os animais, muito variados, animam as "extensas e altas florestas" e os macacos "divertem-se ruidosos nos cumes".

Em primeiro plano, visualiza-se, é claro, o rio e um tipo de vegetação mais estranha e perturbadora. A mata da margem, *caâ-igapó*, é baixa, fechada e mais enredada. Os troncos possuem menos galhos, são lisos, sujos e entrelaçados e poucos animais habitam esta parte "pútrida" da mata. As aves aquáticas que arriscam pousar nestes arbustos correm o risco de serem devoradas pelos jacarés que "estão de emboscada na água ou no lodaçal". Nesta faixa de terra,

As curvas labirínticas dos furos, que atravessam esse igapó, são tão densamente cobertas de vegetação pendente, que frequentemente o nosso bote só a custo pôde seguir adiante; o mudo silêncio só é interrompido pelo chapinhar dos peixes, ou pelos roncões dos jacarés; o ar abafado na folhagem, que nesta atmosfera quente-úmida viceja com brilho apagado, o céu escuro carregado de nuvens, só visível a espaços por entre as copas, tudo concorre para o cenário melancólico próprio para inspirar medo inquietante.²⁶⁸

Por fim, como já apontado em páginas anteriores, não há como não citar a obsessão do Ouvidor Sampaio em relação aos índios Mura, sempre à espreita em alguma curva do rio, ou nas suas margens a observar silenciosamente o avanço das canoas. O projeto civilizador, o sistema de descimentos, enfim, a colonização da Amazônia está ameaçado pela presença deste *índio hostil e bárbaro* que infunde medo não só no colonizador branco, mas, principalmente, nas aldeias e índios *domesticados*.

Companheira do medo é a solidão. Em 3 de setembro de 1786, J. W. Goethe, tendo como bagagem apenas um alforje e uma mochila de pele de texugo, embarcou

²⁶⁷ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.180.

²⁶⁸ *Ibid.*, p.182.

em segredo da Boêmia para a Itália, onde permaneceria por dois anos realizando a tão sonhada e posteriormente relatada *Viagem à Itália*. Em busca do "destino desejado", sozinho, percorreu a península de norte a sul e dali retornou para a Alemanha.²⁶⁹

Não é preciso insistir no quanto o "destino desejado" de Goethe e seu modelo de viagem seria mais difícil de ser realizado na região amazônica da América Portuguesa do século XVIII. As dificuldades enfrentadas por um viajante solitário para percorrer territórios inóspitos, desconhecidos e sem o mínimo dos atributos da "civilização moderna", dificultava o arroubo romântico de, um momento para outro, sem informar ninguém, realizar uma jornada rumo ao desconhecido.

Em relação aos nossos viajantes, a logística necessária para manter uma expedição científica ou viagem filosófica era complexa, mas este fato não impedia que em determinados momentos, distantes das suas terras de origem, os viajantes dos trópicos também não se sentissem solitários. E, na maioria dos casos, ao relatarem suas viagens, colocam-se como solitários já que a grande parte da equipe formada por carregadores, pilotos, remadores, guias, dentre outros, aparecem muito pouco ou são quase invisíveis nos relatos.

A paisagem, muitas vezes, contribui para este estado de ânimo reforçando a imagem de solidão ou até abandono. La Condamine, na sua jornada amazônica, não dá muita vazão a este tipo de sentimento, porém, ao inserir no seu relato a trágica história da Senhora Godin de Odonais pode dar vazão ao sentimento de solidão em meio à selva equatorial.

²⁶⁹ CRAVEIRO, M. J. O canto de um solitário no longe e na distância. In: CRISTÓVÃO, F. (Dir. e Coord.). **Literatura de viagens**: da tradicional à nova e à novíssima (marcas e temas). Lisboa: Almedina, 2009. p.204.

Jean Godin de Odonais, engenheiro e naturalista, foi convidado a participar da expedição geodésica devido à sua experiência de intrépido excursionista e seus conhecimentos científicos. Quando a etapa andina da expedição foi concluída, ele permaneceu por algum tempo na região estudando a flora e as línguas locais, além de exercer a profissão de magistério na Universidade de Quito. Em março de 1749, deixando sua família no Equador, desce o Amazonas chegando a Caiena em abril de 1750. Estabelecido no povoado existente junto ao forte de Oiapoque, desenvolveu pesquisas, enviou coletas de espécies vegetais e montou uma fábrica para a pesca e exploração do peixe-boi.

Na carta que escreveu a La Condamine, em 1773, Jean Godin atribui sua longa separação da família às dificuldades em conseguir passaporte, autorizações e auxílio para retornar ao Equador, via rio Amazonas, para trazer sua esposa e filhos. Em novembro de 1765, inicia sua viagem de volta, mas uma enfermidade o impede de continuar a jornada. Solicita a um amigo que providenciasse o retorno da família e entregasse a sua esposa os papéis necessários para realizar a viagem. Nem o amigo e muito menos os documentos chegaram a Quito, mas as notícias de que uma embarcação a esperava em Loreto motivaram Mme. Godin a partir, por conta própria, em direção ao seu marido.

Acompanhada de um pequeno grupo formado por seus irmãos, sobrinho e criados decidiu descer o Amazonas, seguindo os passos de La Condamine e do seu marido Jean. O desfecho foi trágico e após ter sido abandonada por seus ajudantes, enfrentar a morte dos seus irmãos, sobrinho e criados mais próximos, vagou sozinha pela floresta até ser resgatada por indígenas que a conduziram a um entreposto espanhol.

A história de Mme. Godin, escrita por seu marido, a pedido de La Condamine, deu à narrativa deste último o acabamento estético que a fez, segundo Mary Louise Pratt, uma autêntica história de sobrevivência que circulou por toda a Europa durante mais de cinquenta anos.²⁷⁰

270 PRATT, M. L. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999. p.50 e segs.

A "romântica e arrepiante" narrativa de Mme. Godin (nas palavras de Pratt) traz algumas passagens onde as relações entre solidão e floresta tropical são particularmente bem construídas:

Se lêsseis numa novela que certa mulher delicada, afeita a gozar de todas as comodidades da vida, foi arremessada desastrosamente ao fundo de um rio, donde a tiraram semi-afogada; que, com outras sete pessoas, penetrou numa floresta espessa e ínvida, pervagando ali muitas semanas; que, perdendo-se nela, sofreu fome, sede e fadiga até ao esgotamento das forças físicas; que ali assistiu à morte de dois irmãos, muito mais robustos do que ela, de um sobrinho mal saído da infância, de três raparigas, fâmulas suas, e de um jovem criado do médico que os deixara pouco antes; que sobreviveu a essa catástrofe; que ali ficou sozinha, dois dias e duas noites, entre os cadáveres, numa selva onde abundam tigres e serpentes muito perigosas, sem, todavia, haver encontrado nunca um só de semelhantes animais; e que, reerguendo-se animosa, coberta de farrapos, tornou a pôr-se em marcha por aquela mata sem vestígios de senda, até chegar, oito dias depois, às margens do Bobonesa: acusaríeis certamente o autor de tal obra de haver faltado à verossimilhança. Um historiador, porém, não deve transmitir a seus leitores mais do que a simples verdade.²⁷¹

A narrativa das desventuras de Mme. Godin ainda traz outros elementos que reforçam a sensação de desamparo da heroína e seus acompanhantes, dentre eles, a personalidade traiçoeira e interesseira dos indígenas que apesar de terem sido pagos antecipadamente, num voto de confiança da contratante, a abandonam à própria sorte. Ao invocar o método da história e sua busca pela verdade, o narrador a torna mais verossímil aos leitores europeus e a saga desta heroína crioula deve ter contribuído ainda mais para reforçar a imagem do sentimento de solidão possível de ser vivido na zona de contato.

²⁷¹ LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.191.



FIGURA 21 - MME. GODIN DES ODONAIS

A solidão enquanto estado de espírito é mais evidente, sem dúvidas, no relato de Spix e Martius. Sua viagem literária (*litterarische Reise*), conforme as palavras dos dois autores, está repleta de percepções e sentimentos. Como esclarece Günther Augustin, os discursos da dimensão cósmica e do paraíso perdido, marcantes no texto dos dois viajantes, são acompanhados pelo sentido da peregrinação, a busca de um lugar santo, sagrado, divino.²⁷²

Em todo o relato destes dois autores existem referências a esta busca, o desejo de conexão com o divino a partir de uma experiência concreta de expiação

272 AUGUSTIN, G. **Literatura de viagem na época de Dom João VI**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. p.128.

e/ou renovação espiritual. A viagem de Spix e Martius, pelo menos oficialmente, não foi uma viagem de peregrinação como as de tradição secular na Europa e Oriente Médio. Porém, no aspecto pessoal se aproxima deste tipo de viagem na qual a solidão, ou o estar sozinho, é condição para a renovação espiritual do viajante.²⁷³

Neste pormenor, a solidão que a paisagem desperta nos dois "naturalistas-românticos" se aproxima muito mais do Goethe da *Viagem a Itália* do que do desespero da Mme. Godin. Há, no entanto, momentos em que sentir-se sozinho é estar "só entre os índios" e, neste caso, o viajantes se sente orgulhoso por conseguir "se safar". Quando Martius se aventura a explorar o rio Japurá, chega a São João do Príncipe, no extremo ocidental do rio e é recebido pelos índios juris e coretus com extrema desconfiança. O contato é muito difícil e só um mulato paulista, que fala português, se oferece como intérprete para estabelecer algum tipo de comunicação com a povoação local.

A dificuldade de troca de informações perdura até a chegada de Pachico, principal da tribo dos Coretus, "de longe o índio mais astuto e atrevido, que até agora eu havia encontrado", afirma o naturalista. Na negociação com este "esperto e atrevido" índio, Martius acaba conseguindo informações sobre a região e principalmente sobre as riquezas minerais da bacia do rio Japurá:

Então, uma vez de portas fechadas, disse ele que não devia ocultar o que diante de outros, não quisera declarar, isto é, que seu pai conhecia ricas minas de ouro nas nascentes do Apaporis; dispunha-se ele a mostrá-la em troca de determinada recompensa, e nos acompanharia em toda a viagem, mas nesse caso, teria de levar consigo a filha. Rejeitada esta proposta e satisfeita a avidez do pai com um bom presente de utensílios de ferro, e a vaidade da filha com miçangas e chitas, prometeu acompanhar-nos até às cataratas, e muito me alegrei por haver conquistado, nesta solidão, a boa vontade de tão perigoso homem.²⁷⁴

²⁷³ As viagens de peregrinação foram as primeiras nas quais o Ocidente se projetou e, desde o século XIII, motivaram a mobilidade europeia. Também foram as primeiras a apresentar relatos escritos de grande projeção e influência. Influenciaram as gerações posteriores e anteciparam uma mentalidade que estaria presente na expansão ultramarina. É claro que o fenômeno peregrinação religiosa é muito anterior ao século XIII e não limitado à Europa, mas os exemplos europeus tem uma intencionalidade religiosa que não pode ser reduzida à simples curiosidade ou viagem com outros interesses como o turístico ou o econômico. Desde a Antiguidade cristã, passando pelo mundo medieval, as viagens de peregrinação criaram verdadeiros santuários que atraíram gerações de peregrinos rumo à Jerusalém, ao santuário de Santo Epifânio, no Chipre; ao de São Martinho, em Tours; o de Saint-Denis, em Paris; o de São Tiago de Compostela, na Espanha; o de São Cipriano, na África. E, obviamente, Roma, a capital do mundo cristão, centro de todas as peregrinações. Podem ser citadas como obras modelares desta espécie de relato: *Verdadera información de La Tierra Santa*, de Frei Antonio Aranda, de 1530 e o *Itinerário da Terra Santa* do Frei Pantaleão de Aveiro, de 1593. Ver: CRISTÓVÃO, F. (Org.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002. p.39.

Na zona de contato, muitas vezes, o projeto civilizador tem de ser negociado e o enfrentamento da "solidão" é motivo de orgulho ao europeu que se encontra no "Sertão do Amazonas". Sertão, no texto de Spix e Martius, como local onde a civilização ainda não se estabeleceu, onde "nenhuma família europeia tomou pé", isto é, uma representação muito mais cultural do que geográfica: ²⁷⁵

Aliás, nesses dias, como antes tampouco, não avistamos ente humano algum, a não ser os nossos companheiros. Essa profunda solidão, que não tinha influência desfavorável em nosso ânimo, fazíamos sentir quão longe estávamos das margens habitadas. Sem dúvida, já nos achávamos na região enorme que ainda pode ser considerada de preferência domínio dos indígenas do Brasil; pois só as raras povoações à beira do Amazonas e de seus afluentes são ocupadas por gente de origem europeia; todo o vasto território, até imensa distância, é exclusivamente habitado por tribos de índios muito espaçadas, entre as quais nenhuma família europeia tomou pé. Por esse motivo, costumam os paraenses chamar as regiões a oeste de "Sertão do Amazonas". ²⁷⁶

Não só de medo, abandono e solidão são os sentimentos dos viajantes. Há momentos nos quais a paisagem inspira sentimentos de êxtase e deslumbramento. "Entre São Paulo e Coari, encontramos vários grandes e belos rios, que vêm esgotar-se no Amazonas" (78), afirma La Condamine. Há também espaço para descrições edênicas sobre o clima, a fauna e a flora. Nada iguala a beleza dos colibris e tucanos da "Zona Tórrida" afirma La Condamine, mas o paraíso destes sete viajantes não é mais aquele descrito nos séculos anteriores, é um paraíso que deve ser comparado dentro de uma visão mais utilitarista da terra. Ao discorrer se a América seria "o verdadeiro paraíso de delicias, em que Deos creou a Adão", João Daniel tece uma série de comparações que vão da nudez dos seus habitantes naturais à fertilidade da terra e abundância da flora e fauna e chega à conclusão de que tal comparação seria "demasiada exageração" e, assim, mais genuína seria

[...] a semilhança de todo o Estado do Amazonas e Grão Pará, e todo o grande districto dos seus colaterais rios, se o assemilharmos, a uma bem cultivada quinta, a um bem adereçado jardim ou a uma bem vistosa, e alegre floresta. Com a diferença que a floresta necessita de cuidadoso

274 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.218.

275 BONATO, T. **O olhar, a descrição**: a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822). 190f. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2010.

276 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. *Op. cit.*, p.97.

disvelo para as flores, o jardim do jardineiro para a mestria, e a quinta do quinteiro ou feitor para os fructos: o terreno porém do Amazonas por si mesmo, e só com a indústria da natureza, fertilidade da terra, e bondade do clima, é quinta, é jardim, e é floresta sempre alegre, sempre verde, sempre [florida], de modo que quem quiser conceber o devido [conceito,] a idéa da América há de considerá-la sempre em uma perpétua primavera de flores, e fructos.²⁷⁷

Neste tom segue o padre João Daniel, a discorrer sobre os três reinos da natureza, o verdadeiro tesouro a ser descoberto pelos europeus. Seus rios possuem águas saborosas, de temperatura agradável e contém uma imensidade de pedrinhas "já ovadas, e já redondas: umas esquinadas, e outras oitavadas", mas tão lindas que muitos podem se confundir e considera-las preciosos diamantes.²⁷⁸

Ao descrever a Vila de Colares constrói uma paisagem que se aplica aos outros núcleos urbanos e, se comparada àquelas feitas pelos outros viajantes, é extremamente positiva:

E bastava, além das mais, o ser terra alta com bons ares, alegre vista, mui extensa baía, muita fartura de pescado, e ótimas ágoas, singularidades em que este sitio, de Vila de Colares vence as mais povoações, e vilas: porque, além de muitas fontes, e regatos, que tem pelas costas, tem um reacho de excelente agoa, clara sempre, e cristalina, e sempre fresca, e mui salutifera. Nasce no meio da ilha, e quase rodeando-a pelas costas, já vizinho a vila vira a banha-la por uma ilharga, até o areal das suas lindas praias, onde tornando a virar a vai cercado entre as suas casas, e os mesmos areaes, que pela parte do mar lhe servem de muralha ou parapeito, para não inficionar com as salgadas as suas doces ágoas, até que chegando ao fim da frente de toda a vila, vira de repente para o mar, em que finalmente se esconde, depois de alegrar, regar, e regalar aquela nobre vila.²⁷⁹

As aves e seus assobios da Amazônia são mais excelentes do que as europeias, suas penas e cores são galantes, sua música suave e alegre. Tantas são as Borboletas e de tão variadas espécies que suas cores embelezam a paisagem e chegam a tornar as margens do rio tapetes amarelos. Enfim, são de tantas cores "quantas produzio a natureza, e inventou a pintura"²⁸⁰. E o que dizer das matas e seus "paos"? São estes preciosos, de maior estimação e tantos e de tanta

277 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.302.

278 *Ibid.*, p.78.

279 *Ibid.*, p.82.

280 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.169.

diversidade e beleza que "vencem a todas as mais matas do mundo, segundo se sabe das Histórias"²⁸¹.

Porém, quando se trata de descrever o clima, o jesuíta se aproxima muito do paraíso equatorial. Ele é de "bom temperamento", uma "perpétua primavera", sem o "desabrido" do outono, os rigores do inverno e nem as "demacias" do estio. Se há calor este é refrescado pelas constantes águas que o temperam o pelo orvalho da manhã que são tão "copiosos" que obrigam os moradores a levantarem de manhã as fímbrias dos seus vestidos. O que indica a salubridade do clima são as próprias árvores,

campos, e prados: estes, porque sempre alcatifados com as alegres alcatifas das suas verduras, e se pode dizer deles Prata rident. Os campos, porque sempre vicosos com o seu feno, e as árvores, porque sempre na primavera das suas folhas, por estarem sempre vestidas, e ornadas, e nunca em árvore secca: e se na Europa se admiram por raras as árvores, que sempre conservam a sua folha, como são o louro, a oliveira, e poucas outras, na America não aparece algũa sem ela em todo o tempo, e em todo o ano, e se algũa chega a perder, é porque já expirou totalmente[.] Só por morte as verão nuas. E ainda as mesmas da Europa transplantadas na America, gozam do mesmo privilegio, como são a figueira, a amoreira, e muitas outras; o que prova bem, que o perderem a folha na Europa, só lhes nasce dos rigores do outono, e inverno: e o conservá-la sempre verde, e viçosa, só lhes nasce do bom, e bem temperado clima da America: não porque nunca lhe caia, senão porque quando lhe caem ãas outras muito viçosas lhe vem saindo e muito ao nascer. Prova mais esta bondade de clima no modo de vida nos seus naturaes, porque nunca sentem frio, e sempre andam nus: nus nascem, nus vivem, e nus dormem, e nus morrem; e os europeos, e brancos, não andam despidos, mas para perto se mudam, porque nos povoados só trajam librés ligeiras, vestidos leves, e fresco ornato, e nos seus sítios andam sempre muito a fresca, e frescos tão bem dormem em suas maquiras, ou redes, sem mais lençoes, ou cobertores, camas muito usadas dos brancos a imitação dos naturaes tapuias, e na verdade para aquele Estado são óptimas por frescas e ligeiras.²⁸²

Como aponta Eulália Aparecida dos Santos, há em João Daniel, com também em outros jesuítas do período, mesmo que concordemos com a hipótese estabelecida por Sérgio Buarque de Holanda em relação à parcimônia do colonizador português ao retratar o paraíso cristão nas terras descobertas, uma tendência a se encantar com os temas paradisíacos. Reproduzindo os discursos dos jesuítas José de Anchieta, Manuel da Nóbrega (1549) e o padre Fernão Cardim – que também fizeram alusão ao Jardim do Éden – João Daniel flerta com este tema e o mais interessante no trecho citado, é a referência aos brancos europeus que se não

281 *Ibid.*, p.412.

282 *Ibid.*, p.55.

andam nus como os índios, "para perto se mudam" e transformam-se, também, em habitantes do Éden.²⁸³

José Monteiro de Noronha e Alexandre Rodrigues Ferreira, são absolutamente econômicos em descrições mais poéticas da paisagem amazônica. Também são pouco dados a rompantes sentimentais e o foco da sua atenção se concentra na organização econômica das vilas, povoados e fazendas visitadas. No máximo, fazem referências à adequada ou inadequada localização desta ou daquela vila, à largura dos rios, força das correntezas, etc. Num meio termo entre estes dois viajantes está o Ouvidor Sampaio que arrisca, em algumas passagens, um tom mais lírico e sentimental.

Quando ele se refere à boca do rio Tefé, assim se expressa,

Postoque a estação pedisse, que este rio estivesse já vazio, com tudo ainda estava muito cheio, e lhe faltava o principal ornamento de suas margens, que são as alvissimas praias, que costumão rodea-lo: mas em lugar dellas por toda a sua entrada até á hextensa bahia, o cercavão meia alagadas as araçaranas, vistozo arbusto, cujas flores brancas, e cheias de innumeraveis estâmes amarelos exhalavão fragantissimo cheiro.²⁸⁴

Deste modo, surgem no texto do Ouvidor, floridos canaviais e agradáveis bosques de ambaubeiras. O canal do rio Manhána é sossegado e a "verdura dos frondosos arvoredos, que o cercão, reflectida na agua, lizongea agradavelmente a vista"²⁸⁵.

Tanto quanto João Daniel, os bávaros Spix e Martius, marcam seu texto com descrições sentimentais da paisagem. Ao entrarem no rio Negro, informam ao leitor a sensação de desafogo que o viajante tem ao deixar as várzeas do Amazonas e percorrerem as margens de areia pura, rochas de grés e limpas de igapós. Com menos mosquitos – praga que formam um capítulo à parte nos relatos de todos os

283 SANTOS, E. **Dos cometas do Nordeste aos thesouros da Amazônia**: os jesuítas João Daniel e João Monteiro da Rocha no contexto das Ciências Naturais do século XVIII. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2006. p.70.

284 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.33.

285 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.76.

viajantes – as matas do rio Negro são mais densas, regulares e enfeitadas com a "maior variedade de magníficas flores, grandes e de lindas cores"²⁸⁶.

A barra do Rio Negro apresenta-se mais uniforme, um lugar aprazível e a perspectiva construída remete muito mais à paisagem europeia do que aquela formada por mangues de árvores retorcidas, enlameadas e escuras. A necessidade dos autores em traduzir o que viam de uma forma que fosse apreendida pelos leitores europeus tornava a comparação da Amazônia com os alegres campos verdejantes europeus, ou melhorados pelos colonizadores, quase inevitável:

Corre a mata, singela e monótona, ao longo das margens, que nunca se elevam em montanha ou se aprofunda em gargantas escarpadas; todavia é desigual o terreno, alternando-se, aqui e ali, com outeiros e inúmeros, frescos regatos, que, vindos do interior ao norte, afluem para o rio, trazendo vida e variedade às vargens cobertas de matas, ao passo que as elevações transformadas às vezes pela mão do homem em pastos, oferecem o alegre aspecto de campos verdejantes, que o viajor tão raramente encontra aqui. A todos estes encantos junta-se a majestosa tranquilidade do clima equatorial, que proporciona manhãs frescas, meio-dias ardentes, tardes agradáveis e noites serenas, estreladas, em alternância regular. De felicidade suprema se enche o coração do homem que, saindo das sombrias matas amazônicas, pode ali gozar da cálida suavidade dos dias, da solene calma das noites. foi esta a primeira impressão com que nos encantou a nossa estada de alguns dias em Barra do Rio Negro e, quanto mais aqui nos demorávamos, tanto mais se afirmava em nós o conceito de que esta região fora criada para doces saudades, contemplações filosóficas, sagrada paz, profunda gravidade.²⁸⁷

Ao reler esta descrição, de qual Barra do Rio Negro está escrevendo nosso autor? Talvez, um Rio Negro muito mais arcadiano, pastoral capaz de despertar e encher de felicidade suprema o coração do viajante. Extase, euforia, medo, solidão, a Amazônia e seus "tesouros descobertos" é um lugar que desperta sentimentos e foi criado para "doces saudades, contemplações filosóficas, sagrada paz, profunda gravidade" dentro de uma tradição arcadiana bem anterior ao Setecentos.

2.4 PAISAGEM ECONÔMICA

²⁸⁶ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.139.

²⁸⁷ *Id.*

Como já afirmado em páginas anteriores, apesar de existirem relatos sobre os territórios ultramarinos portugueses desde a época da expansão marítima, foi no século XVIII que a Coroa definiu como prática político-administrativa o conhecimento metódico científico das suas colônias em conjunto a um reconhecimento, ou reposicionamento em relação ao aproveitamento dos recursos naturais.²⁸⁸

Em relação ao espaço amazônico, até a metade do Setecentos, sua importância para a economia ultramarina era periférica. Até então, sua ocupação visava muito mais a garantia da posse portuguesa do que sua inserção econômica no sistema atlântico sul. Sob a regência do ministro José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e futuro Marquês de Pombal, foram instauradas várias medidas administrativas e jurídicas que objetivavam, de forma geral, redinamizar a política e a economia do Estado português e das possessões ultramarinas. Na Amazônia, a gestão política, econômica e administrativa de Pombal inaugurou uma nova fase na história da colônia portuguesa na América.²⁸⁹

As reformas pombalinas, continuadas por D. Maria, são contemporâneas aos relatos do Padre João Daniel, do Vigário José Monteiro, do Ouvidor Francisco Samapio e do Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e por certo influenciaram diretamente a seleção que eles realizaram sobre o que descrever. Em relação a La Condamine, Martius e Spix a descrição se dá em outro contexto e para o primeiro, o foco se dirige para a geografia e alguns aspectos da quina, da borracha e do curare. Porém, em relação às suas observações botânicas, ele prefere dedicar espaço maior em suas outras publicações.

Martius e Spix discorrem pouco sobre o comércio ou a situação econômica dos lugares visitados. Seus olhares se atém nos aspectos que efetivamente interessam ao naturalista como a fauna, flora, geografia, geologia e, em relação à população, apesar de fazerem observações sobre brancos e negros, preferem discorrer sobre os índios numa abordagem mais etnográfica.

Contudo, de forma geral, com destaque para os outros quatro viajantes, num mundo onde ciência e economia andavam juntas, as descobertas de novas espécies do

288 RODRIGUES, E. "Nomes e serventia". Administração e história natural em Moçambique em finais do Setecentos (c. 1781-1807). In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas: governos e populações no Império Português**. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.212.

289 TORRES, S. M. de S. Projetos coloniais: antagonismo e confluência nas povoações e fronteiras da Amazônia setecentista. In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas: governos e populações no Império Português**. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.119.

mundo natural, o esforço enciclopédico na catalogação da natureza estava acompanhado pela investigação sobre a existência de minérios, sais, animais exóticos, plantas medicinais, diamantes, metais preciosos etc. O território amazônico, assim como as demais possessões ultramarinas, deveria ser vasculhado por naturalistas iluminados pela ciência e instruídos pelo Estado interessado no progresso científico e econômico do império.²⁹⁰

Há em todos os textos analisados um posicionamento semelhante entre, de um lado, apontar as riquezas naturais das terras visitadas e, de outro, criticar a maneira como estão sendo exploradas. A descrição também é marcada pela dicotomia paraíso x inferno como neste trecho do Padre João Daniel:

Se no Paraiso Terreal, com ser um jardim de deleites, creado, e formado para regalo dos homens, houve a venenosa serpente, que com o seu mais que pestifero veneno inficionou a todo o genero humano não é muito que tambem o paraiso do Amazonas sendo um tesouro de riquezas seja inficionado de serpentes, e outras pragas em tanta maior cópia, quanto é mais copiosa, que o mais mundo a sua fertilidade: que não estão isento os jardins de serem habitados de dragões, nem as mesmas flores livres de serem

abocanhadas por sevandivas! São estas a maior praga do Amazonas, para que tambem nos insectos se mostre a grande fertilidade do seu terreno: a maneira do Egipto, que sendo ãa das mais ferteis regiões, é a mais abundante de veneno: muita venena in Egipto.²⁹¹

Mas as serpentes infecciosas ocupam uma terra de tal fertilidade que concorre com outras possessões portuguesas na África e Ásia. Enfim, de maneira geral, todos os autores insistem em repetir a fórmula de que as riquezas encontradas são parte da solução dos problemas econômicos do império ao descreverem os potenciais econômicos da região, a abundância de terras e águas, a fertilidade do solo, a diversidade de espécies vegetais, animais e minerais.

Continua o Padre João Daniel a fazer elogios à fertilidade da terra. O algodão, por exemplo, que comumente depois de ano tem dois palmos de altura, na

290 BONATO, T. **O olhar, a descrição**: a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822). 190f. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2010. p.116.

291 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.156.

Amazônia "sobem tão alto que apenas as podem igualar um homem a cavalo". As pereiras da Europa duram quase a vida de um homem e a produtividade das plantações rivalizam com as do distante oriente.²⁹²

O título da enciclopédia amazônica escrita pelo jesuíta não deixa de ser irônico. É sabido o quanto o antijesuitismo inventou histórias e lendas sobre os inacianos, principalmente após a sua expulsão do Brasil, em 1759. Dentre estas lendas está a do "tesouro dos jesuítas". De norte a sul das terras brasileiras ela se difunde e se repete, mas o tema central é o mesmo, o de que os padres da Companhia de Jesus, no momento da sua expulsão, esconderam vários tesouros ou os transportaram secretamente por túneis escavados e mantidos sob sigilo para este e outros fins escusos. Algumas versões da lenda afirmam que os tesouros não foram enterrados, mas atirados ou escondidos dentro dos rios.

Deste modo, não deixa de ser irônico que João Daniel ao escrever sua obra num período logo após a expulsão dos jesuítas da colônia brasileira, ofereça aos seus leitores, que poderiam ser, inclusive, seus perseguidores, o "tesouro descoberto no Rio Amazonas" e o descoberto no título se refere muito mais a revelação do que a descoberta. Este tesouro é revelado ao mundo nas suas riquezas que são a grandeza dos rios, a infinidade de minas de metais preciosos e madeiras de corte, na variedade da sua fauna e flora, com destaque para as plantas medicinais, na fertilidade da sua terra e na amenidade do seu clima sempre "temperado". A fertilidade da terra da Amazônia é apontada em toda a obra como, por exemplo, no trecho citado que caberia muito bem a um ilustrado fisiocrata:

Ainda que a principal riqueza das terras não consiste em ter muitos mineraes, mas sim em ser fértil o seu terreno, assim como a riqueza dos moradores não consiste em tratar, e manear ouros, e outros metais, mas sim em ter abundância de víveres, para sustento de suas casas: como se vê no grande Egipto, e em muitos outros reinos, aonde a grande fertilidade das suas terras são envejada riqueza dos seus habitantes, posto que a falta de mineraes seja grande. Contudo para mostrar aos leitores, que o máximo Rio Amazonas não só é rico na fertilidade das suas margens, fartura de víveres e abundância de preciosos haveres, mas também de riquíssimos mineraes, darei por principia desta "Terceira Parte" uma compendiosa noticia dos seus muitos, e inexauríveis mineraes de ouro, prata, diamantes, e mais pedras preciosas, com que augmenta as grandes riquezas do seu precioso tesouro.²⁹³

292 *Ibid.*, p.386.

293 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.299.

De forma semelhante a La Condamine e ao Padre João Daniel, João Monteiro de Noronha também descreve a fauna, a flora e a geologia da região por ele percorrida. O discurso ainda não é o taxonômico de Lineu, mas o de um servidor do estado que tem por obrigação listar os recursos naturais e informar as condições econômicas de produção. O clima é saudável e benigno, as terras são férteis, irrigadas e os rios e lagos ricos em pesca. Produtos como o cacau, o cravo, o café, o açúcar, o tabaco, o algodão, as variadas espécies de castanhas e seus óleos medicinais, indicam, também, "tesouros" que devem ser explorados para a riqueza do império.

O texto de Noronha traz, em meados do século XVIII, permanências de uma imagem do Brasil e, mais especificamente, da Amazônia, presentes nos relatos de viagem dos séculos XVI e XVII. Nesta imagem, descreve-se a natureza exuberante e permanentemente verde, o clima benigno, as estações temperadas, a água farta e a terra extremamente fértil e rica, os peixes deliciosos e as tartarugas perfeitíssimas. Sobre a cidade do Pará afirma:

3. A sua verdadeira latitude, conforme as observações modernas, e mais exactas, é de um gráo, e 28 minutos ao Sul da linha - equinocial: e a longitude numerada no merediano da ilha do Ferro de 329 grãos, e 15 minutos. O seu clima é saudável, e benigno: As estações do tempo mui temperadas, e sem excesso de calor, e frio. As suas terras são fertilíssimas. He abundante de fontes, lagos, e caudalosos rios. De campos abertos, e mattos espessos: de arvores sempre ornadas de folhas, de portentosa altura, e grossura, e de preciosas qualidades, e cores: de gados, e animaes silvestres: de aves de rara grandeza, e formosura pela variedade, e viveza das suas cores. O seu commercio consiste em cacáo, cravo, salsa parrilha, óleo de cupayba, café, assucar, tabaco, algodão, e couros, que paixão por trato a Portugal.²⁹⁴

O olhar torna-se mais rigoroso na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. No texto elaborado por este autor, o funcionário real convive com o naturalista e ambos estão presentes no conjunto da obra. Ferreira, "naturalista da coroa", "olhos e ouvidos" do governo à distância, relata com disciplina cartesiana tudo o que julga interessar aos seus superiores em cada uma das participações enviadas. O "esquema" torna-se repetitivo e em cada lugar que a expedição chega, discorre sobre a localização e situação do lugar, seu solo, quantas são e como se encontram as ruas, as residências, a igreja, o armazém. Elabora inventários detalhados, mapas da população branca e índia. Ao seu olhar também não escapa o estado geral da produção agrícola e do comércio. A quantificação presente no Diário de A. R. Ferreira é típica dos relatos de viagem dos séculos XVII e XVIII, nos quais "o olhar quantificador passa da economia para a percepção da natureza e das relações sociais na forma da estatística no sentido da descrição numérica dos fenômenos"²⁹⁵.

O olhar estatístico parece obedecer, além das premissas do "governo à distância", à máxima de Lineu presente na epígrafe do Diário: **!**

Este é o princípio de uma expedição científica: admirar todas as coisas, inclusive as que são muito tristes, sobre as quais não convém falar... Na verdade, é a partir destas que tudo foi criado para seus respectivos fins. O seu método consistirá em reunir por escrito o que for perceptível e útil: a

294 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônicas dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitánias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.2.

295 AUGUSTIN, G. **Literatura de viagem na época de Dom João VI**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. p.24.

Geografia, a Física, a Litologia, a Botânica, a Zoologia, a Economia, a Política, os costumes, as antiguidades... O objetivo será conhecer melhor a natureza, ajustando o conhecimento natural das plantas, dos animais e das pedras ao influxo do sistema mundano e aos usos da humanidade.²⁹⁶

Ao escrever sobre a situação do anil no lugar do Carvoeiro, o naturalista elogia o empenho da coroa em incentivar sua produção, pagando um preço mínimo vantajoso e assistindo os produtores em suas necessidades. Mas chama à atenção do seu superior para a necessidade dos seus representantes assumirem efetivamente seus papéis de "olhos do rei":

Se estas mesmas disposições, que foram as que V. Excia. fez em ambas as capitâneas durante o seu governo, tivessem tido a fortuna de ser animadas com a sua presença, assim como são agora as que acabo de referir, é sem dúvida que lhes teria correspondido a mesma prontidão e eficácia de trabalho que nesta capitania está hoje correspondendo. Porque, uma cousa é ordenar V. Excia. aquilo que, com seus próprios olhos não pode ver se se executa, e outra, ordená-lo e, com a sua presença, fazê-lo executar. Os que têm de ofício informar a V. Excia. da execução das suas ordens, nem sempre o cumprem. Os que o sabem cumprir, às vezes, não querem, e os que não sabem, nem podem, nem querem.²⁹⁷

Quem de fato sabe, pode e quer é o filósofo viajante que afirma:

Eu, que nenhuma cousa informo por capricho que tenha de inteligência dela, ponho na presença de V. Excia. o mapa dos preços do anil dos portos de França, segundo se acha escrito na arte de o fabricar para, à vista o referido mapa, comparar V. Excia. a reputação que neles tem um gênero que, há muito está introduzido, e nenhuma dificuldade experimenta em cultivar-se e manufaturar-se, o que não sucede por ora nesta capitania.²⁹⁸

296 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.211. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

297 *Ibid.*, p.156.

298 *Id.*

Em cada povoação, vila ou lugar visitado²⁹⁹, as igrejas e seus pertences são descritos com tal obstinação e detalhe – não presentes nos relatos dos outros viajantes aqui analisados – que cada inventário acentua a percepção numérica do autor:

No tope da fronteira à sobredita escada, está fundada a igreja matriz. É uma igreja grande, construída como barraca de madeira, coberta de palha, interiormente pintada com a decência precisa. Tem seu alpendre e varanda térrea em roda. É assoalhada de madeira por dentro e, na capela-mor, que é bastante funda, existe o único altar em que estão colocadas as imagens de Nossa Senhora da Conceição e do arcanjo São Gabriel. Possui uma píxide de prata dourada com o manto de lhama branca rendada de ouro, um cálice também de prata dourada, com sua patena, duas caixas de madeira com as âmbulas de estanho para os santos óleos, uma dita só para a unção, 2 castiçais grandes e 9 ditos pequenos de estanho, assim como 1 par de galhetas e 1 vaso de lavatório, 1 campainha sã e 2 quebradas. Não tem sino. As 2 alvas de pano de linho são novas, as 2 outras de bretanha ficam muito remendadas. As 4 toalhas do altar passam de meio uso; as 2 do lavatório nem podem nem devem servir; as sobrepelizes são 2, lisa e rendada, ambas em bom uso. Tem 2 frontais de damasco branco com sebastos encarnados; 1 casula com manipulo e estola do mesmo, 1 capa de asperges de damasco branco e, da mesma cor, o véu de ombros, o qual é novo. O forro e as cortinas interiores do sacrário, e o pálio, são de damasco encarnado. O pendão das procissões é de tafetá branco, já muito usado. Existem, além dele, 2 mangas de cruz, branca e roxa. As cortinas de chita azul para todas as portas e janelas da capela-mor e as outras ditas de riscado para todas as portas, menos a tribuna, são esmoladas que se deram.

299 Aroldo de Azevedo (1957, p. 31-33) define, no seu estudo *Embriões das cidades brasileiras*, uma série de dados comparativos entre as denominações usadas para designar diferentes tipos de aglomerados humanos, do ponto de vista da Geografia Humana. Estes dados são de especial importância para o trabalho realizado quanto à escolha lexical no eixo paradigmático da linguagem, pois fica claro que, embora às vezes se aplique a mesma lexia, o conceito é diferente entre Brasil e Portugal. Para o autor, por exemplo, no Brasil “a mais elementar das formas de aglomerações humanas costuma ser designada por dois vocábulos de significação idêntica povoado e povoação, embora outros termos existam, de caráter restrito e regional, que servem para identificar algumas de suas modalidades.” Comparativamente, cita Portugal, “de onde recebemos tais vocábulos”. Segundo ele, ali “faz-se uma distinção bastante nítida entre ambos: povoação é o lugar povoado cidade, vila, aldeia ou lugarejo, correspondendo a um núcleo de condensação do povoamento”, sem distinção de dimensões. Já povoado é chamado, em certas regiões, casal, e significa “a aldeia, o lugarejo ou pequena localidade em que habita gente”. Ele diz, ainda, que em Portugal a povoação engloba um sentido muito amplo (desde as menores localidades até as cidades), o que não se dá no Brasil. “O povoado ou a povoação, tal como entendem os brasileiros, não se confunde com nenhum dos pequenos aglomerados da Europa Ocidental, sobretudo pela fraqueza de laços que o prendem à área rural.” Povoados, no Brasil, portanto, estão ligados à zona urbana: “Povoados foram os arraiais da época da mineração do ouro (...), como são as corrutelas das atuais áreas diamantíferas do Brasil Central.” Cita, ainda, na Bahia e no nordeste, os termos comércio e rua, a fim de acentuar a diferença com as habitações isoladas da zona rural. “Em São Paulo, o bairro rural contém sempre um povoado”. Os grifos são do autor. Ver AZEVEDO, Aroldo de. *Embriões de cidades brasileiras*. Boletim paulista de geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros (Regional de São Paulo). São Paulo: março de 1957, Nº 25, p. 31-69.

Ao altar portátil pertence um cálice com sua patena de prata, 2 toalhas, 1 frontal de damasco de lã de 2 faces, branca e roxa; 1 casula com manípulo e estola do mesmo e da mesma sorte.³⁰⁰

Em relação a esta forma de relatar de Alexandre Rodrigues Ferreira, o historiador Magnus Pereira faz um interessante comentário sobre a influência que as instruções de viagem exerceram sobre o texto do naturalista:

Uma das principais obras científicas portuguesas do século XVIII é Viagem Filosófica, escrita pelo naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira. Este texto escapa completamente ao que se esperaria de um naturalista, pela ausência do o que hoje identificaríamos como o mundo natural. Lacuna perfeitamente compensada pelo restante da documentação produzida em sua expedição. Mas se observarmos especificamente o Diário da Viagem Filosófica perceberemos que o autor, surpreendentemente, conseguiu transformar a sua viagem amazônica num périplo entre cidades. Não podemos afirmar que Alexandre Ferreira tivesse em mãos o questionário de D. Manuel Caetano de Souza. Todavia, o que se percebe é que a redação de seu Diário está informada, naquilo que ele tem de constante, que é a descrição de vilas e aldeias, por uma metodologia de observação que coincide com a proposta pelo clérigo teatino. Começa a descrição pelo meio físico onde se encontra a vila, a composição do solo e a topografia. A seguir, ele nos dá as ruas, as habitações e as edificações notáveis, que, no caso destas vilas, quase sempre se resumem à igreja. Passa então a fazer a descrição desta igreja e de seu conteúdo, nos mínimos detalhes. Este modo de proceder

reforça a suspeita de que o naturalista tinha conhecimento do questionário de Souza. Este detalhismo no Estado Eclesiástico é compreensível em quem se propunha a escrever uma história eclesiástica, todavia fica algo deslocado nas descrições de um naturalista.³⁰¹

O discurso do naturalista procura o equilíbrio entre as necessidades da ciência e as da coroa. A ênfase dada é ao conhecimento natural que se ajuste "aos usos da humanidade". Se estes usos forem ajustados aos interesses do reino, bem melhor. E se os interesses do reino forem orientados pelo olhar atento de homens preparados nos ensinamentos da ciência, da racionalidade, o adiantamento da agricultura, das manufaturas, do comércio e da população serão garantidos. Ao criticar o número

300 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.136. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

301 PEREIRA, M. R. de M. **A forma e o poder**: duas agendas da cidade de origem portuguesa nas cidades medieval e moderna. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 1998. p.18-19.

excessivo de pequenas povoações improdutivas, Ferreira faz uma severa crítica ao tipo de administração vigente em algumas regiões visitadas:

Tantas dificuldades que se venceram para as estabelecer, tantas despesas que se fizeram, e tantos arbítrios que se excogitaram, é para admirar que tudo em tão pouco tempo assim se tenha frustrado! Porém, não podia deixar de suceder assim. A regra é que onde se tira e não põe, falta. Tiraram-se uns e não se puseram outros índios; sim forneceram-se os meios, mas não todos. Dispendeu-se o dinheiro, mas não se soube aplicá-lo, vieram homens, mas não trouxeram braços. Outrosim tiveram braços, mas não tiveram cabeças. E que cabeças deviam trazer para o estado e para a capitania as diferentes levas que nela têm entrado? Como era possível ao soldado, ao marinheiro, ao degradado, que foram os que fizeram a maior parte dos colonizantes, entrarem no estado munidos dos conhecimentos precisos para o adiantamento da agricultura, das manufaturas, do comércio e da população, sendo gente esta, pelo instituto da sua vida, mais própria para destruir que para edificar!³⁰²

"A regra é que onde se tira e não se põe, falta". Esta crítica simboliza um determinado momento no qual um ilustre representante do Estado Português alerta para a necessidade, urgente, de reformar a administração colonial vigente. Com a mineração agonizando com uma rapidez crescente, não havia mais tempo para empreendimentos coloniais administrados de forma irracional. Por quanto tempo mais a coroa traria dinheiro, homens, mas não "cabeças pensantes"? O viajante-ilustrado estende sua crítica. Muito tempo foi gasto se conhecendo e copiando a agricultura dos índios, mas ela é predatória, inconstante e não fixa o homem na terra. É urgente trocá-la por uma agricultura mais científica.³⁰³

A política de nomeações também carecia de princípios mais "modernos". Os intendentos nomeados não eram homens "entendidos neste gênero de estudos" e como pessoas "não estudadas" eram uma das causas da decadência da agricultura. Com uma exceção: a nomeação do Ouvidor Ribeiro de Sampaio.

Ferreira aprova e defende a visão econômica na qual "as produções da terra eram o bem mais real sobre todas as minas, o fundamento mais sólido dos estados e a verdadeira base do comércio; que a terra bem ou mal aplicada e as operações do campo bem ou mal dirigidas, eram as árbitras que decidiam da riqueza ou da

302 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.316. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

303 Quando D. João VI desembarcou na Bahia, em janeiro de 1808, a mineração, nos moldes vigentes, tinha-se esgotado. Naquele ano, os quintos das Minas Gerais, renderiam apenas 447 quilos de ouro, menos de um quarto do que tinham rendido sete décadas antes.

indigência dos habitantes, do aumento ou diminuição dos povos, da fortaleza ou fraqueza do estado." Mas esta compreensão fisiocrata não teria sucesso se para governar a colônia continuassem a ser nomeadas pessoas sem a devida competência e preparo. E como somente após a Reforma do Ensino empreendida por Pombal é que foi possível formar homens de "experiência, doutrina, zelo e probidade", a colônia continuaria sofrendo os desmandos daqueles que entendiam muito de jurisprudência e pouco de ciência.

Não entrando no mérito da crítica aos bacharéis, que talvez revele a filiação de Ferreira a este ou aquele grupo dentro das tramas do poder nas colônias ultramarinas, a defesa do conhecimento ilustrado, no caso o botânico, como uma das saídas para superar o atraso da agricultura é constante no Diário. Também é bem provável que seu discurso reflita as tensões existentes entre o poder local e a monarquia pluricontinental representada, no momento, pelo naturalista. Tensões entre o poder local como república – em que prevalecia o autogoverno e os interesses das famílias – e a Coroa, que deviam ser negociadas num período de transição do Antigo Regime.³⁰⁴

O olhar utilitarista de Alexandre Ferreira o leva a estudar a adaptação de certas plantas ao cultivo, suas utilidades, suas propriedades fitoterápicas e a maneira mais rentável de explorar as chamadas drogas do sertão. Nesta ótica, ele não vê com muito bons olhos o extrativismo que sustenta as expedições comerciais de coleta das chamadas "drogas do sertão. Muito dispendiosas, de difícil fiscalização e, conseqüentemente, arrecadação, também eram uma das causas do esvaziamento populacional das vilas. No trecho a seguir, uma formulação sobre os riscos que estas expedições traziam à economia local e do império:

Avisaram, por exemplo, os correspondentes de Lisboa, que a 9\$600 réis se vendeu o cravo. Isto basta para que todas as canoas a oito, sem ficar a da mais pobre povoação, se destinem ao dito negócio; como, porém, de crescer o gênero, naturalmente, se segue o rebaixar-se o preço, eis que, se arruinada estava a povoação pobre, muito mais arruinada ficou, porque, sendo pouca a gente que enviou, muitos os encontros das canoas das povoações mais populosas e que se adiantaram na viagem e que estabeleceram, por isso, em sertões escolhidos as melhores feitorias, não só não fez o negócio que projetava, mas ainda em cima, ajustadas as contas das despesas que fizeram no espaço de seis ou sete meses, a dízima, a quinta do cabo, a sexta do diretor, não veio a caber a cada índio o importe de 1\$200 reis por mês, que é o que teria de salário, não digo, lavrando as terras, mas servindo

304 FRAGOSO, J. La guerre est finie: notas para investigação em História Social na América lusa entre os séculos XVI e XVIII. In: FRAGOSO, J.; GOUVÊA, M de F. (Orgs.). **O Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v.1.

a qualquer particular. Assim, pelo comércio incerto, arrisca uma povoação pobre o lucro certo que teria da cultura das suas terras.³⁰⁵

No entanto, a descrição da economia não ficaria completa sem que nela fosse incorporada a população local e vista majoritariamente de forma negativa pelos viajantes. O discurso predominante é o desqualificador da mão de obra e também dos administradores locais vistos como corruptos ou desleixados. Num momento histórico, no qual a América Portuguesa recebia levas crescentes de escravos africanos, a Amazônia setecentista teve na rearticulação com as populações indígenas sua possibilidade de inserção econômica mais efetiva no império.

Se, em outras regiões da América Portuguesa, a existência e atuação dos indígenas não pode ser menosprezada, no caso da região amazônica seu papel foi preponderante. Tiveram papel ativo no processo de ocupação, na elaboração da legislação, na manipulação de sua condição de súditos aldeados e na reordenação das suas identidades.³⁰⁶ Deste modo, mesmo que em muitos momentos pareçam invisíveis ou ausentes nos textos dos viajantes, sua existência (ou ausência forçada) não poderia passar despercebida ao olhar de quem viaja e compõe a

2.5 PAISAGEM HUMANA

La Condamine, parcimonioso na descrição da natureza, constrói um discurso sobre os indígenas que oscila entre elogiar suas qualidades subalternas, de pilotos a carregadores ou simplesmente desqualificá-los. Suas observações etnográficas, ou num conceito construído posteriormente, etnocêntricas, reproduz, de forma geral, o olhar europeu predominante sobre os índios:

Antes de passar adiante, creio dever dizer uma palavrinha a propósito do gênio e caráter dos homens originários da América meridional, que vulgarmente se chamam com impropriedade "índios".
A insensibilidade é o fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome de apatia, ou se lhe devemos dar o apodo de estupidez. Ela nasce

305 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.118. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

306 NIZZA DA SILVA, M. **Escravidão e colonização**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

indubitavelmente do número limitado de suas idéias, que não vai além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quanto têm de que saciar-se; sóbrios quando a necessidade os obriga a se privarem de tudo sem parecerem nada desejar; pusilânimes ao excesso, se a embriaguez os não transporta; inimigos do trabalho, indiferentes a toda ambição de glória, honra ou reconhecimento; unicamente ocupados das coisas presentes, e por elas sempre determinados; sem a preocupação do futuro; incapazes de previdência e reflexão; entregues, quando nada os molesta, a brincadeiras pueris, que manifestam por saltos e gargalhadas sem objeto nem desígnio; passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados.³⁰⁷

Na década de 1740, a narrativa de La Condamine constrói um retrato do colonizado que se reproduz de forma insistente nos séculos posteriores. Albert Memmi, tunisiano-francês, teórico militante do pós-colonialismo, ao escrever *Retrato do colonizado*, destaca a conveniência do tipo de descrição feita por La Condamine:

Consideremos, nesse retrato-acusação, o traço da preguiça. Ela parece reunir a unanimidade dos colonizadores, da Libéria ao Laos, passando pelo Magreb. É fácil ver até que ponto essa caracterização é *cômoda*. Ela ocupa um lugar de destaque na dialética: enobrecimento do colonizador – rebaixamento do colonizado. Além disso, é *economicamente frutífera*. Nada melhor para legitimar o privilégio do colonizador do que seu trabalho; nada melhor para justificar a penúria do colonizado do que sua ociosidade. O retrato mítico do colonizado abarcará, portanto, uma inacreditável preguiça. O do colonizador, o gosto vertical pela ação.³⁰⁸

La Condamine, em sua heróica viagem pela Amazônia, não escapa, no seu texto, da tradição europeia de outremizar o diferente. Outremizar e outremização são termos que nos estudos pós-coloniais definem o processo pelo qual discurso imperial cria seus "outros", o excluído, o dominado, pelo discurso de poder. Assim, outremização é um processo no qual um "Outro" se estabelece e se reconhece na medida em que produz o colonizado, o "outro". Os autores pós-coloniais costumam usar Outro, com letra maiúscula para o colonizador e outro, com minúsculo, para o colonizado.³⁰⁹

Na narrativa do jesuíta João Daniel, a principal característica dos "naturaes" da terra é a sua inimputabilidade, isto é, sua total dependência da tutela dos

307 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.60.

308 MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.117.

309 HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

missionários jesuítas para protegê-los e torná-los gente de bem. E para que tal desígnio tenha ótimo resultado a melhor pedagogia é a do "rigor, pau e castigo":

É necessária especial indústria para viver com os índios, e entre eles, porque não basta a comum e universal economia das mais gentes: antes para a sua boa direção hão de os seus missionários viver com eles como um mestre de meninos, a quem nem o demasiado rigor os afugente, nem a nímia brandura os faça insolentes; mas havendo de exceder em algum destes dous extremos, é mais útil o rigor, do que a brandura; por obrar mais neles o medo, que o respeito, o pao que a Retórica, o castigo que o disfarce. Ordinariamente não fazem serviço, ou bem algum, senão por medo: ainda o seu bem espiritual, e temporal é mais forçado, que voluntário; e assim a melhor persuasão para chegarem à doutrina é a palmatoria nos menores, e a prática mais eficaz para irem a missa os adultos é o castigo, não o de muletas nas bolsas, como nos brancos, mas o da cadea, ou do pao, que lhes doa: e todos os missionários que não usam destes incentivos, mais os perdem do que lucram, mais damno causam, do que proveito. Os mesmos índios conhecem que este é o melhor modo de os tratar, reger, e governar.³¹⁰

Rigor, pau e castigo! Neste trecho, como não lembrar de outro jesuíta, o italiano Andreoni João Antonil que na *Cultura e Opulência do Brasil* descrevia a "política dos três Ps", implementada aos escravos, "pão, pano e pau" – pão para alimentar o corpo, pano para cobrir a nudez e pau para mantê-los obedientes? Mas João Daniel, ao mesmo tempo em que considera os "naturaes" crianças sob tutela missionária, reconhece suas qualidades, beleza, sabedoria, força e destreza. São eles os depositários do conhecimento relativo à medicina natural, à segura navegação dos rios, à alimentação e de "grande habilidade e aptidão para todas as artes e ofícios da república em que ou vencem, ou igualam os mais destros europeos"³¹¹. Qualidades que são qualidades porque úteis aos interesses europeus, sejam eles econômicos ou de salvação das almas. Porém, se o discurso tem um tom utilitarista também tem um tom militante ao defender energicamente a condição humana destes povos:

Os habitadores e naturaes índios do grande Amazonas são gente também disposta, e proporcionada, como as mais da Europa, menos nas cores, em que muito se distinguem. Nem pareça supérflua esta advertência, de que são gente: porque não obstante a sua boa disposição, e fisionomia, houve europeos, que chegaram a proferir que os índios não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente, e uma semelhança de racionaes; ou uma espécie de monstros, e na realidade geração de macacos com visos de natureza humana. E houve alguns espanhóis, que quiseram persuadir ao mundo, e encaixar nos cascos dos mais homens esta tão descascada parvoice, e desencaixada

310 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.222.

311 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.250.

opinião, só para encobrirem com esta fraca capa os bárbaros insultos, que com eles usavam e crueldades inauditas, que lhes faziam, porque matavam neles, como quem mata mosquitos, e os tratavam nos seus serviços, como se fossem feras, e bichos do mato: antes com mais caridade costumam os homens tratar aos seus brutos domésticos, do que eles tratavam aos pobres índios. Por outra parte era brutal a lascívia e monstruosa a desenvoltura, com que sem temor de Deus nem pejo dos homens usavam, ou abusavam do sexo feminino, com tanta lascidão,* que parece enforcaram, ou alijaram ao mar as consciências, ao passar da linha na viagem da Europa para as terras da América. De sorte, que por ser tão público este seu vicio, e tão notório o seu escândalo, com ele os convenceram os prelados zelosos, e missionários da sua fantástica opinião, que os índios não eram gente, com um indissolúvel dilema, que não podiam desatar, nem escapar, desta sorte. Vos dizeis que os índios não são gente: por outra parte abusais, como gentios, ou falsos cristãos, do sexo feminino. Pois uma de duas: ou eles são gente como nós ou são monstros, e macacos? se monstros? incorreis nas penas do nefando crime de bestialidade, e como réos deveis dar publica satisfação pelo Santo Oficio, sendo chamuscados, e queimados. E se isto vos cheira a chamosco,

deveis confessar, que são gente, e são homens e verdadeiros racionais como vós: e então também não vos limaes, nem livraes do grande crime de homicidas, e como taes deveis ser suspensos em uma forca. Virão entalados nos braços deste Aquiles, suspensos, e espetados nas pontas deste dilema, e sujeitarem-se ao vergonhaço de se desdizerem, e confessarem homicidas.³¹²

Mais uma vez, num exercício de intertextualidade, nesta longa citação estão também presentes o frade dominicano Bartolomeu de las Casas e o jesuíta Padre Antonio Vieira nos seus sermões em defesa da condição humana dos índios e a crítica à sua escravização. Pelo tom enérgico do discurso deste trecho, talvez devêssemos supor que as acusações feitas ao Padre João Daniel e seus sermões não fossem tão infundadas como afirmou seu defensor, o padre Domingos Antônio.

José Monteiro de Noronha, quando se refere aos índios, assume um tom diferente daquele assumido pelos dois viajantes anteriores. Na imagem que se construiu sobre a América portuguesa pelos viajantes, desde o século XVI, há uma dicotomia entre a natureza vista como benigna, rica, e, em alguns momentos, paradisíaca e aquela que vê o Novo Mundo como a sede do inferno. Mas, de forma geral, os índios e os colonos aparecem como o grande entrave ou à realização da utopia ou do progresso. Indolente, esquivo, mentiroso, ardiloso, enfim, vários são os adjetivos utilizados por aqueles que descrevem os povos que ocupavam a Amazônia, mas o *Roteiro* de João de Noronha foge a esta tendência. É claro que não se trata de um texto de um antropólogo do século XX, mas de um letrado do setecentos, que

312 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.195-196.

num dos seus textos procura ser mais descritivo e mantém certa distância do objeto, própria ao olhar do cientista. Desta forma, lista detalhadamente as nações indígenas, seus costumes, instrumentos, armas de guerra ou caça, adornos, festas e rituais:

11. As nações mais conhecidas do gentio, que ha na parte oriental do rio dos Tocantins, são: Apinagé: Timbira: Agurujá: Copegé: Amanajóz: Acarajé pitanga: Pururú: Panacumucú: Jony: Çuruamerim: Curuauaçú: Copepoty. Na parte occidental vivem os índios das nações: Grajacã: Grajuará: Uaya: Mucura: Turiuara, e de outras muitas: Os que habitão em uma, e outra margem superior á barra do rio Araguaia, estão situados em campos; e nas matas, os que ficão do Araguaia para baixo. As aldeas são populosas, e muitas de cada nação; especialmente do Copegé. Os Índios das nações Apinagé e Timbira são de corso, e usaõ por instrumentos marciaes de maças de pão, e para a caça de arcos e flexas sem veneno: o que também praticão os de outras muitas nações; sendo nas mais commum o uso de arco, e flexas, para a guerra, e para a caça: todos geralmente são valerosos, e inclinados á guerra. E de ordinário a movem uns contra outros em defeza das suas pedreiras, que estimão por servirem das pedras de fogo em falta de machado, e mais ferramentas. Naõ tem paz, nem commercio com os brancos: mostra com tudo a experiência, que achando elles algum branco desperso, ou prisionando-o em guerra, o não matão; antes pelo contrario o tratão bem, e lhe destinaõ logo mulher conforme os seus costumes.³¹³

Em relação à religião e festas,

13. Não, são antropófagos, nem idolatras. A sua religião é nenhuma. Ha porem entre elles Pithoés ou Feiticeiros, que só o são no nome, fingimento, e errada persuasão, a quem consultão para a predição dos successos futuros, em que se interessão, e recorrem para a cura das suas enfermidades mais rebeldes. Nas ceremonias, ritos, bailes, adornos de pennas, na rusticidade, e costumeis, não diferem dos mais índios da Província do Amazonas. Nas suas festividades maiores uzão os que são hábeis para a guerra da bebida, que fazem da raiz de certo pão chamado – Jurema – cuja virtude é nimiamente narcótica.³¹⁴

Percebe-se neste trecho a reserva descritiva do autor, sem excessos, sem adjetivos pejorativos e surpreende ao não afirmar que os índios são idólatras ou seus pajés a encarnação do demônio. As festas são no máximo rústicas e há no trecho a seguir um elogio velado à instrução recebida pelos índios jovens na aldeia:

313 NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitánias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862. p.5-6.

314 *Ibid.*, p.7.

Depois de sahirem do banho, que tomão geralmente todos os indios antes de amanhecer, é invariável o costume de ir um indio destinado para este ministério instruir no pateo, ou praça da aldea a gente moça na historia particular da sua nação, referindo o principio, e successos della. As suas transmigrações, ou mudanças (se tem havido) de umas para outras partes: as suas guerras passadas, e motivos dellas: as suas alianças, e confederações: as nações, que em algum tempo lhe foraõ falsas, e traidoras, ou constantes, e fieis: as que os tem beneficiado, ou aggravado: o heroico valor, e esforço dos seus maiores, e outras cousas semelhantes, que todos ouvem com attenção, e lhe faz uma indelevel impressão.³¹⁵

Esta postura mais respeitosa de Monteiro de Noronha na descrição dos índios levanta algumas questões. É possível que ele já adotasse uma posição mais "científica", descritiva, mas, também, não é completamente descartável a suposição de que seu texto reflete o novo tratamento dado às nações indígenas pelo Diretório pombalino. As determinações do Diretório procuram tratar os povos locais como súditos da coroa e, desde que devidamente civilizados, passíveis de nobilitação.³¹⁶ Considerando esta questão, talvez seja compreensível o tom mais ameno de Monteiro de Noronha na sua descrição das nações indígenas da região do Rio Negro.

Bem diferente é a postura do Ouvidor Sampaio. Ele percorre e supera, não sem dificuldades, os desafios impostos pelo "sertão" amazônico durante seu trajeto, tornando-se o protagonista da sua narrativa. Todavia, no seu relato há um perigo representado por uma personagem constantemente citada, pouco avistada, mas durante todo o trajeto "rondando" a expedição e o texto do nosso autor: o gentio Mura.

Os Mura tem sua origem na região do baixo Amazonas, entre os rios Solimões, Madeira, Autaz, Baetas, Marmelos, Mataurá, Aripuanã e Canumã. Os primeiros contatos registrados com os colonizadores se deram ao longo do século XVII, principalmente com a implantação das missões jesuítas. Com o tempo foi sendo construída a imagem na qual os Mura apareciam como destemidos, guerreiros ferozes, ardilosos e com tal mobilidade – "viviam em suas próprias canoas" – o que os tornava praticamente incapturáveis. Suas ações e emboscadas tornaram-se um constante empecilho ao avanço das missões, do comércio português e, principalmente, do projeto pombalino presente no Diretório.

315 *Id.*

316 FRAGOSO, J. La guerre est finie: notas para investigação em História Social na América lusa entre os séculos XVI e XVIII. In: FRAGOSO, J.; GOUVÉA, M de F. (Orgs.). **O Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v.1. p.34.

Seus hábitos culturais, menos conhecidos do que os da população tupi-guarani, reforçaram o imaginário de que era um povo sem a menor possibilidade de aculturação ou civilidade: não plantavam, não se fixavam em aldeias, não teciam, não realizavam comércio, mas, principalmente, não se sujeitavam a nenhum tipo de redução.³¹⁷

Os Mura atacavam com frequência as embarcações comerciais que realizavam o trajeto entre o Grão-Pará e o Mato Grosso, ameaçando a expansão do projeto colonial. Com o crescimento da exploração aurífera, a existência desta nação considerada rebelde justificou a organização de constantes "guerras justas" contras as populações indígenas da região. Além disso, epidemias de sarampo, varíola, infecções gastrointestinais dizimaram vários grupos indígenas que habitavam o rio Madeira, dentre eles os Mura, empurrando-os para as margens dos afluentes do Amazonas até o Solimões e a parte norte do Japurá e do rio Negro.

O Padre João Daniel, no seu *Tesouro Descoberto* conta uma história muito esclarecedora sobre as relações entre os brancos e os Mura:

A nação Mura também tem muita especialidade entre as mais. É gente sem assento, nem persistência, e sempre anda a corso, ora aqui, ora ali: e tem muita parte do Rio Madeira até o Rio Purus por habitação. Nem tem povoações algumas com formalidades, mas como gente de campanha, sempre anda de levante, e ordinariamente em guerras, já com as mais nações, e já com os brancos, aos quaes querem a matar, ou tem ódio mortal. E não só assaltam as mais nações, mas ainda nas mesmas missões tem dado vários assaltos, e morto a muitos indios mansos, de que se não puderam livrar, por serem repentinas, e inesperadas as suas investidas: e para as evitarem lhes e necessário fazerem cercas de pão a pique, e estar sempre alerta; e tem esta continua guerra, não porque coma gente, ou carne humana, mas por ódio entranhável aos brancos, a que estes mesmos deram muita causa. Tinha-os praticado antigamente um missionário, e eles dado palavra de saírem dos seus matos, e descerem para a sua missão no ano seguinte, depois do missionário lhe ter promptos, e prevenidos os viveres, panos, e ferramentas, para os vestir, e sustentar, enquanto eles não fizessem roças próprias. Neste ajuste estavam firmes; mas foi perturba-los um portuguez, que dele soube, deste modo. Preparou uma grande barca com o pé de ir às colheitas do sertão, como se costuma, foi ter com eles, e fingindo ser mandado pelo dito missionario, lhes disse que ele os mandava buscar: porque já tinha preparado roças, casas, e pano. Admirados responderam os tapuias, que ainda não chegava o tempo que o padre tinha ajustado com eles, e que ainda não podia ter promptos os viveres, e farinhas para comerem: porem o branco, com ações peiores que de preto, os soube enganar, e iludir de sorte, que eles persuadidos de que na verdade os mandava buscar o padre, se embarcaram, os que puderam na canoa do branco: ah! pobres, e miseriveis indios, em que mãos vos metestes, e a que lobo vos entregastes!³¹⁸

317 PEQUENO, E. da S. S. Mura, guardiães do caminho fluvial. **Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI**, Brasília, v.3, n.1/2, p.133-155, jul./dez. 2006.

Este e outros incidentes, provavelmente não exclusivos às relações entre os brancos e os Mura, contribuíram para a resistência desta nação à expansão do sistema colonial. Sua insubmissão aos interesses metropolitanos justificou o estereótipo de "gentio de corso" presente na bibliografia setecentista. Para o Ouvidor Sampaio a presença dos Mura representava um entrave ao progresso econômico, à colonização e neste sentido adquire o status de principal perigo que ronda sua viagem.

Para o viajante, se as terras do rio Madeira eram muito férteis, o cacau era abundante, as árvores eram frondosas o que, de fato, "estragava" este belo espetáculo natural era o "gentio de corço", o Múra. Não era possível ao colonizador navegar com tranquilidade e levar a civilização ao interior da Amazônia porque "emquanto as canoas trabalham a passalas, de cima despedem multidão de flechas"³¹⁹.

Quando foram encontradas minas de ouro na capitania do Mato Grosso e intensificou-se a navegação fluvial entre a região aurífera e as capitanias localizadas no norte, principalmente pelo rio Madeira, o enfrentamento tornou-se constante e com resultados desfavoráveis à população indígena. A diferença tecnológica nos armamentos utilizados na "guerra justa" aos Muras deve ter motivado a utilização de estratégias de guerrilha. Conhecendo melhor o território, os Mura surpreendiam os portugueses fazendo emboscadas, cavando trincheiras em pontos estratégicos e tornando as viagens um empreendimento de risco. Não é sem razão que o Ouvidor Sampaio, em determinado trecho do seu diário de viagem, defende, energicamente, a realização de uma "guerra total" de extermínio desta nação como única alternativa para a ocupação e exploração econômica da região sob sua jurisdição. O "remédio" para o mal que o Múra representava era "inteiramente profligar, e destruir esta nação, que por sua natureza conserva cruel, e irreconciliável inimizade com todas as mais nações, não exceptuando os índios"³²⁰.

318 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.264-5.

319 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.13.

320 *Ibid.*, p.76.

Mas se os Mura são uma das causas da insegurança da "sociedade universal das nações americanas" existem outras nações que pela sua "adaptabilidade" ou mesmo cor da pele e hábitos mais próximos daqueles que se consideravam civilizados, merecem o elogio do viajante. Este é o caso dos Cambébas:

São os Cambébas os mais civilizados, e racionáveis. A mesma sua côr he mais alva, e a figura elegante. Sempre uzarão de vestidos em ambos os sexos: cousa raríssima nos índios da America Meridional. São estes vestidos de algodão, que plantão, e fabricão as suas mulheres com admirável arte. Tecem cobertas, a que chamão tapeciranas de vários matizes, panno para o uso domestico de fio finíssimo, e outras semelhantes alfayas de algodão, com o que fazem utilíssimo commercio. Huma nação de índios fabricante, e comerciante pode-se ter por hum prodígio. E na verdade sempre deverão os Cambébas por estes motivos especial attenção aos viajantes. Os vestidos porem dos Cambébas não tinhão artificio algum. Não era mais que hum panno lançado para diante, e para traz, com hum buraco, poronde introduzião a cabeça, e dous nos lados para os braços.³²¹

Mais alvos, elegantes, vestidos e, principalmente, produtivos. Além de hábeis artesãos, sabem cultivar um dos produtos mais apreciados pelo colonizador: o algodão. Outros viajantes, alguns anos depois, não pouparão elogios às nações indígenas de pele mais clara e com hábitos europeizados. Não é sem outra razão que o Diretório Pombalino, no seu vigésimo quarto artigo estabelece que, dentre todas as culturas que as terras brasileiras podiam produzir, "nenhum he mais interessante que o algodão" e recomenda que aos Diretores que animassem os índios a produzirem esta cultura para o bem do reino e de outras nações estrangeiras.³²²

Assim, o olhar estético presente na observação relativa à elegância dos Cambébas alia-se aos objetivos econômicos do relato e nesta paisagem a presença de índios civilizados e trabalhadores é obrigatória.

Na mesma linha de representação do Ouvidor Sampaio seguem as observações do primeiro naturalista português. Além das observações botânicas mais próximas do que hoje chamaríamos agronomia, o texto de Alexandre Rodrigues Ferreira é rico em anotações sobre as populações indígenas. Na verdade, em relação a estes habitantes, o naturalista dedica um espaço muito mais amplo nas suas *memórias* onde o tema

321 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.73.

322 DIRECTORIO, QUE SE DEVE OBSERVAR NAS POVOAÇOENS DOS INDIOS DO PARÁ, E MARANHÃO: EM QUANTO SUA MAGESTADE NAÕ MANDAR O CONTRARIO. 1758. p.11. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/1929>>. Acesso em: 28 jan 2014.

foi mais aprofundado. São nas memórias que o discurso do etnógrafo se sobrepõe ao do relator. Mas no diário não faltam referências à população indígena, ora vista como fundamental para o sucesso econômico das reformas, ora vista como o tradicional entrave destas mudanças.

Não devemos esquecer que Alexandre Ferreira também viaja e escreve no período de vigência do Diretório dos Índios, o instrumento legal mais importante da reforma pombalina na Amazônia setecentista. Em relação aos projetos civilizadores anteriores, o Diretório traz uma série de novidades e, dentre elas, pode-se destacar a ideia de que seria possível a civilização dos indígenas por uma via predominantemente laica. Com o Diretório, as relações entre o europeu e o ameríndio deveriam ser administradas pelo Estado e seus representantes distanciando-se do Regimento das Missões que delegava aos religiosos quase que a totalidade do trabalho de organização e administração das nações indígenas.

Enquanto Alexandre Ferreira percorria a Amazônia e escrevia seu diário a publicação do Diretório dos Índios já havia completado seu trigésimo aniversário e o viajante atualiza *in loco* seus sucessos e fracassos. Observa atentamente a atuação dos Diretores quanto ao povoamento da região amazônica – com destaque para as vilas e povoações localizadas na fronteira – e aos descimentos dos índios.

As observações sobre a atuação dos diretores estão presentes em quase todo o texto. O que Ferreira encontra dificilmente o agrada e não são poucas as reclamações e solicitações para que providências sejam tomadas. No trecho no qual relata a situação do lugar de Lamalonga, localizado às margens do Rio Negro, o naturalista critica o modelo de substituição dos Diretores e os "ducados, marquesados e condados livres dos diretores" que subjagam os índios. Desta forma, na visão do viajante, os índios não tinham escapatória pois, ou ficavam sob a administração de diretores incapazes ou sob o arbítrio de chefes indígenas "feudais" que raramente concordavam e atendiam aos interesses do projeto colonial português. Vejamos o trecho:

Erigiu-a em lugar de Lamalonga o Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, quando elevou as outras povoações. Desta para cima, não consta que estendesse a sua visita algum dos três Ouvidores que tem tido a capitania, desde o bacharel Lourenço Pereira da Costa, criado primeiro Ouvidor dela por carta régia de 30 de junho de 1760, até ao doutor Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que o foi por decreto de 19 de setembro de 1772, com carta de 24 de março de 1773 para servir de intendente da agricultura, comércio, manufaturas etc. [...]
Protesto que o que vou a dizer é dito em geral. A minha intenção não é ferir alguém em particular. O diretor que é bom nos costumes, talvez não é o

melhor na inteligência e no manejo dos interesses da povoação. O que tem a esperteza de os manejar com vantagem, talvez não é o mais sisudo e composto nos costumes. Os poucos que há, nos quais concorrem ambas as circunstâncias de inteligência e probidade, sim sabem o como e o quando os devem promover; porém, toda a sua sabedoria não passa além de alguns bons desejos que, comumente, expiram garrotados às mãos do receio e da desconfiança. Eu sim plantara (é o que diz cada um) um bom cafezal para a povoação; eu disporia o cacoal, o arrozal e os mais gêneros recomendados. Mas de que me serve trabalhar com preferência, se, na ocasião de receber o fruto do meu trabalho, que são as sextas partes consignadas no *Diretório*, 30 hei de ser rendido pelo bem informado, que vem desfrutar o meu trabalho? E toma, com efeito, posse o bem informado. Talvez nunca ele viu a maniba, o café e o cacau; enquanto aprende, à custa da povoação, o que são estes gêneros, quando se plantam e como se cultivam, passam-se três e quatro anos. Ei-lo que estava nos termos de a dirigir, pela demora dos quatro anos que gastou em aprender a servi-la bem à custa dela, ei-lo rendido por outro, tão ignorante como ele era no princípio. Assim caem as povoações e recaem de infância em infância dos diretores, quando para seu maior mal não mudam de umas para outras mãos absolutas, e tão absolutas que nas suas vilas e lugares, ou antes ducados, marquesados e condados livres dos diretores, os índios sofrem atados à fiel coluna do seu sofrimento.³²³

Ferreira critica duramente aqueles diretores que se beneficiam do comércio das drogas do sertão em proveito próprio e em prejuízo dos demais habitantes das vilas e povoações. O desvio da maior parte dos lucros do comércio não possibilita o enriquecimento das povoações e, em consequência, inviabiliza o sucesso das reformas do Estado português. Em geral, informa o viajante, "quanto mais perdem as povoações nos anos críticos, ou pela falta de gente, ou pela vicissitude da estação, tanto mais ganham os diretores delas. Sei que não poucas vezes sucede não ter feito a povoação uma arroba de salsa, ou de peixe seco, e pararem não poucas arrobas de um e outro gênero nas mãos dos tais diretores"³²⁴.

323 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.105. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

324 *Ibid.*, p.106.

Uma das soluções adotadas pelo poder colonial para suprir a falta de mão de obra e povoar as vilas e povoados era a realização dos descimentos, procedimento que em termos de geografia simbólica a integração do índio se dava a partir da sua "descida rumo à civilização", isto é, ele não subia, mas descia e a floresta permanecia acima do espaço civilizado.

Além de informar aos seus superiores, em cada lugar visitado, quantos descimentos foram realizados, atualizando as estatísticas imperiais sobre a eficiência, ou não, desta forma de inserção do índio no projeto colonial, Ferreira não esconde seu ponto de vista sobre o tema:

Tanto custa a Sua Majestade e aos seus vassallos qualquer descimento destes. Nada convida ao gentio para descer por seu pé. O abrigo das leis, a segurança da vida, a salvação das almas são vantagens que desconhece e, se as conhece, não se-lhe dá de as perder. A sua ignorância quase que os reduz à consternação de se-lhes fazer bem por mal. Deles, não me admiro tanto como dos próprios domesticados. Toda a sua paixão e saudade é pelo mato que deixaram. Ali, o apetite animal é a lei dos costumes, ali são naturalmente preguiçosos, porque o mato, naturalmente, lhes subministra tudo o de que necessitam. A necessidade tem sido a mestra da indústria nos países cultos. Eles, que a não receiam, nem amam a indústria nem a sujeição aos costumes que são diversos dos seus. Por outra parte, não trataram muito de se fazerem amáveis aos olhos dos índios os primeiros que os desceram. Cuido que dura e durará no gentio a memória do tratamento que fizeram aos seus maiores. Daqui procede, talvez, a maior força de seu retiro, porque, suposto que já hoje se não cometem violências que em outro tempo cometeram os cabos dos descimentos (quando, depois de darem aos índios a sua palavra de amizade e deles receberem os ofícios da hospitalidade, os alienavam dos sentidos para, neste estado, os surpreenderem e cativarem), violências foram estas em que eles muito repararam e que, transmitidas de pais a filhos de então para cá, de tal modo radicaram em todos a aversão e horror aos brancos que, só a sua memória os embrenha nos matos para não experimentarem, cuidam eles, o mesmo que seus pais. Onde se segue que os muito poucos que descem por seu pé, indisputavelmente, não descem por fineza aos brancos ou predileção ao seus costumes, promessas ou aliciações, mas por uma escolha que fazem a seu modo de discorrer entre dous males que se-lhes representam, de, ou morrerem às mãos dos índios seus inimigos, ou descerem a servir aos brancos.³²⁵

Naturalmente preguiçoso, avesso ao trabalho e à indústria, mas, ao mesmo tempo, imprescindível ao sucesso do projeto colonial, o índio é figura fundamental na manutenção do império. De sua presença depende a fixação e o crescimento das vilas fundadas, no entanto, outro aspecto aparece no discurso do naturalista que destoa dos demais viajantes.

³²⁵ FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.134. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Em La Condamine, o índio só existe enquanto ser coletivo, ele é "intrépido por natureza"; "excelente nadador"; "embrutecido e servil"; "estúpido e limitado"; "canibal"; "mentiroso, crédulo e encasquetado com o maravilhoso"; "com gênio mentiroso e exagerador"; "preguiçoso"; "extremamente adestrados a combater o tigre". Sua denominação se faz em função do lugar que habita, da nação da qual faz parte. Este personagem não existe enquanto indivíduo e faz parte da paisagem como as árvores, os rios, as cachoeiras, ele é mais um elemento na composição da exótica paisagem amazônica.

Na "enciclopédia" do Padre João Daniel, o índio aparece como o "natural habitador do rio"; "brutal"; "testemunha de várias histórias", mas, ao mesmo tempo "aquele que tudo esconde do missionário"; "de tanto tino"; "selvagem"; "doméstico e tratável desde que no seio da Igreja"; "remeiro"; "cacique"; "principal"; "comedor de terra"; "tão inclinado a lavagens e banhos, como patos"; "destro e sagaz na caça"; "mui propenso a agouros"; "tão nojento"; "gente também disposta e proporcionada"; "viciado na bebedice", "ingrato", entre outros adjetivos. Esta lista não comporta todos os qualificativos, mais ou menos elogiosos, utilizados pelo Padre, mas se no *Tesouro Descoberto*, ele é um personagem mais ativo, mais presente, mas não deixa de ser um ser coletivo, "um índio", "aquele índio", "um tupinambá", um "goianaz".

No texto do Vigário José de Monteiro Noronha as nações indígenas começam a tomar uma forma mais definida, são localizadas, denominadas enquanto nações ocupando um determinado espaço. Já não são os "índios" genericamente falando que recebem os adjetivos do autor, mas as nações que são mais mansas ou belicosas, mais feias ou bonitas, mais rústicas nos costumes ou mais civilizadas. Todos "tomam banho ao amanhecer"; "não possuem religião nenhuma", são mais ou menos preguiçosos, fiéis, etc, mas suas características genéricas são decorrentes da nação de origem, são identificadas por ela. São índios das nações Pacayãz, Taconhapéz, Guanapú, Aroans, Nheengaibas, Mamayanaz, Anajãz, Mapuãz, Gojará, Píxipixi, entre outras. Aparece, então, no texto do Vigário, um esforço de classificação e mapeamento destas nações, mas, ainda não existe um índio, individualizado e identificado pelo nome próprio, seja o de batismo ou o de origem.

Somente no relato de viagem do Ouvidor Ribeiro de Sampaio, em 1775, surgem os primeiros índios com nomes:

O índio Domingos, do lugar de Lama longa, inflamado contra o seu missionário em vingança de este ter feito separar da sua companhia huma concubina, foi a primeira origem, e faísca deste voracíssimo incêndio, que chegaria a reduzir a cinzas todas as colônias portuguesas do Rio Negro, senão fosse brevemente atalhado. Conjurou-se o dito índio com os principaes João Damasceno, Ambrozio, e Manuel, e no primeiro de Junho do dito anno de 1757 acometerão a caza do dito missionário, e não achando arrombarão a caza, furtarão, e destruirão todos os seus moveis. Passarão os amotinados imediatamente á igreja, derramarão os santos óleos por terra, roubarão os ornamentos e vasos sagrados, arruinarão a capella mór, e finalmente botarão fogo á povoação.³²⁶

Foi preciso quase incendiar "todas as colônias portuguesas do Rio Negro", derramar os santos óleos, arruinar o templo sagrado e botar fogo à povoação, para que, pela primeira vez, dentro do grupo dos viajantes em análise, o personagem índio apareça com o devido nome de batismo mesmo que num retrato que destaque "toda a sua ferocidade". No entanto, não só pela fama de bandidos merecem os índios terem seus nomes revelados ao leitor. Outro, denominado o "formidável Ajuricába" é resgatado pelo autor graças à sua famosa, célebre e interessante história. Pois,

Era o Ajuricába Manáo de nação, e hum dos mais poderosos principaes dela. A natureza o tinha dotado com animo valente, intrépido, e guerreiro. Tinha feito huma aliança com os holandezes da Guyana, com os quaes commerciava pelo Rio Branco, de que já falamos. A principal droga deste commercio erão escravos, a cuja condição reduzia os índios das nossas aldeias, fazendo nellas poderosas invasões. Corria o Rio Negro com a maior liberdade, usando nas suas canoas da mesma bandeira holandeza de sorte, que se fazia terrível universalmente, e era o flagelo dos índios, e dos brancos.³²⁷

³²⁶ SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.106.

³²⁷ *Ibid.*, p.110.

Temos agora não apenas um índio com nome, mas um personagem digno de compor uma novela de corsários intrépidos e temidos "universalmente". Um herói amazônico antecipando, em muitos anos, o tipo de personagem tão caro ao nosso romantismo do século XIX.³²⁸

Depois de realizada a devassa, Ajuricába e seus irmãos Bebarí e Bejarí são julgados criminosos e perseguidos pelas autoridades lusitanas. Encurralados, são aprisionados por uma "luzida tropa portuguesa". Não conformado com sua prisão, no caminho para a cidade do Pará,

Teve a intrepidez de causar na canoa huma sobrelevação unido e conjurado com os mais prisioneiros que nella hiá, de sorte que foi necessário grande fortuna, para se apaziguar o motim: porem o Ajuricába vendo impossibilitados os meios de se ver livre da prisão, e obrigado a ceder á sua infelicidade, com incrível resolução, e animo se lança com os mesmos ferros, que levava ao rio, aonde achou na sua opinião morte mais heroica, doque a que alcançaria no patíbulo, que o esperava.³²⁹

De anônimo a herói, dono do seu destino, há uma mudança significativa na imagem que se constrói do índio amazônico e Alexandre Rodrigues Ferreira não foge à novidade, aliás, reforça esta ideia. No seu texto surgem vários índios, com nome, sobrenome, ofício e residência.

Para Ferreira, os índios continuam sendo classificados por nações, utilizados como mão de obra essencial para o sucesso da expedição, às vezes preguiçosos, inconstantes, perigosos, porém, fazem parte dos mapas populacionais, são contados, medidos, classificados. Nos mapas estatísticos presentes no final de cada participação já aparecem estes personagens:

³²⁸ Quem trabalha nesta linha de interpretação, com destaque, é: SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³²⁹ SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa. Typografia da Academia.1825. p.112.

Mapa dos Moradores Brancos, Índios Aldeados e Pretos Escravos
Existentes nas Povoações Subalternas à Comandância de São José de
Marabitanas de 19 de Novembro de 1785.

EXTRATO

Índios

Crianças do sexo masculino até a idade de 7 anos	50
Rapazes de 7 a 15	30
Homens de 15 até 60	108
De 60 até 90	9
De mais de 90	8

Aldeanos

Crianças do sexo feminino até a idade de 7 anos	35
Raparigas de 7 a 14	30
Mulheres de 14 até 50	93
De 50 até 90	15
De mais de 90	5

Resumo do mapa
que acompanha esta participação e de que se faz menção na página retro

	Santa Ana	São Filipe	Nossa Senhora da Guia	São João Batista	São Marcelino	São José de Marabitanas
Todas a pessoas livres em geral, todos os índios aldeados e todos os escravos	—	23	87	43	65	165
Todos os índios aldeados	—	23	87	43	65	165
Todos os fogos	4	11	13	6	8	14

O índio Domingos e seus "comparsas", da rebelião de 1757, em Lama Longa, ressurgem numa reprodução, na íntegra, do relato do Ouvidor Sampaio. Outros vão surgindo no decorrer do texto como o índio sargento-mor, Joaquim de Oliveira, da vila de Thomar; o índio Luís de Azevedo, oficial de ferreiro; o já citado herói Ajuricabá; o principal Silvestre José; o índio Manoel Maurício; os três principais Caetano, Bernardo e Tomás; o principal José Antônio; o índio ajudante Joaquim Ferreira; o principal Manoel José e o índio Jerônimo; o índio Marcelino, piloto; o índio Clemente José, ajudante da aldeia de São José; o índio Duarte, oficial de ferreiro da aldeia do Baruri; por fim, dentre outros, o índio Manacaçari, famoso por sua traição quando do descimento de alguns índios da sua nação.

Em setembro de 1755, uma reunião estratégica aconteceu em Mariuá (Barcelos), sede da recém-criada Capitania de São José do Rio Negro, no noroeste

da região amazônica. Foi articulada pelo governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e contou com a presença de importantes lideranças indígenas: os Principais Cucuí, Emu, Biturá, Manacaçari e Aduana.

A pauta era enganosamente simples: interessava ao governador, maior autoridade colonial na Amazônia Portuguesa, convencer os Principais a colaborar com os descimentos, a prática colonial de contato destinada a ampliar os incipientes núcleos coloniais por meio do deslocamento dos índios de suas aldeias e realizada com base em acordos com as lideranças indígenas.

Para desencanto de Mendonça Furtado, os resultados foram poucos; apenas Manacaçari concordou com o descimento enquanto os outros rejeitaram a proposta com desculpas "frívolas". De todo modo, não era tão ruim assim. Afinal, Manacaçari era um dos mais respeitados Principais daquele rio e era sabido que muitos estavam sob sua proteção.

Contrato feito, Manacaçari e Aduana prepararam-se para retornar às aldeias acompanhados por um grupo de 41 pessoas designadas por Furtado para concluir o descimento. Partiram rio Negro acima, em direção ao rio Marié, lugar acertado para o encontro com os índios. No dia 5 de outubro, após 23 dias de viagem, os Principais se separaram do grupo, afirmando que se adiantavam para "reunir sua gente" e preparar "um alegre encontro". Confirmando as suspeitas de um velho amigo de Manacaçari, o cabo de esquadra João Muniz que acompanhava a expedição, no dia e local combinado não havia ninguém.

O grupo esperou por três dias sem que os índios aparecessem. Percebendo que estavam nos arredores, resolveram tentar conversar com Manacaçari. O amigo Muniz saiu levando aguardente e, quando retornou, afirmou que os índios estavam fazendo farinha e logo deveriam se decidir. Contudo, revelou sua preocupação com a "inconstância dos índios" aliada ao fato de que estavam se juntando ao grupo outros Principais, com índios armados com arcos, flechas e arcabuzes. Outros 10 dias se passaram e mais um encontro frustrado; a canoa que deveria fazer o transporte dos índios esperou por dois dias em vão...

No dia 25 de outubro, mais uma embaixada foi feita, liderada por Muniz, acompanhado pelo Principal de Mariuá, Romão de Oliveira Jananitari, um soldado e 6 índios. Era a cartada decisiva do grupo, mas, nesta ocasião, as coisas tiveram um rumo bem diferente. Nada de desculpas "frívolas": Muniz foi morto com um tiro de

Manacaçari, depois de ter participado de uma festa na maloca. Também foram mortos Romão de Oliveira Jananitari, o soldado e dois índios. Os outros fugiram e retornaram ao acampamento luso para relatar o ocorrido.

A retirada foi rápida porque tal "foi o temor que se apoderou que deixou aos bárbaros a bandeira da real canoa", motivo de vergonha para o capitão Estevão José da Costa no retorno a Mariuá. Como disse Antonio Landi: "Eis o fim desta expedição feita com pouca cautela"³³⁰.

Sem dúvida, independente das múltiplas possibilidades de interpretação deste fato, o índio individualizado, com nome de batismo ou com seu nome original, é uma novidade no texto de Ferreira.

A Amazônia ocupada por índios batizados e colonos comprometidos com a causa colonial é o desejo de Ferreira expresso no Diário ao Rio Negro. Se o tom geral do autor em relação ao Diretório é o da crítica isto se dá porque encontra poucos exemplos que mereçam seu elogio. A Vila de Moura é uma exceção que merece o destaque do escritor:

É uma igreja pequena para o número de fregueses que tem; porém está coberta de telha e todo o seu emadeiramento se acha são e bem conservado, porque da parte do diretor nunca cessa o cuidado de vigiar sobre o cupim. As paredes também se conservam fortes e direitas, além de estarem caiadas por um e outro lado. Quanto a mim é a melhor das matrizes do Rio Negro. [...]

Segue-se depois da igreja, e contígua a ela, a casa da residência do reverendo vigário, a qual é térrea, porém coberta de telha e em tudo a mais proporcionalmente distinta em decoração, asseio e conservação, que se não acha nas outras vilas e lugares. Tem 4 casas que fazem outras tantas acomodações; todas têm portas de madeira, e as que precisam de segurança têm as fechaduras precisas. Tal é o efeito que quase sempre resulta da harmonia que fazem entre si os reverendos vigários e diretores, porém não são muitos os exemplos dela. O diretor ainda até agora não erigiu a casa da

residência para si; e certamente não procede dele ter sido omisso em a erigir como deve; mas, sendo ele, como sei e lhe ouvi dizer, um dos moradores brancos estabelecidos e casados na vila e possuindo nela duas propriedades de casas suas, assenta que, enquanto ele a dirige, algum serviço lhe faz em poupar ao comum dos índios a despesa que julga desnecessária.³³¹

330 SAMPAIO, P. M. "Aleivosos e rebeldes": lideranças indígenas no Rio Negro, século XVIII. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299083660_ARQUIVO_LiderancasIndigenasnoRioNegronoseculoXVIII.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2014.

331 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.330. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>.

"Tal é o efeito que quase sempre resulta da harmonia que fazem entre si os reverendos vigários e diretores", este, talvez, "o segredo do sucesso" da reforma pombalina. Com índios civilizados e constantemente atendidos pelos vigários e bem administrados pelos diretores seria possível recuperar a economia colonial e povoá-la dentro de um projeto que, em última instância, previa a riqueza e felicidade dos povos da região. Assim, nesta Amazônia transformada pelo zelo e pelo trabalho os moradores, que cultivam suas roças seguindo as determinações da coroa, que produzem os gêneros rentáveis ao sistema colonial e à manutenção da povoação, merecem os elogios do filósofo.

Súditos bons são aqueles integrados e obedientes São indivíduos com nome, sobrenome, teto e algum cabedal. Um índio com título de capitão e chamado Baltasar Luís de Mendonça é o que mais se distingue no cuidado de cultivar a terra e consegue pagar regularmente seu dízimo. Os moradores João Antônio, Valentim Fernandes, José de Vieiros e João Francisco merecem menção, mas José Gonçalves recebe atenção especial: ele cultiva o anil de acordo com a experiência e conhecimento científicos recebidos das autoridades coloniais e reforçados pelo viajante. Deste modo, não é desmerecido o elogio:

Nem me ele enganou a mim, nem eu a V. Excia., por que agora viu V. Excia. que, no limitado tempo de três meses fabricou ele, só pela sua parte, 7 arrobas e 11 libras de bom anil; das quais mandou V. Excia. fazer carga ao tesoureiro da expedição, para as remeter juntamente com as outras porções que completaram a soma das 40 arrobas que, no princípio do corrente mês de maio, foram remetidas para o real ministério. É certo que este é um dos bons ilhéus que se estabeleceram e casaram naquela vila; porque, ainda antes de se encarregar do anil, sempre foi amante das lavouras e colhia, nos anos de abundância, 200 alqueires de farinha, 104 arrobas de cacau e até 40 de café.³³²

O bom súdito é aquele "amante das lavouras". Não o comerciante ávido, muito menos o preguiçoso, mas aquele que contribui com o seu trabalho na construção imperial. E se ele for imigrante, português das Ilhas, "é certo" de que será um bom trabalhador e um estabelecido.

Se para Ferreira o branco trabalhador e o índio civilizado representam o tipo ideal do colono o que ele diz sobre o escravo africano? Em 2 de outubro de 1785, o Governador João Pereira Caldas escreve a Alexandre Ferreira comunicando o recebimento das participações do viajante e lamenta as notícias sobre o estado em

Acesso em: 19 fev. 2014.

³³² *Ibid.*, p.331.

que se encontra a vila de Thomar, que anteriormente era uma das mais populosas da região do Rio Negro.

O Governador, num tom pessimista, não espera muito progresso desta e de outras vilas se para isso dependesse da mão de obra local que, segundo ele, já dava mais do que era capaz. A única saída apontada pelo interlocutor do naturalista baiano seria o fornecimento abundante da "outra qualidade de operários escravos, que só fazem opulentos e felizes os moradores das mais capitâneas do Brasil"³³³.

Ferreira, no texto em análise, não discorda do Governador João Caldas quanto à importância de mais braços para a lavoura, mas não defende energicamente a adoção da mão de obra escrava oriunda da África. Ao criticar as frequentes deserções dos índios aldeados a partir dos descimentos ele cita os escravos africanos como exemplo para que o sistema adotado em relação aos descimentos fosse alterado. Era natural que os índios, não encontrando nas povoações coloniais condições adequadas de vida e trabalho, fugissem e retornassem aos seus locais de origem. Para Ferreira os escravos africanos também gostariam de fugir, mas não fugiam porque entre eles e sua terra natal havia um oceano de distância. Para o naturalista era a proximidade dos índios de suas terras de origem o que motivava suas constantes fugas. Talvez, argumenta, se fossem deslocados para regiões mais distantes se sentissem desmotivados e, assim como os africanos, permanecessem nas aldeias.

³³³ FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.100. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Deste modo, Ferreira não se detém muito na questão do escravo africano que toma na sua narrativa um lugar absolutamente periférico. O centro da crítica de Ferreira em relação à melhora da lavoura não é a adoção da mão de obra indígena ou africana e, sim, à melhor ou pior racionalidade econômica na utilização do trabalho. Numa posição claramente ilustrada, reformista, para ele não bastava importar mais africanos ou "outra qualidade de operários escravos" se os mesmos não fossem mais bem aproveitados:

O que [tudo] serve bem para provar quanto são próprios os terrenos desta para muitas produções das outras capitâneas e quanto se podiam coadjuvar delas os seus lavradores, se a estes não faltassem os braços e a atividade e o zelo em os aplicar. Uma sem outra coisa nada vale.

Repito que os que os têm, não os empregam, ou porque não sabem, ou porque não querem, e que importam que saibam ou queiram aqueles que os não têm para os aplicarem? Assim, ainda que a falta de escravos é neste Estado uma das causas principais do atrasamento da agricultura, esta, contudo, não é a única. Concorre a má distribuição dos poucos que chegam pelos lavradores mais indolentes, para os quais todos quantos chegam são poucos para os serviços domésticos, para acompanhamentos pomposos, para ostentações vãs de riqueza e de senhorio, o que me não é muito dificultoso provar, porque, reparando eu que haviam na cidade e pelos seus subúrbios [e distritos] não poucas casas de trinta, quarenta, sessenta, noventa, cento e cinco, cento e cinqüenta, até cento e setenta e tantos escravos, reparo também que não são as mais distintas em lavouras.³³⁴

Esta é a lógica defendida, utilizar a mão de obra sem o uso da razão representaria um grande desperdício de recursos tanto para o agricultor como para o império. E o escravo africano, neste processo, é apenas acessório.

Em meados da década de vinte do século XIX, Martius e Spix também apresentam seu retrato da população da Amazônia. Procuram explicar o comportamento da população branca em função da sua formação cultural:

[...] disposição de espírito, formação social e necessidades espirituais do habitante branco são de certo modo mais rurais do que nas cidades do sul do Brasil, mais populosas e animadas, de mais importante comércio. Os mulatos são os mesmos também aqui; é a mesma gente facilmente excitável, de grande vivacidade, pronta para qualquer partida, adversários do sossego, visando efeitos espalhafatosos. [...] Na alta sociedade, porém, prefere-se o jogo à dança, a qual é aqui esgotante exercício físico. [...] Em regra geral, porém, estou inclinado a crer que o habitante da região equatorial é menos amigo da música do que o das latitudes mais altas; como se o solene silêncio que paira aqui em toda a natureza favorecesse de preferência prazeres íntimos e quietos da contemplação e do estudo meditativo. Expressimos

334 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente.** p.256. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

aqui uma opinião oposta às mais correntes, pois nós mesmos tivemos ocasião de observar nesta região, sob o intenso calor da linha equatorial, facilidade extraordinária de compreensão, memória extremamente boa e até alta ilustração literária em indivíduos que a haviam adquirido quase sem auxílio alheio. A matemática e os estudos filosóficos têm aqui muitos adeptos.³³⁵

"Em regra geral" são as manifestações culturais da civilização europeia que devem ser valorizadas, pois são elas que transformarão a região equatorial num lugar habitável. E, para viabilizar este projeto civilizador é preciso que outra raça, diferente da primitiva, indígena, assuma esta missão. Esta "outra parte da população" é aquela formada pelos morigerados:³³⁶

A outra parte da população de Pará apresenta de fato condições mais auspiciosas. O espírito turbulento dos primeiros colonos foi-se, pouco a pouco, acalmando, quando Pombal, que bem avaliava a importância dessa província, dirigiu para aqui especialmente a emigração de Portugal e das ilhas. Os ilhéus têm, em geral, a fama de grande atividade, sobriedade, simplicidade e retidão, e, pela sem-cerimônia, são o contraste dos portugueses do continente. Além dessas condições da imigração, também o clima deve ter influído e alto grau para dar aos espíritos uma certa seriedade e calma. De fato, atualmente, não é possível ignorar os costumes sossegados e o bem-estar dos cidadãos de Pará. São de temperamento fleumático, sem a profunda veemência dos seus vizinhos do Maranhão e de Pernambuco, sensatos e benévolos. Em cidade alguma do Brasil encontra o recém-chegado europeu – que sem recursos, procura estabelecer-se – igual confiança, igual amparo, se somente mostra diligência.³³⁷

A capital do Pará pode não despertar tantos sentimentos, mas desperta confiança na realização do projeto civilizador por possuir uma população morigerada, formada por sensatos burgueses que, como o naturalista informa mais adiante, não participaram dos distúrbios decorrentes da cabanada. Quem participou desta insubmissão foram "bandos do populacho mal orientado". Na verdade, o habitante branco do norte da América portuguesa é um "homem do hemisfério sul, a quem o ardor do sol equatorial embotou a característica agudeza do temperamento

335 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.29.

336 Segundo o dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto, na edição de 1832, morigerado seriam aqueles que tinham bons costumes. Ver: PINTO, L. M. da S. **Dicionário da Língua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto**, natural da Província de Goyaz. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

337 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. *Op. cit.*, p.29.

meridional"³³⁸. Não deixa de ser interessante esta simpatia ao homem do sul expressada pelo viajante alemão, como se antecipasse estereótipos que seriam construídos no decorrer do oitocentos e ainda perduram na atualidade.

Os autores não detalham quem fazia parte deste populacho, mas não é difícil supor que dele participassem aqueles não-morigerados: mestiços, negros e índios. Este outro americano que também faz parte do quadro da natureza, apresenta-se diferenciado entre o aldeado ou semicivilizado, o escravo africano e o que se encontra no estágio mais primitivo da evolução humana.

Os africanos, designados pelos naturalistas como negros e mulatos, incomodam o olhar do europeu germânico que não está muito acostumado com a sua presença. Assim como outros viajantes estrangeiros do período, o texto de Spix e Martius apresenta certa ambiguidade quando se refere a esta parcela da população. Não muito habituados ao tráfico e suas condições desumanas ficam chocados com o que encontram, principalmente, na região sul do Brasil. Mesmo assim, dentro da postura evolucionista que defendem na qual a civilização europeia é o ápice, os negros são considerados uma "infeliz raça humana, de natureza inferior e bruta, levianos, arditos, muito mais próximos do macaco do que do homem":

Diante deles, estavam colocados, em dupla fila, os músicos da banda, com sapatos amarelos, e vermelhos, meias pretas e brancas, calças vermelhas e amarelas com capinhas de seda furadas, e faziam uma algazarra infernal com tambores, pifaros, pandeiros, chocalhos e com a chorosa marimba; os dançadores anunciaram o enviado com pulos e cabriolas, com as mais singulares caretas e as mais abjetas posições, e traziam os seus presentes, apresentaram tão bizarro espetáculo, que se imaginava estar diante de um bando de macacos.³³⁹

Macacos, mas com algum traço de humanidade que poderia se desenvolver com o convívio civilizado dos brancos. O tráfico negreiro, que em sua forma é criticado pelos dois alemães, no que se refere ao objetivo final, é aceito, pois sendo os africanos uma raça primitiva e inferior, a possibilidade de tornarem-se civilizados à luz do cristianismo e da influência europeia, justifica tanto o comércio de escravos como a própria escravidão.

³³⁸ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.29.

³³⁹ *Ibid.*, p.48.

Quando os cientistas visitam as casas dos moradores do povoado de Breves, na Ilha de Marajó, ao compararem as habitações dos índios e dos negros parecem indicar que o africano é mais propenso ao trabalho e com mais chances de progredir e civilizar-se:

Quando o normando do extremo norte europeu não tranca a sua cabana, porque confia na lealdade do vizinho mais do que em fechaduras e ferrolhos, o colono de raça indígena, em Marajó, deixa a sua choça aberta, porque não possui coisa alguma de valor e mesmo sem curiosidade espera tampouco segredos no vizinho. Quão diversa é, nesse sentido, a mentalidade do negro! Este fecha cuidadosamente a sua morada; apreciando a comodidade do lar, reconhece também o valor de suas posses, e é com isso estimulado à atividade e ao ganho.³⁴⁰

No entanto, a atenção dos viajantes é dedicada, majoritariamente, aos "aborígenes" americanos, o "habitante natural" da Amazônia. Há, sem dúvida, nas entrelinhas, uma busca pelo índio original, primitivo, ainda não contaminado pela civilização:

Estávamos agora separados, por uma fronteira natural, da bacia inferior do Japurá, e, com isso, da bacia do Amazonas. Devia supor achar-me agora num território incontestado dos aborígenes da América, ainda não tocado pelo sopro da civilização européia. Essa idéia tinha certo encanto para mim; e cercado por natureza selvática e homens primitivos em toda a sua rudeza, e mesmo os perigos, que víamos à nossa frente e atrás de nós, davam à minha posição um colorido particular. Os homens, com quem aqui convivíamos, mereciam esse nome só pelo que se encontra na sua alma como um ponto de cristalização; eram inteiramente imunes daquela civilização, que no curso do progresso havia-se sobreposto com mil facetas e tonalidades àquele núcleo inalterável de humanidade.³⁴¹

Mas este selvagem "intocado pela civilização", apesar de dar um "colorido particular" à paisagem, está longe de ser o "bom selvagem". Ele é constantemente identificado e classificado junto com os negros, com a classe mais baixa do Pará. Deste modo são incivilizados, sem instrução, conhecimento e ambição. Dispostos, no máximo, a satisfazer as "suas poucas necessidades, entre as quais figuram, principalmente, o "dolce far niente", a cachaça e as mulheres.³⁴² O tipo de trabalho

340 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.77.

341 *Ibid.*, p.226.

342 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.26.

no qual são utilizados são aqueles que não exigem muita disciplina e para o qual já são preparados socialmente, ou seja, a pesca e a lida com a navegação fluvial.

Criticando duramente as políticas coloniais de arregimentação dos índios, particularmente os descimentos, Spix e Martius fazem uma aberta defesa da atuação das ordens religiosas no processo de civilização dos indígenas, com destaque para aquela realizada pela Companhia de Jesus. Mas, de fato, não acreditam na possibilidade de transformação do índio em mão de obra útil à construção da civilização:

Tocamos aqui num estado de coisas contra o qual se opõe a filantropia do nosso agitado e provado século, muito mais do que nos tempos antigos. Lastimamos dizê-lo: a nossa convicção, baseada em alguns anos de observação dos aborígenes brasileiros, não concorda com a opinião geral acerca da perfectibilidade da raça vermelha. Foram baldadas as mais diversas e numerosas tentativas para estabelecer em pé de igualdade de direitos e deveres estes homens entre os demais habitantes da América; quando, além disso, uma desproporcionada mortalidade faz entrever que os filhos desta parte do mundo, cheia de vida material abundante, são de constituição tão fracamente dotada de força vital, temos de inclinar-nos à conclusão de que os índios não suportam a cultura mais alta que a Europa lhes quer inocular, e que a civilização progressiva, elemento vital da humanidade florescente, mesmo os destrói, como um veneno letal, e de que eles, assim como muitos outros seres da natureza, parecem destinados a decompor-se e sair do número dos vivos, antes de terem alcançado o mais alto grau de desenvolvimento, cujo germe está neles implantado. Consideramos, por conseguinte, os homens vermelhos, um ramo atrofiado, no tronco da humanidade, destinado a apresentar apenas tipicamente quase uma forma física de certas propriedades que fazem parte do ciclo, ao qual o homem está sujeito como criatura natural, porém incapacitados de produzir as altas flores e frutos da humanidade.³⁴³

O índio de Spix e Martius ainda não é o do romantismo brasileiro do século XIX. Não é o personagem do indianismo tão caro à construção da ideia de Brasil enquanto nação. O olhar naturalista que em relação às espécies vegetais procura tudo individualizar, classificar dentro da mais estrita disciplina dos manuais de Linneu, a ponto de não se referir a nenhuma espécie conhecida sem citar entre parênteses o nome científico, ao se referir aos habitantes locais faz generalizações absolutamente etnocêntricas. Se a diferença, a individualização é um dos objetivos da "herborização", o mesmo procedimento inexistente em relação aos índios que como coletivo são incapazes. Aqui, a unanimidade da acusação e a globalidade de seu objeto instituem o colonizado como preguiçoso, inferior, entre outros adjetivos convenientes à posição subalterna do índio, num discurso francamente desqualificador.

³⁴³ *Ibid.*, p.48.

Na verdade, este tom é mantido durante toda a narrativa do último volume de *Viagem pelo Brasil*. E para reforçá-lo, o viajante afirma que nem economicamente a escravização do índio é viável. "Os mais ilustres estadistas do Brasil", afirma Martius, já chegaram à conclusão que todo investimento feito em relação aos índios nunca deu o mínimo retorno aceitável. Como o destino "natural do índio" é a sua extinção e a importação crescente de africanos demonstra que o negro é mais produtivo, melhor seria devolvê-los à tutela das ordens religiosas para que por sua própria conta e risco os tornem "no gozo de certa liberdade, adequada à sua natureza" operosos para o bem do Estado.³⁴⁴

Existem, no entanto, alguns exemplos particulares e algumas tribos que poderiam fornecer alguma esperança de "perfectibilidade humana" a ser alcançada na evolução da espécie. Um deles é "o bom índio Gregório", que acompanhou a expedição a partir da Vila de Ega, amigo dos brancos, conselheiro e guia dos naturalistas. É este "bom índio" que intermedia o contato entre os cientistas e a tribo dos Passés, que por sua constituição física são "os mais belos da região do Rio Negro":

Albano, o principal dos passés, apresentou-me uns trinta de seus companheiros de tribo, que, certamente pelas bonitas feições e pela esbelteza da estatura, justificam a voz geral, segunda a qual são esses os mais belos índios do Rio Negro. Já a cor mais clara do rosto os distingue dos seus vizinhos; ainda mais, porém, a delicada estrutura dos membros e uma altura e harmonia que em geral faltam na raça americana. As extremidades mais finas em comparação às dos outros índios, pescoço mais comprido; as clavículas mais salientes e o peito mais estreito, porém de musculatura mais carnuda, o abdome gracioso, menos saliente, os quadris mais esguios: - tudo fazia lembrar mais a estrutura caucásica.³⁴⁵

Além da sua "estrutura caucásica" os Passés tem a qualidade de se vestirem quando chegam estranhos. As mulheres vestem saias de algodão riscado e um estreito corpinho de algodão, tingido de preto e de mangas curtas. Os homens se vestem com uma camisa de manga curta e, no geral, a "índole desta tribo corresponde ao seu exterior agradável", eles são dóceis, afáveis, francos, pacíficos e diligentes.

O oposto dos Passés são os Miranhas e seu principal João Manuel. Os Miranhas são uma horda de "antropófagos, que, mal falando a língua nativa, não têm noção de soberania, nem a toleram e, na sua insensível arrogância, querem governar-se a

³⁴⁴ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.48.

³⁴⁵ *Ibid.*, p.207.

si mesmos"³⁴⁶. Rudes até a bestialidade, são liderados por João Manuel, que orgulha-se de usar calças e camisas, comer em prato de louça e diariamente fazer a barba. Este principal usa e domina os códigos necessários para ser identificado como civilizado, mas, diferente do bom Gregório, não é pacato, dócil ou obediente. Desta forma, todos os seus atributos como civilizado voltam-se contra ele. Pois o comportamento de João Manuel, abertamente rejeitado pelo narrador, é um exemplo de *sly civility*, ou civilidade dissimulada como teoriza um dos principais pensadores da teoria pós-colonial o indiano Homi Bhabha.³⁴⁷

Um índio que adota um nome cristão, mesmo que não batizado, usa vestimentas europeias, adquire hábitos europeus e fala a língua do colonizador, mas, principalmente, age como o colonizador controlando uma rede de tráficos de escravos está se apropriando, na visão do naturalista, indevidamente, dos códigos da civilização europeia. Este deslocamento da posição do subalterno incomoda a construção do retrato do indígena.

Como já dito, os relatos aqui analisado apresentam uma geografia imaginativa³⁴⁸ que permeia todo o texto. Sob este ponto de vista as paisagens construídas demonstram o quanto as fronteiras são culturais, simbólicas e arbitrárias. Said, fazendo a leitura de Bachelard, assinala que o espaço objetivo é muito menos importante que a essência de que é poeticamente dotado, que é em geral uma qualidade com um valor figurativo ou imaginário que podemos nomear e sentir. Desse modo, ainda segundo o autor, este processo poético ajuda a mente a intensificar a percepção de um determinado lugar, a imaginar determinada paisagem.³⁴⁹ E este processo poético talvez se manifeste de forma mais contundente quando o viajante se enxerga dentro da paisagem, quando ele se olha como parte integrante daquilo que representa.

2.6 AUTORRETRATO

³⁴⁶ SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p.230.

³⁴⁷ BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. p.139-149.

³⁴⁸ Empresto o conceito de geografia imaginativa Edward Said formulado no livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*.

³⁴⁹ SAID, E. W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.92.

Na paisagem, ou paisagens, até aqui construídas, o viajante-em-movimento percorre uma região inóspita, bela, perigosa, rica e ocupada por populações diversas. O viajante, por uma questão de sobrevivência, procura transitar, preferencialmente, pelas rotas conhecidas. Na verdade, sua solidão é muito mais poética do que real. Estar efetivamente sozinho no labirinto amazônico era no século XVIII – talvez ainda hoje – assumir um risco dificilmente desejado por algum dos sete filósofos-viajantes estudados. Um grande grupo de apoio sempre esteve na retaguarda das viagens de exploração, formado por pilotos, carregadores, remadores, cozinheiros, soldados, funcionários da coroa, dentre outros, que contribuíam para o sucesso da missão.

Nenhum dos viajantes cujos relatos são aqui analisados expressou abertamente seu arrependimento por realizar a viagem. Cada um deles, herói de sua própria narrativa, passou por dificuldades, enfrentou o desconhecido, doenças, algum tipo de trapaça ou azar, mas, em momento algum, desejou estar em outro lugar. Todas as viagens assumem, assim, um momento único em suas vidas, momento a ser registrado e, se possível, exposto para a admiração dos seus leitores e pares letrados. Acredito que este sentimento de autovalorização está presente em todos os relatos e nas composições das paisagens que realizam, nas quais estão indissociavelmente imbricados aquilo que viram e como se veem.

Na verdade, ao assinalarmos anteriormente os sentimentos e as características dos narradores de cada relato, também apresentamos passagens nas quais o autorretrato do viajante torna-se visível. O medo, a irritação, as inseguranças ou o deslumbramento mostram uma das facetas destes viajantes quando imersos no ambiente.

Este "olhar-se" dá sentido à narrativa, dá a ela seu caráter de verossimilhança e qualifica a narrativa como "verdadeira". Enfim, torna a narrativa mais humana e coloca o herói-viajante em posição de superioridade de conhecimento sobre a região em relação ao leitor, mas não sobre as leis da natureza que procura conhecer.³⁵⁰

A presença física do viajante na paisagem e a interação com a natureza humanizam o personagem e, deste modo, o aproximam do leitor. Este recurso foi amplamente utilizado por La Condamine, tanto em relação às suas "peripécias", como no trágico relato da Mme. Godin.

350 TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Cidade do México: Premia Editora de Livros, 1981. p.9.

Ao iniciar sua viagem, "para atravessar, do ocidente para o oriente, todo o continente da América meridional"³⁵¹ La Condamine segue a rota de Zaruma, pequena Província situada a Oeste da Província de Loja (hoje pertencente ao Equador). O narrador, em primeira pessoa, se apresenta pela primeira vez ao leitor e destaca seus conhecimentos científicos após, em nota de rodapé, informar que graças à sua argúcia escapou de uma emboscada preparada por seus inimigos locais.

"Achei em Zaruma a altura barométrica de 24 polegadas e 2 linhas (0,6546mm)" afirma o cientista, aproveitando para expor neste parágrafo seu conhecimento acerca das diferenças climáticas da região e seus contrastes:

Suponho aqui já estarem todos informados de que durante a nossa longa estada na província de Quito, debaixo da Linha Equinocial, reconhecemos constantemente que a elevação do solo maior ou menor decide quase inteiramente do grau de calor, e que não é preciso subir 2.000 toesas para a gente se transportar de um vale queimado dos ardores do sol até o sopé dum acúmulo de neve tão antigo quanto o mundo, a coroar uma montanha vizinha.³⁵²

Provavelmente, o leitor já informado deva ser o dos seus pares da Academia Científica de Paris, mas para aquele não tão esclarecido a imagem que se forma é a do cientista com seus instrumentos medindo, calculando e, intrepidamente, se deslocando entre um "vale queimado dos ardores do sol" e uma montanha coberta por um acúmulo de neve tão antigo quanto o mundo. Há em La Condamine um acento na sua condição de viajante-solitário, aventureiro frente às forças da natureza que ele enfrenta e supera.

Há também, além do deslumbramento, um sentimento de humildade ou mesmo pequenez perante a grandeza do território e do trabalho a ser realizado pelos naturalistas para catalogar a imensa variedade de espécies existentes na região da Amazônia. "Pode-se calcular qual seja a abundância e variedade das plantas", afirma o autor para logo a seguida afirmar:

[...] ousou dizer que a multidão e a diversidade das árvores e plantas que se descobrem nos bordos do rio das Amazonas, desde a cordilheira dos Andes até o mar, inclusive todos os afluentes que para ele concorrem, dariam vários anos de trabalho aos mais laboriosos botânicos, e empregariam mais de um desenhador. Não falo senão do trabalho que exigiria a descrição

351 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.48.

352 *Id.*

exata de tais plantas, e sua arrolação em classes, gêneros e espécies. Que será se alguém quiser considerar as virtudes que são atribuídas a várias delas pelos naturais do país? Exame que é, sem dúvida, a parte mais interessante de semelhante estudo. [...] Tudo quanto pude fazer de útil neste particular foi recolher sementes nos lugares por onde passei, sempre que isso me foi permitido.³⁵³

A narrativa que constrói um naturalista-aventureiro, o qual enfrenta corredeiras e pontes suspensas sobre penhascos andinos, apresenta neste trecho o cientista que admite suas limitações perante um trabalho de catalogação quase infinito. A expressão "tudo quanto pude fazer de útil" desloca o personagem para uma posição secundária no quadro da natureza amazônica posto para o leitor. Alerta, consciente dos seus deveres, com seus instrumentos, mas pequeno frente a tão grande desafio.

Em outra passagem, La Condamine aparece como astrônomo para na virada do dia 31 para o primeiro de agosto de 1743, observar uma emersão do primeiro satélite de Júpiter. Seu objetivo era o de estabelecer um ponto de longitude e corrigir as coordenadas existentes sobre a exata localização da foz do rio Napo. Observações astronômicas à parte, o narrador destaca as dificuldades de um cientista na selva amazônica:

Fiz a minha observação com grande felicidade, apesar de diversos obstáculos, e então colhi o primeiro fruto da trabalhadeira que me havia dado o transporte de uma luneta de 18 pés, através de bosques e montanhas, por uma derrota de mais de 150 léguas. Meu companheiro de viagem, cheio do mesmo zelo, me foi em tal ocasião, como em muitas outras, de um grande valimento, pela sua inteligência e atividade.

A imagem de um astrônomo carregando uma luneta de cinco metros e meio por um trajeto de cento e cinquenta léguas – por mais que saibamos que quem carregava a luneta era a invisível equipe de apoio – é forte o suficiente para marcar a trajetória intrépida do cientista.³⁵⁴ Ser cientista no século XVIII, "dava uma imensa trabalhadeira" e o viajante, como "servo do saber" cumpre seu dever frente a todos os obstáculos.

No autorretrato que La Condamine constrói, em alguns momentos intrépido, em outros humilde, há uma determinada passagem em que o aventureiro aparece numa

353 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.71.

354 Ideia esta que para mim, leitor do século XXI, remete ao Fitzgerald alucinado a transpor morros e matas com um barco, à custa de vidas humanas e muito sofrimento.

situação inusitada: a do viajante "mudo" que se comunica por sinais. O colonizador, até então detentor da linguagem, mesmo que por meio de tradutores contratados, emudece. Isto ocorre ao chegar na localidade de Coari, onde sem intérpretes espanhóis ou portugueses o viajante se encontra com os índios locais. Assim ele relata o acontecido:

[...] em Coari, aonde não pudemos chegar, malgrado todo nosso esforço, senão após a partida do missionário para o Pará, vimonos no meio dos índios sem que pudéssemos conversar a não ser por sinais, ou com a ajuda dum curto vocabulário que eu tinha feito de perguntas escritas em sua língua, e que infelizmente não continha as respostas. Não deixei de tirar deles alguns esclarecimentos, sobretudo para os nomes dos rios. Notei também que eles conheciam diversas estrelas fixas, e que davam nomes de animais a diversas constelações. Eles chamam as Híades, ou cabeça de touro, "tapiiraraiuba", dum nome que significa em sua língua "queixada de boi"; eu digo "hoje", porque, desde que foram transportados os bois da Europa para a América, os brasileiros, como os naturais do Peru, aplicaram a esses animais o nome que davam, na sua língua materna, ao "alce", o maior dos quadrúpedes que eles conheciam antes da chegada dos europeus.³⁵⁵

Esta citação remete às reflexões que Hommi Bhabha faz em relação à mímica presente nas relações entre o colonizado e o colonizador. Porém, nas análises que Bhabha realiza, ele privilegia o subalterno enquanto imitador do europeu, produzindo e reproduzindo imagens de si mesmo baseando-se na cultura e na sociedade dos dominadores.³⁵⁶ Mas, neste pequeno trecho, a mímica, esta "articulação dupla", nas palavras do autor indiano, foi a saída encontrada pelos viajantes para se comunicar com os índios, isto é, partiu do colonizador em direção ao colonizado. E, mais uma vez, como quando enfrentava os "perigos da selva", as corredeiras do Pongo, La Condamine consegue superar o desafio confirmando sua imagem heróica. Mesmo mudo, ele detém a tecnologia e o conhecimento representados pelo caderninho de anotações que possui algum vocabulário indígena. Pela mímica, reafirma sua condição de superioridade ao dizer "não deixei de tirar deles alguns esclarecimentos, sobretudo para os nomes dos rios". É importante assinalar a maneira como La Condamine se refere ao modo como os indígenas descrevem as constelações. Mesmo utilizando a mímica para se comunicar, ele não deixa de garantir a superioridade cultural na "leitura das estrelas". Inventa uma palavra pela qual os índios nomeariam a constelação

355 LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.48. p.87.

356 BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. p.130 e segs.

de Hiades e cujo significado seria "queixada de boi" em substituição à denominação "alce". Seria de se supor que dentre a enorme variedade da fauna local os índios escolhessem justamente o boi ou o alce, animais de origem europeia, para descrever uma constelação? No autorretrato construído pelo viajante francês, a imagem da superioridade europeia frente aos desafios da natureza amazônica e seus habitantes é constante.

Se La Condamine dedica boa parte do seu texto para configurar seu autorretrato de um "viajante-aventureiro" o Padre jesuíta João Daniel se aproxima mais de um etnógrafo, um "turista aprendiz" que percorre a Amazônia. Neste percurso, a utilização da primeira pessoa do singular, mais do que exprimir sentimentos particulares traz em si o argumento de autoridade, de testemunho ocular, de veracidade dos fatos narrados. Deste modo, o foco não se detém muito no viajante, mas naquilo que ele descreve e confirma por ter vivenciado o narrado. Não há muito espaço para lamentações, superações de obstáculos ou desafios. O que predomina é o maravilhamento perante o tesouro descoberto que deve ser dado a conhecer a seus leitores.

O viajante que descreve as maravilhas da fauna, da flora, da geologia e dos habitantes amazônicos. Se detém, numa determinada passagem do relato, a descrever o peixe-espada e aproveita para relatar uma luta entre provavelmente uma onça e um "peixe-espadarte":

[...] também é peixe do salgado, e tão atrevido, que briga com a [roto o original] da mata ferindo-a nos lombos com a sua espada, e como ela é tão grande bruto, quando levanta a cauda, e chega a descarregar o golpe contra o espadarte, que supde ainda da banda, em que a primeira vez a ferio, já ele como mais ligeiro esta da outra banda, e dando outro salto em cima dela, torna a feri-la, e torna a saltar para a parte oposta, e triunfa dela. Eu observei uma vez esta peleja e tão de perto, que estava vendo quantos saltos dava o espadarte, tão altos, que me parece, não ceder nenhum à altura de um homem de mediana estatura.³⁵⁷

O desenrolar da narrativa não recai sobre o viajante e sua superação frente a uma situação de perigo, mas sobre o próprio objeto da descrição: a provável luta entre um felino e um peixe.

357 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.101.

Em outra passagem, que considero muito interessante, João Daniel discorre sobre o "bicho-preguiça" utilizando-se de uma ironia fina e bem-humorada. Novamente ele aparece como espectador, "testemunha ocular", com certo distanciamento, que poderíamos arriscar dizer, científico:

Aí é o bicho do Brasil, que há mais aparentado em todo o mundo, não por haver muitas espécies debaixo do mesmo nome, pois não se sabe mais que de ãa; mas porque em todo o mundo tem muitos imitadores da sua vida. Chama-se em bom português preguiça, e na verdade não é nome vácuo, fantástico, ou sombra de nome, como o é o de muitos, que tern nome grande, e não são homens de grande nome nas suas acções. Não assim o aí, ou preguiça do Brasil, porque o seu nome diz, e condiz em tudo com as suas acções.³⁵⁸

A narrativa segue descrevendo o bicho-preguiça, comentando sobre sua vagareza e o tempo que demora para levantar-se no qual caberiam as rezas de muitos e mui devotos Padre Nossos e outras tantas Ave Marias:

Gasta tanto tempo para levantar uma mão, e pegar em algũa cousa, ou mover algum pé para dar algum passo, que quem é diligente no comer, tem tempo de jantar, ou cear. É enfim um monstro de preguiça, e monstro tão vagaroso, e preguiçoso, que parece, que não só não se achara semelhante, mas nem ainda termos cabaes para se explicarem os seus vagarosos termos, e intermináveis vagares. De sorte, que eu mesmo o teria por quimérico, se não o tivesse visto, e admirado por vezes, e ainda fustigando-o para ver se com os açoutes, ou acordava, ou se estava acordado, como na verdade estava, se espertava, nunca foi possível tirá-lo daquele natural letargo, e vê-lo dar um passo inteiro no espaço de meia hora, ou mais, que me detive.³⁵⁹

O autorretrato que João Daniel constrói é a do observador, que experimenta, "cutuca" o objeto de sua atenção, testa, experimenta e, em alguns momentos, fica maravilhado. Neste mundo apresentado ao leitor, onde peixes lutam com onças, bichos-preguiça são comparados aos humanos, também há lugar para um coral formado por símios.

Ao descrever o macaco guariba, o padre explica porque são chamados de coristas e faz interessante comparação com um coral de frades. Chega ao ponto de afirmar que parecem ter mais respeito a Deus do que os próprios homens. Na sequência, de forma irônica e bem humorada, compara a suposta fé dos macacos – já que

358 *Ibid.*, p.144.

359 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.145.

cantores e como tal mais próximos de Deus – com a de outros crentes de outras partes do Império Português e da Igreja Católica, considerando, com uma boa dose de sarcasmo, os animais mais fiéis do que os próprios católicos. A citação a seguir é um pouco longa, mas rica e interessante ao descrever um grupo de símios como um coral com seu regente:

A segunda espécie são os macacos guaribas, cuja república mais pareceracional, que brutal; e cuja vida, e instinto, mais parece discurso racional, e vida humana, que beluina. A propriedade, porém mais notável, e admirável destes macacos está no seu cantar, ou salmear com tão bela ordem, e com tal regulamento, que parecem frades a cantar, e salmear em coro; e so lhes faltam as vozes humanas para ser omnímoda a semilhança: tanto,

que o nome mais conveniente aos macacos guaribas seria chamarem-nos coristas. [...] Chegado o tempo, e hora de coro, sobem a cima das mais altas árvores, e mais espaçosa nas suas pernadas, e ramos, para poderem caber todos, porque andam em grandes comunidades, e as árvores, que sempre são as mesmas, são pouco copadas de folha, ou porque lhes desbastam, e alimpam por dentro, ou porque de sua natureza são menos umbrosas. [...] Sobidos todos a árvore, ou coro, pelas suas pernadas, e ramos se acomodam cada um conforme a sua gravidade e ancianidade, deixando desocupada a cima das principais pernadas no meio da árvore, e eles todos a roda nos seus lugares tão quietos, e com tal silêncio, que se não vê, nem sente bulir, nem a folha. Postos neste alto silêncio, dá o mestre da capela, ou vigário do coro o compasso, que é um passeio apressado pela verga, ou pernada do meio expedita, e acompanha o passeio, ou compasso com a voz, ou urro semelhante a um baixão. Levantada a antífona, logo todos os mais dos seus lugares acompanham o vigário do coro com o seu canto, já levantando, e já abaixando, agora fazendo alguma pausa, ou mórla, depois apressando mais ou menos: umas vozes garganteando, outras só entoando: e entretanto não cessa o vigário do coro, ou mestre da capela de dar o tom, e fazer o compasso apressado, e apressando o passo de cima para outra ponta da pernada, enquanto dura o coro, que é por algumas horas tão bem entoado, que alguns dizem ser só a voz do vigário[;] ouve-se de muito longe.³⁶⁰

De dentro da cena, tão maravilhosa quantas aquelas que se referem aos diamantes que são expelidos da terra a uma altura de centenas de metros, ou aos homens marinhos que vivem nas profundezas dos rios amazônicos, a narrativa do religioso vai buscar no modelo da *Schola Cantorum* os elementos de comparação. A presença do autor como testemunha do acontecido, para torná-lo mais verossímil, desloca a natureza amazônica setecentista para o canto gregoriano de raízes

³⁶⁰ DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.149.

medievais. A Antifonia musical, fusão de intervalos empregados pelo órgão e pelo falso bordão, era um recurso utilizados pelos músicos medievais para ajuntar várias melodias independentes³⁶¹ e reproduzido pelos macacos cantores do Padre João Daniel! Não a possível riqueza musical dos habitantes naturais da Amazônia ou a dos colonos luso-brasileiros, mas a dos frades cantores europeus que é apresentada ao leitor numa cena inusitada.

Como já foi afirmado, é de forma mais indireta do que direta que o jesuíta João Daniel se mostra, se autorretrata e, deste modo, não são muitas as passagens

³⁶¹ ANDRADE, M. **Pequena história da música**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p.47.

do seu texto em que é possível destacar esta faceta do viajante. Mas há mais uma em que ele surge vacilante ou desconfiado da eficácia de sua missão salvífica. No décimo capítulo, dedicado a descrever "a lei dos índios do rio Amazonas", discorre sobre as nações indígenas, seus hábitos e costumes. Na parte dedicada à idolatria, o padre faz uma breve referência àqueles que considera os principais idólatras da América: os Impérios Inca e Asteca. Em seguida, argumenta que os índios do rio Amazonas não seriam totalmente idólatras, apesar de darem nomes especiais ao Sol e à Lua. Algumas linhas depois, relata uma ocasião em que desconfiou da fé dos indígenas convertidos:

E na verdade tem ocasiões, em que festejam muito a lua, como quando aparece nova: porque então saem das suas choupanas, dão saltos de prazer, saúdam-na, e dão-lhe as boas vindas, mostram-lhe os filhos. e a modo de quem os oferece, estendem os braços, além de muitas outras acções, ostensivas, de quem na verdade a adora. Tudo isto presenciei eu mesmo, achando-me no campo com alguns, não só baptizados, mas também ladinos: porque gritando um, que via a lua, os mais, que estavam recolhidos em uma grande barraca, todos saíram a festeja-la: e alguns entre as mais acções de alegria, estendiam os corpos, puxavam-se os braços, mãos, e dedos, como quem lhe pedia saúde, e forças em tanto que eu cheguei a desconfiar, de que estavam idolatrando. E se assim faziam os mansos educados, e doutrinados nos dogmas da fé de Cristo, que farão os bravos, e infieis?³⁶²

Para nós, leitores de um novo milênio, a desconfiança do padre é mais do que justificada, porém no complexo jogo de traduções culturais da zona de contato, as certezas não eram tão facilmente conquistadas e nosso jesuíta surge não tão maravilhado, mas angustiado.

Se no relato do padre Inácio, o autorretrato é construído de maneira mais indireta, o mesmo não ocorre com os viajantes posteriores. Para eles, quase sempre nos momentos de perigo é que o narrador se auto descreve com mais vagar. Dentre estes perigos estão, além dos fenômenos climáticos, como as repentinas tempestades, as "pragas dos insetos". Ao se referir às "pragas do sertão" o mais comum é a narrativa em primeira pessoa como a do Ouvidor Sampaio:

362 DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. v.1. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95). p.237.

Acabada a enseada, passando junto de huma ilha rodeada de vistozos paizes, nos accometeo huma horrivel trovoada, perigoza naquella situação por cauza dos baixios. Vimo-nos porem obrigados a correr com ella, içada a vella a meio mastro, e outras vezes menos, e com Ella chegarnos defronte do rio Purú, aonde entrou a aplacar, e daqui atravessamos para a margem meridional a procurar huma ilha, quasi fronteira á boca do mesmo Purú, que por aquella parte desagua no *Solimões*, na altura austral de três grãos, e cincoenta minutos.³⁶³

A trovoada foi horrível e perigosa e obrigou a expedição a procurar um abrigo. Graças às habilidades da tripulação o pior é evitado, mas em nenhum momento o narrador se desespera, pois tem tempo de medir com precisão sua localização geográfica, reforçando a imagem do viajante corajoso, seguro de si que, em meio a uma tempestade, não larga seus instrumentos científicos. Mas, às vezes, o autocontrole não resiste à guerra contra um dos principais inimigos: o mosquito. O Ouvidor Sampaio reclama constantemente desta "praga":

Á noite fomos portar á boca do lago Taracajás, para juntamente nos livramos de huma trovoada, que ameaçava; porém pouco tempo nos dilatámos, porque foi tanta a praga de mosquitos carapanãs, que mudámos de lugar, continuando a navegação por huma noite tenebrosa. Chegámos ao lugar, que nos pareceo seria mais livre da praga, mas ficámos enganados, porque havia mais. Ninguem pôde dormir, e pelas duas horas da madrugada principiámos a navegar. Desesperada situação até o meio dia! por que o carapanã, que ficou da noite antecedente, continuou a fazer-nos guerra, juntamente com innumeravel pium.³⁶⁴

No entanto, não são apenas as "pragas do sertão" que despertam sentimentos. Em algumas ocasiões, o local visitado, as condições de vida e habitação motivam o narrador a descrever paisagens e situações que o deixam triste. Ao chegar no lugar de Fonte Boa, na margem austral do rio Amazonas, o Ouvidor relata que as mudanças de localizações não contribuía em nada para melhorar as condições gerais dos súditos:

363 SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.18.

364 *Ibid.*, p.17.

Sendo a quinta situação, que tem esta povoação não parece que as mudanças a tenham feito melhorar. [...] A que actualmente ocupa, posto que em huma ribanceira alta, he pouco enchuta nos fundos, exceptuando a pequena frente, olhando ao porto. Pelos lados está rodeada de largas profundidades, que não dão lugar a se estenderem os edificios. Triste o rio. A povoação no interior d'elle, e fora da vista do Amazonas. O porto incommodo na vazante. Innumeravel praga de pium, tudo concorre a fazer menos agradável a sua habitação.³⁶⁵

Triste rio, desanimadora a ocupação que não permite a realização do projeto colonial e com os edificios que representam um pouco da civilização europeia na densa mata equatorial. Mas a terra é fértil e as mulheres do povoado laboriosas. Sem forno, nem olaria, mesmo assim fabricam vasos, panelas, potes e talhas com reconhecida qualidade. O ânimo do viajante melhora e aquela figura melancólica cede lugar à curiosidade do viajante ilustrado que tudo examina e tudo quer conhecer:

Eu entrava por todas as cazas, examinava tudo, perguntava os nomes, e uzo das couzas, do que as indiasfazião risadas, mas com alegre satisfação. Aos indios da fundação deste lugar se tem acrescentado hum avultado numero delles novamente descidos. Pelo que he uma confusão de lingoas.³⁶⁶

Contudo, dentre os viajantes, os que mais se aproximam da imagem do cientista em seu trabalho de campo são, sem dúvida, Alexandre Rodrigues Ferreira e os alemães Martius e Spix. Ao chegar à povoação de Nossa Senhora do Loreto de Maçabari, Alexandre Ferreira descreve o "temível recife de pedras" e a pequena ilha fronteira "circunvalada de altos rochedos" pelos quais o rio corre com tanta velocidade que a "razão duvida assentir aos olhos". Os "sustos da razão" proporcionados pela correnteza e redemoinhos das águas não impedem o relato corriqueiro no qual o autor localiza geograficamente a povoação, faz observações geológicas gerais, menciona a fertilidade da terra, o trabalho dos índios e as providências do diretor no cultivo do anil.

Além do padrão estabelecido na descrição dos povoados, lugares e vilas visitados, o naturalista português dedica algumas linhas onde relata o trabalho de recolha e catalogação de espécies da natureza. Uma delas é a "árvore da casca

³⁶⁵ SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825. p.57.

³⁶⁶ *Id.*

preciosa" chamada pelos índios *inidáo*, na ocasião já sofrendo corte desenfreado por parte da população local para o que alerta o naturalista ao mesmo tempo em que se autorretrata:

Da casca somente pude recolher as amostras que remeto para o real gabinete. Nem flor nem fruto tinham as árvores. Dele remeteu V. Excia. aos deputados da companhia do comércio em Lisboa uma insignificante amostra, esperando que à vista dela declarassem eles o preço que lhe deveria corresponder. Em um pequeno vidro, remeto igualmente a porção do óleo de umiri que pude conseguir. Ainda se conservam nas terras desta povoação as árvores que o dão e, pelo ativíssimo aroma do seu óleo, exigem de V. Excia. as mesmas providências. À medicina particularmente interessa nestas substâncias, e a V. Excia. não resulta menos honra de proteger a esta do que às outras faculdades naturais.³⁶⁷

Ao deixar o lugar de Lamalonga, em 5 de setembro de 1785, Alexandre Ferreira passa às margens do local onde se localizavam as três grandes aldeias que lideraram a grande rebelião de 1757. Esta passagem motivou o escritor a inserir no relato um breve histórico desta rebelião e do índio Ajuricabá. Após encerrar este histórico, relata a travessia para a margem setentrional do Rio Negro e a oportunidade para exercer seu ofício de naturalista em meio à paisagem amazônica:

Principiei a atravessar para a margem setentrional pelas sete horas da manhã do dia 7 e, tendo-o consumido quase inteiro em travessias de ilha em ilha, pelas cinco da tarde entrei a costear a terra firme da outra banda. Já desde então se deixaram ir vendo, pela margem do rio, suas diversas pedreiras, de que recolhi as amostras que remeto para o real gabinete. São de uma espécie de saxosabuloso, micáceo e quartroso no sistema de Lineu. Também observei algumas perneiras de baunilha vaga abraçadas com os troncos das árvores.³⁶⁸

Mas é no final do relato da viagem ao Rio Negro, quando descreve sua chegada às últimas cachoeiras do rio Uaupés, que Alexandre Rodrigues Ferreira

367 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.130. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

368 *Ibid.*, p.111.

reforça seu papel de naturalista perante seus superiores e leitores. Ele, que no decorrer de todo o relato sempre se posiciona como "ilustrado-da-coroa", parece se sentir à vontade para, finalmente, ocupar seu espaço de especialista e ao listar suas remessas se autorretratar como um filósofo-viajante.

Ao decidir não seguir em frente, suas justificativas são mais científicas do que até então:

Por três razões assentei que não devia passar avante da sobredita cachoeira: 1.^a porque me punha no precipício de ser desamparado dos índios, que conceberam um indizível horror às suas cachoeiras e doenças, de que viram uns e souberam outros que tinham falecido muitos companheiros; 2.^a **porque, no tocante aos meus exames de animais, plantas e minerais, nenhuma novidade encontrei** de produções, que não fossem comuns aos outros rios; 3.^a porque, ainda que privativamente me pertencesse reconhecer a sua extensão, direção, divisão, confluência etc., reconhecimentos são estes que agora acaba de os fazer o coronel. [grifo meu]³⁶⁹

"No tocante aos meus exames de animais, plantas e minerais, nenhuma novidade encontrei" afirma o naturalista e ainda que por interesse particular pudesse se interessar pela extensão, direção divisão e confluência do rio, esta, na verdade, obrigação e matéria já tratadas pelos demarcadores de fronteiras. Cabe ao primeiro naturalista português, ao fim do seu texto, lembrar ao seu superior que a história da sua viagem, da vila de Barcelos até a primeira cachoeira do rio Uaupés, resultou uma "relação de produtos observados e recolhidos, que são os que agora remeto para o Real Gabinete, incluídos nos 18 volumes que constituem a remessa deste rio". E, acompanham a dita remessa "não menos que 118 desenhos, prospectos das vilas e lugares, riscos de plantas e animais, memórias de diferentes títulos, caixões com espécies preparadas e instrumentos indígenas.

"Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime", afirmaria, décadas depois o turista aprendiz Mário de Andrade em suas andanças pelo Norte de Nordeste brasileiro. Estas palavras também poderiam ter sido ditas pelos nossos viajantes.³⁷⁰

369 FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. p.166. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

370 GABARA, E. "Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime": o (auto)retrato e a fotografia na obra de Mário de Andrade. In: SÜSSEKIND, F.; DIAS, T. **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

E muitos momentos, a ação cede lugar a uma visão da natureza imaculada, pura, inocente, na qual o cientista encontra-se "encantado", quase paralisado frente a um paraíso perdido. Nesta estetização da natureza interessa mais o acento no "curso da natureza", no qual o observador se insere, do que sua divisão em possíveis espaços demarcados pelos procedimentos de coleta e registro da flora e da fauna.

Na construção dos autorretratos os sete viajantes realizam o difícil exercício de unir duas esferas discursivas distintas, mas interdependentes. Isto é, procuram mimetizar o que vêem, o referente externo, mas, ao mesmo tempo, revelam um pouco do seu interior, de seus sentimentos mais íntimos num "movimento duplicado, na direção tanto da interioridade hermética quanto da documentação"³⁷¹.

Ao concluir sua viagem pelo Amazonas, antes de iniciar seu retorno à Europa, Spix e Martius resumem este sentimento:

O aspecto desta montanha tem a maior semelhança com as montanhas tabulares do Piauí, e para mim se tornou claro como podem afluir à bacia principal os rios da Guiana, de curso lento e sem obstáculos por entre os montes isolados, semelhantes uns aos outros, que seguem até Monte Alegre, paralelos ao rio. Forma esta serra somente os contrafortes da cordilheira limítrofe entre o Brasil e Caiena, alcançada pelos barcos, que navegam a montante, só no fim de oito dias, no lugar onde ela forma cachoeiras nos rios. Foi este Morro de Almeirim o último monte, a que subi na América. Desse cume contemplei, mais uma vez, cheio de saudade, a grande paisagem do Amazonas. Diante de mim, ostentava-se ao sul a floresta verde, lustrosa, exuberante, cuja ourela se perdia no nebuloso horizonte mais próximo ao rio, que, semelhante a um braço de mar, levava a sua impetuosa corrente, a leste, para a imensa planície de águas; e, acima de mim, o céu tropical azul-profundo aparecia por entre pesadas nuvens de chuva – grandioso panorama iluminado por sol ardente que descambava a oeste. Dentro de minha alma, bendisse eu os séculos futuros que verão o mais majestoso caudal da terra habitada por homens educados, livres e alegres, e dei as mais ardentes graças ao Ente amoroso que me havia guiado através de tantos perigos, protegendo-me acima e dentro desse rio, a cuja águas amareladas de novo me entreguei.³⁷²

371 GABARA, E. "Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime": o (auto)retrato e a fotografia na obra de Mário de Andrade. In: SÜSSEKIND, F.; DIAS, T. **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004. p.171.

372 SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3. p 286.

CONCLUSÃO



Durante aproximadamente oito décadas sete viajantes percorreram a imensidão do sertão amazônico. Construíram a partir de um olhar europeu uma determinada geografia imaginativa marcada indelevelmente pelos interesses do Império Lusitano. Suas trajetórias, seus relatos e registros atendiam e contribuíam para a manutenção e expansão do Império Português, mas, ao mesmo tempo, eram textos de homens letrados, ilustrados, ligados, de alguma forma, ao "século das luzes". Neste século, contraditório por excelência (como talvez todos sejam), sete viajantes construíram seus discursos sobre o Novo Mundo num momento no qual o território percorrido encontrava-se em disputa. Disputa majoritariamente diplomática, científica e discursiva. Neste sentido as fronteiras eram negociadas entre impérios, entre colonizadores, colonos e habitantes "pré-cabralinos" na complexa teia de relações da zona de contato.

Cada um destes sete viajantes-escritores transformou em texto uma pequena parcela do que viram e sentiram. Construíram paisagens dentro de paisagens num jogo de espelhos ainda amplamente aberto a novas interpretações. Com eles, viajei

num labirinto fluvial, numa "árvores de rios" para mim tão distante no tempo e no espaço quanto foi o País de Gales construído literariamente por Raymond Williams.

Esta imagem da Amazônia, labiríntica, exótica, plena de mistérios e desafios ainda é reproduzida nos dias atuais. O discurso da "terra fértil", manancial de riquezas ainda marca um território em disputa, onde grandes corporações econômicas e seus projetos medem forças com movimentos sociais organizados em prol da sustentabilidade da região.³⁷³

Identificamos na análise dos textos uma multiplicidade de discursos e privilegiamos alguns. Cada viajante deu ênfase a um ou mais discursos: o discurso do naturalista, do cientista, do funcionário imperial, do missionário jesuíta, do letrado, dentre outros. Na verdade a variedade dos olhares indicou que estes discursos foram construídos dentro de uma rede de relações complexa e marcada pelo conceito de zona de contato. Mais do que uma visão dicotômica e em muitas ocasiões centrada nos viajantes do século XIX, foi possível perceber uma riqueza ainda não suficientemente explorada pelos pesquisadores sobre os viajantes do setecentos.

Os textos analisados também reforçam a ideia de que os discursos sobre a Amazônia, entre os séculos XVIII e XIX, foram majoritariamente transcoloniais, refletindo muito mais um discurso imperial do que o de uma proto-nação brasileira. Dentre os viajantes apresentados são os dois últimos, alemães, que ainda arriscam, tendo em vista a conjuntura na qual escreveram seus relatos, algumas opiniões sobre o caráter nacional da paisagem e o futuro do país que surgia. No mais, majoritariamente, o que se percebe nos textos dos viajantes é a existência de um projeto imperial, seja francês, alemão e principalmente português. Mesmo o caráter mais ou menos científico das expedições foi diretamente financiado pelo Estado ou por instituições por ele mantidas ou apoiadas como as Academias de Ciência e, no caso do Padre João Daniel, a Missão Jesuíta.

Porém, mesmo que os relatos dos viajantes fossem orientados pelos manuais de instruções e houvesse certa rigidez na formulação de perguntas e no estabelecimento prévio dos roteiros de viagem, também foi possível identificar o quanto o gênero

373 Aliás, enquanto concluo esta tese, a Rede Globo de Televisão, veicula no horário das 19h, uma telenovela intitulada *Além do Horizonte*, que tem como enredo principal a aventura de seus personagens num lugar onde todos são felizes, a chamada Comunidade, que fica no meio da Floresta Amazônica, isolada do resto do mundo. Os estereótipos e clichês a respeito da Amazônia são reproduzidos à exaustão pelos autores do folhetim demonstrando como o tema, estereotipado ou não, ainda rende interesse e audiência do público em geral.

literário da Literatura de Viagens está presente em cada um dos textos estudados. Uma lacuna que pode e deve ser aprofundada por estudos posteriores é a do estudo da recepção que estes livros tiveram tanto entre o público mais seletivo como entre o leitor mais comum. Porque, por mais que não tenham sido publicados, não duvido de que estes papéis manuscritos circularam na complexa teia de relações que ligava o imenso Império Português e este último com a Europa.

O espaço retratado sempre foi a Amazônia, este território imenso que aos olhos europeus, em muitas ocasiões, parecia impenetrável e irreconhecível na sua totalidade. Para traduzi-lo, os viajantes compararam o que viam com o espaço europeu ou de outras regiões do império. No encontro entre o Ocidente e o Extremo-ocidente, a estética clássica e europeia, o conhecimento ilustrado e a epistemologia burguesa dialogaram com um mundo tropical, híbrido e ainda fortemente marcado por lendas e maravilhas pré-modernas. Neste encontro, nem sempre harmônico, a representação do outro, fosse o índio, o negro ou o colono luso-brasileiro, oscilou entre a admiração, a surpresa e a completa outremização. A voz do outro, em muitos momentos, desaparece. Suas ações também. Torna-se, então, um personagem paradoxalmente presente e invisível. É habilidoso, forte, perspicaz, ao mesmo tempo em que é preguiçoso, ladino e selvagem. Sua cultura, ou culturas, causam, num primeiro momento admiração para logo a seguir causarem horror e medo. Seus signos, principalmente os corporais, são recebidos com estranheza e a referência do belo é sempre a europeia. Mas existem as exceções, existem aqueles momentos nos quais o olhar do viajante se encontra mais perdido do que seguro, mais encantado do que pessimista.

Os viajantes, na aventura da viagem, são – ou estão – híbridos, transculturais, vivendo uma experiência de pertencer a um entre lugar, cruzando fronteiras políticas, culturais, ainda indefinidas. Funcionários do Estado cumprem da melhor forma possível, as ordens superiores, mas, apaixonados pela ciência permitem que seus olhares dirijam-se para o mundo de Lineu ou Buffon ao invés daquele dedicado ao desenvolvimento do mercado mundial. Talvez, nesses momentos, estas seis "viagens pelo Brasil" tomam o gosto pela maravilha e pelo mistério e estabelecem uma integração entre um duradouro imaginário ocidental e as terras do "sertão amazônico".

Assim, o dia-a-dia, marcado por uma rede contínua de significados que inclui lugares, terra, índios, plantações, escravos, capelas, dinheiro, doenças, morte, pobreza, conflitos, natureza, calor, tempestades, insetos, cachoeiras, corredeiras, vistos e

registrados pelos viajantes-naturalistas também foram reorganizados, construídos, pelos viajantes-poetas que transformaram o movimento físico em movimento textual, a paisagem vista em paisagem literária e deixaram para nós, leitores do futuro, a possibilidade de reconstruirmos, mais uma vez, as paisagens amazônicas sobre o céu, a terra, a água e o ar.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA. **Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos e notícias pertencentes a historia da natureza para formar um Museo Nacional**. Lisboa: Tipografia da Academia, 1781.

A EPOPÉIA DE GILGAMESH. Disponível em: <<http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/652859.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

ABDALA JR., B. **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

ABDALLA, F. T. de M. **O peregrino instruído**: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do iluminismo. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2012.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALBUQUERQUE, G. L. A propósito de judíos, moros e cristianos: el género relato de viajes em Camilo José Cela. **Revista de Literatura**, Madrid, v.66, n.132, p.503-524, 2004. Disponível em: <<http://revistadeliteratura.revistas.csic.es/index.php/revistadeliteratura/article/view/131/142>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

_____. Los libros de viaje como género literário. In: GIRALDO, M. L.; PIMENTEL, J. **Diez estúdios sobre literatura de viajes**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto de La Lengua Espanhola, 2006. p.67-87.

ALENCASTRO, L. F. de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul – séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, A. C. L. de. **Um ilustrado mineiro no governo de Macau**. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~vii_jornada/ALMEIDA_Anita.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2009.

AMARAL, M. B. **Literatura de viagem e o olhar sobre a paisagem**. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/12_23_20_LITERATURA_DE_VIAGEM_E_O_OLHAR SOBRE A PAISAGEM.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

AMORIM, M. A. Viagem e mirabilia: monstros, espantos e prodígios. In: CRISTÓVÃO, F. (Org.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografias**. Coimbra: Almedina, 2002. p.155-181.

ANDRADE, M. **Pequena história da música**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

ANTONIO, Pe. Domingos S. J. "**Colleção dos Crimes e Decretos pelos quaes vinte e hum jesuítas forão mandados sahir do Estado do Gram-Pará, e Maranhão antes do extermínio geral de toda a Companhia de Jesus daquelle Estado**". Coimbra: M. Lopes de Almeida, 1947.

AUGUSTIN, G. **Literatura de viagem na época de Dom João VI**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

BARBOSA, J. da C. Biografia: José Monteiro de Noronha. **Revista Trimestral de História e Geografia**, Rio de Janeiro, v.2, p.259-262, 1840.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). **Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia das fontes sobre o Brasil/organização Paulo Roberto Pereira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2011.

BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONATO, T. **Estudo metodológico de relatos científicos e de viagem no iluminismo português: dois viajantes pelo sertão nordestino**. Disponível em: <http://people.ufpr.br/~vii_jornada/BONATO_Tiago.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2009.

_____. **O olhar, a descrição: a construção do sertão do Nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1783-1822)**. 190f. Dissertação (Mestrado) - UFPR, Curitiba, 2010.

BOMBARDI, F. A. Políticas indígenas e indigenistas: descimentos particulares de índios na Amazônia colonial (1680-1747). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2011.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: EDUEM, 2000.

BOSCHI, C. P. A Universidade de Coimbra e a formação das elites mineiras coloniais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.4, n.7, p.100-111, 1991.

BOSCHIROLI, V. de A. **O naturalista Manuel Galvão da Silva**. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/.../Veridiana%20de%20Azevedo%20Boschirol.pdf>. Acesso: 15 jul. 2009.

BOXER, C. R. **O Império Colonial Português: 1415-1825**. Lisboa: Edições Setenta, 1981.

BRAGA, M. **Breve história da ciência moderna: a belle – époque da ciência (séc. XIX)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Breve história da ciência moderna: convergência de saberes (Idade Média)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Breve história da ciência moderna: das luzes ao sonho do doutor Frankenstein (séc. XVIII)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Breve história da ciência moderna: das máquinas do mundo ao universo – máquina (séc. XV a XVII)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BREASTED, J. H. **Ancient records of Egypt**. Chicago: The University of Chicago Press, 1906.

BRITO, B. G. de. **História trágico marítima**. Nova Edição, publicada sob a direção de Damião Peres, Professor da Universidade de Coimbra. Porto, s.e., 1942.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: da Enciclopédia à Wikipédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CABRAL, D. Mesa do Desembargo do Paço. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA/ ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário da administração pública brasileira on-line**. Rio de Janeiro: Coordenação-Geral de Gestão de Documentos – Coged. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2773>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

CAMARGO, A. R. Ouvidor de Capitania/Comarca. In: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA/ ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário da administração pública brasileira on-line**. Rio de Janeiro: Coordenação-Geral de Gestão de Documentos – Coged. Disponível em: <<http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2773>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CARVALHO, F. R. **Um iluminismo português?**: a reforma da Universidade de Coimbra de 1772. 145f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CARVALHO, R. **A história natural em Portugal no século XVIII**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1987.

CASSIRER, E. **A filosofia do iluminismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CERQUEIRA E SILVA, I. A. de. Biografia dos brasileiros distintos por armas, letras, virtudes, etc. Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. **Revista Trimestral de História e Geografia**, Rio de Janeiro, p.404-406, 1866.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUNU, P. **A civilização da Europa das luzes**. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

COELHO, L. C. **Revelando a paisagem através da fotografia**: construção e aplicação de um método: Porto Alegre vista do Guaíba. 313f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, 2011.

COUTO, J. O Brasil Pombalino. **Camões - Revista de Letras e Culturas Lusófonas**, Lisboa, n.15-16, p.53-74, 2003.

COSTA E SÁ, M. J. M. da. Elogio do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. In: **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1972. p.13-30.

CRAVEIRO, M. J. O canto de um solitário no longe e na distância. In: CRISTÓVÃO, F. (Dir. e Coord.). **Literatura de viagens**: da tradicional à nova e à novíssima (marcas e temas). Lisboa: Almedina, 2009. p.193-222.

CRISTÓVÃO, F. (Org.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002.

_____. Para uma teoria da literatura de viagens. In: _____ (Coord.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**: estudos e bibliografias. Coimbra: Almedina, 2002. p.13-52.

CRUZ, A. L. R. B. da. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.36, p.61-98, 2002.

_____. **Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas**: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2004.

CRUZ, A. L. R. B.; PEREIRA, M. R. de M. A história de uma ausência: os colonos cientista da América portuguesa na historiografia brasileira. In: FRAGOSO, J.; FLORENTINO, M. (Org.). **Nas rotas do Império**. Vitória/Lisboa: EDUFES/Instituto de Investigação Científica Tropical, 2006. p.357-390.

CURTO, D. R. **Cultura imperial e projetos coloniais**: séculos XV a XVIII. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

DARNTON, R. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DIAS, M. O. da S. Aspectos da ilustração no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v.278, 1968.

DIRECTORIO, QUE SE DEVE OBSERVAR NAS POVOAÇOENS DOS INDIOS DO PARÁ, E MARANHÃO: EM QUANTO SUA MAGESTADE NAÕ MANDAR O CONTRARIO. 1758. p.11. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/1929>>. Acesso em: 28 jan 2014.

DOMINGUES, A. **Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais**: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702001000500002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 18 jul. 2009.

_____. Reedição de fontes para quê? Algumas reflexões em torno de um roteiro de viagem pela Amazônia luso-brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas**, Belém, v.4, n.1, p.193-194, jan./abr. 2009.

_____. **Viagens científicas e "elite do conhecimento"**: polivalência e mobilidade ao serviço do Império colonial. Disponível em: <<http://www2.iict.pt/?idc=102&idi=14633>>. Acesso: 02 jul. 2009.

DONADIEU, P.; PÉRIGORD, M. **Le Paysage**: entre natures et cultures. Paris: Armand Colin, 2007.

DUBY, G. **O domingo de Bouvines**: 27 de julho de 1214. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FALCON, F. J. C. **A época pombalina**: política econômica e monarquia ilustrada. São Paulo: Ática, 1982.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. **Os desbravadores**: uma história mundial da exploração da Terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERRO, M. **História das colonizações**: das conquistas às independências (séculos XIII A XX). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FIGUEREDO, L. **Boa ventura**: a corrida do ouro no Brasil (1697-1810). Rio de Janeiro: Record, 2011.

FITTKAU, E. J. Johan Baptist Ritter von Spix: primeiro zoólogo de Munique e pesquisador no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.8, suppl.0, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar. 2014.

FLORES, V. do N.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FONTANA, J. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRAGOSO, J. **O antigo regime nos trópicos**: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Conquistadores e negociantes**: história de elites no antigo regime nos trópicos. América Lusa, séculos XVI a XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Na trama das redes**: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. La guerre est finie: notas para investigação em História Social na América lusa entre os séculos XVI e XVIII. In: FRAGOSO, J.; GOUVÊA, M de F. (Orgs.). **O Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v.1. p.7-37.

FRANÇA, J. M. C. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**: antologia de textos (1591-1808). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: UNESP, 2012.

FRANCISCO, R. H. P. Viagens filosóficas. **Revista Eletrônica de Ciências**, São Carlos, n.35, p.1, fev. 2007.

GABARA, E. "Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime": o (auto)retrato e a fotografia na obra de Mário de Andrade. In: SÜSSEKIND, F.; DIAS, T. **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

GAINES, J. R. **Uma noite no palácio da razão**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GASQUET, A. Bajo el cielo protector: hace una sociologia de La literatura de viajes. In: GAY, P. **The Enlightenment**. Nueva York, 1973.

_____. Bajo el cielo protector: hace una sociologia de La literatura de viajes. In: GIRALDO, M. L.; PIMENTEL, J. **Diez estúdios sobre literatura de viajes**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ Instituto de La Lengua Espanhola, 2006.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

GIRALDO, M. L.; PIMENTEL, J. **Diez estúdios sobre literatura de viajes**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto de La Lengua Espanhola, 2006.

GODIN, LUIS (1704-1768). In: **El granero común**. Disponível em: <<http://elgranerocomun.net/Godin-Luis-1704-1768.html>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

GREENBLATT, S. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

GUIMARÃES, N. N. "**Ciência e dominação**": a imagem do indígena amazônico pelo olhar luso-brasileiro, à luz das ciências ilustradas na viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira. 62f. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009

HAGEN, V. W. Von. **A América do Sul os chamava**: explorações dos grandes naturalistas La Condamine, Humboldt, Darwin e Spruce. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

HARZARD, P. **O pensamento europeu no século XVIII**: de Montesquieu a Lessing. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

HEMMING, J. **Árvore de rios**: a história da Amazônia. São Paulo: Editora Senac, 2011.

HENRIQUES, R. P. B. A viagem que revelou a biodiversidade. **Ciência Hoje**, São Paulo, v.42, n.252, p.24-29, set. 2008.

HOBBSAWN, E. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOMERO. **A Odisséia** (em forma narrativa). São Paulo: Ediouro, 2004.

JACA, C. **A Corte Portuguesa no Brasil (1808-1821)**: 1.ª Parte-A. Minho: Portugal, 2008. Disponível em: <<http://www.esas.pt/jaca/docs/lda%20da%20Corte%20Para%20o%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

JAPIASSÚ, H. **A revolução científica moderna**: de Galileu a Newton. São Paulo: Letras & Letras, 1997.

JUAN, J.; ULLOA, A. de. **Relación histórica del viaje a la América Meridional**. Madrid, 1748.

LANGER, J. **Arqueologia do irreal**: as cidades imaginárias do Brasil. 170f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEITE, M. L. M. **Livros de viagem 1803/1900**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

LIBRO V DEL CODEX CALIXTINUS: liber peregrinations o Libro del peregrino [s.n.].

LIMA, S. de S. Amazônia Babel: literatura, corpos & meio ambiente. **Revista Eletrônica CELPCYRO**, v.2, 2.º semestre 2011. Disponível em: <<http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?view=article&catid=84%3Aartigos&id=909%3Aamazonia-b%E2%80%A6>>. Acesso em: 28 nov. 2012.

LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1997.

_____. O Brasil dos naturalistas Spix e Martius: taxonomia e sentimento. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.179-194, jan./jun. 2009.

LOSADA, J. Z. **Entre mamutes e acácias**: viagem e natureza em Hipólito José da Costa Pereira (sec. XVIII/XIX). Disponível em: <www.revistafenix.pro.br/.../Artigo%2007%20-%20Janaina%20Losada.pdf>. Acesso em: 1.º ago. 2012.

MACCULLOUGH, D. **1776**: a história dos homens que lutaram pela independência dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MAGALHÃES, B. de. Apresentação. In: LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000. p.13-28.

MARCUSCHI, L. A. **Linguagem, cultura e ensino**: reflexões para uma integração frutífera. UFPE/UFMG, 2004.

MARQUES, M. L. G. A natureza adversa: tormentas e tormentos nas *relações* de viagens. In: CRISTÓVÃO, F. (Dir. e Coord.). **Literatura de viagens**: da tradicional à nova e à novíssima (marcas e temas). Lisboa: Almedina, 2009. p.85-126.

MARTINS, L. de L. **O Rio de Janeiro dos viajantes**: o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINS, M. C. B. **"Tanto trabalho e perdição"**: a relação que escreveu Fr. Gaspar de Carvajal, da Ordem de S^{to} Domingo, do novo descobrimento do famoso Rio Grande. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo-RS. **Anais Eletrônicos**... São Leopoldo: Unisinos, 2007. Disponível em: <<http://www.snh2007.anpuh.org/>>. Acesso em: 08 abr. 2014.

_____. Uma jornada pela América Meridional e de volta à Europa: Charles Marie de La Condamine e o relato de sua expedição pelo Amazonas. **Estudos Ibero-Americanos**, v.38, n.2, p.303-324, jul./dez. 2012.

MAXWELL, K. **O Marquês de Pombal**. Lisboa: Presença, 2001.

MEIRELHES FILHO, J. **Grandes expedições à Amazônia brasileira: 1500-1930**. São Paulo: Metalivros, 2009.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MENEZES, P. M. L. de. O Brasil na cartografia pré-lusitana. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 1., 2011, Paraty-RJ. **Anais Eletrônicos...** Paraty: UFMG, 2011. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/MENEZES_PAULO_MARCIO_LEAL.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **A Amazônia na Era Pombalina**: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-1759. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963.

MOLLAT, M. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**: primeras miradas sobre nuevos caminos. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.

MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. [s.n.t.].

MORAES, E. M. A. de; SANTOS, C. F. M. dos; CAMPOS, R. D. da S. Filosofia natural lusa: a viagem philosophica e a política iluminista na América Portuguesa Setecentista. **Confluente**, v.4, n.1, p.75-91, 2011.

NETO, J. P. As sevandijas da Amazônia: o jesuíta João Daniel e a descrição de parasitas na América Portuguesa do século XVIII. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4., 2009, Maringá-PR. **Anais...** Maringá, PR: UEM/PPH/DHI, 2009. p.44-61. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais-on-line.html>>. Acesso em: 15 out. 2013.

NIZZA DA SILVA, M. **Escravidão e colonização**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

OUTRAM, D. **La Ilustración**. México: Siglo XXI, 2009.

PATACA, E. M.; PINHEIRO, R. Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. **Revista da SBPHC**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.58-79, jun. 2005.

PEGORARO, J. W. Ouvidores régios em Paranaguá: uma discussão sobre a centralização jurídico-administrativa na América Portuguesa (1723-1812) In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas**: governos e populações no Império Português. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.181-198.

PEQUENO, E. da S. S. Mura, guardiões do caminho fluvial. **Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI**, Brasília, v.3, n.1/2, p.133-155, jul./dez. 2006.

PEREIRA, M. R. de M. **A forma e o poder**: duas agendas da cidade de origem portuguesa nas cidades medieval e moderna. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 1998.

_____. Um jovem naturalista num ninho de cobras: a trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde, em finais do século XVIII. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.36, p.29-60, 2002.

_____. **Ciência e colonização**: viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Disponível em: <www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2009.

_____. **Rede de mercês e carreira**: o "desterro d'Angola" de um militar luso-brasileiro (1782-1789) Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/7946/5595>>. Acesso em: 04 jun. 2009.

_____. João da Silva [Feijó ?]: a trajetória de um homem de ciências luso-brasileiro. In: PEREIRA, M. R. de M.; SANTOS, R. M. F. dos. **João da Silva Feijó**: um homem de ciência no Antigo Regime português. Curitiba: Editora da UFPR, 2012. p.241-252.

PEREIRA, M. R. de M.; DA CRUZ, A. L. da R. B. A história de uma ausência: os colonos cientistas na historiografia brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL NAS ROTAS DO IMPÉRIO, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

_____. O viajante instruído: os manuais portugueses do Iluminismo sobre métodos de recolher, preparar, remete, e conservar os productos nacionais. In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas**: governos e populações no Império Português. Curitiba: UFPR/CSHLA - Fundação Araucária, 2009. p.19-119.

PEREIRA, M. R. de M.; RIBAS, A. A. **Francisco José de Lacerda e Almeida**: um astrônomo paulista no sertão africano. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.

PEREIRA, M. R. de M.; SANTOS, R. M. F. dos. **João da Silva Feijó**: um homem de ciência no Antigo Regime português. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.

PESAVENTO, S. J. A invenção do Brasil: o nascimento da paisagem brasileira sob o olhar do outro. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Porto Alegre, v.1, n.1, p.1-34, out./nov./dez. 2004.

PIMENTEL, J. Los libros del mundo: las colecciones de viajes como género de la ilustración. In: _____. **Testigos del mundo: ciencia, literatura y viajes en la Ilustración**. Madrid: Marcial Pons Historia, 2003. p.1-34.

PINTO, L. M. da S. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto**, natural da Provincia de Goyaz. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

PIZARRO, A. **Amazônia, as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

PORRO, A. Introdução e notas. In: NORONHA, José Monteiro de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da província (1768)**. São Paulo: EDUSP, 2006. (Coleção Documenta Uspiana). p.7-18.

PORTELLA, J. R. B. **Descrições, memórias, notícias e relações: administração e ciência na construção de um padrão textual iluminista sobre Moçambique, na segunda metade do século XVIII**. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2006.

_____. **O conceito de literatura de viagens no bojo de algumas narrações científicas sobre Moçambique constituintes do iluminismo português (1758-1807)**. Disponível em: <www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/Jose%20Roberto_Portella.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2009.

PRATT, M. L. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: Edusc, 1999.

QUADROS, E. G. de. **Luzes e sombras sobre a alma nativa: dois jesuítas expulsos da Amazônia**. [s.n.t.].

RABELAIS, F. **Gargântua e Pantagrue**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

RAMINELLI, R. Ciência e colonização: viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. **Tempo**, Rio de Janeiro, n.6, p.157-182, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/tempo/site/?cat=34>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. **Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância**. São Paulo: Alameda, 2008.

_____. **Ciência e colonização**: viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Disponível em: <www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2009.

REAL, M. Padre Gabriel Malagrida e o Marquês de Pombal. **Brotéria: Cristianismo e Cultura**, Lisboa, v.169, p.169-189, ago./set. 2009.

RIBEIRO, A. I. M. A Contribuição da Imperatriz Leopoldina à formação cultural brasileira (1817-1826). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina, PR: UEL, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0144.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

ROBIN, Regine. *História e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

RODRIGUES, E. "Nomes e serventia". Administração e história natural em Moçambique em finais do Setecentos (c. 1781-1807). In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas**: governos e populações no Império Português. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.211-232.

ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALGUEIRO, V. A paisagem na arte – elementos para uma história e questões para pesquisas futuras. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v.5, n.2, p.99-118, 1997. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/edicoes-anteriores/volume-3-n%C2%B0-2-jul-dez-1997/>>. Acesso em: 18 jul. 2012.

SANTOS, A. C. de A. **Para viverem juntos em povoações bem estabelecidas**. Tese (Doutorado Policopiada) - UFPR, Curitiba, 1999.

_____. Aritmética política e a administração do estado português na segunda metade do século XVIII. In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas**: governos e populações no Império Português. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.143-152.

SANTOS, A. C. de A.; DORÉ, A. (Orgs.). **Temas setecentistas: governos e populações no império português**. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008.

SANTOS, E. **Dos cometas do Nordeste aos tesouros da Amazônia: os jesuítas João Daniel e João Monteiro da Rocha no contexto das Ciências Naturais do século XVIII**. Tese (Doutorado) - UFPR, Curitiba, 2006.

SCHAMA, S. **Cidadãos: uma crônica da Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARCZ, L. M. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **O sol do Brasil: Nicolas – Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SECAD/MEC/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. **Viajando pela África com Ibn Batuta**. 2008. Disponível em: <<http://www.bhzdesign.com.br/clientes/ibnbattuta/impressoesviagem.html>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

SHRADY, N. **O último dia do mundo: fúria, ruína e razão no grande terremoto de Lisboa de 1755**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SILVA, F. C. T. da. História das paisagens. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p.193-206.

SILVA, J. M. A. e. **O modelo pombalino de colonização da Amazônia**. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/iheu/artigos/modelopombalino>>. Acesso em: 21 out. 2013.

SILVA, J. P. da. Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira. **SOLETRAS**, São Gonçalo, Ano VI, n.11, p.131-143, jan./jun.2006.

SILVA, M. F. D. da. **Dicionário biográfico de brasileiros célebres: nas letras, artes, política, filantropia, guerra, diplomacia, indústria, ciências e caridade, desde o ano 1500 até os nossos dias**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1871.

SILVA, W. C. L. da. **As terras inventadas**: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SOUZA, M. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

STERNE, L. **Uma viagem sentimental através da França e da Itália**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TENGARRINHA, J. (Org.) **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2001.

THE RELIGIOUS TRACT SOCIETY. **The Monks of Kublai Khan Emperor of China** or the history of the life and travels of Rabban Sawma, envoy and plenipotentiary of the mongol Khans to the kings of Europe and Markos who as Mar Yahbh-Allaha III became Patriarch of the Nestorian Church in Asia. Translated from the syriac by Sir E. A. Wallis Budge, KT. London: The Religious Tract Society, 1928.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Cidade do México: Premia Editora de Livros, 1981.

_____. **O espírito das luzes**. São Paulo: Barcarolla, 2008.

TORRES, S. M. de S. Projetos coloniais: antagonismo e confluência nas povoações e fronteiras da Amazônia setecentista. In: DORÉ, A.; SANTOS, A. C. de A. (Org.). **Temas setecentistas**: governos e populações no Império Português. Curitiba: UFPR-SCHLA/Fundação Araucária, 2008. p.119-131.

TRIGUEIROS, A. J. L. "O negócio jesuítico" e o papel da política regalista portuguesa. **Brotéria**, v.169, p.149-169, 2009.

VAINFAS, R. **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Império de várias faces**: relações de poder no mundo ibérico da Época Moderna. São Paulo: Alameda, 2009.

VICENTINI, Y. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

VOLTAIRE. **Cândido, ou o otimismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VOVELLE, M. **O homem do iluminismo**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

_____. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O povo das Montanhas Negras**: o começo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **Palabras clave**: un vocabulário de la cultura y la sociedade. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

FONTES CONSULTADAS

ALMEIDA, F. J. de L. e. **Diário da viagem de Moçambique para os Rios de Senna**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889.

_____. **Diário de viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso, Cuiabá e São Paulo, nos anos de 1780 a 1790**. São Paulo: Typ. de Costa Silveira, 1841.

_____. **Travessia da África**. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1936.

BLUTEAU, R. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v. Disponível em: <<http://http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

DANIEL, J. **Tesouro descoberto no Rio Amazonas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. 2v. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional, v.95).

FEIJÓ, J. da S. Memória sobre a Capitania do Ceará, 1814. **O PATRIOTA**, tomo 3, n.1, p. 46-62, 1814.

_____. **Preâmbulo ao ensaio filosófico e político sobre a Capitania do Ceará para servir para a sua história geral**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1810.

_____. **Ensaio e memórias econômicas sobre as ilhas de Cabo Verde**: século XVIII. Lisboa: Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1986.

_____. Ensaio econômico sobre as ilhas de Cabo Verde, em 1797. In: **Memórias econômicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa**: 1789-1815. Lisboa: Banco de Portugal, 1991. v.5. p.131-147.

FERREIRA, A. R. **Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**: memórias de zoologia e botânica. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1972.

_____. Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: memórias de antropologia. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1972.

_____. **Viagem filosófica ao Rio Negro**. Manaus: Editora da Universidade Federal da Amazônia e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2007.

_____. **Viagem filosófica ao Rio Negro com a informação do estado presente**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/pereira/textos/diario_do_rio_negro_1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

LAS CASAS, B. de. **Brevísima relación de la destrucción de las Indias**: colegida por el obispo don fray Bartolomé de Las Casas o Casaus, de la orden de Santo Domingo, año 1552. Disponível em: <http://www.rosa-blindada.info/b2-img/Las.casas_Destruccion.de.las.Indias.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.

LA CONDAMINE, C. M. de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000.

NORONHA, J. M. de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônicas dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro com algumas notícias que podem interessar a curiosidade dos navegantes e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará e do S. José do Rio Negro**. Pará: Tipografia de Santos e Irmãos, 1862.

SAMPAIO, F. X. R. de. **Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de São Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775**. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1825.

SAMPAIO, P. M. "Aleivosos e rebeldes": lideranças indígenas no Rio Negro, século XVIII. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299083660_ARQUIVO_LiderancasIndigenasnoRioNegronoseculoXVIII.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2014.

SPIX, J. B. von; MARTIUS, K. F. P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980. v.1-2.

_____. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. v.3.

SILVA, J. J. da. Extracto da viagem, que fez ao sertão de Benguella no ano de 1785 por ordem do governador e capitão general do Reino de angola, o bacharel Joaquim José da Silva, enviado aquelle reino como naturalista, e depois secretario do governo. **O Patriota**, n.1, p.97-100, 1813; n.2, p.86-98, 1813; n.3, p.49-60, 1813.

_____. Notícias sobre Cabo Negro, extrahidas dos fragmentos da viagem do doutor Joaquim José da Silva. **O Patriota**, n.6, p.71-77, 1811.

_____. Diário das viagens feitas pelas terras de Manica por Manuel Galvão da Silva em 1790. **Anais da Junta de Investigações do Ultramar**, v.9, t.1. p.321-332, 1790.

_____. Diário ou relação das viagens filosóficas, nas terras da jurisdição de Tete e em algumas dos Maraves. **Anais da Junta de Investigações do Ultramar**, v.9, t.1, p.311-319.

_____. **Observações sobre a história natural de Goa feitas no ano de 1784**. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1862.

SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portuguesa**: recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/diccionario/edicao/1>>. Acesso em: 05 ago. 2013.